

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS  
RELAÇÕES POLÍTICAS**

**HELOISA SOUZA FERREIRA**

**ARDIS DA SEDUÇÃO E ESTRATÉGIAS DE LIBERDADE:  
ESCRAVOS E SENHORES NOS ANÚNCIOS DE JORNAIS DO  
ESPÍRITO SANTO (1849-1888)**

VITÓRIA  
2012

HELOISA SOUZA FERREIRRA

**ARDIS DA SEDUÇÃO E ESTRATÉGIAS DE LIBERDADE:  
ESCRAVOS E SENHORES NOS ANÚNCIOS DE JORNAIS DO  
ESPÍRITO SANTO (1849-1888)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, na área de concentração em História Social das Relações Políticas, sob a orientação do Prof. Dr. Julio Bentivoglio.

VITÓRIA  
2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

F383a Ferreira, Heloisa Souza, 1986-  
Ardis da sedução e estratégias de liberdade : escravos e senhores nos anúncios de jornais do Espírito Santo (1849-1888) / Heloisa Souza Ferreira. – 2012.  
275 f. : il.

Orientador: Julio César Bentivoglio.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Anúncios em jornais. 2. Escravos fugitivos. 3. Espírito Santo (Estado). I. Bentivoglio, Julio César. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

---

HELOISA SOUZA FERREIRA

ARDIS DA SEDUÇÃO E ESTRATÉGIAS DE LIBERDADE:  
ESCRAVOS E SENHORES NOS ANÚNCIOS DE JORNAIS DO  
ESPÍRITO SANTO (1849-1888)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Comissão Examinadora:

---

Prof. Dr. Julio Bentivoglio  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho  
Universidade Federal de Pernambuco  
Membro

---

Prof. Dr. Geraldo Antonio Soares  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Pereira Campos  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro

Aos meus pais, minha eterna e fiel torcida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me permitir conquistar mais um sonho e pela oportunidade de ter a ajuda de muitas pessoas nessa empreitada, algumas que apareceram ao longo do caminho e outras que já estavam no meu caminho há muito tempo. Então, nada mais justo do que agradecer a duas pessoas que são responsáveis pela minha vida, pela minha formação como adulta e como profissional: meus pais, Vera e Elcimar, que desde muito cedo entenderam o meu apreço pelos estudos, respeitaram as minhas escolhas e se alegraram muito com elas, e mais do que isso, retardaram muitos sonhos para que os meus pudessem se tornar realidade. A minha mãe sempre muito atenciosa e religiosa pedindo a Deus que olhasse por mim e o meu pai da mesma forma e com muito carinho sempre preocupado se eu precisava de um livro ou se me faltava alguma coisa. Aos dois em especial, eu dedico essa dissertação. Também dedico ao meu orientador Julio Bentivoglio que me incentivou a tentar o mestrado no final de 2009, quando eu desejava fazer isso apenas no ano seguinte, pois, acreditava que não conseguiria a aprovação. Agradeço ao Júlio por ter me motivado, aceitado me orientar e me tranquilizado durante a feitura do trabalho, e principalmente porque se não fosse o seu incentivo o trabalho não se tornaria realidade.

Também gostaria de agradecer ao professor Geraldo A. Soares, por me apresentar e sugerir trabalhar com os anúncios de escravos na época da monografia, por ter me iniciado nos estudos sobre a escravidão, pela leitura atenciosa do material de qualificação e pelas valiosas dicas. Quero agradecer também a professora Adriana Campos, pela leitura atenta e as sugestões preciosas de quem já conhece a História do Espírito Santo de longa data. Seus apontamentos foram fundamentais para o acerto dos rumos de meu trabalho. Agradeço a gentileza do professor Marcus Joaquim Maciel de Carvalho por se disponibilizar a vir de tão longe para fazer parte da banca e também pelo envio de material em meio eletrônico.

Agradeço imensamente as minhas amigas Erica Corona e Franciely Rodrigues, que me acompanham desde o ensino fundamental e que sempre desativam a bomba relógio interna que existe em mim de ansiedade e desespero com

palavras de conforto e otimismo. A amizade de vocês é muito importante. Também agradeço a minha tia Elaine Alvarenga, pela amizade e por receber com tanta alegria minhas vitórias. A minha prima Mayra Caetano por ouvir minhas lamentações diárias e minhas inseguranças. A Luciano Vianna pelo incentivo.

Dedico também sincera gratidão aos meus maravilhosos amigos de graduação, dos quais eu não poderia deixar de citar, Camila Morello, Wander Nunes, Karulliny Siqueira, Carolline Soares, Juliana Louzada, Ludmila Caliman, Kamylla Dias, Geovana Sutil e especialmente Hariadne da Penha Soares que me deu muitas palavras de incentivo. Por último e não menos importante dedico a todos meus amigos do mestrado, à secretária Ivana Lorenzoni, a todos os professores do PPGHIS, aos funcionários do Arquivo Público Estadual sempre muito solícitos e a CAPES por ter me contemplado com uma bolsa de pesquisa que me possibilitou realizar o trabalho com calma e dedicação. A todos os citados nessas duas páginas a minha sincera gratidão.

“Ao homem escravo, como ao imigrante, muito deve a humanidade, em geral, e o Brasil, em particular. É justo que os estudemos com o maior dos nossos carinhos”

Gilberto Freyre



## RESUMO

Nessa dissertação analisamos os anúncios de escravos publicados em quatro jornais do Espírito Santo no século XIX. Sendo eles: *Correio da Victoria* (1849-1872), *Jornal da Vitoria* (1864-1869), *O Constitucional* (1885-1889) e o *Espírito Santense* (1870-1899). Analisamos esses documentos como construções discursivas da identidade escrava realizada conforme as convicções dos senhores, dentro de um quadro de expectativas do que se pretendia em termos de qualidades, virtudes e defeitos dos cativos. Apesar dessa documentação se caracterizar pelo olhar de quem as escreve, ou seja, os donos desses escravos, uma análise mais detalhada nos permitiu perceber aspectos das lutas diárias, hábitos, valores, formas de vestir, de comemorar e de reivindicar melhores condições de vida dos cativos. No desenvolvimento da análise percebemos que os periódicos tinham uma importância fundamental para a sociedade do Espírito Santo do século XIX. Esses jornais cumpriram um papel social que foi além das questões políticas partidárias defendidas pelos grupos e associações que os mantiveram e também funcionaram como uma espécie de justiça informal, atuando como uma espécie de poder coercitivo, alertando os infratores da lei de que a persistência no acoitamento acarretaria querelas jurídicas, bem como a sua exposição pública. Essa constatação nos direcionou para a hipótese de que ao comunicar um anúncio de fuga de escravo nos jornais, o anunciante buscava além do retorno do cativo, comunicar um problema, qual seja, o acoitamento de sua propriedade privada por outros indivíduos da sociedade, que muitas vezes foram denominados nas fontes como *sedutores*. Esses *sedutores* puderam ser melhor identificados neste trabalho com o auxílio de alguns inquéritos encontrados que envolviam essas contendas de fugas de escravos, e que revelaram que esses acobertadores não precisaram de muitos artifícios para seduzir os cativos, ou ainda que em alguns casos eles foram os *seduzidos*.

**Palavras-chave:** anúncios de jornais, fugas de escravos, acoitamento, Espírito Santo.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the slave advertisements published in four newspapers of the Province of the Espírito Santo in the nineteenth century: *Correio da Victoria* (1849-1872), *Jornal da Vitoria* (1864-1869), *O Constitucional* (1885-1889) and the *Espírito Santense* (1870-1899). We analyze these documents as discursive constructions of slave identity made according to master's convictions, within a patterns of expectations of what is intended in terms of qualities, virtues and defects of the captives. Although this documentation is characterized by the look of the person making, that is, the owners of slaves, a more detailed analysis allowed us to perceive aspects of their daily struggles, habits, values, ways of dressing, to celebrate and to demand better living conditions. In developing the analysis we perceive that the journals had a fundamental importance to society of the Province of the Espírito Santo of the nineteenth century. These newspapers have a social function that went beyond the issues advocated by partisan political groups and associations that remained: they also functioned as a kind of informal justice, acting as a kind of coercive power, warning violators of the law of the persistence in flogging entail legal disputes, as well as their public exposure. This finding directed us to the hypothesis that by communicating a notice of escape of a slave in the newspapers, the advertiser also sought the return of the captive, report a problem, namely, the flogging of private property by other individuals in the society, that many sometimes the sources were named as seductive. These seductive could be better seen in this study with the help of some investigations found these contentions involving leakage of slaves, which revealed that these "harbourer" did not have many tricks to entice captives, or, in some cases, they were seduced.

**Keywords:** Newspaper advertisements, leakage of slaves, "acoitamento", Province of the Espírito Santo.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de Anúncios de escravos pesquisados.....	21
Tabela 02 – Distribuição populacional da província do Espírito Santo.....	73
Tabela 3: Faixa etária dos anunciados (1849-1888).....	98
Tabela 4: Disposição dos anúncios referente ao comércio de escravos conforme o sexo. (1849-1888).....	98
Tabela 05 – Tipo de Trabalho.....	124

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
1º PARTE – Imprensa e escravidão .....	27
Capítulo 1. Considerações sobre o surgimento da imprensa no Espírito Santo.....	28
Capítulo 2. Escravos: tranquilidade ou inquietação?.....	36
Capítulo 3 - Uma história <i>vista de baixo</i> com fontes <i>escritas de cima</i> .....	54
Capítulo 4 – A escravidão e o Espírito Santo do oitocentos.....	68
2º PARTE – Anunciantes e Anunciados.....	83
Capítulo 5 – O que nos revelam os anúncios de aluguel, compra e venda.....	84
Capítulo 6 – Os bastidores da fuga.....	107
3º PARTE – Quando as histórias de fuga são casos de justiça.....	139
Capítulo 7 – Senhores <i>versus</i> Sedutores.....	140
Capítulo 8 – Se não for por má fé, perdoado é.....	145
Capítulo 9 – E se for de má fé... A justiça realmente é rigorosa?.....	149
Capítulo 10 – Quando a história de fuga é também história de amor.....	157
Considerações Finais.....	162
Fontes.....	165
Referências Bibliográficas .....	167
Anexos.....	176

## Introdução

Os jornais brasileiros do século XIX são fontes preciosas para investigar a sociedade daquele período, pois através de seus registros é possível perceber o cotidiano, as principais discussões da época (tanto no campo político como no social), as atividades comerciais e até as noções de comportamento e moralidade. Naquele contexto o escravo era presença constante nas páginas dos periódicos, fosse sob a forma de contos, de crônicas, de noticiários e, especialmente, em anúncios. Nas palavras de Mariana Pícoli, os jornais:

Embora se apresentem como importantes fontes para o estudo do passado, sua utilização deve ser cautelosa. Tais fontes são extremamente ricas, porém perigosas, pois, os jornais representam poderosos instrumentos de manipulação de interesses e intervenção na vida social e encontram-se sempre atrelados a inúmeros interesses políticos, econômicos, culturais, etc.<sup>1</sup>

No entanto, como assinala Humberto Machado, não podemos desconsiderar que:

Inquestionavelmente os jornais tiveram um papel importante na veiculação de matérias que retratavam a sociedade escravista, como se pode atestar pelos diversos estudos que usaram a imprensa como fonte principal para a análise do cativo.<sup>2</sup>

Contudo, como observou Raphael Neves:

Ainda que a imprensa tenha servido aos negócios da escravidão de maneira determinante ao longo do século XIX, as reflexões sobre a relação que a escravidão manteve com a imprensa ainda são poucas, com ressalva ao tema da abolição.<sup>3</sup>

Embora a produção acadêmica sobre escravidão componha um vasto conjunto historiográfico, novas possibilidades analíticas têm surgido com a utilização de novos métodos e fontes de pesquisa. A utilização dos jornais para a produção

<sup>1</sup> PÍCOLI, Mariana de Almeida. **Ideias de liberdade na cena política capixaba**: o movimento abolicionista em Vitória (1869/1888). 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p.13.

<sup>2</sup> MACHADO, Humberto Fernandez. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto do pós-abolição. In: Neves, Lúcia M.B.P; Morel, M.; Bessone, Tânia. (Org.). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 142-152.

<sup>3</sup> NEVES, Raphael. **Experiências capturadas**: A fuga de escravos no Rio de Janeiro. 99 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 26.

de uma história social da escravidão tem sido uma delas. Nesse sentido, é incontestável a inovação realizada por Gilberto Freyre nomeadamente em *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, obra publicada pela primeira vez no ano de 1963. Ao utilizar anúncios de escravos como fontes para estudar a escravidão, o autor foi o primeiro a realizar um trabalho valendo-se daquele tipo de registro. No prefácio da quarta edição desta obra, Alberto da Costa e Silva chama atenção para o fato de que nenhum trabalho no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa antecedeu o trabalho deste autor.<sup>4</sup>

O próprio Freyre nomeou o seu trabalho como uma *anunciologia*, distinguindo-o, portanto, dos outros estudos sobre o escravo até então existentes, inclusive ressaltando que pode ser considerada uma *ciência nova*, que consistiria em *esboços de biografias, espelhos antropológicos*.<sup>5</sup> Segundo ele:

O anúncio desde o seu aparecimento em jornal, começou a ser história social e, até antropologia cultural, da mais exata e confiável (...). Os anúncios constituiriam uma agência: os agentes seriam de um lado o senhor de escravos, de outro, o próprio escravo a quem poderia ser por vezes atribuída, nas relações dramáticas de que participava, a condição simbólica ou mítica. Tanto a exprimirem motivos, da parte do agente senhoril, de estimar os entes humanos de sua propriedade ativa, quanto a manifestarem motivos do escravo, objeto de anúncios de jornais, quer para se resignar passiva e, por vezes, afetivamente a essa condição – quando apenas expostos à venda ou posto em aluguel – quer para agir ativamente contra ela pela fuga: uma forma de insubmissão ou revolta.<sup>6</sup>

A proposta de Freyre abriu caminhos para que outros trabalhos pudessem se valer dos anúncios de escravos como fontes para se estudar a escravidão, a exemplo de nossa dissertação e de outras abordagens que a antecederam, com as quais dialogamos diretamente. É o caso, por exemplo, dos estudos de Martha Rebelatto<sup>7</sup> sobre a ilha de Santa Catarina, em que a autora utiliza os

<sup>4</sup> SILVA, Alberto da Costa e. A escravidão nos anúncios de jornal. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010, p. 11.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010, p. 50.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>7</sup> Encontramos seis trabalhos de Martha Rebelatto que utilizam anúncios de escravos fugidos como fontes. Destacamos: **Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX**. 160f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006; **Nem todos gostavam da escravidão: fugas de escravos em Desterro na década de 1850**. 50 f. Monografia (Graduação em História)

anúncios de fugas de escravos como uma das fontes para se estudar as fugas e os quilombos em Desterro. Nestes trabalhos, ela analisa o perfil dos escravos que optaram por escapar do cativeiro e avalia as chances de sucesso das fugas em diferentes momentos do século XIX. Além disso, aponta as rotas de fuga dos escravos na Ilha de Santa Catarina, de acordo com as oportunidades oferecidas pela geografia, economia e relações sociais locais. Além dos anúncios de jornais referentes à fuga, a autora também utiliza documentação policial, censos e relatórios do presidente de província.

Além da semelhança do aporte documental entre os trabalhos de Rebelatto e nossa investigação, é oportuno comentar que Santa Catarina não se enquadrou nos moldes de *plantation*, assim como a província do Espírito Santo<sup>8</sup>, fato que confere aos trabalhos dessa autora uma maior importância para nosso estudo, já que, embora haja um sem número de estudos sobre a escravidão, uma grande parte deles se destina a estudos referentes a regiões de *plantation*, ou pelo menos analisam seus dados a luz da realidade dessas localidades.

Assim como Freyre, Raphael Neves<sup>9</sup> em recente estudo monográfico desenvolveu um trabalho utilizando apenas de anúncios de escravos. Em *Experiências capturadas: A fuga de escravos no Rio de Janeiro*, o autor reflete acerca das experiências históricas dos escravos anunciados nos jornais, suas estratégias e o convívio com a sociedade. Flávio dos Santos Gomes<sup>10</sup> também

---

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004; O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20 jul 2007; Fugas de escravos em Desterro na década de 1850. In: JORNADA NACIONAL DE HISTÓRIA DO TRABALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/jornada.htm>. Acesso em: 20 Jul 2008; Uma saída pelo mar: rotas marítimas de fuga escrava em Santa Catarina no século XIX. **Revista de Ciências Humanas**. n. 40, p. 423-442, 2006; Fugas e Quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX. **Afro- Ásia**, n.37, p. 81-110, 2007.

<sup>8</sup> Apenas a região de Cachoeiro de Itapemirim possuiu características de *plantation* no Espírito Santo.

<sup>9</sup> NEVES, Raphael. **Experiências capturadas: A fuga de escravos no Rio de Janeiro**. 99 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 26.

<sup>10</sup> Flávio dos Santos Gomes possui estudos seminais para a história da escravidão no Brasil, sobre anúncios de escravos encontramos dois artigos, sendo eles: Jogando as redes, revendo as malhas: Fugas e Fugitivos no Brasil. **Revista tempo**, v.1, p. 67-93, 2006; Africanos, criouliização e ladinização: reinvenções de identidades étnicas na cidade do Rio de Janeiro, século XIX. In: Chaves, R.; SECCO, C. e MACEDO, T.. (Org.). **Brasil África: como se o mar**

se dedicou aos anúncios de escravos, investigando as estratégias, sentidos e lógicas dos cativos, no que diz respeito à fuga, e concluiu que as ações de fuga estavam relacionadas com a experiência cotidiana dos escravos, bem como as estratégias de sobrevivência solidariedades e tensões.

Ainda sobre o Rio de Janeiro e o mundo dos fugitivos, temos as contribuições de Márcia Sueli Amantino<sup>11</sup>. Sua obra analisou as alternativas de vida apresentadas aos escravos a partir do momento da fuga, bem como o perfil do fugitivo. A autora também caracterizou os tipos de fugas que existiram a partir da constatação dos diversos aspectos que envolviam e motivavam um ato de evasão. Além dos estudos sobre o Rio de Janeiro a autora possui trabalhos se valendo dos anúncios também para a província de Minas Gerais.

Em *A voz do dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos*, a autora Ana Josefina Ferrari<sup>12</sup> propõe um estudo do discurso dos senhores sobre o escravo, defendendo a tese de que os processos de designação encontrados nos anúncios (nomeação, determinação, predicação) produzidas por eles, funcionavam como dispositivo de enunciação onde o escravo é constituído publicamente não só como indivíduo em relação ao Estado, mas principalmente como sujeito singular em relação à sociedade. Ainda nesta perspectiva (da subjetivação do escravo) a autora elaborou um estudo por meio dos anúncios sobre fuga e resistência na cidade de Campinas entre 1870 e 1880. Neste trabalho, Ferrari compreendeu a fuga como expressão de afronta e resistência à escravidão, interpretação que

---

fosse mentira. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006. Além disso, em seu livro: **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Temos uma análise sobre as visões de fugas e informações de quilombos nas últimas décadas da escravidão, embora seja um trabalho que de dedica aos quilombos, também irá utilizar anúncios de escravos. Ademais, o autor está realizando desde 1993, um estudo sobre padrões de fugas e fugitivos nas Províncias do Rio de Janeiro, Maranhão, Pará e Espírito Santo no século XIX, segundo consta em seu artigo publicado pela Revista Tempo (supracitado) de 1996.

<sup>11</sup> Encontramos os seguintes trabalhos sobre anúncios de Márcia Sueli Amantino: **O mundo dos fugitivos** – Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. 262f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996; Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal” 1825 a 1832. **Revista Lócus**, v.12, n. 2, p. 59-74, 2006; O perfil demográfico do escravo fugido. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, n. 31, p.169-188, 1996.

<sup>12</sup> FERRARI, Ana Josefina. **A Voz do Dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos**. São Paulo: Pontes Editores, 2006; e seu artigo de título: **Fuga e resistência: O caso das fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1870**. Disponível em: <http://www.msmdia.com/conexao/01/anaj.pdf>. Acesso em: 6 Feb 2010.



também encontramos no ensaio de Elisa Vignolo Silva<sup>13</sup> e no estudo monográfico de Elizabeth M. dos Santos.<sup>14</sup>

Em nossa dissertação, enfatizamos as múltiplas motivações que incitavam à fuga, as quais poderiam ser expressão de resistência e abandono da condição servil, obviamente, mas não apenas se restringindo a esses aspectos. Assim como Ana Josefina Ferrari, ao dar *voz aos anúncios* também damos *voz ao dono*, pois, mais do que uma descrição do escravo, os anúncios representam uma definição do evadido que é feita de acordo com as convicções da elite senhorial, já que os anúncios nos fornecem pistas dos sentimentos específicos de cada senhor. Dentre os diversos documentos analisados, encontramos anúncios que expressam sentimentos passionais em relação ao cativo, outros que revelam ira e raiva, havendo também aqueles que revelam um senhor que se sente lesado pela fuga e muitas vezes traído. Nesse sentido, o escravo também assume uma imagem singular de acordo com o sentimento do seu senhor. Nesses registros encontramos inclusive o hábito adquirido nesta província de utilizar os periódicos como meios coercitivos, ou seja, o anúncio muitas vezes assumia um tom de ameaça a um possível acobertador ou padrinho de escravo.

Os anúncios de jornais também foram utilizados para estudos acerca da família escrava, a exemplo das reflexões de Isabel Cristina F. dos Reis.<sup>15</sup> Ela realizou estudos sobre a família escrava na Bahia e utilizou entre outros aportes documentais os anúncios de fuga. No entanto, a autora não quantificou os anúncios de fugas que utilizou e tampouco especificou a quantidade de fugas em família, que parecem ter sido mais expressivas que no Espírito Santo, uma vez que encontramos apenas dois anúncios de fuga de família, fato que deixa claro a predominância das fugas individuais no recorte espacial de nossa pesquisa. Cabe ressaltar que boa parte das evasões individuais estavam relacionadas com quebras de arranjos familiares anteriormente firmados, já que

---

<sup>13</sup> SANTOS, Elizabeth M.dos. **Resistência escrava**: as fugas de escravos em São João Del-Rei na última década da escravidão no Brasil. 64f. Monografia (especialização) – Programa de Especialização em História, Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais, 2004.

<sup>14</sup> SILVA, Elisa. A insubmissão escrava. Os anúncios de fuga no Astro de Minas. **Revista ALPHA**, n.11, p. 34 - 40, 2010.

<sup>15</sup> REIS, Isabel Cristina dos. Uma negra que fugio e consta que já tem dous filhos: fuga e família entre escravos na Bahia. **Afro- Asia**, n.23, p.27-46, 1999.

é bastante enfatizado nos anúncios que pesquisamos a menção ou a suspeita de que os fugitivos tinham como destino localidades onde residiam parentes.

Outra referência na utilização dos anúncios como fonte de pesquisa é o artigo de Luiz Mott<sup>16</sup> em que o autor objetiva primeiro destacar a importância desse tipo de documento ainda pouco explorado e segundo avançar na caracterização da etno demografia escrava na província do Sergipe. Em nosso estudo não adotamos tal pretensão, pois nossa amostragem de anúncios para o Espírito Santo é muito pequena comparada à população escrava que residia nesta província. Além disso, é importante salientar que na maioria das vezes a descrição etnográfica dos anúncios não significa de fato a origem do seu nascimento, uma vez que muitos senhores apelidavam seus cativos por características que eles acreditavam existir em determinado grupo étnico, tais como: parece angola, benguela, africano etc. A caracterização dos anúncios em relação à etnia era muito genérica e, na maioria das vezes, nem mencionavam tal informação. Uma provável explicação se encontra no fato de que na província do Espírito Santo predominaram escravos crioulos, ou seja, que não nasceram na África. Essa afirmação pode ser atestada por meio de trabalhos que antecedem essa pesquisa e que nos informam da forte presença de famílias escravas em solo capixaba no século XIX.<sup>17</sup>

Por último, podemos citar o trabalho de Ana Karine P. de H. Bastos<sup>18</sup>, o qual apresenta uma perspectiva mais discursiva do que histórica, a autora realizou um estudo lexical dos anúncios de jornal. Toda a bibliografia que trabalha com anúncios de escravos que citamos acima, com exceção dos trabalhos de Luiz Mott e Ana Karine Bastos, destina-se apenas aos anúncios que dizem respeito à fuga, deixando de lado os anúncios comerciais (aluguel, venda, compra). Em nossa dissertação, os anúncios comerciais são analisados com a mesma

---

<sup>16</sup> MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: ENCONTRO DA ABEP, 5., 1986, São Paulo. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V01A01.pdf>. Acesso em: 25 ago 2008.

<sup>17</sup> Sobre família escrava no Espírito Santo, ver: MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1830.** 229 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>18</sup> BASTOS, Ana Karine P. de Holanda. **O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853 -1855).** 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

atenção dispensada aos anúncios de fuga, pois neles percebemos sutis facetas da lógica escravista, como a negociação e as expectativas em torno do que seria um bom escravo.

Cabe ainda destacar os estudos de Lilia M. Schwarcz<sup>19</sup> especificamente em *Retrato em branco e negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. Com o objetivo de recuperar a construção e a manipulação de representações sobre o negro cativo ou liberto, quando se intensificam as rebeliões negras no período final do processo abolicionista, a autora desenvolveu um trabalho exaustivo nos jornais acompanhando todas as sessões que traziam menção ao cativo, incluindo os anúncios e concluiu que as representações sobre o negro nos jornais variavam do negro violento ao negro fiel, dependendo do contexto e da situação. Em nossa pesquisa também podemos visualizar diversas adjetivações que comprovam a constatação da autora, uma vez que em algumas descrições o escravo parece tão ingênuo a ponto de ser iludido, em outras ele se mostra tão esperto a ponto de enganar autoridades responsáveis pela captura.

Como foi exposto, nossa dissertação é tributária do pioneirismo de Freyre e dos trabalhos que o seguem, adotando muitos de seus questionamentos e indagações. Verificamos que o cotidiano escravo no Espírito Santo do oitocentos não se distingue muito da realidade escravista de outras regiões do Império, como as redes de solidariedade criadas, as atividades realizadas em relação ao trabalho, as estratégias que envolviam um ato de fuga, bem como as suas experiências e expectativas.

Por meio da documentação analisada, percebemos que não houve um padrão típico de fugitivo, embora seja possível constatar possíveis situações que motivavam um ato de evasão. Ademais, a publicidade das fugas foi maior no meio urbano<sup>20</sup>, fato que restringe nosso campo de análise, fazendo com que

---

<sup>19</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>20</sup> De acordo com Aloiza Delurde: "A cidade de Vitória se diferenciava de seu entorno, pois se tratava do único espaço social da região Central capixaba, ao qual se podia chamar de urbano, com um número considerável de moradias, ruas calçadas, edifícios administrativos e religiosos, assim, seis meses após a proclamação da Independência do Brasil, em 17 de maio de 1823 a Vila da Vitória foi elevada à categoria de cidade. Ao analisar esse *status* da cidade de Vitória dentro da região Central da Província do Espírito Santo, na segunda metade do século XIX,

privilegiemos as fugas de escravos que viviam na cidade. Nesse sentido, é oportuno destacar que nem todos os senhores utilizaram o jornal como método de captura de seus cativos fugidos. Deste modo, foi necessário constatar não somente o que originava as fugas, mas também o que suscitava o desejo de procurá-los por meio dos jornais, além do desejo de recuperar a propriedade perdida.

Sendo assim, nos dedicamos à análise dos anúncios de escravos, contidos em alguns periódicos do Espírito Santo da segunda metade do século XIX, os quais são<sup>21</sup>: *Correio da Victoria* (1849-1872), *Jornal da Vitoria* (1864-1869), *O Constitucional* (1885-1889) e o *Espírito Santense* (1870-1899)<sup>22</sup>. Nesses anúncios encontramos breves relatos de senhores de escravos que buscavam noticiar fugas, aluguel, compra ou venda de seus cativos. Ademais, cada anúncio possui sua particularidade, desde os mais ricos em detalhes aos mais simplórios, todos apresentando vestígios do cotidiano escravista na província durante o século XIX.

O recorte cronológico proposto (1849-1888) indica um período de mudanças significativas na província do Espírito Santo, tendo em vista que na segunda metade do século XIX começou a se desenvolver nestas terras uma vigorosa economia cafeeira, logo, uma maior necessidade da mão de obra escrava. Além disso, é importante salientar que nos idos de 1850, quando a província necessitou e utilizou um maior número de cativos, foi promulgada a *Lei Eusébio de Queiroz* que proibia o tráfico de escravos. Dessa forma, vender ou perder um cativo nesse momento de dificuldade de obtenção da mão de obra escrava assume um novo significado. Somado a essas mudanças de ordem jurídica em relação ao cativo, temos a vinda da mão de obra estrangeira para o Brasil,

---

reconhece-se Vitória, também, como capital política e administrativa da região”. JESUS, Aloiza Delurde Reali de. **De porta adentro a porta afora: Trabalho escravo nas freguesias do Espírito Santo (1850-1871)**. 172f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p.70.

<sup>21</sup> Optamos por transcrever todos os anúncios da forma como se encontra nos originais, mesmo aquelas palavras que não correspondem mais às regras atuais da gramática. Pois, queremos dar ao leitor a chance de conhecer essa linguagem. Somente os inquéritos, devido a sua extensão, serão citados de acordo com os padrões gramaticais vigentes da língua portuguesa. Até porque não são citados na íntegra como os anúncios, trechos dos relatórios de presidente de província e trechos dos jornais.

<sup>22</sup> O jornal *O Espírito Santense* deu início as suas publicações em 1870, cessando suas publicações somente em 1899. Porém devido, ao nosso recorte temporal, utilizamos apenas os anos que vão de 1870 a 1888.

como outro indicativo de transformação nesta segunda metade do dezenove. Ao mesmo tempo, nos idos de 1849 ocorreu o surgimento da imprensa no Espírito Santo, abrindo um novo espaço de comunicação aos habitantes desta localidade, por meio da fundação do jornal.

O recorte temporal escolhido ainda acompanha outras mudanças importantes ocorridas na legislação brasileira no que diz respeito à escravidão, representadas pela *Lei do Ventre Livre* de 1871, pela *Lei Saraiva-Cotegipe* de 1885 e pela *Lei da Abolição* de 1888, perfazendo um espaço temporal que permite propor alguns problemas ao nosso recorte. A delimitação temporal também foi realizada em prol da situação da documentação disponível. Por isso, nosso recorte obedece aos períodos de publicação desses jornais, bem como ao estado de conservação destes, tendo em vista que muitos exemplares foram perdidos e com eles, provavelmente, valiosas informações, além de muitas páginas, irremediavelmente mutiladas. Ao todo, foram transcritos 541 anúncios, dos quais 156 se repetem. Restando 385 anúncios. Conforme disposto na tabela, a seguir:

**Tabela 2 – Quantidade de Anúncios de escravos pesquisados**

<b>Jornais pesquisados</b>	<b>Anúncios de fuga</b>	<b>Anúncios compra/venda/aluguel</b>
<i>Correio da Victoria</i>	88	98
<i>Jornal da Victoria</i>	20	23
<i>O Espírito Santense</i>	122	26
<i>O Constitucional</i>	6	2
<b>Total</b>	236	149

Fontes: *Correio da Victoria* (1849-1850; 1854-1859; 1864; 1869-1872); *Jornal da Victoria* (1864; 1866; 1867; 1868); *O Espírito Santense* (1871-1888). *O Constitucional* (1885-1888).

A quantidade de anúncios não corresponde à mesma quantidade de anunciados, já que em alguns anúncios havia a referência a mais de um escravo. Por exemplo, os 236 anúncios de fuga encontrados referem-se a um total de 273 fugidos.

O *Correio da Victoria* (1849-1872) é considerado o primeiro periódico do Espírito Santo, tendo em vista que o primeiro jornal publicado, o *Estafeta* de 1840, experimentou vida e morte em seu primeiro número. O *Correio da Victoria* foi publicado pela primeira vez em 17 de janeiro de 1849; era uma folha política, literária e noticiosa, sua periodicidade era às quartas e sábados até 13

de janeiro de 1872, quando começou a circular três vezes na semana (terças, quartas e sábados). Defendeu a política conservadora, cessando a sua publicação em 1873, devido à cisão levantada no seio do Partido Conservador (entre 9 de fevereiro e 16 de março).<sup>23</sup> Apesar do periódico ter tido um período de publicação longo comparado com os demais jornais da época, a nossa pesquisa conta com a seleção feita pelo tempo, na qual, dos 23 anos de circulação do jornal, podemos usufruir de apenas 11 anos, enfrentando ainda os problemas de falta de números que não foram preservados e partes deterioradas.

O *Jornal da Vitoria* (1864-1869) foi lançado em 2 de abril de 1864, o seu surgimento ocorreu para substituir o periódico *O Tempo*. Circulava às quartas-feiras e aos sábados, teve sua publicação suspensa devido à falta de assinaturas em número suficiente para cobrir despesas, sendo assim, seu último número foi publicado em 29 de dezembro de 1869.<sup>24</sup> Desse periódico foram preservados apenas três anos.

O primeiro número do *Espírito Santense* (1870-1899) circulou em 8 de setembro de 1870 e o último em 14 de junho de 1889. Era político, científico, literário, noticioso e defendia as ideias conservadoras. Tinha correspondentes epistolares na França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos e algumas repúblicas do Sul, os quais lhe enviavam quinzenalmente notícias diretas. Era publicado três vezes na semana; no ano de 1880 teve sua circulação suspendida pelo espaço de aproximadamente cinco meses, reapareceu em 2 de junho de 1880.<sup>25</sup> Deste periódicos temos todos os anos preservados, embora encontre o mesmo problema dos demais de falta de números ou de páginas.

O *Constitucional* (1885-1889) surgiu em 12 de abril de 1885 na Villa de Itapemirim; porém, a partir de 25 de julho de 1886 passou a ser publicado em Cachoeiro de Itapemirim, local de publicação do último número em 25 de dezembro de 1889. Caracterizava-se como um periódico político, agrícola e comercial, além de órgão do Partido Conservador do 2º distrito da província,

---

<sup>23</sup> PEREIRA, Heráclito Amâncio. A imprensa no Espírito Santo. In: **Revista de cultura UFES**, Vitória, v. 5, n.13, 1979, p.55 -58. (Retirada da revista do IHGBES).

<sup>24</sup> Ibid., p. 61-62.

<sup>25</sup> Ibid., p. 63-64.

inicialmente suas tiragens eram dominicais, mas passou por mudanças em 3 de maio de 1887, quando começou a ser publicado às terças-feiras, voltando na data de 8 de julho de 1888 a circular dominicalmente.<sup>26</sup> Embora tenha ocorrido mudanças em relação aos dias de circulação deste jornal, sua publicidade sempre ocorreu em um único dia da semana. Por isso, o montante do seu material impresso não é muito volumoso se comparado aos demais periódicos já listados. Por outro lado, seus anos de publicação se encontram todos preservados.

De acordo com Gilberto Freyre, “os anúncios de fuga são muito importantes como fonte primária, pois oferecerem uma descrição pormenorizada dos cativos, além de apresentar uma aproximação da realidade da elite senhorial.”<sup>27</sup> Além disso, os anúncios de fugas são numericamente mais expressivos se comparados aos anúncios de aluguel e venda de escravos nos jornais pesquisados. Embora menos descritivos, os anúncios que versavam sobre a comercialização de cativos apresentaram sugestivos questionamentos para este trabalho, indicando-nos, por exemplo, o perfil do escravo que se esperava encontrar, a preferência sexual, a profissão desses cativos, os possíveis motivos da venda, etc.

Inicialmente a proposta deste trabalho previa apenas a utilização dos anúncios como única fonte. Entretanto no decorrer da pesquisa percebemos a necessidade de buscar um diálogo com outros registros, afim de que esses pudessem atestar evidências encontradas nos anúncios. Nesse sentido, utilizamos relatórios de presidentes de província, inquéritos referentes a fuga, venda ou acoitamento de escravos. *Grosso modo*, os relatórios presidenciais tinham a função de fazer uma exposição das atividades da administração transcorridas ao longo de seu mandato. Por meio destes documentos é possível extrair características da organização político, econômica e social da província. Eles geralmente são divididos nos seguintes tópicos: tranquilidade pública, secretaria do governo, administração das rendas provinciais, instrução

---

<sup>26</sup> PEREIRA, 1979, p. 55 -79.

<sup>27</sup> Os anúncios de negros fugidos podem ser utilizados com confiança para uma análise antropológica e médica, uma vez que eles têm forte honestidade, pois quem perdia o seu escravo queria encontrá-lo e para isso precisava de traços e sinais exatos. FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010, p. 84.

pública, culto público, força pública, administração da justiça, câmaras municipais, obras públicas, colonização, civilização e catequese de índios, socorros públicos, iluminação pública e rendas provinciais. Nos interessam nesses relatórios apenas os tópicos que se referem a fugas, formação de quilombos e ao tratamento dispensado aos escravos. Geralmente utilizamos os tópicos: tranquilidade pública, secretaria de governo e administração da justiça.

Nos inquéritos e ofícios, nos interessou o colorido das histórias, as longas narrativas, que mesmo envoltas pelo filtro do discurso dos *de cima* nos permitiu acompanhar as experiências e expectativas desses personagens que compuseram o universo escravista, não apenas como subordinados, mas como agentes do seu destino; ora fugindo, ora seduzindo, ora deixando-se seduzir. Através dessas fontes e à luz da literatura que versa sobre a temática da escravidão realizamos nossa dissertação que foi dividida em três partes.

Na primeira parte fizemos um panorama com algumas questões relevantes acerca da relação entre imprensa e escravidão. Logo após, realizamos uma pequena discussão sobre a nossa perspectiva teórico–metodológica, priorizando a utilização de jornais como fonte para uma história social. Além disso, realizamos um painel com algumas questões relevantes do contexto escravista no Espírito Santo na segunda metade do oitocentos. Obviamente, muitos aspectos da província não foram abordados em virtude da quantidade de informações, bem como devido ao nosso recorte temático.

Na segunda parte traçamos alguns caminhos e problemáticas acerca do comércio escravo no Espírito Santo. Além disso, identificamos as possíveis motivações que levavam os cativos a fugirem, bem como suas implicações, sistematizando as informações contidas nos anúncios. Diante da percepção de como a ação de acoitadores representou uma inquietação para essa sociedade escravista, investigamos a ação dessas pessoas, bem como a participação escrava nessa trama. Defendemos a hipótese de que os anúncios de escravos fugidos se transformaram em uma espécie de justiça informal, assumindo formas de protestos veladas: de um lado o protesto senhorial pela fuga do cativo, pela contestação da sua legitimidade senhorial de dominação; de outro podemos perceber nas entrelinhas o protesto do escravo, que com seu ato de



fuga quebrava, de certa forma, a lógica da dominação. Analisamos os complexos aspectos das relações entre senhores e escravos na província do Espírito Santo, bem como os conflitos gerados a partir das percepções relativas aos significados sociais envolvidos, observando a forma como esses cativos eram vistos pelos seus senhores – marcada pela indicação de suas características físicas e de sua personalidade, no reconhecimento de seus atributos e em particular na valorização de seu trabalho. Mesmo se sentindo lesado pela fuga o senhor não omitia ou buscava desqualificar o cativo, anunciava suas qualidades e seus defeitos. Ademais, enfatizamos os espaços de negociação dentro da hierarquia da sociedade escravista, tanto no momento da fuga como nos momentos de transações comerciais. Dessa forma, verificamos que uma rede de solidariedade se formava diante de cada fuga, protegendo, acobertando ou acoitando.

Na terceira parte, procuramos elucidar algumas questões que foram aventadas quando da análise dos anúncios. Tais como as estratégias de liberdade e as facetas da sedução. Por meio dos inquéritos policiais, cuja composição se caracteriza por longas descrições, tivemos a oportunidade de compreender o que os proprietários entendiam por sedução, bem como a forma como a justiça do Espírito Santo conduzia esses processos judiciais que envolviam a fuga de cativos e o auxílio de terceiros. Em anexo, e não menos importante, disponibilizamos todos os anúncios pesquisados, já que essa documentação poderá servir de apoio a pesquisas futuras, bem como dar suporte a trabalhos já iniciados, que se dedicam a essa mesma temática e que pretendam realizar um trabalho comparativo.

“Escrever a História constitui num ato de garimpagem, de quem recolhe documentos assim como se procura preciosidades. O ato de selecionar fatos supunha a mesma isenção controlada naquele especialista que, ciente de seu ofício, separa as boas pedras das más, ou mesmo daquelas que oferecem pouco brilho ao olhar”.

Lilia M. Schwarcz



## **I PARTE – Imprensa e Escravidão**

“As fontes da história social são testemunhos do passado muitas vezes múltiplas e contraditórias”.

Adeline Daumard

## Capítulo 1. Considerações sobre o surgimento da imprensa no Espírito Santo

Ao tratar da história da imprensa no Brasil, Richard Romancini e Cláudia Lago indicam que a primeira tentativa de introduzir a tipografia no Brasil foi dos holandeses durante o período que ocuparam o nordeste em razão de necessidades administrativas. Porém o tipógrafo escolhido morreu logo depois de chegar ao Brasil, e os holandeses não conseguiram encontrar outro impressor. Sucedeu a experiência holandesa a iniciativa de Antonio Isidoro da Fonseca, que em 1746 instalou uma oficina completa de tipografia no Rio de Janeiro, chegando a imprimir alguns folhetos e livros. Mas, quando a notícia da tipografia chegou a Lisboa, as autoridades ordenaram ao governador, já em maio de 1747, que ela fosse fechada.<sup>1</sup>

Malgrado a tentativa de implantação da imprensa, o Brasil esperaria até 1808 para a chegada do famoso invento de Gutenberg, já tão apreciado na Europa. A inauguração da imprensa no Brasil se deu por ocasião da chegada da corte joanina, que encontrou nas terras tropicais um modo de viver muito diferente dos costumes cortesãos europeus, tanto na estrutura social quanto na economia da região, sem mencionar o famoso clima tropical, tão citado pelos viajantes, ou seja, a criação da imprensa faz parte de um conjunto de medidas de ambientação para acomodar os *estranhos no ninho*, ou seja, os cortesãos emigrados. É certo que Portugal deveria ter inúmeras razões políticas para evitar a instalação da imprensa no Brasil. No entanto, de acordo com Melo:

Não podemos afirmar que a metrópole tomou medidas definidas para impedir o funcionamento da imprensa em terras brasileiras. Não existiu uma legislação restritiva a instalação de tipografias no Brasil. O que se costuma apresentar como prova da intransigência lusa são documentos legais expedidos para atender a situações específicas de desrespeito às normas vigentes e da burla à vigilância das autoridades, como nos textos legais de 1706 e de 1747, determinando a apreensão de tipografias instaladas clandestinamente.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MELO, José Marques de. **História social da imprensa**: fatores socioculturais que retardam a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 88.

<sup>2</sup> ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007, p.17.

Em termos de jornalismo brasileiro, muitos reconhecem como pioneiro o jornal de Hipólito da Costa. Embora fosse impresso em Londres, o jornal se destinava a publicações sobre acontecimentos brasileiros e portugueses, era favorável aos princípios liberais, ao fim do trabalho escravo, à monarquia constitucional, à liberdade de opinião. Naturalmente, por isso, o *Correio* incomodaria as autoridades políticas portuguesas, que fizeram várias tentativas de calar o periódico. No entanto o *Correio Brasiliense* sobreviveu sem alterar sua linha editorial até 1822, quando, com a Independência, Hipólito julgou que a proliferação da imprensa no novo país diminuiria a necessidade do seu jornal e também porque desejava retornar ao Brasil.<sup>3</sup>

No que diz respeito à província do Espírito Santo, até 1840 não existiu qualquer tipo de meio de comunicação impresso: “Não existiam jornais, revistas nem mesmo tipografias, e os poucos veículos que já haviam circulado eram manuscritos.”<sup>4</sup> A primeira tentativa de introdução da imprensa no Espírito Santo ocorreu em 1840, sob a iniciativa do alferes Ayres Vieira de Albuquerque Tovar, com a criação de *O Estafeta*, chegando inclusive a firmar contrato com o governo provincial para a publicação dos atos oficiais. Contudo, a circulação deste jornal foi efêmera. A razão para a morte súbita do *Estafeta* foi a tuberculose que acometeu Ayres Tovar, que faleceu no ano seguinte, juntamente com esperança de instalação da imprensa na província. Ademais, outro fator teria sido a qualidade comprometida da impressão. Por ter sido publicado apenas uma vez, o *Estafeta* foi então considerado apenas uma tentativa de implementação da imprensa no Espírito Santo. É importante salientar que a efemeridade da primeira folha noticiosa do Espírito Santo não destoou da realidade das outras localidades do Império. Consoante Schwarcz, os jornais tinham uma vida efêmera e curta, boa parte deles ficava no primeiro número, às vezes referentes exclusivamente a determinadas ocasiões comemorativas.<sup>5</sup> Nesse sentido, é interessante problematizar em termos locais quais os motivos retardaram ou impulsionaram o surgimento de tipografias em

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 23 - 27.

<sup>4</sup> DEBBANÉ, Augusto; VIEIRA, Darshany; TASSAR, Monique. Espírito santo de 1808 a 1849: os primeiros jornais. In: MARTINUZZO, José Antonio (org). **A imprensa na História Capixaba**. Vitória, 2008. Disponível em: [http://issuu.com/letiz/docs/projeto\\_livro\\_quase\\_200\\_finalizado\\_web](http://issuu.com/letiz/docs/projeto_livro_quase_200_finalizado_web). Acesso em: 6 ago 2008.

<sup>5</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 57.

províncias afastadas da Corte. No caso do Espírito Santo, em particular, a historiadora Karulliny Siqueira salienta que a ausência da imprensa no Espírito Santo estava em consonância com o projeto político de moderação desempenhado pela elite política local. Nas palavras da autora, a falta de uma imprensa difusora de ideias e debates políticos não era colocada de forma negativa pelos administradores locais, mas sim como uma forma de apartar a província das agitações que a circulação de tais ideias poderia provocar. A ausência de uma imprensa difusora de opiniões fez com que se tornasse exequível a defesa de um projeto de moderação e o enfraquecimento de qualquer levante que ameaçasse a ordem do Império.<sup>6</sup>

O surgimento da imprensa no Espírito Santo aconteceu em 17 de janeiro de 1849, com a publicação do *Correio da Victoria (1849-1872)*, tendo como proprietário e redator Pedro Antonio de Azevedo. Esse periódico se declarava partidário das concepções políticas conservadoras, seu dogma político pode ser resumido na tríade Monarquia, Constituição e Liberdade, sempre enfatizado em seus textos. O estabelecimento desta tipografia foi fruto de um contrato com o governo, o qual foi assinado por dez anos. O poder público almejava o estabelecimento de uma folha periódica, na qual fossem publicados os atos do governo. E assim nascia a imprensa no Espírito Santo, fortemente imbricada com as questões políticas. A imprensa não surgia apenas com a incumbência de tornar público os atos do governo, mas também de enquadrar a província no rol da civilidade. Vejamos como a chegada da imprensa espírito-santense foi relatada no relatório do Presidente da província Antônio Pereira Pinto:

### ***Typographia***

*A assembléa provincial acertadamente pensando nos inconvenientes da falta de uma typographia, e nos incalculáveis danos, que à província tem vindo de não existir n'ella esse meio poderoso de civilização, authorisou a presidência com designada quantia para engajar essa empresa. A imprensa fará bem conhecida esta província, seus recursos, suas riquezas, tantos rios navegáveis que ella encerra, tanto elementos de prosperidade com que consta, despertará assim talvez a*

---

<sup>6</sup> SIQUEIRA, Karulliny Silverol. **“Os apóstolos da liberdade contra os operários da calúnia” A imprensa política e o parlamento nas disputas políticas da província do Espírito Santo, 1860-1888.** 244f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011, p.28.

*ambição de novos povoadores, e a elevará ao lugar, que lhe compete na lista das demais províncias do Brasil.*<sup>7</sup>

A publicação de abertura do jornal demonstra claramente o que o surgimento da imprensa representa nesse período, tanto no contexto do império quanto no que diz respeito a nossa realidade regional. Ela faz parte de um conjunto de pretensão a uma civilidade e cultura nos moldes europeus:

*É a imprensa periódica na presente época, o vehiculo de relações entre os povos cultos, o meio fácil de prover a instrução popular. Tem, porém, a instituição da imprensa outra missão mais sagrada e sublime. Gêmea da liberdade, consaguinea da civilização, deve ella doutrinar e moralisar a humanidade, e difical-a nos preceitos das suas crenças, inicial-a nas pesquisas e indagações das sciencias, guial-as nos conhecimentos das artes, e das letras, arrancar-as das trevas dos preconceitos e dos erros da superstição: tal é a sua importante missão; tal o tem sido até o presente na culta Europa. Com sua aparição, despontarão as sciencias, artes e letras. E sendo que a cada um em particular, ou a todos em geral, é dado a promover os melhoramentos da sociedade, vimos por nossa vez intentar empresa árdua, mas honrosa, para hombros mais robustos, que não os nossos; mas certos de que não seremos desamparados daquelles, que mais a mão, e se dedica ao bem ser desta fértil província.*<sup>8</sup>

Conforme se verifica pela leitura do primeiro exemplar do *Correio da Victoria*, sua estréia dedica a primeira página aos benefícios da imprensa. O eloquente discurso de enaltecimento do novo empreendimento demonstra o quanto o nascimento desta tipografia foi abarcada de ansiosas expectativas. Parece que o jornal representava para a província os arautos de um novo tempo. Ademais, como evidencia Ilmar Rohloff de Mattos:

Não eram empregados públicos apenas os agentes da administração pública, uma vez que os valores da ordem, adesão ao império, respeito a constituição, etc poderiam ser muito mais difundidos através de uma folha local, do que no desempenho do mais diligente público.<sup>9</sup>

Além de tudo, a criação do jornal era uma necessidade, já que os habitantes da província precisavam recorrer aos jornais da corte ou de outras regiões a fim

<sup>7</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1849.

<sup>8</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 17 de Janeiro de 1849. Esta citação comporta apenas um pequeno trecho da primeira página de lançamento deste jornal. No entanto, disponibilizamos a primeira folha desse periódico na íntegra, conforme pode ser verificado no anexo A.

<sup>9</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do estado imperial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Access, 1994, p. 202.



de realizar seus anúncios de transações comerciais e mercantis. Como atesta Schwarcz:

A imprensa no Brasil daquela época era o único veículo eficiente de comunicação em massa, cumprindo nesse período um importante papel, o que explica também, em parte, a existência desse grande número de publicações.<sup>10</sup>

Ou seja, não possuir um jornal significava estar afastado do universo comunicativo das províncias que compunham o império brasileiro. Os espírito-santenses até se interavam das notícias da corte, do estrangeiro e de outras províncias; contudo, o restante do Império desconhecia o cotidiano da província do Espírito Santo. Obviamente essa não foi uma particularidade desta localidade, já que os estudos de Nelson Werneck atestam que:

A imprensa teve desenvolvimento mais rápido na Corte e nos centros que a atividade política é mais intensa, alcançando desenvolvimento expressivo e característico em Pernambuco, quando da Confederação do Equador e, adiante, quando da rebelião Praieira, e na Bahia e em São Paulo. Mesmo nesta última província, o seu aparecimento foi tardio: o primeiro jornal impresso é o *Farol Paulistano*, fundado por José da Costa Carvalho em sete de fevereiro de 1827.<sup>11</sup>

Nelson W. Sodré revela as datas de publicação do primeiro jornal de algumas províncias do Império:

São Pedro do Rio Grande do Sul só teria conhecido a imprensa em 1827, e por força de necessidades militares; O Ceará em 1824, em Minas em 1823, aparecendo em Niterói em 1829, em Goiás em 1830, só em 1831 em Santa Catarina, só nesse mesmo ano em Alagoas, só em 1832 no Rio Grande do Norte, neste mesmo ano em Sergipe, em 1840 no Espírito Santo; apenas na segunda metade do século em províncias como o Paraná em 1853, ou o Amazonas em 1854.<sup>12</sup>

Quanto à primeira folha capixaba, tratava-se de uma folha política, literária e noticiosa, como ela mesma se declarava. Até treze de janeiro de 1872 teve circulação às quartas e sábados, e posteriormente começou a circular três vezes na semana, incluindo a terça-feira. A extinção ocorreu no ínterim de nove de fevereiro e dezesseis de março de 1873, logo após o alargamento da

<sup>10</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 57.

<sup>11</sup> SODRÉ, Nélon Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 105-106.

<sup>12</sup> SODRÉ, 1999, p.102-103. nota 42.

circulação em mais um dia, motivada pelos desentendimentos no seio do partido conservador. A composição do *Correio* era bem simplória, e o fato de o jornal ser financiado pelo governo fez com que grande parte de suas publicações versassem sobre os atos da administração pública. Ademais, não era permitido publicações de ofensas ao governo e tampouco às autoridades. Ao que tudo indica, não fosse o financiamento público, a tipografia nem teria alçado vôos e conseguido um período tão longo de publicações, visto que a tiragem era pequena e, vez ou outra, o próprio periódico clamava em suas sessões de anúncios que seus assinantes efetuassem o pagamento da folha, afim de que a tipografia conseguisse se *manter em pé*.

O subsídio do governo a este jornal acarretava em uma relativa censura nas matérias veiculadas, já que havia restrições a publicações. Todavia, essa foi uma característica dos periódicos do período, que mesmo não financiados pelo poder público eram partidários políticos, e por isso, o noticiário era representativo das convicções políticas do jornal.

O casamento entre o *Correio da Victoria* e o governo da província foi selado em dez mil réis por tiragem, com contrato de 10 anos. Ainda no ano do seu surgimento (1849), num deslize do jornal foi publicado um artigo crítico sobre os atos da Assembléia Legislativa. Em decorrência do combinado com o governo, a Assembléia requereu que se oficiasse ao presidente da província pedindo a apreensão de toda a tiragem do jornal. No entanto, não foi possível atender ao pedido do governo, tendo em vista que os exemplares já tinham sido enviados a longínquos locais da província. Para retificar o deslize, o proprietário e redator colocou uma nota no jornal qualificando o que aconteceu de fatalidade. O divórcio ocorreu muito antes do combinado, em virtude do descumprimento do governo com a folha noticiosa. É o que relata o dono da tipografia, em nota no jornal:

*Dignissimos Senhores Deputados Provinciais. Diz Pedro Antonio de Azeredo que tendo contratado com o governo provincial o estabelecimento de uma Tipografia nesta província, e uma folha periódica em que se publicassem os atos do governo como por lei desta assembléia o mesmo governo foi autorizado; fixou-se e assinou-se o contrato por dez anos, ficando o suplicante obrigado a receber por cada folha de impressão dez mil réis, na forma do contrato por dez anos, ficando o suplicante obrigado a receber por cada folha de*

*impressão dez mil réis, na forma do contrato junto por cópia. O suplicante tem cumprido exatamente a sua parte o que foi contratado, o governo porém tem deixado de o fazer por não haver marcado na lei do orçamento vigente, quantia suficiente para o devido pagamento, e por isso se está devendo ao suplicante a quantia de 350 \$rs., até o fim do mês de julho findo. Portanto, tendo o suplicante cumprido o seu ajuste com o governo, pede V.V. EX<sup>as</sup> que mandem pagar o suplicante o que se lhe deve, e habilitar o governo com quantia suficiente para os pagamentos futuros. E.R.M. Cidade da Victoria, 5 de Agosto de 1850. Pedro Antonio de Azeredo.<sup>13</sup>*

Já que o governo não estava cumprindo com o repasse da verba, o jornal parou de publicar os atos oficiais. Em vista disso, em três de julho de 1852, o *Correio da Victoria* declarou sua independência numa publicação carregada de ressentimentos. Os *hombros robustos* que outrora indicava o amparo pouco tempo depois desamparava a nascente imprensa:

*Vivemos até agora, a vida do retiro e de separação, nossa pena, que toda se devia declarar à defesa dos princípios que por convicção adotamos, lentamente tratava destas questões de estado: nossas colunas sujeitas quase a uma censura prévia não podiam em si conter todos os pensamentos, que livres ocupavam nossa inteligência: a um pequeno acanhado círculo, a um “férico contrato”, achava se sujeita nossa imprensa, e o espírito quando igualmente sujeito, acanha suas ideias, serviliza suas opiniões, e estereliza sua inteligência... Hoje devemos À Assembléia Provincial um único favor, que talvez sem o querer, e sem pensar o alcance de sua obra, ela nos concedeu; desembaraçou, desatou de nossos braços as cadeias pesadas, que por quase quatro anos, nós carregamos e nos constituiu “Imprensa Livre”. Dissolvendo o contrato assinado, deu – nos ocasião para discorrer livremente, para consignar em nossas colunas melhores pensamentos, para publicar quaisquer escritos, para discutir as questões de interesse da Província, para enfim proporcionar ao povo meios de defesa, e de garantia quando perseguido por alguém que no domínio das posições sociais, entender subjugá-lo e ofendê-lo, entendendo contar com o silêncio da imprensa, que não podia revelar estes arbítrios, estes desregramentos, estes excessos e estas perseguições.<sup>14</sup>*

O discurso carregado de mágoas de Pedro Antonio de Azeredo dava margem até a represálias. As seguintes frases *publicar quaisquer escritos, discutir questões de interesse da província, proporcionar ao povo meios de defesa, a imprensa viveu no silêncio, sem poder revelar os arbítrios, desregramentos e perseguições*. A imprensa desde o seu surgimento foi uma poderosa arma de

<sup>13</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 05 de Agosto de 1850.

<sup>14</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 07 de Agosto de 1850.

persuasão política, sendo capaz de insuflar corações e mentes, sobretudo num período em que a imprensa tinha um forte caráter político. Dessa forma, não era sábio da parte de nenhum dirigente político ter a imprensa como inimiga e, talvez por isso, o governo provincial tenha reatado o contrato pouco tempo depois. A postura autônoma do jornal não deve ter agradado ao governo que além de refazer o contrato também indenizou o proprietário pelo rompimento do compromisso anterior. Sendo assim, em dezoito de setembro de 1852 o jornal voltou a dar publicidade aos atos da secretaria do governo.

Em virtude da documentação disponível não temos como saber se outros exemplares se dedicaram a comunicar o fato da cisão com o governo, já que não temos preservados os exemplares do ano de 1852; também não temos notícia se o retorno do contrato foi contemplado com nota no jornal, numa espécie de resolução da contenda.

Em vinte quatro anos de existência, o *Correio da Victoria* teve três proprietários, sucedendo o já mencionado Azeredo, o capitão José Francisco Pinto Ribeiro e, posteriormente, Jacinto Escobar de Araújo. Como colaboradores estavam os senhores: Rangel Sampaio, Emílio da Silva Coutinho, padre-mestre João Luiz da Fraga Loureiro, Dr. Antonio Joaquim Rodrigues e Dr. José Joaquim Rodrigues, que foi seu redator durante três anos (1852-1854).

A divisão do periódico se dava da seguinte forma: parte oficial, notícias estrangeiras, variedades, publicações a pedidos, literatura, notícias diversas, movimento do porto e anúncios. O noticiário local era bastante resumido, às vezes menor que o noticiário estrangeiro e o referente às notícias da corte ou de outras províncias. Mesmo assim, as suas quatro páginas muito têm a nos dizer sobre o nosso passado escravista capixaba.

## Capítulo 2. Escravos: tranquilidade ou inquietação?

Infelizmente a chegada da imprensa somente em 1849 nos privou do noticiamento de muitos acontecimentos importantes que aconteceram em torno do cativo no Espírito Santo. Contudo, já no primeiro ano de sua existência, suas páginas já contemplavam a revolta de escravos mais conhecida do Espírito Santo, a Insurreição do Queimado.<sup>1</sup> Apesar de ter sido um movimento

---

<sup>1</sup> A iniciativa de um frade de construir uma igreja na região do Queimado serviu de cenário para que se delineasse o maior movimento pela liberdade feito por escravos no Espírito-Santo, ou pelo menos, o mais conhecido, por ter sido mais noticiado. O evento foi tema de estudo monográfico de Afonso Cláudio importante líder do abolicionismo no estado, primeiro governador da República no Espírito Santo e também um homem de letras do estado. A obra de Afonso Cláudio deu maior notabilidade ao movimento, para os historiadores contemporâneos já que foi realizada apenas 35 anos após o acontecimento, portanto utilizou-se de história oral com o depoimento de pessoas que presenciaram o episódio. Além disso, o livro deste autor conta com a publicação de alguns documentos selecionados por ele. O livro deste autor pode ser reconhecido hoje como documento histórico, já que grande parte da documentação sobre o levante se perdeu, inclusive o processo – crime. Ademais o livro pode ser analisado como fruto do pensamento abolicionista da época. A obra apresenta os negros como ingênuos e possui conclusões depreciativas sobre a condução do movimento pelos negros, tal pensamento se insere no pensamento abolicionista da época que possuíam uma visão do negro como vítima incapaz de se opor ao sistema a que estava submetido. Frei Gregório de Maria Bene chegou à província do Espírito-Santo com a incumbência de pregar e realizar missões. Desejoso da construção de um templo em homenagem a São José, supostamente teria o frade contraído com os escravos que o ajudassem na obra o compromisso de libertá-los no dia do padroeiro da freguesia, São José, crentes na liberdade os escravos se empenharam ferozmente na construção do templo, juntamente com a formulação de um plano de ataque. Na noite do dia 18 de março, sob as ordens do chefe expedicionário, reuniram-se cerca de 200 escravos, que foram distribuídos em fazendas próximas, com o objetivo de não levantar suspeita. A recomendação era de se encontrarem no Queimado na hora da missa paroquial, sob a pena de perder a alforria quem não atendesse a recomendação. Chegada a data prevista, todos se encontravam ansiosamente no Queimado na hora da missa, Chico Prego incorporando os chefes das expedições e os seus companheiros avança para a igreja em gritos saudando a liberdade. O sacerdote manda fechar as portas do templo e se prende na sacristia. Elisiário consegue que o frei lhe abra a porta, amedrontado o sacerdote propõem ser o mediador entre os escravos e os senhores. A notícia do ataque voou repentinamente, foi assim que em menos de uma hora o presidente da província Antonio Joaquim de Siqueira tomou as medidas para reprimir a revolta. A vinda da força armada para o Queimado, com sua superioridade em armas e seu ataque inesperado abafou o plano dos escravos. A revolta durou apenas dois dias, os escravos sofreram diversos castigos. Existem muitas lacunas acerca deste movimento, já que o extravio de alguns documentos dificulta sobremaneira o trabalho do historiador, a obra de Afonso Cláudio dá margem há várias interpretações sobre a Insurreição, o fato é que embora não tenha se constituindo num fato excepcional para o período acreditamos que o Levante ocorrido em Queimado é tão lembrado e citado no Espírito Santo por causa dessas dúvidas que ainda pairam a respeito de como se deu o seu encadeamento. Foi uma atitude astuta e inteligente dos escravos? Foi uma verdadeira promessa do frei capuchinho? São perguntas das quais podemos até conjecturar, porém não responde-las, já que não temos documentos suficientes para isso. Sobre A Insurreição do Queimado ver : CLÁUDIO, Afonso. **Insurreição do Queimado**: episódio da província do Espírito Santo. Espírito Santo: fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979 ; ASSIS, Francisco Eugênio. **Levante de Escravos no Distrito de São José do Queimado**. Serra: [s.n.], 1948; CAMPOS, Adriana Pereira. Abolicionistas, negros e escravidão. **Revista Dimensões**, v. 10, p. 31-45. 2000; CARDOSO, Lavinia Coutinho. **Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado**: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 – 1850). 106f. Dissertação (Mestrado em História) –

efêmero, causou um desconforto muito grande por parte das elites agrárias capixabas que temiam que a revolta servisse de exemplo a outros possíveis insurgentes. Para Maria Stella de Novaes, o levante de Queimado abriu os olhos dos senhores para um maior cuidado com seus escravos, uma vez que apesar de não ter sido a primeira manifestação de cativos na província, foi o maior e de consequências mais dolorosas.<sup>2</sup> O movimento nada teve de peculiar em relação a outros levantes de escravos das províncias ao redor, sendo sufocado inclusive bem cedo pelas tropas do governo. Nas páginas do recém criado *Correio da Victoria*, a insurreição era noticiada com alívio e indignação:

*A providencia, que sempre nos tem protegido acaba de livrar-nos do maior dos males, que nos podia opprimir: a insurreição no Queimado, não era um facto isolado, os boatos que ora se crusão e multiplicão com toda apparencia de probabilidade, patenteão que havia um plano extenso e (palavra ilegível), mas Deos castigando seus autores tirou-lhes o juízo! A audácia de alguns escravos, tanto da cidade, como das roças; a maneira insolente porque se portavão; os insultos que prodigalizavão á homens livres; a tentativa de arrombamento no deposito das armas e munições; tudo denuncia a existencia de um plano horroroso: pois bem, estamos livres, graças á Providencia e ás energicas e bem acertadas providencias dadas pelo actual presidente o Exm. Sr. desembargador Antonio Joaquim de Siqueira.<sup>3</sup>*

Neste episódio verificamos um espaço de negociação sendo burlado, os escravos envolvidos por inúmeras motivações e circunstâncias individuais optaram por levar adiante um plano de libertação. De acordo com a ordem escravista a liberdade era uma concessão senhorial, que era obtida por meio de uma espécie de avaliação senhorial de merecimento.

O noticiamento sobre o ocorrido em Queimado foi estampado exaustivamente nas páginas do *Correio da Victoria*. O temor decorrente da iniciativa dos escravos, fez com que o deputado José Cesário Varellas de França não pudesse comparecer nas sessões da assembléia por alguns dias, ou ele enxergou no levante uma boa desculpa para justificar sua ausência. Segundo carta publicada no jornal, esse homem público relatou que devido ao estado crítico originado pela Insurreição do Queimado, ele se ausentaria dos trabalhos

---

Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

<sup>2</sup> NOVAES, Maria Stella. **A Escravidão e a Abolição no Espírito: História e Folclore**. Vitória: Departamento de imprensa oficial, 1963, p. 77 e 81.

<sup>3</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 28 de Março de 1849.

da Assembleia, a fim de permanecer ao lado de sua família e de seus escravos.<sup>4</sup> Em dois de maio quem comentou o fato foi o ministro de negócios da justiça, Eusébio Queirós Coutinho Mattoso da Camara, parabenizando o presidente da província pela contenção do ocorrido.<sup>5</sup> O periódico não poupou agradecimentos aos que contribuíram para o sufocamento do levante, sendo assim, em onze de abril de 1849, foi a vez de agradecer aos cidadãos envolvidos no restabelecimento da paz:

*... Nos primeiros momentos quando eram incertas as noticias da Insurreição do Queimado ommitimos os nomes de alguns cidadãos, que se prestarão, e poderosamente concorrerão para o prompto restabelicimento da paz publica alli compromettida. Tal forao o dos Srs. Capitão José Monteiro Rodrigues Velho, e Ernesto Emiliano de Mendonça. Bom é que o público saiba, e decore os nomes dos que mais se interessarão na defesa de sua honra, vida e fazenda, também muito e muito devemos à coragem que apresentou o Sr. Capitão Luis Vicente Loureiro, pondo-se a frente de seus escravos, não desamparando sua fazenda, expondo mesmo sua vida! Este exemplo de intrepidez e dedicação, concorreu muito para disconcertar os planos dos insurgentes:conhecerão desde logo, que tínhamos fazendeiros corajosos, que não temiam os alaridos de miseraveis pretos, e que ainda existião escravos obedientes, e que conhessem que só podem ser livres pela vontade, e consentimentos de seus Srs. A paz enfim, está restabelecida, e com quanto devemos esta alerta,e sempre vigilantes, com tudo não devemos deixar apparecer o menor signal de fraqueza; seria desmentir a conducta de nossos maiores, que encherão a historia do Brazil de mil exemplos de valor e coragem. Quando falto de recursos, destruimos os indígenas em diversos combates, batemos os holandeses, soldados aguerridos e valentes, como hoje temer meia dúzia de escravos desmoralizados, cujo triumpho de liberdade, durou menos de vinte quatro horas?<sup>6</sup>*

Defensor de ideias conservadoras e parceiros do governo provincial, o sentimento registrado nas páginas do periódico não poderia ser outro senão a gratidão por ter livrado a província de tamanho perigo, já que, como afirma Queiroz, as insurreições foram uma das manifestações mais temidas pelo regime escravista, pois representavam um protesto mais clamoroso e difícil de esconder e, por isso mesmo, particularmente perigoso, pois além de causar pânico na sociedade, ainda existia o perigo da massa escravizada mirar-se

<sup>4</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 18 de Abril de 1849.

<sup>5</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 02 de Maio de 1849.

<sup>6</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 11 de Abril de 1849.

nesses exemplos.<sup>7</sup> Para Vera Malaguti o medo branco das insurreições escravas foi mais sólido que a própria perspectiva escrava da insurreição,<sup>8</sup> uma vez que representavam de certa forma um descontrole do senhor frente a situação. Contudo, o Espírito Santo do dezenove não foi palco de muitas revoltas escravas, temos conhecimento apenas do movimento que ficou conhecido como Insurreição do Queimado e também uma possível tentativa de sublevação em São Mateus que foi supostamente programada para o dia de 27 de julho de 1884 em ocasião de comemorações religiosas a Sant'Anna na região de São Mateus. Acompanhemos o ocorrido com a descrição longa e minuciosa do então presidente de província José Camilo Ferreira de Rebelo.

*Havendo o Dr. Chefe de polícia em ofícios de 12 e 14 do corrente mês trazido ao meu conhecimento que as autoridades policiais da comarca de São Mateus tinham sérios e graves receios de ser ali perturbada a ordem e tranquilidade publica por ocasião das festividades que terão lugar a 27 de julho do corrente ano por circularem fundados boatos de que escravos d'aquella localidade e da Província da Bahia arranchados nas matas da fazenda de José Rodrigues de Oliveira Guedes, em número de 20 a 30, armados e capitaneados pelo evadido reo Benedicto projetaram fazer uma insurreição conforme constava nos ofícios das referidas autoridades: ordenei que para alli seguisse uma força de linha de 24 praças, inferior e corneta, municidados e sob o commando de um official. Chegando ali, procedendo as diligencias convenientes, conseguindo capturar seis calhambolas, um criminoso pronunciado em tentativa de morte, e 8 acoitadores e aliciadores de escravos, dos quais alguns eram suspeitos de outros crimes mais graves, não se tendo conseguido capturar o criminoso de morte Benedicto e outros escravos que faziam parte do quilombo. A festividade ocorreu sem que houvesse perturbação da ordem publica. Em virtude desse acontecimento foi ordenado que o destacamento se recolhesse a capital. Quando, porém o destacamento de linha já se achava a bordo do vapor que para aqui o deveria transportar, transmitiu –me o Dr. Chefe de Polícia nas reclamações que pelo thelegrafo lhe fizera o juiz municipal da Villa da Barra, pedindo o desembarque da força e na presença naquella Villa a fim de bater e perseguir os restos do quilombo, cujos escravos continuados capitaneados pelo facínora Benedicto haviam reaparecido em fazendas e outras localidades do respectivo município, fazendo latrocínios e praticando barbaridades. E porque considerei conveniente atender a taes reclamações, mandei que o destacamento desembarcasse e permanecesse alli as ordens do mesmo juiz. Receios idênticos também apareceram nas comarcas de Itapemirim e da Serra, cujo juiz de direito Antonio Wanderley Navarro P. Lins, comunicou na noite do seis corrente. Sem demora fiz para alli seguir um destacamento da força policial, com ordem de marchar toda a noite, afim de chegar alli, como chegou, na manhã do dia seguinte, era suspeitado o rompimento da insurreição de escravos daquela localidade. Para Itapemirim não houve oportunidade de mudar força armada, que alli chegasse em tempo de ser empregada,*

<sup>7</sup> QUEIROZ, Suely R. Reis de. **Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987, p. 44.

<sup>8</sup> MALAGUTI, Vera Batista. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p. 36.



*caso se (redissassem) no mesmo dia sete, os boatos espalhados. O Dr. Chefe da polícia telegraphou ao respectivo delegado, recomendando-lhe que procurasse o auxílio de paizanos, e até da guarda nacional, se fosse preciso, para reprimir os insurgentes e manter a ordem publica, na conformidade de que, em conferência comigo, havia deliberado. Estas e outras providencias, talvez, fizeram abortar os planos desordeiros que diziam existir numa outra comarca.<sup>9</sup>*

As autoridades políticas em seus relatórios afirmavam que a província vivia na mais perfeita tranquilidade. Assim, não encontramos no *Correio da Victoria*, por exemplo, nenhuma notícia que versasse sobre alguma atitude de contestação dos escravos. Então, enquanto o noticiário expunha a província dentro da sua mais perfeita ordem com levantes ou sublevações mal sucedidos, fadados ao fracasso, por outro lado os anúncios de escravos fugidos desmentiam a inviolabilidade dessa ordem, mostrando que os senhores nem tudo podiam, já que suas propriedades humanas se mostraram muitas vezes bastante escorregadia, uns considerados tão fiéis ao ponto de deixar o senhor estupefato com sua partida, ou melhor, fuga, o espanto era tanto que alguns senhores nem acreditavam, ou se recusavam a acreditar e apostavam na sedução como causa para o sumiço do escravo. Outros já se portavam tão rebeldes que seus senhores já estavam até acostumados com a escapadela.

Ao mesmo tempo que havia um esforço para ressaltar a tranquilidade, ressalvas eram feitas para destacar as possíveis catástrofes que poderiam ocorrer, caso não houvesse um esforço para suprimir os quilombos ou qualquer ajuntamento de negros fugidos. Ao que parece, a fuga representava um temor para a sociedade do século XIX, sobretudo se ao fugir esses negros se ajuntassem. Esse problema é comunicado em vários relatórios dos presidentes da província, a exemplo do relato sobre tranquilidade pública de 1849, do presidente Antonio Joaquim da Siqueira.

*Continuamos senhores a gosar de profunda e inalteravel paz. Deve nos tanto bem a índole pacífica e dócil dos habitantes desta província. (...)Um mal contudo, existe entre nós que cumpre extinguir quanto antes mal que sem dúvida alguma comprometerá para o futuro a tranqüillidade da província, nossa existencia, fortuna e bens. Fallo, senhores dos quilombos. A assembléia legislativa provincial sempre solicita pelo bem estar d'esta província creou por sua lei de quatro de maio do anno próximo transacto uma guerrilha composta de*

---

<sup>9</sup> APEES – Relatório do presidente de província. 1884.

*um commandante e vinte praças engajadas voluntariamente, destinada a prender criminosos, e mui principalmente a destruir os quilombos que formigão na província e tanto concorrem para o definhamento da agricultura.<sup>10</sup>*

O objetivo dos relatórios dos presidentes de província era informar sobre o desenvolvimento de seus respectivos governos. Nesse sentido nenhum governante desqualificaria seus feitos administrativos e a ocorrência de algum problema certamente não seria incapacidade de governar, mas sim problemas pontuais longe do alcance desses administradores, a evasão cativa eram um deles, e o que os impedia de dar uma resolução para isso seria, como diversas vezes elencaram nos relatórios, o acoitamento e a falta de um corpo de homens que pudessem garantir a segurança pública de forma preventiva, de modo que as evasões nem ocorressem. É disso, que nos fala o Barão de Itapemirim no relatório do ano de 1857 e na qualidade de primeiro vice-presidente da província.

*Chegando ao meu conhecimento que muitos escravos andavam acoutados nas matas com desertores e criminosos que fogem às mãos da justiça, preparei uma guerrilha para bater seos quilombos. Posto que este fato não apresente por agora gravidade alguma pode no futuro ser mui fatal a segurança individual e da propriedade a não ser tomarem medidas preventivas.<sup>11</sup>*

A intranquilidade pública advinda com a evasão dos cativos não se restringia às rupturas que causava à ordem e ao temor de rebeliões; mais do que contestar a autoridade senhorial (mesmo quando não era esse o objetivo), a fuga de um escravo equivalia a perdas econômicas, e o temor era agigantado se as fugas ocorressem num momento de prosperidade na agricultura, ou pelo menos, em uma expectativa em torno disso.

Assim, se em março de 1849 quem dava o colorido ao preto e branco *Correio da Victoria* era a notícia da atitude do presidente Antonio Joaquim Siqueira em ter conseguido livrar a província do maior dos males e opressão, a Insurreição do Queimado, em junho do mesmo ano os louvores eram dados a guerrilha<sup>12</sup> que conseguiu recolher para a cadeia da cidade onze *fujões*.

<sup>10</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1849.

<sup>11</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1857.

<sup>12</sup> De acordo com Josette Baptista as guerrilhas foram criadas na tentativa de suprir as lacunas deixadas pela força pública na Província – ausência ou escassez da polícia, diminutas forças de primeira linha e lentidão da organização e consequências negativas do uso indevido da

A carência econômica impedia a guerrilha de realizar seu trabalho com eficiência, sendo que muitos presidentes mencionaram essa questão em seus relatórios, a exemplo de José Bonifácio Nascentes D’Azambuja em 1852. No ano seguinte foi a vez de Evaristo Ladislau e Silva se queixar tanto da falta de homens quanto de fundos para combater os muitos e povoados quilombos, e acaba por desqualificar a atuação da guerrilha, já que esta não conseguia realizar o trabalho que deu origem a sua criação:

*Mediante o regulamento que deixou meu antecessor para este contingente da força policial, e a nomeação que elle havia feito do commandante d'elle nesta comarca, pó-la em movimento, porém hoje não tem correspondido ao fim de sua criação, e ao que de principio ia produzindo de bom resultado, pelo que apenas oito quilombolas tem sido apreendidos, quando, segundo o que geralmente consta, muitos são os escravos acoitados por essas matas da província atribuo isto a não ter o commandante aquella penetração essencial aos encarregados de tal polícia, posto que, possuia outras qualidades para que o recomendam para o semelhante trabalho. Com o fim de remediar este inconveniente ja me entendi com o chefe de polícia. A redução de guerrilheiros poderá ser oito com o commandante, devendo todos residir nesta cidade para sahirem della com ordem e se acharem promptos a primeira determinação, sendo o vencimento de cada um inclusive o commandante marcado por diárias a que não tenham o direito quando seguirem para as apreensões, e sim ao pagamento dos senhores dos aquilombados, o qual deverá ser maior do que o que se acha determinado na lei de nº 8 de quatro de maio de 1848, pois somente por este modo se empregarão nas diligências com mais afinco, e não andarão sem realizar apreensão alguma, muitos convencidos de que... A guerrilha entendo que deve ser considerada com os encargos dos antigos capitães do mato, e só por acidente é que deve prender criminosos e desertores.<sup>13</sup>*

Pela reticência no relato do presidente, a falta de uma boa remuneração acabou por ocasionar em pouca vontade dos guerrilheiros em realizar seu trabalho. Por isso, no relatório de 1855, Sebastião Machado Nunes sugere que o trabalho da guerrilha seria melhor desempenhado caso fosse realizado por uma força policial permanente e regular.

---

Guarda Nacional – por força da lei provincial n<sup>o</sup>08 de 29 de julho de 1845 foi criada uma companhia de guerrilha com o fim de ser empregada em diligências, captura de escravos e criminosos. As argumentações usadas pela presidência sobre as guerrilhas, estavam sempre associadas à questão escrava, o que aponta para a verdade de que o seu fim era essencialmente a captura de escravos fugidos. BAPTISTA, Josette. **Consolidação e cotidiano de uma instituição do Império: A polícia militar do Espírito Santo (1835-1889)**. 125f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p.67.

<sup>13</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1853.

Negros aglomerados, perigo dobrado! Notícias anônimas publicadas com pseudônimos recheiam as páginas dos periódicos reivindicando segurança pública, e conseqüentemente criticando o trabalho das forças policiais. Assim, numa publicação a pedido *Correio da Victoria* era relatado:

*Aos guardas policiaes, que são quotidianamente postos na Fonte Grande, para velar na segurança, e socego publico, pedimos que sejam mais vigilantes, e cuidadosos, não consentindo jamais, que os pretos, e moleques, que ali vão buscar água, se demorem em palestras, e outros factos, em escândalo da moral publica, e em detrimento do serviço de seus senhores. O policial é para vigiar, e não para fazer guarda commum com o soldo, e com a relaxação...Um visinho*<sup>14</sup>

A guerrilha não conseguia conter as fugas e impedir a formação de quilombos, as cadeias não conseguiam manter os escravos presos; os senhores tampouco. Mas, e a província, como vivia? Esta continuava na mais perfeita tranquilidade... De acordo com o que informavam seus administradores, porém parecia que era uma tranquilidade assustadora, como podemos observar em alguns relatórios e noticiário. Os presidentes citam alguns acontecimentos contra a segurança individual, que lhes parece lhes tirar o sono:

*Em cinco de maio no termo da Serra foi barbaramente cutilado no pescoço um escravo de Antonio da Silva Borges.(...) Em três de junho, na fazenda de Antônio Lopes de Faria, no Rio Pardo foi encontrada enforcada no porto da mesma fazenda a escrava Margarida, em estado já adiantado de putrefação. (...) No dia três de fevereiro do referido anno foi encontrado em frente ao caes da Imperatriz n'esta cidade á tona d'agua o cadáver de José, escravo de D. Ana da Fraga Ribeiro.*<sup>15</sup>

*Tendo nos primeiros dias de janeiro um escravo de nome João Pinto dos Santos praticado o crime de estupro n'uma criancinha, e fugindo a uma escolta que o fora prender, conseguindo ocultar, não pode mais ser encontrado, dias depois apareceu o seu cadáver boiando no Lamerão, próximo a esta capital.*<sup>16</sup>

*Em vinte e seis do mês passado deu-se um homicídio em Itabapoana. Maria Franscisco do Espírito Santo e Maria Luiza do Sacramento mandarão amarrar uma escrava e a maltratarão com pancadas a fogo de modo que a victima teve de succumbir.*<sup>17</sup>

<sup>14</sup> APEES – *Correio da Victoria* – 25 de Março de 1854.

<sup>15</sup> APEES – **Relatório do presidente de província.** 1882.

<sup>16</sup> APEES – **Relatório do presidente de província.** 1864.

<sup>17</sup> APEES – **Relatório do presidente de província.** 1857.

*D'uma carta de um nosso correspondente copiamos o seguinte. No dia 15 do corrente foi barbaramente assassinado com um tiro disparado na cabeça, na villa de Benevente, um infeliz moço portuguez, de 15 á 16 annos, de nome Francisco, por um preto liberto que, depois da perpetração de seu nefando crime, foi homisiar-se nos setões daquella villa, roubando-se d'estarte á ação da lei e da justiça , e á punição de sua atrocidade.<sup>18</sup>*

Apesar do quadro de violência estampado pelo noticiário, quando analisamos esses dados, percebemos que esses fatos ocorreram de forma esporádica, ou seja, a tranquilidade relatada nos relatórios dos presidentes de província não era uma inverdade. As perturbações ocorriam vez ou outra, com pouquíssima frequência. Contudo, um dado nos chama atenção, os relatórios enfatizaram a tranquilidade, mas também insistiram numa possível sublevação escrava ou na formação de quilombos, e conseqüentemente na falta de sossego da província, pois segundo os relatórios dos presidentes não havia um estrutura policial e judicial para conter as possíveis transgressões da lei. Estranhando esse paradoxo da fala dos dirigentes do Espírito Santo no século XIX, a historiadora Adriana Campos faz o seguinte questionamento:

Tendo sob mira essas informações fornecidas pelas autoridades designadas para dirigir a Província por um tempo quase sempre muito curto, as quais, às vezes, permaneciam no cargo apenas por alguns meses, restaria indagar se existiram motivos concretos para a preocupação das autoridades com a estruturação de uma força policial e de Justiça.<sup>19</sup>

Assim sendo, reavaliando o discurso e o contexto no qual os dirigentes políticos estavam inseridos, a historiadora explica que:

Parece ter existido, é verdade, uma certa demanda por ordem na sociedade capixaba, concentrada na exigência de um controle mais efetivo das populações de baixa renda, em geral, e dos escravos, em particular. As autoridades referiam-se sempre a esses eventos para reivindicar um melhor aparelhamento da força policial disponível (...). O esforço constante das autoridades pela estruturação da Polícia e da Justiça na Província do Espírito Santo não se justificava, portanto, pelo combate aos movimentos insidiosos, como os ocorridos em outras províncias do Império, nem por um crescente aumento da “criminalidade escrava”. Outras tantas

<sup>18</sup> APEES – *Correio da Victoria* – (data ilegível) 1850.

<sup>19</sup> CAMPOS, Adriana Pereira. **Nas barras dos tribunais:** direito e escravidão no Espírito Santo do século XIX. 277 f. Tese (Doutorado em História)- Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, p.156.

rebeldias mais perigosas de combater, como as fugas de escravos e os quilombos, não ocupavam o centro das preocupações das localidades da província. Essas formas de resistência não trouxeram conturbações maiores, apesar da insistência das autoridades em alertar para tal “ameaça”. Na verdade, a força policial local ocupava-se majoritariamente de bêbados e desordeiros. E, de acordo com as fontes, os escravos eram a menor parcela desses presos.<sup>20</sup>

Nesse sentido, fica mais fácil entender os motivos pelos quais a Insurreição do Queimado é tão revisitada pelos jornais locais, (possuindo notícias por muitos anos após o acontecido) na ausência de outros movimentos insidiosos por parte dos escravos, o episódio ocorrido em Queimado é o escolhido para enfatizar a ameaça escrava no Espírito Santo e ressaltar a necessidade de estruturação da polícia e da justiça nesta localidade. Todavia, a falsa propaganda de rebeldia latente não desejava desqualificar a administração pública.

Como já mencionamos, o jornal aclamava o feito dos implantadores da ordem. Assim, nessas páginas encontramos as atitudes dos cativos sendo consideradas como atos de rebeldia, em contraposição a competência e coragem das forças governamentais. Ademais, a imprensa desse período não se pretendia e nem se declarava imparcial, pois o jornal no século XIX constituía-se num instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, fato que nos permite analisar o jornal em duas perspectivas, já que podemos perceber tanto o ponto de vista do grupo superior quanto o ponto de vista das grupos *subalternos*. Ao mesmo tempo que a notícia revela a apreensão e conseqüentemente o insucesso das fugas ou das rebeliões, e a ação das autoridades do governo, ela também comunica as experiências cativas (mesmo de forma indireta), de atitudes nada subservientes, como as fugas, por exemplo, as quais eram de motivações variadas, mas que tinham como fim último um objetivo, uma avaliação por parte do escravo de condições melhores de vida.

Nas páginas dos jornais os assuntos referentes à escravidão não foram limitados às questões locais da província, sendo assim, as discussões que envolviam a escravidão em outras regiões do Brasil também tinham seu lugar

---

<sup>20</sup> CAMPOS, 2003, p. 159 - 171.

no noticiário. A discussão sobre o fim do tráfico foi uma delas. Afinal, ela perturbou o Império, pois além da consequente dificuldade em obtenção da mão-de-obra, outras questões também surgiam advindas das pressões inglesas, como evidencia Ilmar Mattos:

A política britânica passou a ser encarada como uma ameaça a soberania, mesmo para aqueles contrários a escravidão. O empenho por tornar legítima a separação – soberania nacional ou tráfico negreiro se desdobrava no empenho de atribuir ao governo imperial a decisão de encerrar o tráfico, evitando apresentá-la como uma decisão derivada da pressão inglesa.<sup>21</sup>

No que tange a soberania nacional, Vilma Almada percebeu que a pressão inglesa contra o tráfico se intensificou a partir de 1845 com a aplicação do *Bill Aberdeen*. A apreensão dos navios brasileiros - até mesmo nos portos do império - pelos ingleses deixou o Brasil numa situação humilhante. Sendo que, muitas dessas apreensões foram feitas nos portos da província do Espírito Santo.<sup>22</sup> A ameaça feita à soberania foi trabalhada pelo noticiário capixaba em oito e doze de dezembro de 1849, por meio de uma matéria copiada do *Jornal do Comércio*. A mensagem, embora cautelosa, demonstrava insatisfação frente à atitude britânica:

*Uma comissão especial da camara dos comuns, no volumoso relatório que apresentou no fim da sessão deste anno, decidiu-se pela supressão da esquadra que o governo britânico emprega na costa d'africa para reprimir o tráfico da escravatura. Na França desenvolveu-se a mesma opinião. A presse de 25 de agosto mostrou, citando a auctoridade dos officiais de marinha mais competentes que o systema de cruzeiros na costa occidental da África não tinha servido senão para dar maior intensidade no tráfico de escravos e tornar mais hábeis os negreiros; e que em summa gastavao-se muitos milhões a cada anno, agravando o mal que se pretendia remmediar. O sacrificio inútil de ousados marinheiros, seria motivos sufficientes para abandonar o actual sistema. Porem este ainda tem outros inconvenientes não menos graves. Tem privado a Inglaterra e nós mesmos de um dos mais importantes mercados do novo mundo. (...) Não se julgue que o Brasil manifestara em tempo algum a intenção de proteger ou mesmo de tolerar o trafico da escravatura. Seria completo erro. O Brasil tem hoje uma população de pretos africanos tão considerável que dispensara o commercio da escravatura. Esta população tem proporções para se desenvolver-se pela*

<sup>21</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do estado imperial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Access, 1994, p. 210 - 212.

<sup>22</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição: o Espírito Santo (1850-1888)**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 171.

*reprodução regular; e se ainda continua o tráfico por conta do Brasil é pela natural cobiça do fructo vedado. A que a diplomacia pelos seus erros fez crescer o estímulo de pundonor nacional profundamente mortificado. Os brasileiros porfião querendo provar que a violência contra eles empregados não lhes incutem sustos e que não são efficazes para o fim com que praticão. Desgraçadamente a experiência mostra que de sobejo o tem provado. O Brasil não se oppõe a que se apremem no mar alto e sejão condemnados navios seus onde se encontrarem negros arrancados das costas africanas. Mas não quer que a pretexto de reprimir a escravatura nação alguma arrogue a si o direito de dar busca pelas menores suspeitas a quaisquer navios que (parte ilegível) Quer que o mar seja livre: que o direito de visita se restrinja a casos puramente excepcionais; que a dignidade das bandeiras nacionaes e a segurança das operações do commercio não fiquem sujeitas a superintendência ciumenta de uma ou duas grandes potencias. O Brasil cumpriu o estabelecido no art. 5º da convenção entre Inglaterra e Portugal, enquanto a Inglaterra não ultrapassou os termos da convenção. E com especialidade em 11 de setembro de 1843, Lord Aberdeen instruiu os juizes ingleses em Serra- Leoa a condenarem os navios brasileiros que suppozesses destinados ao tráfico. Aqui se deixava a arbitrariedade carta branca.o gabinete inglêz, absteve-se de communicar estas novas instruções ao gabinete do Rio de Janeiro. Ao ministro do Brasil em Londres só constou o fato pela correspondência do commissário em Serra Leoa.<sup>23</sup>*

Devido à extensão do assunto, a matéria teve continuidade no dia doze, do mesmo mês e ano:

*Lord Aberdeen, justificou suas instrucções clandestinas, pelas circunstancias de ter o governo brasileiro dado ordens análogas em, 1839 aos seus commisarios do Rio de Janeiro n'uma questão relativa aos navios Maria Carlota e Recuperador apresado pelo cruzador inglez Grecian. Ora esta alegação so provava uma couza: que Lord Aberdeen não sabia deste acontecimento.porém, nem com isso descontinuou sua obra de violência.(...) Apresentou ao parlamento um Bill, em virtude do qual súditos brasileiros, as propriedades brasileiras podiam ficar sujeitas ao tribunal do almirante inglez. Era uma monstruosidade em face dos direitos da gente.o parlamento adotou o Bill, desde então dilatou-se o campo da luta.(...) Toda nação brasileira se considerou insultada; e as represáleas commerciais contra a Inglaterra obtiverão universal applausos.<sup>24</sup>*

O assunto é revisitado pelo *Correio da Victoria* por diversas vezes, inclusive retirando o noticiário de jornais de outras localidades. Assim, em 1856 a Inglaterra continua a ser temática na folha capixaba. Certamente, a reprodução

<sup>23</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 08 de Dezembro de 1849.

<sup>24</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 12 de Dezembro de 1849.



se justificava pelo incomodo sentido mediante o impasse entre Brasil e Inglaterra. O tom dos relatos é de ironia e indignação. Na matéria intitulada: *Novos ultrages da Inglaterra*<sup>25</sup> encontramos frases como: *Não é mais o tribunal do almirantado que julga subditos e navios brasileiros suspeitos do tráfico, são os chavecos ingleses e corsários, autorizados a singrarem nas costas do Brasil. Oh! Que humilhação!; qual nação, por maior que fosse a consciência de sua fraquesa, tragaría em silêncio provocações tão flagrantes dos direitos das gentes?, ah! insolentes bretões, assim insultais uma nação amiga? Queireis deveras, reduzir-nos a uma colônia britânica, dissei-nos francamente.*

Embora o *Correio da Victoria* não nos tenha contemplado com a opinião dos capixabas frente à *Lei Eusébio de Queiroz* é sabido que ela não foi recebida com festa pelos capixabas. Consoante a historiadora Vilma Almada:

O dinamismo da cultura cafeeira no Espírito Santo e sua consequente capacidade de atrair mão de obra escrava demonstrou o quanto a província apresentou grande capacidade de resistência ao cumprimento da lei pelo fim do tráfico através do contrabando que foi realizado pelo menos até 1856.<sup>26</sup>

Infelizmente nos relatórios dos presidentes de província não tivemos oportunidade de acompanhar se houve alguma menção a lei do fim do tráfico, já que o relatório de 1851, referente ao ano anterior, não se encontra disponível. O que temos nos relatórios são descrições que buscavam afirmar que a *Lei Eusébio de Queiroz* estava sendo cumprida; porém, em relação à opinião dos políticos sobre essa lei, não temos menção. No periódico a preocupação era a mesma dos relatórios provinciais, ou seja, enfatizar o cumprimento da lei. Assim, em 17 de novembro de 1849 foi publicada uma matéria que buscava inocentar; o então presidente da província de uma acusação de proteger o tráfico ilegal de escravos. Segundo a notícia, *O philantropo* de 12 de outubro de 1849, acusava injustamente Filipe José Ferreira Leal, presidente desta província de proteger o tráfico de africanos, nacionalizando o brigue-barca entrado neste porto, supostamente com o nome de Isabel Fernades e que mesmo desconfiando da legalidade da

<sup>25</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 23 de Fevereiro de 1856.

<sup>26</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição**: o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 54.

documentação apresentada pela embarcação permitiu que esta seguisse para a corte sem apresentar passaporte. Porém, o jornal relata que o presidente não conferiu a nacionalização daquela embarcação por desconfiar da legalidade de seus documentos, inclusive notificando o fato ao ministro da fazenda, que respondeu positivamente à atitude do presidente. Diante do esclarecimento deste fato, o jornal sugeriu que o *philantropo* se retratasse pela difamação feita ao presidente Filipe sem comprovação.<sup>27</sup>

Por outro lado, não temos relatos nos jornais da opinião dos homens públicos do Espírito Santo sob a respectiva lei; resta-nos o silêncio dos *notáveis*, já que os subalternos demonstraram que estavam informados da lei, como nos informa o texto de Cléber Maciel:

Em 1855, novamente a região de São Mateus foi agitada pelas manifestações de escravos que, usando o argumento de que já existia uma lei que proibia o tráfico, queriam o fim da escravidão imediatamente.<sup>28</sup>

E quem nos garante que o mesmo argumento não povoava a imaginação dos insurgentes de Queimado? O movimento ocorreu em 17 de março de 1849, e certamente, os burburinhos da lei já existiam entre a escravaria, já que a proibição do tráfico era uma discussão bem antiga. Inclusive uma lei anterior, em 1831, já continha as prerrogativas da lei de 1850. Concorre ainda, para essa assertiva o relato de Vilma Almada informando que a Lei de 1831 levou a uma ameaça de levante de mais de noventa escravos em Itapemirim.<sup>29</sup>

De acordo com Afonso Cláudio, o método que Elisiário utilizou pra conseguir adeptos consistia em fazer crer que a rainha ou D. Maria Cristina queria libertá-los por intercessão de Frei Gregório. Acreditando na falibilidade do primeiro plano havia outro que objetivava intimar os senhores a assinarem um papel declarando livres seus escravos. Elisiário dizia aos seus companheiros que a rainha, reconhecendo os benefícios que os escravos fizeram pela religião,

---

<sup>27</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 17 de Novembro de 1849.

<sup>28</sup> MACIEL, Cleber da Silva. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura UFES, 1994, p.52.

<sup>29</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição**: o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 167.

prometera ao frei a graça de redimi-los no dia de São José<sup>30</sup>. Obviamente, não podemos afirmar que a lei de 1850 possui uma ligação com o levante. Uma vez que, trata-se apenas de uma conjectura, uma das várias que nos vem à mente quando pensamos neste inesquecível episódio do cativo no Espírito Santo. Além disso, o estudo monográfico de Afonso Cláudio deve ser observado com cautela, pois como afirmou Adriana Campos, a perspectiva do autor possui limites, porque ele estava parcialmente determinado por sua época e seu meio, e de certa forma imbuído de uma certa imagem do passado como a verdadeira. Afonso Cláudio foi abolicionista, combateu a escravidão e ao mesmo tempo difundiu o preconceito racial de sua época.<sup>31</sup> O pensamento político de Afonso Cláudio estava ligado a sua formação em Direito e aos intelectuais que ele tinha como referência, dentre eles Tobias Barreto e Silvio Romero, defensores dos ideais abolicionistas, liberais e republicanos.

Teria Elisiário forjado uma suposta promessa do frei a fim de conseguir adeptos para o seu plano? As promessas do frei poderiam ter culminado com interpretações erradas dos líderes da Insurreição somado as fofocas sobre libertação que existia na época? Ou teria o frei tentado engabelar os futuros insurgentes? Os escravos trabalharam na construção da Igreja em seus momentos de folga, pode ser também que movidos por experiências anteriores de verem cativos que realizavam serviços extras ou fora de suas funções terem sido premiados com a liberdade, pudesse ter recheado a imaginação dos insurgentes de expectativas parecidas. Mas o que nos interessa disso tudo é que a situação de inferioridade na escala social não impossibilitou os cativos de estarem envolvidos em vários e diferentes espaços da imprensa e tampouco isolados das discussões políticas da época. Assim que, em maio de 1865 o presidente José Joaquim do Carmo relatava que alguns escravos da província planejavam uma insurreição, pois acreditavam estarem emancipados por uma força internacional:

*(...) É certo que chegou oficialmente a meus ouvidos a notícia de quem em alguns pontos da província se receava uma insurreição de escravos ocasionada pelo boato, que entre elles*

---

<sup>30</sup> CLÁUDIO, Afonso. **Insurreição do Queimado**: episódio da província do Espírito Santo. Espírito Santo: fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979.

<sup>31</sup> CAMPOS, Adriana. Abolicionistas, negros e escravidão. **Revista Dimensões**. v. 10, 2000, p.43.

*circulava, de que a emergência internacional, trazia em resultado a sua emancipação(...).*<sup>32</sup>

A constatação de Mariana Pícoli nos oferece uma provável explicação para o silêncio do *Correio da Victória* sobre a lei de proibição do tráfico, mesmo que ela se refira a um período posterior ao que estamos mencionando, acreditamos que sirva para a década de 1850, talvez não mencionada pela historiadora porque esta data não se enquadra dentro do seu recorte cronológico. Segundo esta autora:

Durante a década de 60 sustentou o discurso antiliberal, contudo sem se posicionar diante das questões emancipacionistas e antiescravistas. Mesmo nos anos de 1868 e 1869, não é possível vislumbrar em suas páginas opiniões relativas a tais proposições. A atitude tomada pelos conservadores do *Correio da Victoria* pode ser considerada recíproca a que era mantida no parlamento nacional. O gabinete conservador havia deixado de lado o projeto reformista idealizado pelos conselheiros liberais e se calado quanto ao possível desenrolar dessas propostas pelo parlamento.<sup>33</sup>

O surgimento da imprensa espírito-santense tardou, mas depois do caminho aberto pelo *Correio da Victoria*, ocorreu uma proliferação de tipografias na província. Do ano de 1849 até o fim do Império foram criados 78 periódicos, dentre eles o *Jornal da Victoria*, *O Espírito Santense* e *O Constitucional*, que constituem juntamente com o *Correio da Victoria* os periódicos utilizados como fontes em nossa dissertação. O *Jornal da Vitória* foi publicado em dois de abril de 1864, defendia as ideias liberais, teve como redatores os engenheiros Manoel Feliciano Moniz Freire redator chefe e proprietário e Leopoldo Augusto Deocleciano de Mello e Cunha, o bacharel José Correia de Jesus e o gerente, Delecarliense Drumond de Alencar Araripe. Devido à falta de assinaturas em número suficiente para cobrir as despesas, suspendeu a publicação com o último número em 29 de dezembro de 1869.

Em recente pesquisa com jornais capixabas, Mariana Pícoli salientou que os redatores do *Jornal da Victoria* eram membros da elite política da capital do

<sup>32</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1865.

<sup>33</sup> PÍCOLI, Mariana de Almeida. **Idéias de liberdade na cena política capixaba: o movimento abolicionista em Vitória (1869/1888)**. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p. 63.

Espírito Santo, membros de famílias de bastante prestígio na cidade devido as suas condições financeiras, fato que possibilitou a formação dos mesmos nas faculdades do Império. Entre os nomes de maior relevo social podem ser apontados aqueles que em 1868/1869 cumpriram mandatos de deputados provinciais na Assembléia legislativa. José Feliciano Moniz Freire, proprietário do jornal, formado em engenharia, os senhores Clímaco Barbosa e José Correa de Jesus, que eram bacharéis em direito; E Ernesto Mendo Andrade e Oliveira que era um médico requisitado na capital. Além do prestígio advindo da família, da formação intelectual e dos cargos políticos que exerceram esses homens também fundaram a primeira associação abolicionista da província em 1869. Ademais, não se declaravam republicanos e tampouco abolicionistas, a opção pelo fim da escravidão era motivada pela convicção de que a escravidão era um entrave à construção de uma nação civilizada.<sup>34</sup>

*O espírito Santense* foi o nosso segundo maior fornecedor de informações acerca do cativo no Espírito Santo. Seus 19 anos de publicação encontram-se todos preservados, com exceção de alguns exemplares que se perderam. Defensor das ideias conservadoras, seu primeiro número circulou em 1870 e o último em 14 de junho de 1889. O primeiro redator e fundador foi José Marcellino Pereira de Vasconcellos e seu gerente e editor Manoel Antonio de Albuquerque Rosa. Em 16 de julho de 1872 tornou-se propriedade do coronel Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas e o redator era o Dr. Miguel Thomaz Pessoa. Em 1874, novamente teve um novo dono e também redator, Pedro Sant'Anna Lopez, até 10 de março do mesmo ano, data em que assumiu a direção e redação o comendador Basílio Carvalho Daemon. O novo proprietário aumentou-lhe as dimensões, diminui os preços das assinaturas e melhorou a feitura do jornal, inserindo matérias variadas. Conforme Mariana Pícoli, após 1874 a postura abolicionista esteve nítida em suas páginas, embora não realizasse nenhuma propaganda emancipacionista e continuasse publicando anúncios de escravos.<sup>35</sup>

Por último destacamos *O Constitucional* publicado na Villa de Itapemirim, inaugurado em doze de abril de 1885 e posteriormente publicado em

---

<sup>34</sup> PÍCOLI, 2009, p. 61-62.

<sup>35</sup> Ibid., p. 64.

Cachoeiro de Itapemirim, região com forte concentração de escravos. Este jornal era definido em suas páginas como um periódico político, agrícola e comercial e órgão do partido conservador do segundo distrito da província.

Enfim, o que procuramos evidenciar é que o escravo e a escravidão foram presença constante nos jornais do dezenove. Assim, esses periódicos que *a priori* parecem produtos de e para uma elite letrada também eram produtos sobre as classes inferiores, já que eles também eram alvo e objeto da imprensa, afinal esta retratava a vida cotidiana em seus múltiplos aspectos. E como fugir da presença escrava, já que estamos falando de um contexto escravista?

A citação de Adeline Daumard no início desta primeira parte não foi de forma alguma arbitrária. Ao lê-la, visualizamos a realidade que tínhamos nas mãos, qual seja, relatórios governamentais apontando tranquilidade e inquietação nos solos da província do Espírito Santo na segunda metade do dezenove. Juntamente com os jornais, que *grosso modo*, não são fontes específicas sobre a escravidão, tais como as alforrias, os registros de compra e venda, etc. Entretanto, é inegável que os testemunhos da escravidão também estão ali presentes, estampados literalmente no preto e branco dos jornais. Nestes, o escravo aparece de formas variadas conforme as diferentes seções e de diferentes maneiras: fracassando em suas tentativas de sublevação da ordem ou desafiando a ordem como nos relataram os anúncios de fuga e alguns relatos de infração da lei. Essa característica paradoxal dos discursos dos presidentes de província também foi enfatizada na pesquisa de Adriana Campos, que observou que apesar das queixas frequentes das autoridades locais, os escravos não eram o centro das atenções da força policial no Espírito Santo.

### **Capítulo 3 - Uma história *vista de baixo* com fontes *escritas de cima*...**

Alguns historiadores apelidam os jornais como fontes vindas de cima. Dentro dessa caracterização os periódicos serviriam para uma análise da vida dos homens ilustres, dos redatores, dos políticos, dos senhores de escravos, mas não dos escravos, nesse caso estes estariam isolados da vida dos grupos considerados superiores. No entanto, se pararmos para pensar o mundo dos senhores era o mesmo mundo dos escravos, ou seja, mesmo se tratando de um documento produzido por uma elite letrada e política, não há como fugir da teia social da qual esse grupo fazia parte, sem contar que, na segunda metade do dezanove os cativos foram uma das maiores preocupações nos campos político, econômico e social.

Concordamos que essas fontes estão permeadas de subjetividade e do olhar de quem as escreve. No entanto, isso não compromete que uma história dos escravos possa ser escrita tendo como amostragem essas fontes, já que faz parte do trabalho do historiador questionar a intencionalidade presente nos documentos. Nesse sentido, nos indagamos: será que o que está registrado nos jornais é um retrato seguro do contexto vivenciado por aqueles homens? Ou também havia uma opção pelo que seria registrado nas páginas dos periódicos?

Os jornais também podem ser analisados como um reflexo de lutas sociais e políticas, no qual os sujeitos históricos produzem diferentes versões, interpretações, valores e práticas sociais. Nesse sentido, a memória histórica também é resultado de sutis disputas de poder. Por exemplo, ao analisar as fontes de nossa dissertação, poderíamos ter chegado a conclusão de que o escravo era uma mercadoria, e que portanto não interferia nas negociações em relação ao seu comércio, que as fugas na maioria das vezes se deram por sedução e não por vontade própria e que seus levantes não passavam de movimentos fracassados, sempre reprimidos pelas forças governamentais. Contudo, quando analisamos a fonte criticamente percebemos que ao mesmo tempo em que se objetivava desmerecer a falibilidade desses levantes, eles representaram temores, ou seja, em alguns momentos esses escravos perturbavam uma ordem que *os de cima* pretendiam já estabelecida. Se por

um lado informava-se acerca do insucesso dos levantes demonstrando um quase total controle dos órgãos públicos frente aos infratores das regras sociais, de outro nas páginas dos anúncios percebemos que a ordem nem sempre se encontrava estabilizada.

Nos anúncios a menção aos sedutores procurava desmentir a decisão individual do escravo em fugir. Já nos inquéritos percebemos que os escravos praticamente é que foram os sedutores, aliciando uma rede de pessoas para ajudá-los na fuga. O que não significou que esses cativos estivessem questionando a escravidão, mas sim procurando melhores formas de sobrevivência e porque não, defendendo seus interesses. Inclusive encontramos anúncios de venda que declararam que o motivo da venda era devido à recusa do escravo em não trabalhar mais para determinado senhor ou sob determinadas condições. Poderia se tratar de cinismo? Certamente que sim, mas com o auxílio de literaturas que versam sobre a temática e sob a análise de nossas fontes, fomos percebendo que em alguns casos o escravo influenciou o seu destino, já que era bem sabido por seus donos que manter um escravo descontente em suas propriedades não era bom negócio. Além dos riscos da fuga os proprietários ainda estavam sujeitos a ação de terceiros que adorariam dar guarida e acoutar um escravo descontente em troca do usufruto de seus serviços. Também não podemos esquecer que em função dos escravos, senhores, policiais, autoridades públicas e capitães do mato replanejaram seu cotidiano. E ainda, adotando uma inquietação de Flávio Gomes<sup>1</sup> nos perguntamos: de que modo o mundo dos fugitivos modificou o dos assenzalados? Esses são apenas exemplos que discutiremos melhor na segunda parte deste trabalho.

Consoantes uma história social e *vista de baixo*, procuramos encontrar em nossa documentação as experiências cativas na província do Espírito Santo. Imbuídos dessa pretensão percebemos que apesar dos jornais serem meios de comunicação produzidos no mundo letrado, isso não impediu de que eles penetrassem no mundo popular produzindo experiências distintas. Esta constatação foi influenciada pelo estudo de Mariana Monteiro e Marco Morel

---

<sup>1</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas:** mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 23.



sobre o Rio de Janeiro, no qual esses autores sublinharam que havia um público passivo dos jornais que se situavam longe da fronteira da república das Letras e dos grupos de poder. Era um público considerado rude, iletrado, pobre e sem instrução. No entanto, além da prática individual ou privada de leitura, havia locais públicos ou fechados onde se disseminava a leitura coletiva e em voz alta. Diante dessa constatação os autores evidenciam que não havia esse abismo de distanciamento do qual imaginamos entre a imprensa e os escravos, já que nem sempre era preciso se pagar para ler e havia espaços de leitura pública. Além disso, não se pode tratar as elites como homogêneas, sem contar que os periódicos não eram tão inacessíveis em relação ao preço. Inclusive, se considerarmos os inúmeros escravos que trabalhavam ao ganho, que além de terem acesso à dinheiro, ainda tinham maior possibilidade de acesso à alfabetização. Da mesma forma, os escravos domésticos que partilhavam uma proximidade física com o espaço do lar dos senhores – e, ainda quando não soubessem ler, escutavam. Fica aberta a possibilidade de pensar num caminho de mão dupla em que os cativos eram não apenas objetos ou tinham suas vidas influenciadas pelos impressos, mas também deixavam suas marcas na imprensa de diferentes maneiras, fosse como mercadoria ou agentes históricos.<sup>2</sup>

O registro a seguir encontrado em nossa documentação primária exemplifica a afirmação feita pelos autores supracitados de que a imprensa não foi tão distante da vida dos cativos. Como podemos verificar os escravos não só foram anunciados como também anunciaram:

*Anúncio de agradecimento da mãe de um escravo*

*Francelina, mãe do pardo José, liberto a 16 do corrente mez, vem agradecer cordialmente à todos aquelles, que contribuirão com os seus contingentes para a realisação da liberdade de seu filho; promettendo, que nunca cessará de pedir aos ceos que cubra de benções a todos aos seus benfeitores.<sup>3</sup>*

Os estudos de Mariana Monteiro e Marco Morel podem ser complementados por meio das reflexões de José C. Barreiro sobre o conhecimento dos acontecimentos políticos por parte das ditas classes inferiores:

---

<sup>2</sup> MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder:** o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 40, 90 e 97.

<sup>3</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 26 de Dezembro de 1859.

As tabernas eram frequentadas por capitães-do-mato, escravos, camponeses livres, jornalheiros, pescadores, ferreiros e soldados. Ao passarem por estes locais, os viajantes estrangeiros do século XIX, se surpreendiam com seus frequentadores falando sobre negócios públicos, opinando sobre a constituição e as ideias liberais, sobre o rei e os políticos em geral.<sup>4</sup>

Além disso, conforme os estudos de Ana Flávia Magalhães, nos idos de 1841 foi fundada a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, que tinha por objetivo capacitar seus membros, homens negros em sua maioria, com conhecimentos técnicos, bem como capacitá-los para ler e escrever.<sup>5</sup> Sendo assim, por meio de iniciativas como essa alguns escravos aprenderam a ler e a escrever, embora tenha sido algo raro. Em nossa documentação encontramos dois escravos que sabiam ler e escrever.<sup>6</sup>

O fato dos escravos não terem deixado relatos e escritos sobre si não significa que não podemos escrever uma história de suas experiências. A falta de uma documentação cunhada pelos próprios escravos não nos impõe um silêncio sobre suas vidas, projetos e sonhos. De acordo com Mariana Monteiro e Marco Morel cabe indagar se não estariam os historiadores reproduzindo formas de dominação quando não admitem a possibilidade de ações, leituras e recepção dos impressos por parte dos escravos e libertos, nos periódicos eles deixaram a marca de seus corpos, gestos, resistências, violências e

---

<sup>4</sup> BARREIRO, José Carlos. E.P.Thompson e a historiografia brasileira: Revisões críticas e projeções. **Projeto História**, n.12, 1995, p.72.

<sup>5</sup> Essa obra oferece um debate inédito para os movimentos de consciência negra no Brasil, sobretudo porque se debruça sobre um aporte documental que comprova não somente a existência de intelectuais negros num período de escravidão, mas também o engajamento destes por um “espaço” na sociedade para os seus pares. A obra supracitada evidencia inclusive, que os jornais no século XIX, ao contrário do que se veicula na historiografia sobre o tema não é apenas um “instrumento” de e para as elites. A autora demonstrou com muita clareza que essa imprensa negra foi “dirigida” e “criada” tendo como alvo os “homens de cor”, por outro lado, sentimos falta na obra de uma discussão que demonstrasse como a presença desses jornais influenciou, ou não, a vida desses homens, que em sua maioria eram iletrados. Além disso, foi enfatizado na obra que a instrução foi uma das “bandeiras” levantadas por esses homens envolvidos com a imprensa negra, afim de oferecer mobilidade e ascensão social a “gente negra”. Por outro lado, a autora não nos oferece uma reflexão sobre como foi possível que determinada parcela desses “homens de cor” envolvidos na imprensa negra se letrassem e mais do que isso, conseguissem alcançar postos pertencentes a uma elite branca, a exemplo do conhecido Antonio Pereira Rebouças. PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 69.

<sup>6</sup> Um anúncio data de 16 de fevereiro de 1878 e foi publicado pelo *O Espírito Santense*, o outro data de 5 de dezembro de 1855, publicado pelo *Correio da Victoria*. Os mesmo podem ser conferidos nos anexos: H e F, respectivamente.

sofrimentos.<sup>7</sup> Os periódicos são reflexos do viver social, trazendo informações muito ricas sobre modos de viver e trabalhar cotidianos, sobre perspectivas construídas e problemáticas enfrentadas. Conforme Maria Helena Capelato, mais importante do que a realidade dos fatos é a maneira pela qual os sujeitos da história tomaram consciência deles e os relataram. Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado.<sup>8</sup> Nesse sentido, ao mesmo tempo que nosso trabalho caracteriza uma *história vista de baixo*, ele também é uma *história vista de cima*, já que nesses periódicos encontramos a visão de uma elite política e letrada sobre os cativos.

Por meio dos inquéritos percebemos escravos que recorriam à justiça para defender seus direitos já garantidos por lei, ou ainda, escravos burlando a lei por motivações próprias e individuais, mas que demonstraram que não estavam alheios aos acontecimentos ao seu redor, e o fato de ter a justiça como uma ferramenta demonstra isso. Os escravos criaram suas formas de contestar dentro de um quadro de possibilidades que era possível a eles. Como afirma Donald Ramos:

Sem dúvida muitos escravos lutaram individualmente contra o sistema de várias maneiras, muitas delas registradas nas devassas abertas para investigar crimes de escravos contra senhores, inclusive assassinatos. Mas muitos, talvez a maioria, lutaram a partir de dentro de um sistema criado em grande parte pela cultura dominante. De uma maneira paradoxal, eles reconheciam aquele sistema para sobreviver e apenas lutar contra ele quando possível.<sup>9</sup>

Desse modo, o que estamos enfatizando é que não podemos excluir qualquer tipo de fonte. Bem como não concordamos com a divisão *vinda de cima* e *vinda de baixo*, já que o mundo dos escravos não foi separado do mundo dos senhores. Assim, as ações escravas aparecem na imprensa, na justiça, na religião, ações estas, muitas vezes camufladas pelo *discurso que vem de cima*, mas que nem por isso elimina o *discurso de baixo*. Nesse sentido, concluímos

<sup>7</sup> MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 97.

<sup>8</sup> CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1988, p. 22.

<sup>9</sup> RAMOS, Donald. O Quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do Século XVIII. In: GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 173.

que apesar das distinções sociais todos se encontravam no mesmo plano no cotidiano, lado a lado, fazendo parte da mesma sociedade.

Nessa perspectiva, concordamos com Daumard quando afirma que os estudos dos fenômenos de massa devem ser completados pela pesquisa das elites. As elites são, de início, os meios superiores e dirigentes, e não há nenhuma razão lógica para negligenciar estas categorias que tem seu lugar na vida social tanto quanto os humildes. Do mesmo modo, o estudo dos escravos é inseparável daquele dos homens livres, e parece dificilmente concebível realizá-lo sem estabelecer certos laços com o grupo dos senhores, já que as diferentes categorias reagem umas sobre as outras.<sup>10</sup> Ou seja, fazer história social não significa excluir determinado grupo em detrimento de outro. Raphael Samuel em seu artigo intitulado: *Que es la historia social?* Em nossa opinião, comete um equívoco ao relatar as preocupações da história social, para ele: A história social se preocupa com a vida real e não com abstrações, pela gente comum em detrimento das elites privilegiadas, pelo cotidiano ao invés dos eventos sensacionais.<sup>11</sup>

Admitir que somente a gente comum faz parte da vida real não seria também uma espécie de discurso de poder ? A exclusão social não impõe um afastamento entre o grupo dos *estabelecidos* e os *outros*, como observa Mariza de Carvalho Soares:

A sociedade possui regras e limites e os indivíduos aprendem a se mover de acordo com esses princípios, criando alternativas de convivência ou de contestação, conforme as condições particulares de cada caso. Não existe uma determinação absoluta das normas, nem tampouco uma autonomia irrefreável das vontades individuais. Assim, se de um lado foram impostas aos escravos as rígidas normas da sociedade estamental, de outro, é aberto um infindável rol de atalhos pelos quais as pessoas têm acesso a distinções e dignidades, em diferentes esferas. A principal via de acesso a essas distinções era pertencer a uma irmandade.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> DAUMARD, Adeline. **História social do Brasil: teoria e metodologia**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1984, p. 15 e 34.

<sup>11</sup> SAMUEL, Raphael. *Que es la historia social?* **Revista História Social**. Valência, n.10, 1991, p.135.

<sup>12</sup> SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 165.

A recente produção historiográfica sobre o mundo do cativo no Brasil já ressaltou amplamente essa interpenetração entre o mundo do senhor e mundo dos escravos. A autora Emília Viotti, por exemplo, destaca que talvez a mais importante de todas as influências e a menos estudada seja a que derivou não propriamente da tradição africana, mas das condições sociais criadas com o sistema escravista. A existência de dominadores e dominados numa relação de senhor e escravos propiciou situações particulares e específicas, havia dois mundos, o do senhor e o dos escravos, que conviviam, se tocavam e se interpenetravam nas funções necessárias sem compreender-se.<sup>13</sup>

A elite brasileira escravizou, mas também se africanizou. Não podemos pensar na escravidão como um regime estanque, onde os senhores impunham suas manifestações culturais e sociais, sem receber influências africanas. Em nossas fontes, encontramos um excelente exemplo dessa troca de influências culturais, a religiosidade africana tão temida e abominada não passou incólume as práticas da gente branca. Assim, em treze de junho de 1850, o *Correio da Victoria* estampava com preocupação o envolvimento dos patrícios com os feitiços da gente negra:

*Lendo o Monitor Campista nº59 de 23 de maio, nelle deparei com um artigo debaixo do titulo – publicação a pedido – que me apresso a pedir lhe a publicação delle afim de que os nossos patrícios, que acreditão em feitiços, principalmente as senhoras, se desenganem, e a rasão é a seguinte: algumas conheço eu que tanto acreditão que apenas chega da roça alguns impostores que se disem curadores ou adivinhadores, é um gosto vel-as chamar o tal sebudo negro para lhe feichar o corpo, reisar de olhado, quebranto, ranga etc. esta quer que lhe de um breve afim de que quando vae a negra a quitandar sejam seus gêneros vendáveis e não sujeitos a zanga nem maus olhos, aquella quer outro breve para não entrar em casa a miséria; e o tal sebudo advinhador depois de passar oito ou quinze dias na cidade volta para roça rindo-se dos tolos e tolas e a barriga de aguardente que bebeu para advinhar feichar corpos e curar. Eu Sr. redator como queixoso do mesmo mal que cahi na logração espero queira dar a devida publicidade ao mencionado artigo a bem dos incautos. Seu constante leitor.*

*O Chanchão.*<sup>14</sup>

<sup>13</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998, p.15 e 16.

<sup>14</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 13 de junho de 1850.

Ao que tudo indica, apesar da estigmatização feita às crenças vindas da África, isso não foi suficiente para impossibilitar sua prática. Os habitantes do Império brasileiro no século XIX não só repugnaram, mas também adotaram aspectos da religiosidade africana. Destarte, em quatro de janeiro de 1867, foi oferecida por meio do *Jornal da Victoria* uma escrava própria para macumba, o nome do vendedor foi ocultado e somente saberia seu nome quem se interessasse pelo empreendimento. O que nos leva a crer que tanto vendedor quanto comprador manteriam a transação em sigilo, já que, embora existissem brancos interessados pelas crenças do povo do cativo, esse tipo de prática era moralmente condenado pela sociedade daquele período. Não obstante, o indignado *Chanchão*, ao mesmo tempo que condenava a prática do curandeirismo, ressaltava ao fim da sua narrativa que também foi vítima dos tais feitiços. Isso demonstra que mesmo sendo uma prática condenável ela não deixou de ser realizada, porém, buscava-se uma utilização cautelosa, sem que os demais soubessem. Sendo assim, mesmo já ciente do erro, *Chanchão*, ao desejar alertar seus patrícios sobre os enganos dos feitiços, manteve sua identidade em sigilo, assim como o vendedor da escravinha, a seguir:

*Nesta tipografia se dirá quem vende por commodo preço uma escrava de nove annos, própria para macumba.*<sup>15</sup>

Independente da perspectiva que partimos, seja ela a dos escravos ou dos senhores, o que valida à análise é o tratamento crítico dispensado as fontes, uma vez que, como nos sugere Ginzburg:

A idéia de que as fontes são dignas de fé, oferecem um acesso imediato à realidade ou, pelo menos, a um aspecto da realidade, me parece igualmente rudimentar. As fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a *espelhos deformantes*. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* – 04 de Janeiro de 1867.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 44-45.

No que tange aos assuntos sobre escravidão podemos exemplificar o que estamos querendo dizer com os estudos referente a Palmares. Segundo José Carlos Reis, o que se sabe sobre Palmares diz respeito a sua história militar, pois era isso que interessava aos adversários responsáveis por escrever os documentos conhecidos sobre o quilombo. Sendo assim, os números sobre este quilombo foram agigantados pelas autoridades para justificar o fracasso em combatê-lo. O governador de Pernambuco, Pedro de Almeida, estabeleceu a cifra de vinte mil escravos envolvidos. As mesmas razões podem ter levado um outro governador de Pernambuco, Francisco Brito, a declarar trinta mil. Diante de números tão altos, João José Reis questiona onde estavam todos quando Palmares caiu? E o que lhes aconteceu posteriormente, pois as fontes informam que a quantidade de mortos e capturados não ultrapassaram dois mil.<sup>17</sup>

Diante desses questionamentos do autor podemos nos perguntar: será então que Palmares não pode ter sua história contada pela perspectiva dos escravos, já que as fontes que nos restam são oficiais? O trabalho do autor sobredito nos demonstra o contrário, pois ao dialogar criticamente com as fontes ele pôde perceber as intenções, as omissões, os exageros etc. Mesmo não tendo as dimensões relatadas nos relatórios oficiais, Reis constatou que:

Palmares representou um medo muito grande, chegando a contribuir para a mudança na definição de quilombo, que a partir do século XVIII passou a ser definido como qualquer ajuntamento de cinco ou mais negros fugidos arranchados em sítio despovoado. Dessa forma, a nova definição fez com que o número de quilombos fosse inflacionado nos relatórios dos presidentes de província. Se não figuravam como ameaça efetiva à escravidão, eles passariam a representar uma ameaça simbólica importante povoando o pesadelo de senhores e funcionários coloniais.<sup>18</sup>

Assim, de forma ambígua, o regime escravista brasileiro difundia o medo e a calma. Questionando suas fontes, Reis percebeu que houve momentos em que procuraram enaltecer e outras diminuir a ação dos escravos que juntos formaram Palmares. No entanto, isso não impediu que trabalhos sobre a experiência cativa fosse realizada sobre este quilombo. As próprias mudanças

---

<sup>17</sup> REIS, João José. Quilombos e Revolta escrava no Brasil. **Revista USP**, v.28, p. 14-39, 1996.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 18.

na política senhorial indicam que elas foram em decorrência das estratégias e ações dos cativos.

Concordamos com Thompson, para o qual:

São as ações dos homens que fazem a sua própria história, são as experiências cotidianas e de lutas das pessoas que contribuem para seu fazer-se. A experiência é determinada, nesse sentido, pelas relações sociais existentes.<sup>19</sup>

Para o historiador inglês “Há um sem número de contextos e situações em que homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida.”<sup>20</sup> Segundo Eleonora Félix, o historiador inglês cunhou o conceito de agenciar humano percebendo os trabalhadores como sujeitos de sua história; daí ele se preocupar com as experiências efetivas dos trabalhadores ingleses, não sendo estes receptores inertes de determinações de outra classe que os considera inferiores.<sup>21</sup> “Ele propõe outra maneira de buscar e de investigar as experiências dos trabalhadores, não apenas em suas relações econômicas, mas nos seus modos de vida, em suas lutas diárias, nos seus hábitos, valores, dietas, formas de vestir e de morar, de comemorar, de festejar, de cantar, de transmitir suas tradições orais, de viver com elas de resistir às transformações também como vivência em seu dia-a-dia”.<sup>22</sup> Tais aspectos são decisivos para se compreender a realidade escrava no Brasil.

Os estudos de Edward Thompson oferecem uma agenda investigativa para a história da escravidão baseada na experiência dos escravos como atores sociais, reconhecendo-os em sua subjetividade, eliminando, portanto, a ideia do escravo-mercadoria, passivo ou até mesmo do escravo como um rebelde em potencial. Por isso, as fugas de cativos presentes nos anúncios de jornais serão pensadas nesse trabalho como ações que podem ter múltiplos

<sup>19</sup> THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operaria inglesa**. 2. ed, v. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 10.

<sup>20</sup> THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 261.

<sup>21</sup> SILVA, Eleonora Félix da. **E. P. Thompson e as contribuições para a história social e os estudos sobre escravidão**. Disponível em: [http://www.janduarte.com.br/textos/e\\_p\\_thompson.pdf](http://www.janduarte.com.br/textos/e_p_thompson.pdf). Acesso em: 01 jun 2010.

<sup>22</sup> FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: História e Política. **Projeto História**, n.12, 2005, p.86



significados dependendo da expectativa e da experiência do sujeito, de seu modo de pensar o mundo e de atuar sobre ele.

Na avaliação de Jim Sharpe, apesar de apresentar uma perspectiva bastante sedutora, o conceito de história vista de baixo, cunhado por Thompson, apresenta alguns problemas: um deles gira em torno da evidência, e da restrita disponibilidade de fontes disponíveis; outra dificuldade se situa em estabelecer onde exatamente *o baixo* deve ser alocado.<sup>23</sup> Concordamos com o julgamento deste autor, a falta de documentação cunhada pelos próprios escravos, representa sem dúvida um silêncio muito grande para àqueles interessados em embrenhar-se por essa perspectiva, são poucos os registros em que temos o pronunciamento de cativos, como os inquéritos, por exemplo. Diante dessa constatação, o próprio Jim Sharpe oferece uma alternativa para os interessados em trabalhar com essa perspectiva, qual seja, utilizar cada vez mais documentação, em que os compiladores não objetivavam deixar registros para a posteridade, a exemplo de fontes judiciais, registros paroquiais, testamentos e transações de terras feudais. Dessa forma, o historiador conseguiria explorar ações e ideias explícitas ou suposições implícitas. Consideramos que os anúncios de escravos podem de certa forma fazer coro a esse grupo de fontes listados por Sharpe. Já que, os indivíduos que recorriam ao jornal, tinham como finalidade primeira o retorno do evadido, pois atribuir ou negligenciar características poderia dificultar a busca. Apesar de ser uma descrição conforme os preceitos dos donos de escravos, ali eles procuravam descrever o fugitivo tal como ele era. Como bem denominou Freyre, essas fontes são *esboços de biografia*, ao assumir essa perspectiva de Freyre e analisar a linguagem senhorial a luz da literatura que versa sobre o tema, é possível perceber aspectos do próprio mundo dos escravos. O segundo aspecto apontado por Jim Sharpe é bem instigante, que seria qual o lugar do *baixo*? Os estudos sobre a escravidão demonstram que apesar estarem situados na posição inferior do edifício social, os escravos não compunham um grupo homogêneo, havia aqueles que eram considerados quase membros da família, que eram contemplados com tratamento dispensado dos demais, havia os especializados, os maltratados, os escravos

---

<sup>23</sup> SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 42-43.

urbanos e os escravos rurais, aqueles das grandes regiões de *plantation*, os de províncias mais afastadas, os recém chegados, os crioulos. É inegável que embora todos fossem escravos, esses grupos vivenciaram a escravidão de forma distinta. João José Reis e Eduardo Silva explicam que na Bahia a inimizade entre crioulos e africanos foi apreciada e incentivada pelos escravocratas, os primeiros, e mais ainda os mestiços, experimentavam com maior frequência a face paternalista da escravidão.<sup>24</sup> E por isso, agrupá-los numa mesma categoria é realmente negligenciar suas vivências distintas.

A utilização do autor inglês como referencial teórico para uma história social da escravidão não se trata de uma inovação, uma vez que esse trabalho se espelha em obras já consagradas pela historiografia que tiveram essa proposta. Como exemplo Sidney Chalhoub, nomeadamente, em *Visões de Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, em que demonstra os cativos agindo de acordo com lógicas ou racionalidades próprias, e seus movimentos sempre vinculados a experiência e tradições históricas particulares e originais e isso ocorria mesmo quando escolhiam buscar a liberdade dentro do campo de possibilidades existentes na própria instituição da escravidão:

O significado da liberdade foi forjado na experiência do cativo e os escravos agiam segundo as premissas elaboradas nos embates cotidianos com os senhores; dessa forma, tanto senhor como escravo tinham uma concepção mais ou menos clara da reciprocidade de obrigações e direitos que os unia.<sup>25</sup>

Pois, como afirma Thompson em relação aos operários ingleses, suas aspirações devem ser entendidas nos termos de sua própria experiência.<sup>26</sup> Silvia H. Lara também chama atenção para a utilização do conceito de experiência para se estudar a escravidão no Brasil; nas palavras da autora: Não se trata, apenas de estudar o modo de vida dos escravos ou a visão escrava da escravidão (...). As relações entre senhores e escravos, tanto

<sup>24</sup> Os autores esclarecem que quando falam em paternalismo não estão se referindo a relações escravistas harmoniosas. Estão se referindo a estratégia de controle e meio de dominar de forma mais sutil e eficiente. REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.45.

<sup>25</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 27.

<sup>26</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.1, 1987, p. 13.

quanto ao tratarmos de qualquer outro tema histórico, são constituídas por homens e mulheres num movimento constante, tecidos através de lutas, conflitos, resistências e acomodações cheias de ambiguidades. Assim, as relações entre senhores e escravos, enquanto sujeitos históricos, tecidos na experiência destes homens e mulheres diversos, imersos em uma vasta rede de relações pessoais de dominação e exploração.<sup>27</sup>

Além da experiência, Thompson cunhou outro conceito decisivo, o de economia moral, para estudar os motins na Inglaterra do século XVII. O historiador inglês salienta que existiam práticas legítimas e ilegítimas na atividade do mercado dos moleiros e dos que faziam pão. Essas práticas eram fundamentadas por meio de uma visão consistente e tradicional das normas e obrigações sociais, das funções peculiares a vários grupos na comunidade, as quais, consideradas em conjunto, podemos dizer que constituíam a economia moral dos pobres.<sup>28</sup> Espelhados nos estudos desse autor, vários estudiosos sobre a escravidão no Brasil perceberam que o regime escravista também foi pautado em uma espécie de economia moral. Para Sandra Graham os fazendeiros formularam seu próprio código de conduta, que faziam valer entre eles e com base no qual agiam, e os escravos então passaram a ter expectativas em relação a essa conduta: eis o começo de uma economia moral. Nessa economia moral de troca de favores entre pessoas ligadas por laços íntimos em relações quase sempre desiguais, muitos escravos foram libertados como remuneração pelos bons serviços prestados.<sup>29</sup> Nas palavras de Chalhoub, “havia uma espécie de economia moral da escravaria que os senhores não ousavam ignorar sob pena de verem rolar as próprias têmperas”.<sup>30</sup>

O autor Flávio dos S. Gomes também possui estudos nos quais se utiliza do referencial thompsoniano, aproveitamos para destacar *História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*; E João

---

<sup>27</sup> LARA, Sílvia Hunold. *Blowin' in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil. Projeto História*, n.12, 1995, p.46.

<sup>28</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 152.

<sup>29</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 147 e 226.

<sup>30</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 151.

José Reis, cujas obras destacamos: o livro escrito com Eduardo Silva: *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*; *A resistência negra no Brasil escravista*, bem como a obra organizada com Flávio Gomes de título, *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. E ainda, Robert Slenes, autor que também possui muitas obras e orientações concluídas dentro da temática da escravidão e da utilização de Thompson como referencial, destacamos o artigo: *Senhores e Subalternos no Oeste Paulista*, por ter sido a obra que utilizamos dele neste trabalho. Além dos autores supracitados, temos também trabalhos ainda não tão conhecidos no mundo da historiografia, mas que também se utilizaram das reflexões de Thompson para estudar a escravidão. Podemos citar os já mencionados trabalhos de Martha Rebelatto e Raphael Neves.

#### Capítulo 4 – A escravidão e o Espírito Santo do oitocentos

Nessa dissertação evidenciamos a utilização de anúncios de jornais como fonte de investigação do passado. Os anúncios pesquisados para este trabalho estão relacionados com o contexto geral vivido pelo Império brasileiro no oitocentos. No entanto, assumem aspectos condizentes com a particularidade de cada província. Nesse sentido é que propomos nesta seção realizar alguns apontamentos acerca do Espírito Santo no dezenove.

O pano de fundo desses anúncios está relacionado ao contexto escravista vivido pelo Brasil no século XIX. No entanto, temos a convicção de que as províncias que constituíram o espaço que atualmente se compreende o Brasil não foram unidades políticas, econômicas e administrativas homogêneas. Embora a produção historiográfica sobre a escravidão no Brasil tenha sido durante um bom tempo analisada sob um ponto de vista totalizante, como se todo o Brasil escravista se enquadrasse na mesma lógica, ou seja, nos moldes do *plantation* (monocultura voltada para a exportação, mão de obra escrava e latifúndios). Atualmente verificamos um predomínio de novas abordagens historiográficas que apontam para a importância das investigações regionais, perspectiva que não inviabiliza os modelos explicativos de síntese, ao contrário esses estudos se complementam. Nossa investigação se insere dentro deste novo contexto de pesquisas historiográficas no Brasil, por isso destinamos esse espaço para traçar um pequeno esboço do Espírito Santo no contexto de 1849 até 1888.

Em 1849 o presidente Antonio Pereira Pinto afirma que não acreditava na possibilidade de uma perene manutenção da paz na província, no meio da convulsão geral que abalara todas as províncias desde a independência até o ano de 1831, e desta época até os idos de 1849. Mesmo assim a *profunda tranquilidade* seguiu nos relatórios subsequentes. As revoltas que pipocaram o Brasil no período da Regência não tiveram ramificações no Espírito Santo - como informam os relatórios dos presidentes de província - algumas outras turbulências do império só chegaram aqui nos jornais, até mesmo o nosso movimento abolicionista não assumiu características exaltadas. Conforme Karulliny Siqueira, o Espírito Santo conseguiu manter-se ausente das

turbulências vivida por outras localidades em momentos de conflitos de ideias e projetos políticos porque conseguiu manter um projeto calcado na ordem e na pacificação. Para a autora, os *pilares dessa ordem* foram a inexistência de grupos políticos divergentes, como já vislumbrava na Corte e no restante do Império; a condução da política local feita por uma elite coesa, pautada em uma homogeneidade ideológica e de treinamento, e a ausência de uma imprensa difusora de opiniões, esses fatos fizeram com que se tornasse exequível a defesa de um projeto de moderação e o enfraquecimento de qualquer levante que ameaçasse a ordem do Império.<sup>1</sup>

As autoridades locais queixavam-se do esquecimento da Corte com o Espírito Santo. Num comunicado publicado no *Correio da Victoria* protestava-se contra o esquecimento do Governo Geral para com esta província que tantos recursos possuía para ajudar no engrandecimento do Império. Em 23 de junho de 1849, estampava no periódico o seguinte comunicado, que dois meses antes fora publicado no *Jornal do Comércio*.

*Quaes tem sido as causas do abatimento em que se acha esta província? Procuramos indaga-las, e queira Deos que o seu conhecimento algum beneficio produza a este pedaço tão importante do nosso querido Brazil. Quando se sabe que esta província, toda cortada de magníficos rios, muitos delles navegáveis em grande extensão, com immensos portos, com as melhores terras para produção de café, da cana, do algodão, da mandioca, do milho, do feijão etc. quando se sabe esta província com as maiores proporções para ser uma das mais produtivas do império, se acha, todavia, no estado de prostração, por sem duvida logo se reconheceria que alguma cousa extraordinária tem occasionado tão lamentável estado. Porque bem e muito extraordinário é que os poderes supremos do paiz se tenham esquecido, quase que completamente que o Espírito Santo é uma das estrellas do diadema imperial; que esta província é, como todas as outras e que como todas as outras possui os mesmos direitos, e deve, como ellas receber a mesma proteção. Não temos a menor intenção de offender a alguém; o nosso fim é pedir para a terra onde nascemos. A província do Espírito Santo, pelo seu espírito essencialmente ordeiro, tem estado, quasi sempre, fora dos cálculos governativos que tem dirigido os destinos do Brazil. A maior parte das vezes que ellas se tem lembrado de que esta província faz parte do império tem sido para mandarem para aqui algum seu protegido para governar-nos, mas o nomeado*

<sup>1</sup> SIQUEIRA, Karulliny Silverol. “Os apóstolos da liberdade contra os operários da calúnia” **A imprensa política e o parlamento nas disputas políticas da província do Espírito Santo, 1860-1888**. 244f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011, p. 54-55.

*fica entregue a seus mesquinhos recursos, é abandonado pelos patronos. E se a respeito da verdade sabida, alguém pretender que exageramos, desafiamos a quem quer que seja que nos aponte, desde muitos annos, os beneficios prestados pelo Governo Geral á provincia do Espirito Santo. Que nos digão qual a razão, o direito e a justiça se tem negado a esta provincia uma escalla dos vapores da companhai dos paquetes do norte, quando deste beneficio se gozão todas as outras provincias do litoral, sem excepção do Rio Grande do Norte, que ninguém se atreverá a considerar mais importante da que esta seja qual for a relação em que a queirão considerar. Se pois aqui e verdade que na provincia do Rio de Janeiro, principalmente em alguns municipios de serra acima, os seus habitantes já vão ficando extremamente apertados, como deixar de reconhecer que se esta infeliz provincia fosse conhecida e vigiada, para aqui muitas e grandes fazendas daquella e de outras se terião mudado.O capitaniense.<sup>2</sup>*

As indignações não se restringiram a esse número, nove dias após esse protesto escrito, novamente a imprensa local denunciava as mazelas da provincia, dando publicidade no jornal local ao que já havia sido denunciado no *Jornal do Comercio*:

*... Entre as provincias do Rio de Janeiro e da Bahia, está a do Espirito Santo, esquecida, quaze ignorada do resto do Brazil !... como explicar esse abandono á provincia do Espirito Santo, possuindo em si tantos elementos que podem a tornar próspera?!...Com bellos portos, com bom clima e terras excellentes que produzem com muita vantagem todos os gêneros do paiz, entre eles o café... O Brasileiro.<sup>3</sup>*

Incomodados com o tratamento dispensado à provincia, nova publicação deu conta desta temática em 18 de julho de 1849. Desta vez, sem a identificação do mensageiro. Mas o tom era o mesmo: indignação.

*... Injusta é, a exclusão que tem a provincia do Espirito Santo quaze que constantemente sofrido dos beneficios que com largueza hão sido prodigalisados as outras á outras tanto pelo corpo legislativo geral, como pelo governo central... mesquinho é o seu comércio a agricultura ainda em embrião – a instrução publica completamente abandonada – e nem uma industria. Eis, seu estado, que infelizmente, data da época da nossa independência, antes da qual aqueles objectos tinham mais impulso. A exclusão, de que fallamos, é mais agravante, quanto tem conseguido certos beneficios outras provincias, que são a muitos respeitos inferiores a do Espirito Santo. Por exemplo, a do Rio Grande do Norte, em cuja capital aportão os vapores. As razões que se houve para conceder a esta*

<sup>2</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 23 de Junho de 1849.

<sup>3</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 07 de Julho de 1849.

*província semelhante benefício, foi porque houve quem por ella se interessasse. O toque dos vapores nesta província, sobre ser uma medida política, pois que torna mais freqüente as noticias entre este ponto do império e a corte, melhorará o seu estado, fazendo mais conhecidas suas fertilíssimas terras, suas abundantes mattas, ricas de madeiras de lei e outros muitos elementos.*<sup>4</sup>

Por meio dos estudos de Leonor Araújo vimos que personagens ilustres compuseram a paisagem humana desta província, como o padre José de Anchieta, um dos mais importantes e atuantes jesuítas da história do Brasil. Além dessa autoridade religiosa a autora esclarece que muitos administradores provinciais eram nomes importantes no cenário político brasileiro. Contudo, essas personalidades raramente ocupavam o cargo por um tempo satisfatório, a rotatividade dos presidentes foi muito alta. Porém, a autora afirma que essa também não foi uma característica particular do solo espírito-santense. No entanto, o escasso tempo na gerência da província impedia a realização de uma boa administração.<sup>5</sup>

Ainda de acordo com Leonor Araújo, a cidade de Vitória contava com um porto natural que poderia favorecer as atividades comerciais; No entanto, havia a necessidade de obras para a ampliação do calado do mesmo. Além disso, a falta de uma capitania dos portos e de mediações do farol de orientação da costa e entrada da baía de Vitória foram fatores que contribuíram para que as atividades comerciais permanecessem centralizadas no Rio de Janeiro. Ademais, no início do século XIX as estradas da província eram péssimas e por isso a produção cafeeira teve que ser comercializada pagando impostos na praça do Rio de Janeiro, resultando daí a evasão das nossas divisas.<sup>6</sup>

Mesmo com todos os problemas de infra-estrutura da província, o autor Rafael de Jesus constatou que na Vitória da segunda metade do século XIX havia uma relevante movimentação econômica e uma aparente opulência de seus moradores. O primeiro aspecto ficou evidente através da leitura de inventários de comerciantes, que possuíam em seus estabelecimentos utensílios para o

---

<sup>4</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 18 de Julho de 1849.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Leonor Franco de. **Poder político e religioso na Vitória Imperial**: a atuação dos párocos na assembleia legislativa provincial. 1835-1864.144f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005, p. 28-34.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p.36-37.



lar, louça, condimentos, produtos alimentícios, dentre outros materiais, que evidenciam a circulação interna destes produtos em Vitória. O segundo aspecto é apresentado através do grande número de sobrados, contendo louças, móveis, ouro e prata inventariados.<sup>7</sup> Conforme podemos observar pelos relatórios dos presidentes de província, a cidade de Vitória e suas vizinhanças no começo do século XIX se dedicavam a diversos tipos de plantação, como milho, algodão, feijão, arroz, mandioca e, sobretudo a plantação de cana-de-açúcar para a produção de açúcar e aguardente, ou seja, a agricultura era o sustentáculo da economia.

O cultivo do café representou novas possibilidades e expectativas de desenvolvimento econômico. Consoante Patrícia Merlo, a rubiácea foi plantada inicialmente na periferia do Vale do Paraíba, e se expandiu para terras capixabas, graças principalmente à grande disponibilidade de terras virgens e devolutas no Espírito Santo no final do século XIX. Gradualmente, o café se espalhou por boa parte da província em função dos preços mais elevados, do mercado certo e do menor dispêndio de capital em relação ao exigido para a alternativa existente, a fabricação do açúcar.<sup>8</sup> Conforme Rafael de Jesus, de forma quantitativa essa proeminência da cultura do café pode encher os olhos, mas qualitativamente representa um fraco esforço em se adequar à nova cultura do café. Diferentemente da Região de Cachoeiro de Itapemirim, as plantações da região de Vitória eram pequenas, muitas delas descritas como mal tratadas e algumas sendo inventariadas como *moitas*.<sup>9</sup> Todavia, é interessante destacar a mudança nos números populacionais de Vitória em decorrência da chegada da rubiácea. De acordo com os dados de Adriana Campos, a partir de 1856 a maior concentração de escravos na província transferira-se da região Central, no entorno da Capital, para a região Sul, particularmente na cidade de Cachoeiro do Itapemirim. Embora a população livre da Capital permanecesse em crescimento e superior ao total dos residentes de Itapemirim, o número de escravos desta última localidade

---

<sup>7</sup> JESUS, Rafael de. **Fortunas capixabas**: posse de terras e escravos em Vitória: 1850-1872. 2007. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007, p.09.

<sup>8</sup> MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-187. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 82.

<sup>9</sup> JESUS, 2007, p.16.

ultrapassara decisivamente aquele verificado em Vitória, somando 46% do total da província enquanto na Capital o percentual correspondente caíra para o patamar de 24%. O incremento escravista do Sul capixaba explica-se pela bem sucedida expansão cafeeira na região na segunda metade do século XIX.<sup>10</sup>

**Tabela 02 – Distribuição populacional da província do Espírito Santo**

Regiões	Livres 1824	Escravos 1824	Livres 1856	Escravos 1856	Livres 1872	Escravos 1872
Capital	8.994	5.699	13.164	3.834	19.004	5.455
Reis Magos	5.445	1.704	8.485	1.841	10.281	2.562
Benevente	3.887	1.979	6.536	758	7.014	1.474
São Matheus	2.659	2.654	3.640	2.213	5.357	2.813
Itapemirim	2.332	1.148	4.968	3.454	17.822	10.355
Total ES	23.317	13.184	36.793	12.100	59.478	22.659

Fonte: (Ano de 1824) VASCONCELLOS, Ignacio Accioli de. *Memoria statistica da Provincia do Espirito Santo escrita no anno de 1828*. Transcrição do manuscrito original por Fernando Achiamé. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1978; (Ano de 1856) – Censo constante do Relatório apresentado pelo José Maurício Fernandes Pereira de Barros, no dia 13 de fevereiro de 1857, p. 8; Censo de 1872, apud :AMPOS, Adriana. Nascidos em cativeiro: dinâmica de reprodução endógena nas escravarias do Espírito Santo – Século XIX. In: 5º ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 abr 2011.

Conforme os estudos de Aloiza de Jesus, parece que um maior número da população livre e pobre pôde optar pela emigração para a região Sul ou para áreas circunvizinhas à cidade de Vitória. No caso dos senhores e seus cativos pode-se inferir que deslocaram do setor mais central para suas roças, já que era costume da elite senhorial manter a posse de propriedades tanto na área da Capital quanto em sua região circunvizinha, fator que teria facilitado o movimento de cativos para serem utilizados na área rural. Porém, a reversão na amplitude social da posse escrava no período de 1850 a 1872 aponta para a possibilidade desse movimento populacional escravo ter sido motivado pela venda de cativos por parte de pequenos proprietários, realizando o comércio de uma mão de obra anteriormente concentrada em ocupações urbanas preteridas com a expansão cafeeira do período.

Nesse contexto o escravo era presença constante nos relatórios de província do século XIX. A importância do escravo no Espírito Santo ultrapassa a

<sup>10</sup> CAMPOS, Adriana. Nascidos em cativeiro: dinâmica de reprodução endógena nas escravarias do Espírito Santo – Século XIX. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 abr 2011.

questão da mão de obra, pois, como atesta Patrícia Merlo, Vitória ao longo do dezenove era uma sociedade escravista, não apenas por sua produção agrícola depender diretamente da maior presença de cativos, mas também por neles materializar-se o maior acúmulo de riqueza. O predomínio da mão de obra cativa, a pequena quantia de numerário, a ausência de atividades industriais e a forte presença de uma rede de endividamentos apontam para um mercado restrito, com pequenas opções de investimentos e uma frágil divisão social do trabalho. Esse era o contexto do Espírito Santo em todo o período – escravista, agrícola e provinciana.<sup>11</sup>

Alguns presidentes queixavam-se das más condições financeiras que impediam a agricultura alavancar no Espírito Santo, sendo o problema da mão de obra um deles. José Fernandes da Costa Pereira Junior em 1863 e Manoel José de Menezes Prado em 1876 relataram que:

*Nenhuma alteração sofreu a agricultura da província, do ano passado para cá. E como sempre menos rotineira e produtiva do que se poderia esperar se por ventura não consistisse no trabalho manual, pesado, enérgico e em muitos lugares perseverantes, porém ordinário e grosseiro sem observância dos preceitos salutares da ciência. O principal ramo da cultura é o café, e por eles muitos vão deixando a lavoura de açúcar e de mandioca.*<sup>12</sup>

*Não é lisonjeiro o estado da agricultura nesta província. Presa por laços tradicionais a rotina quase nenhum progresso tem feito. Apenas um ou outro município começa a ensaiar-se o arado. Todos os mais instrumentos devidos ao progresso da ciência moderna, que formão nos países adiantados a força e a riqueza da indústria agrícola, são desconhecidas ou desprezados pelos nossos agricultores. A agricultura aqui dura da fertilidade do solo e do preço vantajoso que tem alcançado o café, seu principal gênero de exportação. Nestas condições compreendeis quanto é precário seu futuro. Convém pois tira-la do entorpecimento em que jaz e ir colocando –a em circunstancias que assegurem-lhe um futuro menos incerto e mais próspero. A falta de capitais é talvez o obstáculo que mais entorpece a marcha d'agricultura brasileira. Oberados de dívidas contraídas a altos juros ou receosos de contraí-las, os nossos agricultores nada animam-se a empreender. Por outro*

<sup>11</sup> MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 96.

<sup>12</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1863.

*lado, urgia revificar a lavoura de cana, que definha a olhos vistos.*<sup>13</sup>

Porém, é prudente assinalar que a precariedade das técnicas agrícolas no século XIX não se limitou ao Espírito Santo. Consoante Almada, a ênfase no atraso crônico da agricultura pode ser observado nos relatórios de diferentes províncias. E que embora restrita a Itapemirim, a melhor técnica agrícola foi utilizada no Espírito Santo, sendo muito frequente os anúncios de maquinários modernos para época, alguns importados dos Estados Unidos e da Europa.<sup>14</sup>

Desde 1849, a primeira menção a *Lei Eusébio de Queiroz* presente nos relatórios é feita em 1853, com a intenção de demonstrar que a província estava respeitando a lei. Nos anos de 1854 e 1856 a intenção é a mesma. A historiografia local aponta que o tráfico de africanos não cessou pós 1850, mas os relatórios provinciais são enfáticos ao narrar o respeito por essa lei, bem como o esforço em cuidar para que ela não fosse burlada:

*A vigilância do governo imperial e de seus delegados tem sido incansável no sentido da repressão do tráfico de africanos boçaes: à exceção d'um ou outro caso de desespero dos que ainda se alucinam com este negócio e que acossados pela polícia de mar ou de terra procurão um abrigo de salvação onde quer que seja, não se terá de ver pelo que me parece, algum desembarque dessa gente nas costas da província".*<sup>15</sup>

*Nenhum facto se tem dado na província de desembarque de africanos boçaes, ou de tendência desse crime. Em fins de setembro do ano próximo passado apareço nas costas d'esta província para o lado de Itapemirim uma embarcação suspeita. Immediatamente o delegado do termo, o Dr. Rufino Rodrigues Lapa, deo parte d'esta occurrencia ao Dr. Chefe de policia, tomado desde logo, as mais enérgicas providencias. Pedindo auxílio a guarda nacional, da qual lhe foi prestado imediatamente um contingente commandado pelo tenente Joaquim Marcellino da Silva Lima. Com esta força e com a do destacamento de primeira linha, que ali existe a mando do tenente José Caetano d' O liveira Rocha, pôs -se em segurança a costa de modo a tornar impossível um desembarque n'aquelle ponto caso fosse tentado. Quando aqui chegarão estas noticias achava-se surto no ponto o brigue escuna de guerra Xingu imediatamente o fiz seguir para ali; e o seu comandante o segundo tenente Manoel Antonio da Rocha Faria desempenhou perfeitamente esta comissão saindo com*

<sup>13</sup> APEES – **Relatório do presidente de província.** 1876.

<sup>14</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição:** o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 87.

<sup>15</sup> APEES – **Relatório do presidente de província.** 1853.

*toda a diligência e voltando depois de obter a convicção de que se não corria o risco de um desembarque de africanos náquelle ponto. A embarcação suspeita, tendo se afastado para o sul, foi apreendida em Itabapoana pelo comandante do destacamento pertencente a província do Rio de Janeiro e depois relaxada pela autoridade competente em consequência de ter verificado que se não empregava no comércio de africanos. Não faço menção deste fato, e suas circunstancias, senão para por patente o espírito das autoridades da província, como a da mesma população, a cerca do comércio ilícito de africanos; e sinto não ter presentes os nomes de todos os guarda – nacionais que compozerão o contingente para fazer d'elles aqui especificada menção. Todo mundo compreende hoje que, para se não comprometer o futuro do país, é indispensável que a cessação do tráfico de africanos seja uma realidade.<sup>16</sup>*

O Barão de Itapemirim salientou que, embora a província tivesse muitas propensões para desenvolver o comércio ilegal, isso não ocorria desde 1851:

*Suposto seja muito conhecida a extensão das praias desta província, a falta de força pública, e o quanto se prestão certos lugares para um fácil desembarque de africanos, nenhum se tem dado desde 1851. Em que se malogrou a ultima empresa graças aos esforços e dedicação do então delegado Dr. Rufino Rodrigues Lapa, que em Itabapoana apreendeu cento e tantos africanos, e toda tripulação do barco que os trazia. E se pode considerar extinto na província esse criminoso comércio.<sup>17</sup>*

Apesar do esforço em demonstrar que o fim do tráfico internacional foi aceito de bom grado, os espírito-santenses pareciam não estar muito contentes com a lei Eusébio de Queiroz e tampouco com as pressões inglesas. Em 1863, em meio ao contexto da chamada *Questão Christie*, o então presidente, André Augusto de Pádua Fleury, logo após queixar-se da situação econômica do Brasil relata sua indignação à Inglaterra, sem, contudo citá-la:

*Exigências exageradas por parte do representante de uma nação amiga –ferirão o brio nacional e encherão de verdadeira indignação todos os brasileiros.<sup>18</sup>*

É bom lembrar que, embora a escravidão não fosse mais bem vista na segunda metade do XIX, ela era vista como necessária. No entanto, assumir a opção pelo cativo, nas ultimas décadas do dezenove, era no mínimo uma atitude mal vista. Para Martha Rebelatto, levantar a bandeira abolicionista representava uma postura moderna, o que atraiu muitas pessoas, até mesmo

<sup>16</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1854.

<sup>17</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1856.

<sup>18</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1863.

aquelas que não se identificavam com os movimentos de libertação dos escravos, pois havia mais uma preocupação com a própria imagem do que com a abolição.<sup>19</sup> O relatório abaixo é sintomático desse sentimento que precede as elites brasileiras às vésperas da abolição, uma junção da necessidade de civilizar-se abolindo a escravidão e ao mesmo tempo a necessidade de mão de obra:

*É justo que a província do Espírito Santo concorra com o que pode para acompanhar as suas irmãs, no empenho de patentear ao mundo civilizado, que o Brasil não conserva a escravidão senão por suprema necessidade, e que essa instituição, triste legado de nossos antepassados, esta correndo ao seu termo pela vontade nacional, sabiamente interpretada pelo governo imperial na memorável lei de 28 de setembro de 1871.<sup>20</sup>*

Embora os administradores províncias não contestassem abertamente as leis escravistas, em seus relatórios percebemos sutis críticas à essas leis, como se elas representassem uma atitude precipitada, visto que o momento necessitava da mão de obra escrava para desenvolver a agricultura. Assim, em seu relatório, Domingos Monteiro Peixoto ao descrever a situação da agricultura em seu governo, mencionou a dificuldade de braços por ocasião da Lei do Ventre Livre:

*Doada pela natureza com a liberdade de um solo, cuja riqueza ofereceu vasto horizonte de tentativas de trabalho; abastada com a posse de espontâneo, alterosa e luxuriante vegetação, a província abre campo largo á agricultura, a qual entre as indústrias conhecidas, tem a primazia da importância pelo facto de proceder d'ella os meios atinentes a conservação do organismo animal. Apesar da existência desses elementos que deveriam contribuir para seu prospero desenvolvimento, é forçoso reconhecer que a lavoura da província não há conseguido o esperado incremento. A necessidade de braços, que já se vão rareando com os naturaes efeitos da humanitária lei de 28 de setembro de 1871.<sup>21</sup>*

De acordo com Vilma Almada, os fazendeiros do Espírito Santo continuaram aferrados ao trabalho escravo até as vésperas da abolição. O apego destes fazendeiros à mão de obra escrava evidenciou-se na totalidade dos votos

<sup>19</sup> REBELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20 jul 2007.

<sup>20</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1872.

<sup>21</sup> APEES – **Relatório do presidente de província**. 1875.

capixabas contrários à sanção da lei de 28 de setembro de 1871, na tardia distribuição do Fundo de Emancipação no município de Cachoeiro, que só distribuiu a primeira quota em 1881, bem como nas características peculiares das alforrias na província, já que por falta de alternativa ao trabalho dos seus escravos, alguns fazendeiros concediam-lhes, juntamente com a liberdade, terras e cafezais para o seu sustento, sob a condição de que, enquanto estes vivessem, prestariam-lhes seus serviços.<sup>22</sup>

Mesmo que a *Lei Eusébio de Queiroz* tenha sido burlada corriqueiramente por meio de atividades ilegais<sup>23</sup>, a partir da *Lei do Ventre Livre* o envelhecimento paulatino da escravaria se apresentava inevitável, pois tratava-se apenas de uma questão de tempo. Através dos estudos de Patrícia Merlo observamos que parte do problema de mão de obra do Espírito Santo foi resolvido pela reprodução natural e pelo tráfico interprovincial. Ao longo do período de vigência do tráfico, Vitória recebeu a maior parte de seus escravos dos mercados vizinhos, como Bahia e Rio de Janeiro.<sup>24</sup> Em sua tese Patrícia Merlo verificou que a maioria dos cativos que compunham a escravaria de Vitória não eram oriundos da África. A alta representatividade de crioulos no Espírito Santo ofereceu indícios para que a autora concluísse que Vitória possuía escravarias já antigas, onde teria ocorrido uma paulatina renovação de mão de obra via natalidade, apesar do ingresso dos recém-chegados pelo tráfico. Apesar do incremento do tráfico a partir de 1808, em Vitória a tônica foi um relativo equilíbrio entre os sexos no interior das propriedades cativas, o que facilitou a formação de núcleos familiares.<sup>25</sup>

<sup>22</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição**: o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 55.

<sup>23</sup> Parece que o Espírito Santo foi um dos locais que abrigaram o comércio clandestino. De acordo com Emília Viotti da Costa, depois da lei de 1831, os escravos eram desembarcados clandestinamente nas praias desertas que se estendiam ao longo do litoral brasileiro. Preferiram-se aquelas cuja via de acesso aos centros consumidores fosse relativamente fácil e, por isso, as mais frequentadas no período do café foram as de Santos, Guanabara, Cuaraguatutuba – Lagoinha, Ubatuba, Parati, Angra dos Reis, Mangaratiba, Maricá, Cabo Frio, Macaé, São João da Barra, Itapemirim, Vitória e São Mateus. COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998, p. 92.

<sup>24</sup> MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p.75.

<sup>25</sup> MERLO, Patrícia Maria da Silva. **Estudo sobre a família escrava em Vitória/ES, 1800-1830**. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/PATRICIA%20MARIA%20DA%20SILVA%20MERLO.pdf>. Acesso em: 22 jun 2008.

A hostilidade em relação à substituição da mão de obra escrava pela imigrante foi ressaltada na historiografia regional como podemos perceber no trabalho de Vilma Almada. Conforme a autora, o fracasso dos núcleos coloniais de imigrantes europeus criados pelo governo desde 1847 e as tentativas frustradas de introdução de trabalhadores livres, nacionais e estrangeiros, nas fazendas de café apontam um indício do apego dos fazendeiros espírito-santenses pela mão de obra escrava<sup>26</sup>. Além disso, no Espírito Santo os imigrantes estabelecidos na província chegavam com o intuito de povoar as terras devolutas da região e não para substituir o trabalho dos cativos na lavoura.

Ao que tudo indica, a província do Espírito Santo demorou a se desvencilhar dos braços cativos, pois encontramos anúncios de escravos fugidos às vésperas da abolição, mesmo com toda a aclamação da discussão de libertação em voga. Ademais, parece que a esperança de perdurar um pouco mais o sistema escravista existia em algumas mentes, embora se faça importante mencionar que enquanto não fosse assinada a lei, não poderia perder as esperanças e perder uma mão de obra cara. Concorre ainda para essa assertiva o fato de que, como o escravo era uma propriedade, havia a esperança dos senhores em receber indenizações mediante a libertação dos mesmos. Assim, pode ser que o anúncio de Viriato pretendia apenas ter meios de comprovar a fuga de sua propriedade, caso ocorresse a abolição e este ficasse prejudicado da indenização em virtude da fuga do mesmo. Ainda que nossas fontes não autorizem maiores incursões nesse sentido, as mesmas figuram-nos essa possibilidade, já que o anúncio se destoa das outras publicações que oferecem recompensas, características físicas dos fugitivos, bem como possíveis pistas de onde encontrá-lo:

*O abaixo assignado declara que desde o dia 14 de dezembro findo, acha-se fugido o seu escravo de nome Sérgio. Victoria, 7 de janeiro de 1888. Viriato Esperidião Pinto.<sup>27</sup>*

É bem verdade que as décadas finais do regime escravista não foram um momento simpático para os senhores de escravos do Espírito Santo, os quais,

---

<sup>26</sup> ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição**: o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.55.

<sup>27</sup> APPEs – Série Jornais – *Correio da Victoria* - 18 de abril de 1888.



inclusive renegaram a mão de obra imigrante num primeiro momento. No anúncio abaixo, a menos de um mês da lei que antecede o fim do cativo, temos um relato cheio de rancor para com os abolicionistas locais, inclusive duvidando das suas pretensões humanitárias ou morais e atribuindo-lhes a mesma atitude dos acoitadores. Pode até ser que esse anúncio seja uma evidencia de um proprietário que não apostava no fim da escravidão e atribuía os burburinhos que chegavam aos seus ouvidos às atividades dos abolicionistas:

*O abaixo assignado declara ter fugido do seu estabelecimento rural {Ramalho} a sua escrava de nome Lina, de 20 a 21 annos, solteira e cosinheira: e presume, com bons fundamentos, acha-se ella homisiada alli pelas mattas da capichaba e na cosinha de alguns abolicionistas da terra, que, com raras excepções, visão mais o seu interesse na fruição de serviços do que pelos escravos; gratifica-se a quem a apprehender e apresental-a n'aquelle estabelecimento, protestando contra quem a acoitar. Bernadino Ramalho de A. Malta.<sup>28</sup>*

Investigando a Ilha de Santa Catarina nas décadas finais da escravidão, também por meio dos jornais, Martha Rebelatto verificou que em “meados da década de 1870, o número dos anúncios de fuga diminui sem demonstrar sinal de um possível crescimento, a partir de 1885 os registros de fugas somem totalmente dos periódicos de Desterro”.<sup>29</sup> A realidade do Espírito Santo foi outra, já que as décadas finais da escravidão, como já foi exposto, não concorreu para o fim dos clamores de perda da mão de obra, muito ao contrário, os anúncios continuaram sendo publicados nos periódicos, a partir da década de 70, contamos com 204 anúncios.

Para a pesquisadora do Desterro “uma possível causa para o sumiço dos anúncios estava ligada ao fato de não ser mais bem visto anunciar fugitivos, já que, se propagava uma imagem da abolição como algo civilizado, nobre e a sua assimilação por parte da população dificultava que certas práticas antes comuns agora fossem repetidas.”<sup>30</sup> No Espírito Santo o cenário foi outro: os

<sup>28</sup> APPEs - Série Jornais – *Correio da Victoria* – 11 de janeiro de 1888.

<sup>29</sup> REBELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20 jul 2007.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p.2.

anúncios continuaram ilustrando as páginas dos jornais, encontramos, inclusive, escravos que tiveram sua fuga noticiada por dezesseis vezes. E poucos foram os que se propuseram a vender sua mão de obra, tão preciosa naqueles momentos finais de escravidão. Ou seja, enquanto que lá em Santa Catarina Martha Rebelatto constatou que o sumiço dos anúncios estavam relacionados com a difusão das ideias abolicionistas, no Espírito Santo percebemos que tais ideias não chegaram a alterar a dinâmica da publicação de anúncios.

“Todo documento deve ser lido com duas precauções: de um lado, é preciso nele ver um testemunho dando uma imagem de um época estudada, tal como a viam os contemporâneos; de outro lado as fontes do passado constituem uma base para responder às questões que o historiador se coloca utilizando sua experiência atual, mas isso exige muitas vezes um trabalho de adaptação.”

Adeline Daumard

## **II PARTE – Anunciantes e Anunciados**

“A imprensa registra, comenta e participa da História”

Maria Helena Capelato

## **Capítulo 5 – O que nos revelam os anúncios de aluguel, compra e venda?**

A seção de anúncios dos periódicos pesquisados, com exceção da parte oficial, foi a divisão do jornal com maior publicação de assuntos referentes à província do Espírito Santo, visto que o noticiário local destinava uma considerável parte de sua publicação às notícias de outras províncias, sobretudo da corte. Sendo assim, é neste segmento do jornal que se pode acompanhar mais de perto o cotidiano da sociedade espírito santense no século XIX, pois através dos anúncios é possível observar questões referentes ao comércio, a saúde pública, festas, mortes, artigos religiosos e também anúncios de escravos, que são o objeto desta dissertação.

Existiram três tipos de anúncios de escravo: anúncios de fuga, de venda, ou aluguel de cativos, cuja composição se destaca por apresentar narrativas curtas, mas que aparecem com grande frequência nos periódicos investigados e que apesar da diferença política existente entre eles observamos certo padrão de publicação no que diz respeito aos anúncios de escravos.

Ao ter contato com os anúncios sobre o comércio de cativos (compra, venda e aluguel) o leitor contemporâneo não teria muitas dificuldades de se familiarizar com o tipo de linguagem presente nessas fontes, pois esses anúncios nos oferecem informações semelhantes aos nossos classificados de jornais contemporâneos de compra, venda e troca.

A diferença poderia surgir quando identificamos o tipo de comércio encontrado nestas fontes: comércio de pessoas, seres humanos. Nesse sentido, pensar em comércio de pessoas é, sim, uma estranheza para nós homens e mulheres do século XXI. Dessa forma, muitos podem supor que pela semelhança da linguagem com nossos anúncios atuais os escravos eram vistos como mercadorias. E se o escravo era tratado apenas com fins mercantis, um leitor contemporâneo, ao ter contato com esse tipo de fonte, poderia concluir que os nossos anúncios descrevem um escravo-coisa. São dois os motivos que nos levariam a pensar dessa forma: primeiro se tratássemos os anúncios apenas como uma descrição objetiva por parte dos anunciantes e não buscássemos identificar nas entrelinhas as pistas deixadas por essas fontes; e segundo se tentássemos entender o sistema escravista através de nosso olhar

contemporâneo. No entanto, concordamos com as assertivas de Geraldo Soares, quando afirma que:

A realidade da escravidão era mais complexa do que ela nos apresenta a primeira vista, e a última coisa que devemos fazer é nos enveredarmos por qualquer espécie de julgamento moral sobre as situações vividas pelos nossos personagens históricos.<sup>1</sup>

A análise de nossas fontes revela que qualquer tentativa de compreender as transações mercantis envolvendo cativos sob uma lógica de mercado resultará em desapontamento, pois nem sempre essas negociações comerciais traduziram o *status* jurídico do escravo como propriedade. Nosso aporte documental nos indica uma corriqueira negociação entre senhores e escravos, mesmo quando se tratava de uma atividade comercial. Inicialmente tínhamos em mente que em uma transação comercial de escravos prevalecia apenas os desejos dos seus respectivos donos; porém, o contato com os anúncios nos permitiu perceber que em alguns casos a venda, o aluguel ou a troca ocorria por desejo dos cativos. *A priori*, pode parecer uma afirmação estranha se pensarmos que nessa sociedade altamente hierarquizada, aqueles que estavam na posição inferior da hierarquia tivessem oportunidade de escolher sobre seu futuro; porém, os escravos possuíam lógicas próprias, mesmo sob a dominação do cativo, e essas lógicas obedeciam a uma espécie de reciprocidade de obrigações e direitos entre senhores e escravos.

O anúncio publicado por Francisco Euterpe Alfavaca é bem elucidativo sobre essa negociação existente entre senhor e escravo: em primeiro de Dezembro de 1849, estampa as folhas do *Correio da Victoria* o seguinte anúncio:

*Vende se uma escrava de idade de 27 a 28 anos, boa lavadeira, engomadeira, cozinheira do trivial de uma casa, quem a mesma pretender se dirija-se ao abaixo assinado; vende-se por não querer estar na roça. Francisco Euterpe Alfavaca.*<sup>2</sup>

A anunciada é qualificada como uma boa serviçal e o motivo alegado para a venda é o fato dela não desejar trabalhar na roça. Obviamente por se tratar de

---

<sup>1</sup> SOARES, Geraldo Antonio. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX. In: **Revista Brasileira de História**. v. 26, n. 52, 2006, p.52.

<sup>2</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – primeiro de dezembro de 1849.

um anúncio com fins comerciais, os motivos reais da venda podem ser camuflados, caso isso impeça a pretensa transação. Além disso, dificilmente encontraríamos nesse tipo de anúncio uma exaltação dos defeitos. Por outro lado, José Maia B. Neto ressalta que “por meio dos anúncios comerciais é possível perceber certos aspectos das imagens e ideologias senhoriais acerca dos trabalhadores cativos.”<sup>3</sup> Ou seja, mesmo quando o anunciante forja qualidades, ele o faz dentro de um quadro de expectativas em torno do que se pretendia no mundo escravista como um bom escravo. Além disso, não podemos esquecer que os anunciantes até podiam tentar enganar os possíveis compradores com exaltações de virtudes e qualidades. No entanto, quem desejasse efetuar a compra certamente certificar-se-ia de tais atributos. Por isso, os anunciantes não destinariam as suas publicações à mentiras suntuosas, pois isso provavelmente atrapalharia a comercialização. Deve ser por isso que o anúncio presente no *Correio da Victoria* de 1856 não oculta a enfermidade do escravo que se pretende vender, dizendo o seguinte:

*Vende-se um moleque crioulo com idade de desasete annos, doente de um pé; quem quizer compra-lo dirija-se a esta typ., onde terá informação exactas.*<sup>4</sup>

Ademais, não podemos questionar as atitudes dos nossos personagens como se eles fossem cínicos desejosos de camuflar verdades o tempo todo. A afirmação de Francisco E. Alfavaca acerca da recusa de sua escrava em não querer mais trabalhar na roça não nos parece falsa, pois ela não foi a única encontrada em nossas fontes que impulsionou a própria venda por motivos pessoais, como pode ser observado no anúncio a seguir de 28 de abril de 1849:

*Vende se uma escrava crioula de 18 anos de idade, o motivo da venda é ela não querer servir na casa que está; para mais informações nesta tipografia.*<sup>5</sup>

Essa publicação não fala das qualidades da escrava e tampouco cita o nome dela e de seu respectivo dono, ao que tudo indica o anúncio pretende demonstrar que a escrava não tem problemas aparentes que ocasione a

<sup>3</sup> NETO, José Maia Bezerra. Mercados, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). **História e Perspectivas**, n.41, 2009, p.285.

<sup>4</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 27 de agosto de 1856.

<sup>5</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 28 de abril de 1858.

venda, como doenças, por exemplo; inclusive se trata de uma cativa jovem, sendo o motivo da transação a recusa dela em não querer servir a casa onde está. No entanto, essas afirmações são apenas conjecturas, pois o anúncio não nos permite provar tais afirmativas. De uma forma geral, os anúncios de venda apresentam textos muito sucintos, mas como afirma Alberto da Costa e Silva “os anúncios nos direcionam para tantas ideias e pistas e mais parecem convites para aprofundarmos nossas investigações”.<sup>6</sup> Nesse sentido, fomos buscar na experiência de um escravo, Galdino, por meio de um inquérito<sup>7</sup>, informações mais completas acerca dessas tramas envolvendo venda de escravos.

O pedido de *habeas corpus* de Galdino foi solicitado pelo promotor público da comarca de Vitória, alegando a ilegalidade da prisão. De acordo com o promotor, o escravo não aceitou acompanhar o seu novo dono para Campos e por quatorze anos permaneceu na Comarca de Santa Cruz, terra desta província, até ser preso e enviado à capital sob suspeita de fuga. Para o promotor público, a permanência do escravo na cadeia é uma consequência do abandono do senhor de Galdino, pois ele foi comunicado sobre a prisão do cativo e nenhuma providência tomou para recuperar seu escravo. Diante disso, o procurador Afonso Cláudio de Freitas Rosa solicitou a liberdade do dito escravo, já que além dos nove meses de estadia na cadeia, o presidiário ainda se encontrava enfermo, por não estar curado de uma úlcera em uma das pernas.

Ao ser interrogado, Galdino respondeu ter aproximadamente quarenta anos, se empregava no serviço de lavoura e era morador de Laranjeiras na Serra há 13 anos e anteriormente residiu na colônia de Santa Leopoldina, núcleo do Conde d’Eu. De acordo com o escravo sua prisão ocorreu porque seu senhor Manuel Freris, residente da Freguesia do Queimado, o vendeu a um tal Aprígio, morador de Itapemirim, e este por sua vez também o vendeu a um tal de Bernadino residente na cidade de Campos. Mas ele aborrecido pelo fato de Aprígio o ter vendido ao dito Bernadino a falsa fé, isto é sem a sua ciência,

---

<sup>6</sup> SILVA, Alberto da Costa e. A escravidão nos anúncios de jornal. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010, p.18.

<sup>7</sup> APPES – Inq. N°746, Cx: 702. 1883. Pedido de Habeas Corpus para o escravo Galdino.



resolveu fugir de seu novo dono e procurar na província do Espírito Santo quem o comprasse.

Em seu depoimento Galdino contou que se encontrava ausente da companhia de seu último senhor seguramente há vinte anos. Após sua fuga em Campos veio para a província do Espírito Santo mesmo tendo o receio de ser conhecido e capturado. Obteve abrigo em algumas colônias, onde viveu por alguns anos até se aborrecer com a vida que levava. Optou então por procurar seu antigo senhor, Manuel Freris do Aça, para pedir que o comprasse novamente. Então, Manuel escreveu para Campos e depois disso vieram de lá uns homens que se diziam autorizados a efetuar a venda. Porém, a venda não pode acontecer, pois esses homens não portavam o documento de matrícula do escravo. Por isso, regressaram para Campos, prometendo procurar esse documento, mas não voltaram, e desde esse acontecimento até o depoimento de Galdino passaram-se sete anos, e por isso Galdino acreditou que não fora matriculado.

Após essa tentativa frustrada de renegociar o seu destino, retirou-se para o núcleo do Conde D'Eu, e de lá para Laranjeiras, onde viveu publicamente, apesar de ter conhecimento de que Rafael Pinto Bandeira procurava prendê-lo. Contudo, Galdino não sabia com a autorização de quem. Rafael chegou a usar do subterfúgio de mandar que Galdino aparecesse, pois o tinha comprado, mas Galdino não acreditou, até porque uma pessoa próxima lhe aconselhou que não acreditasse.

O acusador Tito da Silva Machado relata que o escravo Galdino não pode ser considerado abandonado, pois ele mesmo declarou que estava fugido, e é claro que contra a vontade de seu senhor. No entanto, a decisão final foi em favor do *fujão*, pois a justiça considerou a prisão do escravo como arbitrária já que ele não cometeu nenhum ato criminoso pela nossa legislação, e, além disso, sua prisão não foi requerida por seu senhor. Por isso, a justiça concedeu a soltura de Galdino.

O enredo desse inquérito nos demonstra que diferente das escravas anunciadas citadas anteriormente, o senhor de Galdino não lhe deu oportunidade de opinar sobre sua venda; assim, desgostoso da decisão de seu senhor que não lhe procurou para informá-lo da negociação, o escravo achou

justo que ele decidisse seu futuro por conta própria, e então resolveu fugir. Certamente, Galdino não se zangaria da atitude do seu senhor se não fosse um costume, pelo menos dos senhores que ele serviu, de informar aos cativos acerca de suas vendas.

Conforme os estudos de Hebe Mattos, “os senhores desenvolveram uma sofisticada economia política nas decisões de comércio de escravos, buscando garantir um mínimo de oposição por parte destas decisões.”<sup>8</sup> Deve ser por isso que Francisco Euterpe de Alfavaca e o outro anunciante anônimo resolveram negociar suas cativas, que estavam indesejadas da vida que levavam, antes que elas fizessem como Galdino. Pelo que transparece do discurso do escravo, Manuel Freris deve ter lhe dado explicações convincentes acerca de sua venda a Aprígio, pois o escravo deixou bem claro que sua indignação não era com Manuel, mas sim com Aprígio, que o vendeu sem que lhe desse uma satisfação. Galdino não reclama de maus tratos, não reclama do serviço, tampouco de alimentação e pelo seu depoimento não há nenhuma outra insatisfação aparente a não ser não ter sido comunicado sobre sua venda. Por outro lado, pode ser que a insatisfação dele estivesse muito mais ligada com a sua ida para outra província do que propriamente com a sua revenda. Talvez se Aprígio tivesse lhe informado acerca do seu novo destino, ele tivesse proposto que o vendesse para um senhor da província do Espírito Santo, onde deveria possuir laços de amizade ou de parentesco. Pode ser ainda que não possuía nenhum dos dois, porém poderia ser no Espírito Santo que estavam localizados seus sonhos ou projetos de vida. Tanto é que, ao fugir ele não permaneceu em Campos, retornou ao Espírito Santo, mesmo sob o receio de ser encontrado e preso como fugitivo. Seu senhor chega até a procurá-lo nos jornais, conforme podemos verificar:

*R\$. 200U000*

*De gratificação*

*A quem pegar o pardo Galdino, com 26 a 30 annos de idade, pouco mais ou menos, que fugio no dia 28 de outubro de 1869, côr acaboclada, cabello corrido e na occasião em que fugio não tinha barba, só tinha um pequeno bigode, bons dentes, pés*

---

<sup>8</sup> CASTRO, Hebe M. Mattos de. **Das cores do silêncio:** os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995, p. 111.

*pequenos, e sem defeito no corpo, foi comprado ao Sr. Aprígio Coutinho Ferreira Rangel, morador na villa de Itapemirim, província do Espírito – Santo: sabe se com toda a certeza que o dicto escravo Galdino vaga pelas proximidades da cidade da Victoria. Para ser remettido á cadeia, á ordem do mesmo Sr. até minha reclamação, ou o-entregar no porto de Itacuary ao Sr. Joaquim de Nevaes Campos, receberá a quantia acima, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe-der couro. Outro sim declaro que ficão sem vallor todos os documentos que tenho assignado para tratar de qualquer negócio relativamente à captura de meu escravo Galdino, até a data d'este, e para prevenir qualquer abuso que por ventura se possa dar, assim o faço público. Cidade de Campos, 15 de Agosto de 1870 – Bernadino Nogueira dos Santos Vianna.<sup>9</sup>*

Uma rede de solidariedade parece ter sido formada para Galdino desde a sua chegada, pois obteve abrigo em colônias, sem que, contudo, ninguém o denunciasse. Mas não pretendia permanecer nos núcleos coloniais, e inclusive chegou a dizer em seu depoimento que estava aborrecido com a vida que levava nas colônias, e assim decidiu procurar Manuel Freris, um antigo dono, para pedir que fosse comprado por ele como escravo; ou seja, Galdino não estava contestando a escravidão, e nem tampouco almejando liberdade, pelo menos não a liberdade tal qual entendemos hoje. Concordamos com a afirmação de Chalhoub “liberdade poderia ser para certos escravos, a possibilidade de escolher a quem servir ou de não servir a ninguém.”<sup>10</sup> O que esse escravo pretendia era poder decidir sobre seu destino e viver conforme seus desejos. O inquérito não nos informa sobre como se deu as negociações iniciais da venda do escravo, quando foi vendido para Aprígio, mas pode ser que Manuel Freris tenha lhe garantido que a sua venda não era para outra província.

Galdino não parece considerar o que fez como errado e tampouco parece se sentir arrependido de suas ações. Já o promotor público Afonso Cláudio de Freitas Rosa, acaba por vitimizar Galdino, para conseguir sua soltura. Para o promotor a permanência do escravo na cadeia é culpa de seu dono que mesmo sendo informado da sua detenção não se manifestou a respeito. O promotor não discute se o escravo está certo ou errado, mas garante que o cativo não pode permanecer na cadeia por tempo indeterminado sem que

<sup>9</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 15 de Outubro de 1858.

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das ultimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 80.

infração alguma tenha feito a lei, pois a fuga não era crime e, além de tudo o preso ainda estava enfermo. O posicionamento de Afonso Cláudio, em defesa do escravo é bem compreensível, pois, estamos falando de um atuante político do Espírito Santo é um dos mais notáveis abolicionistas desta província. E, como podemos observar pelos estudos de Mariana Pícoli, “a estratégia adotada pelos responsáveis pela propaganda abolicionista em Vitória foi realizada com muita cautela”. Nesse sentido, promover um pedido de *habeas corpus* para um escravo pode ser parte desse abolicionismo cauteloso praticado no Espírito Santo, que procurou auxiliar os escravos através de meios possíveis e legais sem apelar para radicalismos.

Outrossim, chama a atenção nesse inquérito o fato do dono de Galdino não ter demonstrado interesse em recuperá-lo. Apesar da fuga, Galdino não demonstrou ser um escravo problemático, tentou inclusive negociar a sua venda novamente quando fugiu para o Espírito Santo, e mesmo que esse escravo não fosse do agrado de seu senhor deixá-lo na cadeia incorreria em perda econômica. Ademais, Manoel Freris tentou negociar a venda de Galdino, e de acordo com o que consta no processo, isso não foi possível devido a falta do comprovante de matrícula do escravo, já que os homens que vieram de Campos para efetivar a transação não estavam munidos desse documento. Contudo, prometeram retornar em posse do documento para realizar a transação. Mas não voltaram e por isso Galdino conjecturou a possibilidade de não ter sido matriculado. A falta de matrícula talvez explique a atitude de Bernadino de não vir buscar o seu cativo. Pois, de acordo com a historiadora Aloiza Delurde:

O artigo 8º da lei do Ventre Livre obrigava a matrícula de escravos em todos os municípios do Império. Todos os escravos, sem exceção, teriam de ser matriculados sob pena de multas de os senhores serem obrigados a libertar os escravos caso não se verificasse o registro, após um ano do encerramento da matrícula.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Os livros de classificação deveriam conter a declaração do número de matrícula, nome, sexo, estado civil, aptidão para o trabalho e filiação de cada cativo, se fosse conhecida. O Livro de classificação dos escravos do município de Vitória foi confeccionado informando matrícula, nome, cor, idade, estado civil, profissão, aptidão para o trabalho, quantidade de pessoas da família, nome do senhor e observações. JESUS, Aloiza Delurde Reali de. **De porta adentro a porta afora: Trabalho escravo nas freguesias do Espírito Santo (1850-1871)**. 172f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007, p. 30.

O anunciante, Manuel Braga, ao contrário de Aprígio (ex dono de Galdino), além de informar seu escravo sobre seu desejo de vendê-lo, ainda lhe deu licença para procurar um novo dono, por meio de um acordo com o prazo de dois dias. Contudo, esse tempo passou e Antonio não apareceu, e então, seu senhor o noticiou como fugido, vamos acompanhar o que diz o anúncio:

*Os abaixo assignados moradores em Cariacica, tendo concedido licença no dia 16 do corrente pelo espaço de dois dias ao seu escravo de nome Antonio, para procurar senhor, e como até hoje não lhes tenha apparecido o dito escravo, o conciderão fugido: os signaes são cor parda, estatura regular, idade pouco mais ou menos de 22 annos, levou calça de azulão e camiza de riscado; desconfia-se que ande por Vianna, pelo lugar chamado – Luiz Gomes – Gratifica-se a quem o levar a seos senhores em Cariacica, e nesta cidade aos senhores Rodrigues e Tagarro, protestando-se com todo o rigor da lei a quem o acoutar.- Victoria 21 de Julho de 1859.*

*Manoel Luiz da Fraga C\*.<sup>12</sup>*

Dessa vez, quem agiu de má fé foi Antonio, que mesmo contando com a licença de seu senhor para negociar seu destino, não cumpriu com o acordo firmado com Manoel. Mas, será que o não retorno de Antonio foi planejado por ele desde a sua saída? Somente ele teria condições de responder a essa pergunta. No entanto, é bem provável que Antonio não tivesse essa estratégia em mente, pois escravos que almejavam a fuga como opção de liberdade, arriscavam-se em prol desse objetivo, tendo em vista que a evasão não foi um empreendimento tão difícil assim, sobretudo aos escravos urbanos submetidos a pouca ou quase nenhuma fiscalização e uma rede de solidariedades sempre disposta a acoitá-los. Caso Antonio tivesse desejos de evadir-se, já o teria feito, em poder de Manoel ou de outro senhor, e se isso já tivesse acontecido, certamente Manoel saberia e obviamente não daria ao escravo a brecha de ir procurar sozinho um novo dono.

Supomos que Antonio tinha um bom histórico comportamental e por isso seu senhor lhe concedeu essa oportunidade de escolher para quem queria servir. Todavia, é curioso o fato dele não ter voltado, se ele realmente fosse fiel ao ponto de receber um voto de confiança, o que o impulsionou a atraiçoar seu dono? Novamente, utilizaremos algumas proposições que acreditamos ser

---

<sup>12</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 23 de Julho de 1859.

cabíveis ao fato. Pode ser que Manoel comunicou a Antonio que desejava vendê-lo, e possivelmente lhe informou os possíveis candidatos à compra, os quais provavelmente não deveriam ser do agrado de Antonio. Talvez por morarem longe, em outra província, talvez por não lhe agradar o serviço que deveria prestar caso fosse efetivada a compra. Ou, talvez nada disso. O fato é que o tempo que Manoel estabeleceu para que ele conseguisse um comprador foi muito curto, e possivelmente ele não encontrou. Então, de acordo com lógicas e motivações próprias, Antonio deve ter feito uma avaliação do seu futuro caso retornasse ao seu senhor para ser vendido, e possivelmente as consequências dessa venda não seriam compatível com as suas expectativas, por isso preferiu a infidelidade para com seu dono do que a sua infelicidade. Por outro lado, o anúncio foi publicado apenas três dias após a data prevista para o retorno de Antonio. Podemos conjecturar que mesmo ciente da extrapolação do tempo que lhe foi concedido o cativo avaliou que fosse melhor continuar procurando até encontrar do que voltar e aceitar a proposta que lhe estava posta. Ou ainda, se sentiu atraído por algum outro senhor que não quis comprá-lo, mas que sugeriu abrigá-lo ilegalmente em troca de sua mão de obra, o que não foi incomum na província do Espírito Santo. Aliás, o anúncio de 12 de Outubro de 1859 parece denunciar justamente essa ultima questão proposta, diz o anúncio:

*Vende-se ou troca-se por outra, huma escrava de nação, com 41 annos; nesta typografia se da as informações necessárias: fugio á quatro dias desconfia-se, que esteja na fazenda do Mamoeiro; soffrera as penas da lei quem a tiver acolhido.*<sup>13</sup>

Quando lemos esse anúncio, ficamos nos perguntando como se vende uma escrava fugida? Um fato interessante contido no anúncio é que o anunciante cita o local onde desconfia que ela esteja, e ameaça a quem por ventura estivesse lhe escondendo. Talvez, como o senhor já estava ciente que sua escrava se encontrava em poder de outra pessoa e inclusive realizando serviços, resolveu publicar esse anúncio no jornal sugerindo que a pessoa que a tivesse em seu poder legalizasse a situação, comprando-a. Mas, pode ser também que a escrava já tivesse manifestado em outra circunstancia o desejo

---

<sup>13</sup> APEES – Série Jornais – *CORREIO DA VICTORIA* – 12 de Outubro de 1859.

de ser vendida, e seu senhor não lhe acatou, fato que teria feito com que ela visse na fuga a solução do seu problema.

Nesse sentido, a fim de evitar prejuízos, a negociação era preferível à intolerância. Entretanto, muitas vezes os acordos foram quebrados por intransigência senhorial, ou por intransigência escrava. Mesmo assim, os anúncios nos deixam pistas de que esses acordos existiram, e mais do que isso foram muito frequentes, apesar de nem sempre respeitados, como no caso do escravo Luis. Vejam este anúncio extraído do periódico *O Espírito Santense*:

*Gratifica-se*

*Raphael Pereira de Carvalho, tutor de seu filho Rufino Rafael de Carvalho, declara que, tendo o escravo Luiz, de côr preta, altura regular, cabelo carapinhado, rosto comprido, bons dentes, magro, de 34 annos de idade, muito pernóstico, excedido o praso que lhe fora concedido, para apresentar-se ou dar a quantia marcada para a sua liberdade, como pedira, considera-o fugido, e assim protesta com todo o rigor da lei contra quem o tenha acoutado, prevenindo ainda que esse escravo, segundo consta, intitula-se forro, acha-se no município de Vianna no logar da residência de alguns filhos do seu primitive Sr. o finado Manoel Martins de Souza. Gratifica-se a quem o trouxer ao annunciante n'esta villa ou recolhel-o a cadêa de Vianna.*

*Linhares, 9 de Agosto de 1887. Raphael Pereira de Carvalho.*<sup>14</sup>

Luis é mais um escravo que não cumpriu o acordo estipulado por seu senhor, talvez por acreditar que já não o devia mais nada.

Ao enfatizar que as relações entre senhores e escravos, foram pautadas pela negociação, não estamos excluindo o fato de que os escravos eram mercadorias, e ainda que pudessem na maioria das vezes, agenciar suas vidas por meio de acordos firmados com o seu senhor, dentro de um consenso pré-estabelecido do que era justo, isso não lhes tira o caráter de propriedade. O que buscamos enfatizar é que o escravo não era tratado somente como um mero objeto comercial. Nesse sentido, encontramos anúncios que deixam transparecer um caráter estritamente comercial, como é o caso dos anúncios a

<sup>14</sup> APEES – Série Jornais – *O ESPIRITO SANTENSE* – 27 de Agosto de 1887.

seguir em que o senhor aproveita para oferecer todas as mercadorias de uma vez:

*Vende-se uma escrava de nação, 30 anos de idade, mais ou menos, sem vícios, sadia própria para a roça; quem a pretender dirija-se á casa de João Pinto Gomes Rezendo, Rua Formosa; na mesma casa vende-se livros em branco, folhetos, lagrimas e sorrisos, manual maçônico, colchões para camas, e marquesas, baús de folha envernizados, de todo o tamanho, terno de pesos de chumbo, balanças, vidros para vidraças e tudo quanto é obra de funileiro e latociro; e encadernam-se livros; botão de vidros, e pinta-se caixinhas; tudo por cômodo preço.<sup>15</sup>*

*No armazén de molhados da rua d'Alfandega em frente ao quartel da companhia fixa, vende-se por commodo preço toucinho, lombo, banhas a costellas de porco chegado ultimamente de Minas. No mesmo armazém compra-se escravos ladinos de qualquer sexo para Minas.<sup>16</sup>*

De acordo com José M. B. Neto, por meio dos anúncios comerciais é possível perceber a presença de uma ética do trabalho envolvendo homens livres e escravos. Assim, quando um anunciante superqualifica um cativo que pretende vender, sua ação não está isenta de significação social, pelo contrário, ele se utilizava de recursos simbólicos que norteavam as relações sociais na escravidão, indicando quais valores eram requeridos ou reprovados na esfera do trabalho.<sup>17</sup>

Na maioria dos anúncios encontramos uma descrição elogiosa, ou que apontavam virtudes, por parte dos senhores aos seus escravos, e isso não se restringe aos anúncios comerciais; até mesmo os anúncios de fuga são carregados de elogios, como: *muito fiel, bom lavrador, perfeita cozinheira, bonita figura, forte, ladino, bem feito de corpo, muito habilidoso, fisionomia ellegante e bem moralizada, é vistoso, bem conversado, muito finada de corpo muito poeta, figura agradável, boa índole, carinhosa, humilde, esperto, fala bem, fino, alegre, cantador, bem comportada, muito prosa, pacato, fiel, respeitoso, presença agradável, sadia, prendada, bons costumes, ágil.* É evidente que também encontramos adjetivos negativos como: *arrogante, idiotismo, mal encarado, potroso.* Entretanto, como podemos observar os

<sup>15</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 07 de fevereiro de 1849.

<sup>16</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victória* – 02 de novembro de 1850.

<sup>17</sup> NETO, José Maia Bezerra. Mercados, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). **História e Perspectivas**, n.41, 2009, p.285.



anúncios de escravos mais qualificaram do que desqualificaram os cativos, mesmo aqueles envolvidos na fuga.

A maioria dos adjetivos elogiosos estão associados à função do escravo como mão de obra, e não podemos esquecer o quanto foi mal visto pela sociedade escravista o trabalho manual. Sendo assim, postulamos que a perfeição figura por meio de uma perspectiva de utilidade desses escravos à realizar uma atividade que era desprezível aos homens livres. Mas, não tão simples assim. Era como se o trabalho fosse coisa de preto, mas não somente; era como se eles fossem os melhores e mais apropriados a realizarem tais tarefas. O autor Gilberto Freyre chega a dizer que “os escravos no Brasil patriarcal, constituíram uma aristocracia de homens de trabalho,<sup>18</sup> e dentro dessa categoria de trabalhadores, eles eram preferíveis aos homens livres brancos. Acompanhem algumas preferências sutis em nossos fragmentos de jornais:

*Aluga-se um rapaz forro ou captivo para o serviço de casa de um homem solteiro; para tratar nesta typ.<sup>19</sup>*

*Cosinheiro*

*Precisa-se alugar uma preta que saiba lavar e cosinhar o trivial para um homem solteiro; prefere-se preto, e não se duvida pagar bem: quem o tiver e quiser alugar dirija-se a esta typ.<sup>20</sup>*

*Ama de Leite*

*Precisa-se de uma ama de leite moça, sadia e sem vícios, pagando-se um bom aluguel. Sendo livre e de cor, tem preferencia. N'esta typografia se dirá quem precisa.<sup>21</sup>*

*Precisa-se alugar uma ama de leite que seja sadia forra ou captiva à rua do Conde d'EU. N.18.<sup>22</sup>*

*Precisa-se alugar uma escrava para serviço de uma casa de rapaz solteiro: prefere-se uma negrinha. Nesta tipographia se dirá o pretendente. Victoria, 16 de março de 1868.<sup>23</sup>*

*Aluga-se uma escrava que saiba cozinhar e fazer compras para uma casa de pequena família: Prefere-se livre. Para tratar nesta typ.<sup>24</sup>*

<sup>18</sup> FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010, p. 57.

<sup>19</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 10 de Janeiro de 1855.

<sup>20</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 16 de Abril de 1856.

<sup>21</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 11 de Abril de 1856.

<sup>22</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* – 08 de Fevereiro de 1873.

<sup>23</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* – 18 de Março de 1868.

Esses anúncios refletem a expectativa dos senhores em relação a um bom trabalhador, nesses cinco registros percebemos a insistência desses anunciantes por pessoas de cor, mesmo àquelas que já tinham obtido a alforria. No último anúncio exposto acima, o anunciante é incoerente porque deseja uma escrava, mas livre. Pode ser que utilizou a palavra escrava para se referir a cor preta. Não se trata de um erro de digitação, pois encontramos essa ambiguidade em outros anúncios. Talvez Gilberto Freyre estivesse certo em denominá-los de aristocracia do trabalho, pois nossos anúncios descrevem trabalhadores especializados como: mestres de fazer cigarros, padeiros, cozinheiros, pescadores de lancha, costureiras, engomadeiras, rendeiras, pajens, carpinteiros, trabalhadores de roça, amas de leite, lavadeiras, serradores, falquejadores, oleiros, serradores, alfaiates, fabricantes de açúcar, marinheiros, oficiais de sapateiro, marceneiros, fazedores de lenha, forneiros de padaria, tropeiros, sapateiros. Enfim, eram as mãos e os pés dos senhores, mãos daqueles que achavam que trabalhar era coisa de preto. Pois, Conforme Sheila Faria:

As pretensões aristocráticas dos brasileiros do século XIX estavam diretamente vinculadas à escravidão. O prestígio estava relacionado ao fato de que o próprio trabalho não era necessário para o sustento, mas, sim o trabalho dos escravos.<sup>25</sup>

A idade não era um empecilho tão grande ao comércio de escravos, os compradores pareciam estar mais preocupados com a especialidade que almejavam encontrar do que propriamente com a idade. Do total de 149 anúncios comerciais, contabilizamos que 93 anúncios mencionavam apenas a especialidade do cativo, 31 anúncios citavam a especialidade mais a idade, 17 anúncios traziam apenas a idade e 8 somente diziam o sexo não informando idade nem especialidade. Um dado interessante que encontramos é que os vendedores não tinham intenção de camuflar a idade dos anunciados. Dos 48 anúncios que mencionam a idade, um total de 37, são anúncios de venda. Em termos percentuais significa que 77% dos anúncios que mencionam a idade, dizem respeito à venda. Além disso, é neste tipo de anúncio que encontramos

---

<sup>24</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* – 03 de Junho de 1857.

<sup>25</sup> FARIA Sheila de Castro. Os barões do Brasil. In: FIGUEIREDO, Luciano. A era da Escravidão. **Revista História da Biblioteca Nacional**, Coleção n.03, 2009, p.49.

a maior frequência de menção a idade. A idade era das mais variadas, de acordo com a tabela a seguir:

**Tabela 3: Faixa etária dos anunciados (1849-1888)**

Idade	Venda	Compra	Aluguel
1-12	3 anúncios	1 anúncio	1 anúncio
12-15	3 anúncios	1 anúncio	1 anúncio
15-20	12 anúncios	2 anúncios	-
20-25	4 anúncios	1 anúncio	1 anúncio
25-30	9 anúncios	-	-
30-35	2 anúncios	-	1 anúncio
35-40	1 anúncio	1 anúncio	-
40-50	3 anúncios	1 anúncio	-
sem identificação	8 anúncios	16 anúncios	55 anúncios
Total	55 anúncios	23 anúncios	59 anúncios

Fontes: *Correio da Victoria* (1849-1850;1854-1859; 1864;1869-1872); *Jornal da Victoria* (1864; 1866;1867;1868); *O Espírito Santense* (1871-1888). *O Constitucional* (1885-1888).

As mulheres foram as campeãs de anúncios comerciais, conforme podemos observar na tabela abaixo.

**Tabela 4: Disposição dos anúncios referente ao comércio de escravos conforme o sexo. (1849-1888)**

Sexo	Venda		Aluguel		Compra	
	F	M	F	M	F	M
Correio da Victoria	20	17	34	5	11	5
Jornal da Victoria	6	6	8	2	0	0
O Espírito santense	4	1	9	1	6	1
O Constitucional	0	1	0	0	0	0
Total	30	25	51	8	17	6

Fontes: *Correio da Victoria* (1849-1850;1854-1859; 1864;1869-1872); *Jornal da Victoria* (1864; 1866;1867;1868); *O Espírito Santense* (1871-1888). *O Constitucional* (1885-1888).

As tabelas contabilizam o número de anúncios, e não o número de anunciados, já que existiram anúncios que se referiam a mais de um cativo. 12 anúncios não fazem menção a preferência por homens ou mulheres, que, portanto, não estão contabilizados na tabela. Como se pode observar as mulheres são 86,5% do total de publicações desejando alugar ou alugando. Em relação às publicações referentes à compra, as cativas compõem 74% dos anúncios. No que diz respeito à venda esses números são menos dispare, mesmo assim, as cativas ainda são maioria representando 54,5% dos anúncios de venda. Essas porcentagens são bem genéricas, já que, esses dados não nos autorizam a um mapeamento seguro das relações do comércio de cativos no

Espírito Santo. Contudo, esses números não são de forma alguma desprezíveis, pois embora eles não sejam um retrato dessas transações, eles ensaiam caminhos e problemáticas acerca desse comércio. É interessante mencionar que em Vitória uma das formas de adquirir cativos na cidade era por meio da arrematação em leilões de bens pertencentes a inventários, que eram apregoados na porta da casa do juiz de órfãos. Por outro lado, Cléber Maciel nos informa que era muito conhecido na região de Vitória os mercados de compra e venda de escravos da fortaleza de São João , (atual clube Saldanha da Gama), bem como o mercado de Campinho, onde é hoje o parque Moscoso, e o mercado de Porto Velho.<sup>26</sup>

A existência desses mercados não invalida que foi por meio dos jornais que muitas transações foram realizadas no Espírito Santo, ou como já evidenciamos anteriormente por meio do *boca a boca*. Os escravos se auto-agenciando ou os seus senhores oferecendo a *peça*. Mas algo interessante é que os jornais não fazem menção a esses mercados de escravos, e além disso percebemos que o anonimato foi uma característica dos anúncios comerciais, pois raramente disponibilizavam o nome do vendedor e muito menos o do escravo, ao contrário dos anúncios de fuga. Geralmente indicava-se como local para a negociação a própria tipografia. O preço pretendido pelo vendedor nunca era exposto no jornal, e havia ainda uma preocupação em deixar claro que a aquisição do cativo não desagradaria ao comprador. Alguns senhores buscavam alertar em seus anúncios que a venda não era por causa de defeitos, e no geral, quando informavam sobre a venda diziam que os motivos seriam ditos ao comprador.

A venda poderia ocorrer por vários motivos, tais como: questões financeiras, necessidade de redução de gastos, inabilidade do cativo para o serviço, pela idade avançada, físico esgotado ou doenças. Ou até mesmo porque os mesmos já não atendiam às necessidades de seus donos, às vezes até de forma proposital. Raramente, os anúncios de venda mencionavam que o motivo da venda era por necessidades financeiras, somente dois anúncios mencionam essa questão. Sendo assim, ao anunciar a venda de um escravo,

---

<sup>26</sup> MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de produção e difusão cultural, 1994, p. 57.

um integrante do grupo estabelecido buscava evidenciar outros motivos que não fosse uma *má saúde financeira*, uma vez que ter escravos significava ter status e poder. Nesse sentido, os anúncios de venda eram bem defensivos, pois destacavam as qualidades, porém não era conveniente exagerar, escondia-se os defeitos desde que eles não fossem tão graves e quase nunca estampavam o motivo da venda, enfatizando que o revelariam ao comprador; além disso, ocultavam o vendedor e o nome do cativo exposto a venda. O anúncio a seguir é bastante curioso, pois se destoa da maioria, diz o seguinte:

*Vendo um escravo de nome Francisco, com 24 annos, mais ou menos, o qual se acha ausente desde o primeiro de maio de 1866 até o presente, e no poder de minha mulher Maria Pinto Guimarães. Vendo o dito escravo para pagamento de dinheiro que realmente devo, e não para liquidação de dividas fantásticas, como algumas que já se tem figurado. Tudo provarei com os mesmos meus credores. Quem quizer fazer negócio dirija-se a Joaquim José do Couto.<sup>27</sup>*

Nesse caso, o anunciante revela sua identidade e a do cativo que pretende vender e ainda menciona que o motivo da transação é para o pagamento de dividas. Mas parece que sua atitude é uma espécie de acerto de contas, Joaquim quer deixar bem claro para seus credores que pretende paga-los. Mas, há ainda outro problema, o escravo que ele quer vender se encontra ausente há quase um ano. A escolha do adjetivo, ausente implica em dizer que ou Joaquim usa essa palavra, porque não o considera fugido e por isso tem esperanças que ele volte, ou ainda, algo mais grave, tendo em vista que o anunciante expõe de forma confusa que quer pagar o que realmente deve, pode ser então que alguém tenha roubado seu escravo como forma de pagamento de dividas, das quais ele não se considera devedor.

Pode ser que o anonimato em algumas transações fosse proposital, a fim de esconder alguma prática ilegal, pois houve anúncios que não queriam nem comprar, nem vender, nem alugar e nem procurar, mas sim alertar a sociedade espírito santense de não realizar serviços com determinadas pessoas, e de evitar problemas futuros com a justiça, como podemos acompanhar nos registros abaixo:

---

<sup>27</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* – 13 de Abril de 1867.

*O abaixo assignado faz saber ao público que ninguém faça transação alguma com Manoel Marques Pereira com os escravos seguintes, Jacó, Patrício, Antonio, Luiza, Amália, e Rita, cujos escravos se achão hypothecados ao annunciante por escriptura publica no cartório do tabelião Pimentel dos Reis cujos bens são para satisfação de dividas que o dito Manoel Marques tem de pagar. Itapemirim, 29 de Setembro de 1859. João Marques Pereira.*

#### *Acto Publico*

*Constando ao anunciante que João evangelista Nunes Pereira pretende vender um moleque de nome Braz, pretencente a sua mãe D. Francisca Maria do Espírito Santo, intitulado-se elle senhor do mesmo escravo, previne-se por meio deste, que ninguém contrate sobre o dito moleque ou outro qualquer bem como o mesmo João Evangelista Nunes Pereira, pois da legitima, que lhe coube por herança paterna, elle nada mais possui. E para que nenhuma pessoa seja illudida em taes contrato com o referido Evangelista publica-se o presente: protesta-se contra qualquer venda feita pelo mesmo sem procuração bastante de D. Francisca Maria do Espírito Santo. Itapemirim, 18 de novembro de 1857. a rogo da minha mãe Francisca Maria do Espírito Santo, Antonio Pereira Ribeiro.<sup>28</sup>*

O historiador José Maia Bezerra Neto evidencia que não somente a especialidade em certo ofício qualificava o trabalho escravo, mas que “havia também algo de fundamental na perspectiva senhorial quanto ao papel do cativo posto ao seu serviço e sob seu domínio: a observância de práticas comportamentais baseadas nos valores paternalistas”.<sup>29</sup> É por tais motivos que os senhores sempre relatavam a fidelidade e a obediência de seus cativos.

A procura por cativas foi majoritariamente por serviços domésticos, que em algumas publicações o denominaram como *serviços de porta adentro*, de uma forma geral, desejavam-se essas mulheres para: fazer serviços domésticos ou artesanais como rendas, costuras, engomar, cozinhar e lavar. Também foi muito procurado o serviço de amas de leite, que podia ser realizado na casa de quem pretendia os serviços, ou na casa da própria ama que ia ser contratada. Esse aspecto ressalta mais uma vez o que já enfatizamos anteriormente, a confiança que era creditada a esses escravos. Como podemos conferir na fonte, a seguir:

<sup>28</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 25 de Novembro de 1855.

<sup>29</sup> NETO, José Maia Bezerra. Mercados, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). **História e Perspectivas**, n.41, 2009, p.282.

*Precisa-se de uma ama de leite para uma criança que também pode ser mandada para a casa da pessoa que a isto se proponha: da-se boa gratificação, a quem convier, pode dirigir-se a esta typografia que saberá com quem deve tractar.<sup>30</sup>*

Chama nossa atenção a grande quantidade de amas de leite sendo ofertadas ou solicitadas corriqueiramente nos jornais. A pesquisa de Geórgia Quintas esclareceu muitas questões acerca da função dessas mulheres. A autora se questiona como se explicar a troca do leite materno verdadeiro pelo leite da mãe negra? Uma das hipóteses é que se tratasse de uma tradição em Portugal que se estabeleceu em terras brasileiras. O aluguel de amas de leite representava uma atividade financeira importante nas cidades. Por isso, os senhores exploravam esse mercado bastante lucrativo alugando suas escravas no período pós-parto. Por outro lado, as escravas que conseguiam um posto de ama-de-leite adquiriam de certa forma *status*, pois se distinguiam das demais, tinham maiores possibilidades de recompensa e maior aproximação com seus senhores. Além disso, Geórgia Quintas observou que em fotografias as amas estão sempre representadas de forma solene, com postura, elegância e bem vestidas assemelhando-se as senhoras brancas. Mas o que mais chamou atenção da autora foi a sugestão que há nessas fotografias de uma proximidade de afetividade mútua entre as escravas e as crianças. Naquele tempo, as amas de leite correspondiam, de certo modo, até certa idade, ao sentimento maternal e afetivo.<sup>31</sup> Gilberto Freyre ressalta que foram as amas-de-leite as responsáveis por introduzir a religiosidade em Silvio Romero e Joaquim Nabuco.<sup>32</sup> Diante desta constatação nos perguntamos como pode ao mesmo tempo, os escravos serem vistos como inferiores e por outro lado, assumirem postos de tal gabarito, como o de amamentar, cuidar e transmitir afeto aos filhos dos senhores? De acordo com Norbert Elias e John Scotson, os membros do grupo estabelecido estigmatizam os de outro grupo, não por

---

<sup>30</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 14 de Abril de 1855.

<sup>31</sup> QUINTAS, Geórgia. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativas da vida privada no nordeste patriarcal escravocrata na imagem fotográfica. *RSBE-Revista brasileira de sociologia da emoção*. Paraíba, v. 8, n. 22, p, 2009, p.13.

<sup>32</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987, p. 354.

suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente.<sup>33</sup>

A dinâmica da escravidão é muito complexa, e por vezes se apresenta ambígua para nós homens e mulheres do século XXI. Algumas questões temos dificuldades em entender, como por exemplo, o que é meia liberdade? Questionamento que surgiu, ao ter contato com os anúncios abaixo:

*Vende-se, uma molatinha metade forra, de nome Elisiária, de 18 annos de idade, perfeita rendeira, costureira, engomadeira e cozinheira, sem vicio algum quem a pretender, dirija-se a David Benedicto.*<sup>34</sup>

*Vende-se metade de huma escrava de 35 annos pouco mais ou menos que sabe lavar, engomar, cozinhar, e cozer, quem a quizer comprar dirija-se ao abaixo assignado que dirá com quem deve tratar. Antonio Franscisco Ribeiro.*<sup>35</sup>

Quais seriam as obrigações de uma meia forra? Talvez as mesmas de uma alforria condicional<sup>36</sup>? Esta é uma pergunta, a qual no momento não temos condições de responder. O segundo exemplo é mais compreensível, já que ao vender uma metade da escrava poderia significar dividir o seu turno de trabalho entre os dois senhores, ou os dias da semana. Lizandra Ferraz estudando as alforrias em Campinas percebeu que os senhores adotavam a prática da alforria como um instrumento político de controle tanto da população cativa (através da expectativa da liberdade) quanto da população liberta (através do recurso da gratidão) para superar os problemas deste período como a escassez de mão de obra escrava.<sup>37</sup> Sendo assim, Elisiária pode ter sido

<sup>33</sup> ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2000, p. 23.

<sup>34</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 14 de Março de 1849.

<sup>35</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 25 de Outubro de 1856.

<sup>36</sup> Estratégia utilizada pela classe senhorial em diversas regiões, a alforria com condição estipulada teve como princípio a garantia da obediência e da lealdade do escravo ao seu senhor. Normalmente as condições estipuladas envolviam a continuação do trabalho do cativo para com o seu senhor até sua morte, e/ou a seus herdeiros por um determinado prazo. O tratamento dispensado ao escravo alforriado condicionalmente seria o mesmo que a qualquer outro, uma vez que obrigado a continuar no cativeiro, desempenhava os mesmos tipos de serviços e rotinas. Além disso, o escravo alforriado ainda corria o risco de perder sua liberdade, caso fosse considerado ingrato com seu antigo senhor, ou se não cumprisse as condições estipuladas. BORGES, Nilcen C.Oliveira. Meio Livre, Meio Liberto. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 2., 2005, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/poa2005/59.pdf>. Acesso: 02 Fev 2011.

<sup>37</sup> FERRAZ, Lizandra Meyer. **Testamentos, alforrias e liberdade**: Campinas, século XIX. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008, p. 82.



vendida sobre a promessa de sua liberdade futura, desde que seguisse as suas obrigações enquanto cativa.

Além das qualidades de fidelidade e obediência, também observavam a questão dos vícios, pois, um escravo acometido por seus vícios poderia esquecer-se de suas obrigações servis, ou seja, era uma mão de obra de difícil controle. Mas não tão difícil quanto ter um cativo enfermo, por isso, um dos requisitos que sempre aparecem nos anúncios é ter boa saúde ou não ter moléstias crônicas. Os compradores, por sua vez, buscavam atestar na hora da negociação se os cativos realmente estavam bem de saúde. Segundo Mary Karasch:

Uma espécie de exibição circense<sup>38</sup> era realizada corriqueiramente nos mercados de escravos do Rio de Janeiro, a fim de provarem suas aptidões físicas, esperteza e saúde. A maioria dos compradores olhava cuidadosamente os olhos e os pés do escravo em busca de uma aparência jovem, bons dentes brancos, cor de pele uniforme e boa musculatura. Além disso, o comprador cauteloso, fosse homem ou mulher, abria a boca do escravo e examinava os dentes e apalpava e “batia” em todo o corpo para descobrir problemas de saúde escondidos pelos vendedores.<sup>39</sup>

Nos registros pesquisados não obtivemos informações sobre a procedência da aquisição dos escravos no Espírito Santo, todavia nos anúncios aparecem com muita frequência informações sobre os dentes dos cativos, se eram brancos, se faltava algum, etc.

Ter cativos saudáveis em anos de epidemia era uma grande vantagem, já que não teria gastos com a cura dos mesmos. Jória Motta verificou em sua dissertação que “os anos precedentes a 1850 foram de intensa ocorrência de

---

<sup>38</sup> Sobre essas exibições feitas pelos cativos nos mercados de escravos, temos uma excelente descrição no livro intitulado: *Um defeito de cor*, de autoria de Ana Maria Gonçalves. Esse livro mescla dados históricos com ficção, inclusive a autora se baseia em um suposto documento histórico encontrado na casa de uma diarista que realizava serviços em uma igreja da Bahia, e que por ocasião da chegada do novo pároco solicitou que uma limpeza fosse realizada nos arquivos da igreja, sendo esse documento parte da “limpeza”. A autora deixa claro que não tem condições de saber a procedência e veracidade do documento, que é escrito num português do século XVII, mas revela no romance que após ter escrito o livro o entregou a uma pessoa quem terá condições de testar as informações e dizer se trata-se de um documento ou não. O fato é que trata-se de uma narrativa criativa, de fácil e gostosa leitura, e que mesmo entremeada de ficção nos ilustra muitas questões acerca do nosso passado escravista. GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. São Paulo: Record, 2009, p.952.

<sup>39</sup> KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 82-83.

doenças, e surtos epidêmicos. Em 1850 foi a incidência de febre amarela no Sul da província, levando a morte muitas pessoas. Além da febre amarela causavam temor a varíola e a cólera.”<sup>40</sup>

De acordo com Adriana Campos, foi evidente a capacidade reprodutora das escravarias capixabas ao longo do oitocentos. Majoritariamente, tais unidades eram compostas por escravos crioulos, com estável equilíbrio dos sexos e com elevado índices de crianças.<sup>41</sup> Essas características favoreceram os senhores na recomposição de suas escravarias, sobretudo após a proibição do tráfico. Entretanto, quando o assunto era a venda desses escravos que possuíam algum parentesco, sobretudo quando se tinha filhos, a venda era sempre mais complicada, já que não foi raro a fuga por tais motivos. Por outro lado, notamos uma procura excessiva por amas de leite, e nesse caso cativas com filhos foram sempre solicitadas. Sobre a decisão da venda, o senhor fazia uma avaliação das suas necessidades e dos seus eventuais prejuízos na hora de decidir sobre uma negociação desse tipo. Assim, vimos que em nossos registros comerciais que para evitar transtornos, ao vender uma cativa com filhos, geralmente se oferecia a *cria* junto. Vejamos alguns exemplos:

*Quem quizer comprar uma negra com uma cria própria para ama de leite, e um moleque; dirija-se a casa do capitão Paulo Coutinho Mascarenhas para tractar.*<sup>42</sup>

*Escravos a venda por módico preço*

*Com dinheiro avista, boas firmas ou fianças certas, e pequenos prazos : Joana angola com uma cria; Prudente, angola de 25 annos ambos de roça; José, mina 30 annos de cidade e roça; Delfino pedreiro crioulo; Feliciano, molato, de roça e cidade; quem os pretender dirija-se a esta typ. Que os indicara quem os vende.*<sup>43</sup>

Se as mulheres eram solicitadas para serviços de *porta a dentro*, verificamos que os homens eram requisitados para trabalhos de *porta a fora*, tais como:

<sup>40</sup> SCOLFORO, Jória Motta. **O último grão de areia na ampulheta da vida: Poder, política e falecimento nos periódicos, “Correio da Victoria”, “Jornal da Victoria” e “Espírito Santense”**. 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011, p. 61

<sup>41</sup> CAMPOS, Adriana. Nascidos em cativeiro: dinâmica de reprodução endógena nas escravarias do Espírito Santo – Século XIX. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 abr 2011.

<sup>42</sup> APEES – Série Jornais – *CORREIO DA VICTORIA* – (Data ilegível).

<sup>43</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 2 de Novembro de 1850.

mestre de fazer cigarros, padeiro, pescador de lancha, carpinteiro, apto para trabalhar em lavoura, limpeza da cidade, caixeiro, serviços de padaria, lavrador, falquejador, oleiro e o mais cobiçado de todos aqueles para servirem de pagem. Verificamos que sempre era exigido para o exercício dessa função *bonitas figuras*. Ao que tudo indica esses escravos eram contratados para o serviço interno de uma casa, e chama-nos a atenção o fato de não solicitarem o quesito beleza para as mucamas, que também trabalhavam internamente. Conforme Gilberto Freyre, foi natural que a promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo as qualidades físicas e morais.<sup>44</sup>

As autoras Gabriela dos Santos, Patrícia Mesquita e Rafaela Deiab foram buscar respostas para as relações contemporâneas entre patroas e empregadas domésticas no nosso passado escravista. E destacaram que os pagens eram provavelmente escravos que prestavam algum serviço interno e também davam ordens, eram as amas-secas. Pesquisando em anúncios as autoras encontraram um registro que mencionava o tipo de trabalho realizado por um pagem: “Acha-se fugido desde primeiro de março do corrente, o escravo Theodoro (...) e tendo mais ou menos 22 annos, pagem de serviço doméstico acostumado a lidar com animaes, copeiro, entende do ofício de carpinteiro, sabe lidar com máquinas de corte “(...). (Correio Paulistano 05/01/1865).<sup>45</sup>

Informações mais precisas encontramos no livro intitulado; *O povo de cam na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro no século XIX*, a função de pagem seria:

Quando crianças companheiros de brincadeira dos filhos dos senhores, mas quando adolescentes eram instruídos para acompanhar os senhores, as damas, e os rapazes da casa quando saíam à rua. Eram também “moleques-de-recado”,

<sup>44</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 25. ed. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987, p. 352.

<sup>45</sup> DEIAB, Rafaela; MESQUITA, Patrícia; SANTOS, Gabriela. **Entre a casa e a rua**: a relação entre patrões e empregadas domésticas. (trabalho de campo) disponível em: <http://www.n-a-u.org/ENTREACASA1.html>. Acesso em: 20 jun 2011.

ajudavam na limpeza e na arrumação, serviam como copeiros e camareiros, cuidavam dos animais de transporte etc.<sup>46</sup>

Portanto, nesses registros comerciais encontramos um pouco desse universo do trabalho no mundo escravista, as expectativas em torno do trabalho escravo, as preferências, o permitido, o inadmissível, os acordos firmados na convivência cotidiana, bem como alguns indícios de quebras de acordo. É preciso frisar que não tivemos a pretensão de chegar a conclusões definitivas e categóricas sobre o trabalho escravo, mas sim apresentar algumas tendências, pistas e experiências, tanto escravas como senhoriais.

---

<sup>46</sup> SOARES, Luiz Carlos. **O povo de cam na capital do Brasil**: a escravidão urbana do Rio de Janeiro no século XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 118.

## Capítulo 6 – Os bastidores da fuga

O jornal desde o seu surgimento na província do Espírito Santo cumpriu uma função de utilidade pública, transformando-se num espaço social, na medida em que expressava, aspectos sociais, econômicos, religiosos e políticos da sociedade, bem como sentimentos relacionados ao comportamento e aos afetos individuais. Em menos de um mês de publicação do primeiro número, os anúncios de escravos já estampavam a quarta página do *Correio da Victoria*, sendo no 13º número do jornal publicado o primeiro anúncio de fuga. Naquela época os jornais eram pobres em imagens e as únicas ilustrações que encontramos em alguns desses registros foram: um negro descalço, portando uma espécie de vara com uma trouxa na extremidade para os anúncios de cativos do sexo masculino, uma negra segurando um objeto sobre a cabeça para os anúncios de escravas fugidas e para alguns anúncios solicitando amas de leite, uma escrava segurando um bebê no colo.<sup>1</sup>

A pobreza de imagens contrastava com a riqueza das descrições. Não existiu um padrão de publicação, os anúncios eram escritos conforme o desejo do anunciante e por isso esses registros possuem uma descrição bem personalizada, revelando textos subjetivos expondo sentimentos, descarregando mágoas e protestando por meio das letras. Obviamente que, como a finalidade principal desses anúncios era obter o retorno de um escravo fugido, algumas características são comuns a todos eles, por exemplo, a informação sobre o sexo, idade, nome ou características físicas.

Encontramos senhores sucintos que na hora de optar pelo jornal para solucionar o problema da evasão de sua propriedade, recorreram a descrições mais simplórias e objetivas e outros que não economizaram informações e expuseram até o desnecessário. Esses documentos pareciam um diálogo com a sociedade. Interessante que diferente dos anúncios comerciais, os anúncios de fuga não sugerem nada de anonimato, senhor e escravo são expostos com todas as letras. As descrições apontam uma familiaridade entre esses habitantes da província, por certo que a publicação desses nomes fazia a diferença na captura. Alguns senhores anunciaram escravos que já estavam há

---

<sup>1</sup> Essas imagens podem ser conferidas nos anexos C, D e E.

três, quatro anos fugidos, outros que anunciaram a fuga de um mesmo escravo mais de dezessete vezes.

Afinal, quem eram esses *fujões*? Porque eles fugiam? Para onde iam? A historiografia sobre escravidão, como já mencionamos é ampla, no entanto poucos trabalhos se dispuseram a uma análise das fugas. Em geral, a evasão é estudada como expressão de protesto, como em análises que se dedicam a formação de quilombos, ou ainda como discussão acerca da liberdade. Até porque um ato de fuga engloba todos esses questionamentos. É bem verdade, que a falta de documentação dificulta um pouco as investigações acerca das fugas, o que temos são alguns registros ou inquéritos policiais, mas somente quando as fugas estavam envolvidas em situações conflituosas, tendo em vista que fugir não era crime e mesmo que a polícia detivesse alguns suspeitos de fuga, os responsáveis pelos escravos fugidos eram os próprios senhores. Por outro lado, também podemos contar com os anúncios de escravos fugidos que deixam transparecer muitos aspectos que permearam um ato de fuga.

A *priori* a nossa amostragem de 236 anúncios de fuga sugeria que a incidência de fugitivos era muito alta no Espírito Santo. Mas, associando o número de registros com os 38 anos de publicações que abarca o nosso recorte temporal, encontramos uma média de 6,2 fugas por ano. Esses dados ficam menos expressivos se levarmos em consideração que no ano de 1856, a província do Espírito Santo possuía 12.269 escravos, e ainda 22.659 cativos para no ano de 1872<sup>2</sup>. Fugia-se pouco no Espírito Santo? É claro que nem todas as fugas foram noticiadas nos jornais, e tampouco temos os exemplares de todos os jornais preservados, mesmo assim não podemos desconsiderar que os jornais foram uma ferramenta recorrente dentre as tentativas de recuperar cativos. Ademais, também se faz necessário questionar: quem eram os anunciadores? Porque eles anunciavam e o que eles pretendiam? Seriam os anúncios de fuga um retrato daqueles que mais fugiam? Ou um retrato dos senhores que mais publicavam as fugas? Esses são os questionamentos que tentaremos responder ao longo deste capítulo.

---

<sup>2</sup> A origem destes dados se encontra em: BASTOS, Fabíola Martins. **Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidade**: formas de convívio no município de Vitória, 1850-1871. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p. 32.

A historiadora Mary Karasch investigando a vida dos escravos no Rio de Janeiro entre 1808-1850 verificou que havia uma pequena porcentagem de escravos brasileiros envolvidos em fugas, 80% dos fugitivos eram compostos por africanos. A autora atribui esses dados ao fato dos brasileiros terem maior conhecimento da localidade, e, portanto, escapar mais facilmente da captura, ou ainda ao fato de que os conhecimentos dos escravos acerca da captura desestimulam-lhes de encarar tal empreitada.<sup>3</sup> Além disso, sugerimos que os escravos nascidos no Brasil, ou submetidos ao regime escravista há mais tempo, estariam mais ambientados com a localidade, as condições de serviço e, sobretudo com suas obrigações de trabalhadores. Inclusive alguns tinham condições de vida até melhores que em África. No caso do Espírito Santo, Patrícia Merlo destaca:

Parte dos escravos que abasteceram essa região foi proveniente dos mercados vizinhos do Rio de Janeiro e da Bahia. Mas o que realmente chama atenção na composição da escravaria espírito-santense é o fato da maioria ser composta por cativos nascidos no Brasil, particularidade que se torna mais evidente se comparada com o Rio de Janeiro, principal fornecedor da mercadoria para Vitória, onde, segundo Karasch, em 1832, os escravos de origem africana representavam 73,3%.<sup>4</sup>

Ou seja, a maioria dos escravos residente da província que estudamos não passaram pela experiência traumática do tráfico atlântico, não tinham uma ligação de pertencimento tão forte com a África, não passaram pela experiência em ter que abandonar parentes e amigos, não tiveram dificuldades com o idioma e a religiosidade afro não era a mesma dos recém chegados. Além disso, nasceram escravos e estavam ambientados com essa condição. Por isso, na maioria das vezes, os *fujões* não estavam questionando a escravidão, tendo em vista que esta proposta, em grande parte dos casos, não se colocava para esses cativos, que pensavam e agiam de acordo com a sociedade na qual estavam inseridos. Isso não significa que estamos amenizando a escravidão, o que estamos enfatizando é que senhores e escravos eram duas faces, de uma

---

<sup>3</sup> KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 309-401.

<sup>4</sup> MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p.54.

mesma moeda, ou seja, faziam parte de um mesmo processo. Assim, compactuamos com as assertivas Silvia Lara, pois afirma:

Há um processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam ideias dominantes em uma dada sociedade, aparecendo como ideias universais, comuns e verdadeiras de e para todos os membros desta sociedade. Assim, as representações das classes dominadas estão prisioneiras do sistema dominante de representações e noções, sistema que elas acabam reiterando e reproduzindo ao nível da ação e pensamento.<sup>5</sup>

A passagem a seguir do livro de Leila Algranti, se mostra bastante esclarecedora sobre essa questão. Conforme a historiadora a primeira coisa que muitos ex-escravos desejam pós-liberdade, era adquirir um cativo:

A ideia de que o forro sempre se colocava ao lado do escravo contra o resto da sociedade é bastante questionável. Muitas vezes, o liberto aliava-se à camada dominante, talvez na esperança de se integrar nessa ordem social que lhe era tão hostil. Não só empregavam-se como capitães do mato, perseguindo seus ex-companheiros, como também entregavam voluntariamente mesmo os que não havia fugido (...) Não deixa de parecer estranho um escravo subjugar um elemento de sua própria raça ao cativo, reforçando o sistema que tanto lhe oprimia, ao invés de combatê-lo. Se não era possível comprar um negro, lançavam mão do sistema de aluguel, e ostentavam – no com orgulho nas ruas da cidade.<sup>6</sup>

Não descartamos que escravos e senhores vivenciaram constantes situações de conflito. Porém, como já afirmamos outrora, esses conflitos se operavam dentro de um consenso a respeito do que eram práticas legítimas e ilegítimas no mundo escravista. Pois, como afirma Mariza Soares de Carvalho:

A sociedade apresenta determinadas regras e limites para a organização dos grupos e que os indivíduos aprendem a se mover no interior dessas regras de forma a criar alternativas de convivência ou contestação, de acordo com as condições particulares, que cada caso oferece. Nem existe uma determinação absoluta das normas, nem tampouco uma autonomia irrefreável das vontades individuais. Assim, se de um lado são impostas aos pretos as rígidas normas da sociedade estamental, de outro lhes é franqueado um

---

<sup>5</sup> LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência**: escravos e senhores da Capitania do Rio de Janeiro: 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 44.

<sup>6</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p.129-142



infindável rol de atalhos por onde as pessoas têm acesso a distinções e dignidades, em diferentes esferas.<sup>7</sup>

Os autores Norbert Elias e John Scotson<sup>8</sup> elaboraram um estudo teórico que serve de suporte e inspiração para ilustrar algumas questões dessa problemática estabelecida entre senhores e escravos. Segundo esses autores, o termo *estabelecido* é utilizado para designar grupos e indivíduos que ocupam posição de prestígio e poder, mais do que isso, o grupo dos estabelecidos se autopercebem e são reconhecidos como pessoas da boa sociedade. Os membros do grupo dos poderosos pensam a si mesmos e se auto-representam como humanamente superiores. Diante dessa constatação, os autores supracitados elaboram uma problemática, qual seja, de que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença em que são humanos melhores que os outros? Que meio utilizam para impor essa crença? Pois, conforme Chalhoub “A escravidão não é uma organização normal da ordem social, a escravidão é uma invenção histórica contrária ao direito natural, uma violação do estado natural do homem, inerente ao escravo”.<sup>9</sup> Ou seja, foi preciso criar mecanismos para que a escravidão fosse legitimada, e imputar inferioridade aos negros foi um deles. A própria denominação *senhor de escravos* ou *dono de escravos*, já denota uma relação de poder, obediência, subserviência e dominação. O autor Márcio de Souza Soares evidencia que:

A gênese da autoridade senhorial deve ser buscada na origem da própria escravidão. O ato de escravização sempre se originou ou foi concebido como uma alternativa à morte imposta aos inimigos derrotados, sobretudo na guerra. Salvo algumas exceções, o escravo sempre foi por definição aquele que vinha de longe, o estrangeiro a quem era imposta uma espécie de morte social, uma vez que o sujeito escravizado era privado de suas funções e status anteriores para ser introduzido, como escravo, numa outra sociedade.<sup>10</sup>

Consoante Hebe M. Mattos, o segredo do código paternalista de dominação estava no poder senhorial de transformar em concessão toda e qualquer

<sup>7</sup> SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor**: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.165.

<sup>8</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

<sup>9</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.131.

<sup>10</sup> SOARES, Márcio de Souza. “Para nunca mais ser chamado ao cativo”: escravidão, desonra e poder no ato da alforria. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 4., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro.htm>. Acesso: 19 jul 2010.

ampliação do espaço de autonomia dentro do cativeiro. A violência era parte desse sistema, mas respondia a certas regras já estabelecidas.<sup>11</sup> Para Moses Finley o emprego da força bruta era parte de certos procedimentos que degradavam e aviltavam a humanidade do escravo para distingui-los dos seres que não eram propriedades.<sup>12</sup> Contudo, Silvia H. Lara nos faz uma discussão acerca dos castigos físicos, segundo a autora não devemos atribuir uma noção geral de violência ao castigo físico, adotar essa perspectiva, significa excluir a historicidade dessa noção e ignorar que seu significado era produzido no interior e no decorrer das relações sociais específicas.<sup>13</sup> Por isso, buscamos perceber nas entrelinhas dos anúncios os acordos desfeitos, as normas alteradas que corroboraram para a decisão radical de fugir, que nem sempre esteve atrelada a violência, pelo menos não a violência física.

Nosso aporte documental ratifica os trabalhos de Adriana Campos e Patrícia Merlo acerca da baixa composição demográfica do elemento servil originário da África. Nos registros jornalísticos de fuga, a cor dos cativos era sempre mencionada e nos sugere uma população cativa, já bastante mestiça. Eles aparecem como: pardo, cariboca, cor um tanto vermelha, pardo claro, um pouco fula, preto muito atilado, um tanto ruivo, mulato, pardo escuro, pardo avermelhado, preto retinto, fula, muito preta, preta não retinta, pardo acaboclado, cabra, pardo claro, crioulo, mulata não muito escura, bem preta, bem retinta, acaboclada. Mas em algumas situações a palavra preto ou preta não se referia a cor do anunciado, mas sim a sua condição de cativo.

As mulheres cativas são as que menos apostavam na fuga, apenas 55 anúncios são destinados a elas, o que em termos percentuais significa 23,3% do total de anúncios recolhidos. Alguns historiadores atribuem a menor incidência das mulheres fugindo ao fato delas serem numericamente inferiores ao número de homens. Mas no Espírito Santo do século XIX, há um certo equilíbrio entre o número de cativos e cativas<sup>14</sup>. No capítulo anterior, quando

---

<sup>11</sup> CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995, p.165.

<sup>12</sup> FINLEY, Moses. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991, p.99.

<sup>13</sup> LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência**: escravos e senhores da Capitania do Rio de Janeiro: 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 342.

<sup>14</sup> Conforme investigou Patrícia Merlo. MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 229 f. Tese (Doutorado em

tratamos de anúncios comerciais verificamos que as escravas eram mais solicitadas para serviços domésticos e como amas-de-leite. Ao que tudo indica essas mulheres tinham um tratamento melhor que o dos homens, e por serem de confiança deveriam permanecer nessas casas por longos períodos, e por isso a fuga não lhes parecia atraente. Além disso, cabe destacar que em muitas solicitações de compra preferiam-se mulheres com filhos, ou com bastante leite, ou seja, certamente boa parte dessas trabalhadoras de *porta adentro* tinham filhos, algo que dificultava decisões mais aventureiras. Porém, quando essas cativas optavam pela fuga, o prejuízo era dobrado, porque a *cria* ia junto, quiçá a família toda, caso existisse. Todavia, numericamente a presença desses casos foi irrelevante, por isso, fomos buscar nos pouquíssimos casos existentes, quais as possíveis motivações desse tipo de fuga. Assim, começemos com Jenoveva:

*Fugiu a Manoel Francisco Feo de Araujo a escrava Jenoveva com uma cria de nome Sebastiana crioulas, a pouco arrematadas em praça do Juízo de órfãos desta cidade da Victoria, cujas escravas pertencião ao casal do finado Luis Vicente Loureiro. Protesta-se com todo o rigor das leis contra quem lhes der coito e azillo; assim como gratiifca-se a quem as capturar e levar a seo dito Sr... que reside em uma fazenda Araúba do Districto do Queimado Termo desta cidade.*<sup>15</sup>

Jenoveva e sua filha estavam em poder de Manoel há pouco tempo e pode ser que as condições de trabalho que a cativa possuía na casa do finado Luis Vicente Loureiro fossem diferentes, fazendo com que ela estranhasse as novas obrigações e decidisse pela evasão. Também podemos conjecturar que Jenoveva não aceitou ser parte da herança deixada aos filhos de Luis Vicente talvez por alguma promessa do senhor de alforria após sua morte, ou até mesmo por acreditar que o único senhor que teve foi Manoel. A mudança de senhor nem sempre foi bem vista pelos escravos. Em nossas fontes sobre fugas muitas mencionam o nome e o endereço do antigo dono como suspeita da evasão. Talvez, porque nas dependências do ex-senhor é que se encontravam seus familiares, seus amigos ou até mesmo pelo apego aos antigos proprietários. Conforme salienta o historiador Marcus J.M. de Carvalho, para um observador hoje em dia, cento e tantos anos depois do fim da

---

História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>15</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 8 de Novembro de 1856.

escavidão no Brasil, pode parecer insignificante a mudança de dono – afinal de contas o cativo continuava cativo; todavia, para as pessoas que efetivamente viveram essa situação, trocar de senhor poderia representar uma significativa transição nas condições de vida do indivíduo. Para melhor ou para pior.<sup>16</sup>

Passemos a outro anúncio. A publicação destinada à escrava Roza é bem sentimental, o anunciante demonstra ressentimento com a fuga e sugere que seu ato revela uma ingratidão, já que a mesma sempre foi tratada com mimo. O termo que o senhor utiliza para a captura é enfático “mete-la”, compatível com o seu ressentimento. Bem diferente da organização textual dos demais anúncios, o padre Duarte inicia a sua publicação protestando contra os possíveis acoitadores da escrava, conforme podemos notar:

*Protesta-se com todo rigor das leis contra quem tiver dado, e der coito a escrava do abaixo assignado, fugida de seo poder na freguezia do Queimado desde sete de fevereiro do corrente anno: e gratifica-se, conforme trabalho da captura, à quem a prender, e levar ao dito seo senhor ali, ou mete-la nas cadêas da capital. Essa escrava chama-se Roza, he parda, magra, baixa, anda sempre de vestido, porque foi creada no mimo tem cabelo de pico, um tanto estirado hoje a força de pentes, cose de grosso, e he boa rendeira. Levou uma filha de sua côr, que terá pouco mais de anno de idade.*

*O padre Duarte.*<sup>17</sup>

Esse anúncio não nos fornece nenhum indicativo das motivações de Roza, talvez porque somente ela os soubesse, já que o padre Duarte não nos sugere nada. Diferente do anúncio seguinte, de Izidora, cuja razão maior que transparece é a busca por ficar próxima aos filhos:

*Fugio no dia 18 do corrente a José Francisco Pinto Ribeiro, a sua escrava de nome Izidora, de 40 annos de idade, estatura baixa, cor fula, olhos vesgos, pés pequenos. Desconfia-se que esteja nas immediações da fazenda – Jucuruaba – onde tem filhos. Quem por tanto d'ella tiver noticia, e participar, ou apprehendel-a será gratificado. E, com todo o rigor da lei, protesta-se contra quem a acoutar. Victoria, 24 de Janeiro de 1871. José Francisco Pinto Ribeiro.*<sup>18</sup>

<sup>16</sup> CARVALHO, Marcus J. M. **Liberdade:** Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. Recife: Editora Universitária, 2010, p. 272.

<sup>17</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 10 de Junho de 1857.

<sup>18</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 25 de Janeiro de 1871.

Nos 55 anúncios de escravas fugidas, não há nenhuma motivação particular que os distingua dos demais anúncios, a não ser a fuga para ficar próxima aos filhos, lembrando que criar laços era positivo e negativo para o senhor. Uma escrava com filhos geralmente era mais cautelosa em fugir e geralmente quando evadiam levavam seus filhos; por outro lado, vender um escravo sem seus filhos ou um parceiro também poderia ocasionar em prejuízo, caso esse fosse em busca dos seus parentes. Encontramos um caso de fuga de um escravo casado, pareceu ser algo incomum, tendo em vista que o anunciante fez questão de enfatizar sua relação marital. É bem possível que o índice de fugas de cativos com laços de parentescos estabelecidos fossem menor, a não ser que esses laços fossem cortados por ocasião de vendas ou qualquer outro motivo, havia também senhores que quando desejavam vender escravas que tinham filhos geralmente ofereciam a *cria* junto. No geral as motivações das escravas são as mesmas que instigavam os cativos. Nesse sentido, deparamo-nos com um anúncio de fuga em família, mas não apontam nenhuma causa aparente.

Para fugir não havia limite de idade, mas sim limites de insatisfação. Aos 40, aos 50 e até aos 60 nada os impedia. Vale considerar que fugir demandava muito mais esperteza do que força física. Além disso, o sucesso da maioria dos empreendimentos de fuga foram resultados da solidariedade da população local que acoitou ou ajudou na fuga, que sugeriu ou então que viu a evasão, mas não contou. Constatamos que as fugas individuais são muito mais recorrentes que as fugas coletivas, o que indica que a fuga é uma decisão antes de tudo, individual e que foram motivadas por questões diversas. O escravo, Benedicto, por exemplo, fugiu, pois acreditava que era liberto e pelo que o seu senhor deixa transparecer foi influenciado pelas ideias de abolicionistas; O fato é que ele não se julgava mais cativo e negava-se a continuar prestando serviços a Antonio Alves de Azevedo:

50U000<sup>19</sup>

*A quem entregar a Antonio Alves de Azevedo, seu escravo Benedicto, fugido n'este mez, côr preta, calvo e protoso, é muito conhecido deu lugar invadir-se por faltar ao respeito e*

---

<sup>19</sup> Chamou-nos atenção a letra U, utilizada no anúncio ao invés do cifrão; no entanto, isso pode ser observado em outros anúncios, conforme é possível verificar no Anexo-C.

*negar-se no trabalho dizendo que era foro por uma sociedade. Va com vista no abolicionismo?*<sup>20</sup>

Os senhores não duvidavam da esperteza desses fujões muito ao contrário, ressaltavam em suas publicações essa característica para quem estivesse interessado em ajudá-los na captura manterem-se atentos. Os artifícios utilizados pelos escravos foram diversos e curiosos, teve cativo que: fingiu-se de forro, cativas que utilizaram trajes masculinos para se disfarçar, utilizou cartas de alforria falsas, ou cartas de apadrinhamento, utilizou as cartas de esmola (escravos do convento), trocou de nome etc. Os anúncios deixam entrever que essas estratégias eram utilizadas por escravos bem espertos. A mudança de nome não foi uma atitude ingênua; segundo o historiador Marcus J. M. de Carvalho ao mudar de nome, o escravo deixava de ser um bem semovente que poderia ser disposto ao bel-prazer de seu proprietário. Ao negar o nome imposto pelo senhor, o cativo criava uma nova identidade, através da qual fruía mais amplamente vários aspectos da liberdade possível.<sup>21</sup> Afirmar-se como liberto era tido pelos senhores como esperteza, ou estratégia de fuga. Mas, conforme Marcus de Carvalho, existia um aspecto de cunho psicossocial envolvido nesse tipo de conduta. Ao dizer por ai que era liberto, o rebelde afirmava a sua condição humana.<sup>22</sup>

Nos anúncios o senhor noticia seu escravo da forma como ele o enxerga. No anúncio abaixo, percebemos que José Martins da Silva Paixão vê a sua escrava fugida como uma pessoa esperta, que foge e não consegue ser reconhecida pelo artifício que ela usa afim de não ser encontrada, utiliza uma roupa masculina. Além disso, o senhor ainda ressalta suas qualidades físicas, como pés bem feitos:

*Fugiu ao abaixo assinado no dia do corrente uma escrava de nome Julia de idade 21 anos, cujos sinais são os seguintes: Cabra, esbelta de corpo, estatura regular, falta dos dentes superiores na frente o beijo correspondente um pouco retorcido, pés bem feitos, levou no corpo saia de chita em bom uso, e argolinha de ouro nas orelhas, alguma outra saia e paletó de igual cor. Consta que levou uma calça e camisa de homem (calça de riscado xadrez, e camisa de chita) já foi encontrada e por causa da roupa não foi conhecida. Pertenceu*

<sup>20</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* – 26 de Junho de 1884.

<sup>21</sup> CARVALHO, Marcus J. M. **Liberdade**: Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. Recife: Editora Universitária, 2010, p.266.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 266.

*outrora ao senhorio de Manoel Pereira de Alvarenga Rangel, no Riacho. Da-se generosa gratificação a quem a prender e levar ao Sr. José Marcelino de Vasconcellos, na Serra ao Sr. Francisco Antonio Ribeiro, em Linhares ao capitão Anselmo de Almeida Calmoa, em São Mateus ao Sr José Affonso Martins, e na barra de São Mateus ao Sr. Manoel Rodrigues dos Santos. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a acoitar.*<sup>23</sup>

Ao contrário de muitos anúncios encontrados, o dono de Júlia não atribuiu à fuga dela a um possível sedutor, existe até uma fala de protesto contra um possível couteiro. Alguns senhores mencionavam o sedutor acreditando na inocência do escravo, o fato de não aparecer um sedutor no caso de Júlia, pode indicar que seu senhor não acreditava na sua inocência na hora da fuga, um exemplo de como cada senhor possuía sua concepção sobre os cativos. A escrava Julia tem indicativos de bons tratos, fuge com vestimentas em bom uso e inclusive pode se dar ao luxo de adornar-se com uma argolinha de ouro. Para recriar-se como livre Julia cria uma identidade masculina. A estratégia dessa escrava não foi algo incomum, tampouco restrito ao Brasil. O artigo de Amani Marshall<sup>24</sup> narra a maneira pelas quais os escravos se percebiam e buscavam a liberdade na Carolina do Sul. Conforme a autora a liberdade dos escravos poderia ser alcançada desde que eles fugissem para territórios livres. No entanto, muitos não fizeram essa opção. Em vez disso, permaneceram no Sul e optaram por criar estratégias para se passarem como livres. Na narrativa da autora encontramos uma escrava, Ellen, que ao fugir opta pela mesma estratégia de Júlia. Ellen se passou por um senhor de escravos e seu parceiro, Willian, fingiu ser seu servo. Willian gastou seu dinheiro de marceneiro para comprar artigos de vestuário masculino para sua esposa, incluído símbolos de status para que ela ficasse uma autêntica “cavalheiro do Sul”. Apesar de também tentar se passar por homem, a estratégia da escrava anunciada no jornal *Correio da Victoria* foi bem mais simples, pois utilizou-se apenas de uma vestimenta masculina, ao contrário de Ellen que teve que alterar sua identidade, mas também passar por uma alteração simbólica, criar uma performance, fingir uma doença com o queixo para que não pudesse falar e revelar seu analfabetismo, forjar uma suposta lesão no braço, como justificativa para não escrever. A fuga desse casal foi minimamente planejada e conforme a

<sup>23</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 14 de fevereiro de 1857.

<sup>24</sup> MARSHALL, Amani. They will endeavor to pass for free: Enslaved runaways performances of freedom in Antebellum South Carolina. **Slavery and Abolition**. v.31, n.2, p.161-181, 2010.

descrição de Amani Marshall, os momentos antecedentes a evasão foram de muita apreensão e desespero. Ellen rompeu em soluços e lágrimas acompanhadas de muita oração para que o empreendimento desse certo. Pareceu-nos, que a decisão de Ellen foi realmente mais complicada que a de Júlia, pois, consoante Adriana Campos:

Nos Estados Unidos o escravo pertencia a todo cidadão e, em última instância, estava subordinado a todo homem branco. Qualquer escravo poderia ser interrogado sobre suas atividades por qualquer homem branco. A fuga de escravos era responsabilidade pública. Patrulhas de cidadãos para a perseguição de escravos fugitivos estavam previstas na lei. As penalidades impostas aos escravos, se não aplicadas pelo senhor responsável, eram executadas pelo governo.<sup>25</sup>

Assim, enquanto Júlia podia contar com o silêncio dos homens livres brancos e o possível acointamento vindo deles, (conforme abordaremos adiante), Ellen e Willian estavam sujeitos a um número muito maior de vigias e delatores. Cabe ainda destacar que nos Estados Unidos a fuga era um crime, houve a preocupação em legislar sobre a fuga de escravos: o *fugitive slave law*, de 1850. De acordo com a historiadora Adriana Campos:

Tal ausência de interesse numa legislação ou em dispositivos especificamente voltados para coibir a fuga de escravos encontra explicação na maneira como a escravidão se espalhou por toda a sociedade. Enquanto os Estados Unidos eram um grande “quilombo”, já que bastava buscar as terras ao norte para alcançar a liberdade, o Brasil era uma enorme senzala, com nenhum espaço com plenas garantias de liberdade para o escravo. Enquanto um senhor de escravo podia retomar sua propriedade em qualquer parte do Império brasileiro, nos Estados Unidos precisava-se, muitas vezes, ingressar na Justiça para reaver um cativo que tivesse fugido para um estado sem escravidão.<sup>26</sup>

Contudo, cabe destacar que as regiões de fronteira foram problemáticas para o Brasil, no que diz respeito às fugas de escravos. Newman Caldeira<sup>27</sup> salienta que embora existam poucos estudos sobre fugas internacionais, tais

<sup>25</sup> CAMPOS, Adriana Pereira. **Nas barras dos tribunais:** Direito e escravidão no Espírito Santo do século XIX. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, p. 42.

<sup>26</sup> Ibid., 31.

<sup>27</sup> CALDEIRA, Newman di Carlo. **Nas fronteiras da incerteza:** as fugas internacionais de escravos no relacionamento diplomático do Império do Brasil com a República da Bolívia (1825-1867). 154 f. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.



movimentações foram mais comuns do que se pensa, e chegaram mesmo a despertar o interesse dos representantes diplomáticos do Império brasileiro que, em suas tentativas de recuperar os escravos fugidos, esbarraram na falta de convenções ou tratados. O autor sobredito investiga particularmente as fugas de escravos brasileiros para a Bolívia, e percebe que havia uma dificuldade muito grande dos brasileiros reaverem os escravos evadidos, pois, oficialmente, os bolivianos utilizavam o chamado princípio de liberdade, este, estabelecia que nos casos em que os escravos pisassem em solo livre, ou seja, em um território em que já houvesse sido abolido o regime de trabalho escravo, conquistavam automaticamente o direito à liberdade. De acordo com tal premissa, as autoridades bolivianas entendiam que a devolução dos escravos fugitivos ao Brasil implicaria na sua reescravização, uma vez que os mesmos já haviam conquistado a sua liberdade pelo fato de ter cruzado as linhas de fronteira internacional e pisado em solo boliviano. O autor verifica que mesmo após três décadas de reclamações nunca ocorreu um caso de extradição dos escravos asilados na Bolívia. O governo boliviano devolvia apenas nos casos de condenação transitada em julgado, o que se tornou um grande problema, já que, no Brasil a fuga não era crime.

Os escravos encontraram soluções bem criativas para se manterem fugidos, e isso foi possível por que encontraram pessoas que os auxiliaram nesse empreendimento, desde parentes, escravos alforriados até senhores que acobertaram esses fugitivos, utilizando-se de seus serviços, etc. Para manterem-se na ilegalidade pós-fuga, uma rede de sociabilidades era ativada. O anúncio abaixo denuncia essa prática. O fato de eles utilizarem cartas se intitulando forros indica que, pelo menos em alguns casos, alguém os auxiliava nesse sentido:

*A D. Rita Francisca de Paula, viúva do finado Bernadino de Sales Mouta Furtado, fugiu o seu escravo de nome Pedro, bem conhecido nesta cidade. Protesta-se contra quem lhe der coito ou passagem para qualquer parte. Ninguém deve se fiar dele, para lhe emprestar dinheiro ou lhe fazer cartas em nome de sua senhora. Onde, pois, ele chegar com uma carta será esta falsa, pelo que devem logo dar-lhe 25 chicotadas e o apreender. Consta que ele embarcou-se na canoa de*

*passagem com uma carta, que alguém, sem dúvida, fizera à seu pedido. Quem o trouxer a sua senhora será gratificado.*<sup>28</sup>

O caso do anúncio abaixo é ainda mais curioso:

*Fugiu no dia quatro de outubro de 1857, da chácara a, S. da rua do M...ruhy, em São Cristovão no Rio de Janeiro um escravo do senador Alencar, de nome Luiz Telles, pardo escuro; tem de quarenta anos para cima mal encarado e falta dentes na frente tem uma enrugação na testa, andar apressado e passadas curtas, finge-se às vezes doido, tem fala trêmula com risos de estuporadas, é muito ladino e astucioso, anda com cartas dizendo que vai com elas apadrinhado apresentar-se ao seu Sr,.....quem o apreender e fizer dele entrega aonde possa ser acolhido a cadeia para ser entregue a seu SP, receberá 40. \$ de gratificação, além das despesas: será pago a quem nesta tipografia o apresentar com o competente documento.*<sup>29</sup>

O senhor descreve o escravo com a qualidade de astucioso por ser tão esperto a ponto de enganar as pessoas se fazendo de doido e mostrando cartas falsas de apadrinhamento, talvez essas cartas não fossem falsas, mas sim roubadas, tendo em vista que o anunciante pede a quem o encontrar para levar também o documento; pode ser também que Luiz Telles tenha realmente adquirido essa carta prometendo ao padrinho que retornaria para o seu dono, mas preferiu permanecer evadido; uma outra curiosidade desse anúncio é o fato do escravo ter um sobrenome. De acordo com Ana Josefina:

Existe um sujeito religioso, evidenciado pelo nome, e um sujeito jurídico estabelecido pelo sobrenome. O escravo, no período estudado, era batizado na igreja e recebia um nome, simplesmente um nome de pia: José, Honório, Benedita. Nesse ato, ele era constituído como sujeito religioso e não como sujeito jurídico com sobrenome. A constituição do escravo como sujeito jurídico acontece só após a alforria ou após a libertação dos escravos em 1898 (sic).<sup>30</sup>

Diante disso surge um questionamento: Luiz Telles era um escravo alforriado? Mas se José Telles era alforriado o que seu nome estava fazendo num anúncio de escravo fugido? Uma resposta que não temos como responder no momento. No entanto podemos conjecturar e faremos isso através dos estudos de Martha Rebelatto, que verifica na província de Santa Catarina muitos

<sup>28</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* - 22 de janeiro de 1868.

<sup>29</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 17 de abril de 1858.

<sup>30</sup> FERRARI, Josefina Ana. **A Voz do Dono**: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos. São Paulo: Pontes Editores, 2006, p. 43.

indícios de alforrias condicionais. Segundo a autora “as condições impostas pelas cartas de alforria geralmente eram referentes à manutenção do trabalho escravo por mais alguns anos junto ao senhor, sua família ou alguém por ele designado.”<sup>31</sup> Pode ser que o senhor de Luiz Telles tenha revogado a sua alforria, fazendo com que ele retornasse a condição de cativo, e o escravo não aceitando o rompimento do acordo teria optado pela fuga.

Também encontramos outra possibilidade para escravos detentores de sobrenome. Conforme os estudos de Luana Teixeira<sup>32</sup> a autora realizou um estudo de caso da trajetória de João Rodrigues Feliz, entre os inícios da década de 1850 e 1870. João Feliz transitou pelo mundo da escravidão e a experiência de trabalhador livre pobre. No início da década de 1850 quando recebeu sua carta de alforria João tinha 25 anos, era propriedade da Família Reis, ainda não era Feliz, mas já era João Rodrigues, nomeação com a qual foi descrito por sua carta de liberdade. Conforme a hipótese de Luana Teixeira, o fato de ter sido nomeado com nome e sobrenome é bastante significativo, pois poucos escravos recebiam essa designação. O sobrenome era um importante indicativo de reconhecimento social, mesmo que o sujeito fosse escravo, e mediante o alto valor pago por João Rodrigues pela sua alforria, a historiadora concluiu que, talvez o reconhecimento social adquirido pelo ex-escravo estivesse relacionado com sua disposição ao trabalho. No entanto, não foi apenas pelo fato dele ser um homem laborioso, mas por ele ter conseguido com o seu trabalho mobilidade social.

Nas publicações encontramos juízos de valor acerca dos escravos. Eles aparecem como: *é muito humilde, mas muito tratante, com habilidade para tratar qualquer pessoa; prosa, muito velhaco, muito poeta, conservador, insinuante, vicioso, muito esperto e ladino, muito pernóstico.*

---

<sup>31</sup> REBELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20 jul 2007.

<sup>32</sup> TEIXEIRA, Luana. João Feliz: aspectos da experiência de trabalhadores rurais que viveram a escravidão e a “liberdade” nos anos 1850 e 1860. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 maio 2011.

São utilizados vários verbos para comunicar a fuga, uns mais romanceados como ausentou-se e desapareceu, outros mais realistas como fugiu e evadiu-se, e alguns sugerindo um acoitamento utilizavam-se de estar homiziado ou foi seduzido. No que tange a captura, os verbos também revelam, embora sutilmente o sentimento desses senhores. São usados desde verbos mais suaves como prender e entregar, até verbos mais raivosos como metê-lo atrás das grades, amarrá-lo, agarrá-lo. Os anúncios às vezes, pareciam ameaças veladas, sinalizando as medidas que o anunciante tomaria caso sua vontade não fosse realizada, a exemplo dos anúncios abaixo envolvendo contendas com o poder fiscal e o prior do convento do Carmo, que chega advertir recorrer ao monarca:

*O abaixo assignado prior do convento do Carmo desta cidade faz público que em maio ou junho do anno de 1853 o procurador fiscal dos feitos da fazenda desta província lhe quis e mandou fallar para lhe alugar a escrava Guilhermina e elle prior não quiz: por agora só isto, em tempo sahirá o mais, que se fará subir até o trono do monarca. Qui, potest capere capitat. Frei Bento<sup>33</sup>*

O escravo na condição de mercadoria era oferecido em alguns casos para pagamento de dividas, mas nem sempre os devedores queriam realizar essa troca, e assim utilizavam o jornal para tornar publica sua vontade e precaver àqueles que porventura realizassem transações com seus credores e comprassem os cativos que estavam hipotecados.

A influência da população local no auxílio das fugas é bastante provável, caso contrário seria difícil à sobrevivência dos cativos pós-fuga. Além disso, o que explica escravos noticiados como muito conhecidos manterem-se ausentes de seus senhores por tanto tempo? A historiadora Martha Rebelatto investigando os anúncios de jornais da ilha de Santa Catarina no século XIX, constatou que dentre os fugitivos da ilha um pequeno número tinha profissão definida. Dos 156 anúncios pesquisados por ela, apenas 23 mencionavam uma profissão específica. A autora atribui a pouca incidência de escravos especializados fugindo, ao fato deles possuírem maiores condições de barganha diante do seu senhor, bem como ao fato de que Desterro era composto por pequenas

---

<sup>33</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 24 de Março de 1855.

escravarias e por isso a maioria dos escravos não possuíam uma especialização específica, pois eram utilizados em várias funções.<sup>34</sup> Em nossas fontes encontramos uma realidade diferente, encontramos 48 publicações que mencionam a especialidade. Embora no Espírito Santo também tenha predominado pequenas escravarias, verificamos que ao mesmo tempo que a especialidade melhorava a negociação entre senhores e escravos, ela também favorecia a opção pela fuga, já que cativos com profissões definidas se empregavam facilmente de forma clandestina no Espírito Santo do século XIX. A população fazia vistas grossas à condição de fugitivo dos escravos e quando interrogados pela justiça fingiam-se de inocentes. Notamos em vários anúncios escravos que mesmo evadidos conseguiam emprego em outras localidades, como nos registros abaixo:

*Acha-se fugido a mais de vinte dias o escravo de nome Sebastião, e consta andar no districto de Vianna e Cariacica trabalhando pelo officio de pedreiro de sua profissão, ter sido encontrado em Porto Velho, cujo escravo foi do Ilm. Sr. Dionysio Álvaro Resendo, levou roupa grossa e costuma andar de japona, sua altura é baixa, cara larga é meio arqueado por sofrer de asthma, a pessoa que delle der noticia certa será gratificado; protesta-se com toda força da lei contra quem der couto.*

*Victoria 7 de março de 1871 – A. Alves d’Azevedo.*<sup>35</sup>

*Fugiu em vida de D. Eduviges Carolina Ribeiro Mascaranhas o escravo Pantaleão, hoje pertencente a Bernadino Ramalho de Araujo Malta, tendo os signaes seguintes: altura regular, côr preta, nariz grande e chato, dentes grandes e largos, pés grandes e grossos tendo uma ferida na canella ou signaes d’ella: sendo official de pedreiro, consta andar no Iguape do município de Guarapary, em serviços de A. de CB. Quem della der noticia certa, ou captural-o a cadêa será gratificado com a quantia de 50 mil réis, ou cem, conforme a deligencia da captura e lugar a que trouxel-o. O mesmo senhor protesta com o rigôr da lei contra quem o tiver acoutado. Victoria, 16 de agosto de 1881.*<sup>36</sup>

Será que os especializados eram os que mais fugiam, ou os que mais eram anunciados? De acordo com a tabela confeccionada por Aloiza de Jesus, no ano de 1876 o tipo de trabalho escravo estava disposto da seguinte maneira:

<sup>34</sup> REBELATTO, Martha. Fugas e Quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX. **Afro- Ásia**, n.37, 2007, p.100.

<sup>35</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* – 10 de Março de 1871.

<sup>36</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* – 21 de Agosto de 1871.

**Tabela 05 – Tipo de Trabalho**

<b>Especialidade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual Válido</b>
Especializado	128	4,40%
Lavoura	2.071	71,21%
Doméstico	170	5,84%
Jornaleiros	25	0,85%
Nada consta	2	0,06%
Menores abaixo de 12 anos- Nada consta	512	17,60%
Total	2.908	100,0%

Fonte: Livro 1º de classificação de escravos para serem libertados pelo fundo de emancipação. Município da Cidade de Victoria, 1876. Arquivo Geral do Município de Vitória. (apud) JESUS, Aloiza Delurde Reali de. **De porta adentro a porta afora: Trabalho escravo nas freguesias do Espírito Santo (1850-1871).** 2009. 172f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

Embora esses dados sejam referentes apenas ao ano de 1876, chama-nos atenção a discrepância entre o percentual dos escravos especializados e os escravos de lavoura. Porque os escravos de lavoura não aparecem com tanta frequência nos anúncios? Será que eles fugiam menos? Na realidade, é preciso salientar que os anúncios não são um retrato das fugas de uma forma geral, mas antes um retrato de quem anuncia. E não sabemos por quais motivos os escravos rurais eram pouco mencionados nos jornais. Procuramos outras fontes que pudessem auxiliar nesse sentido, mas não encontramos uma documentação que fosse capaz de nos informar acerca das fugas de escravos rurais. Mas, pelo que podemos perceber, é fato que se os especializados não eram os que mais fugiam, eles eram, pelos menos, os que mais eram anunciados, talvez pela maior possibilidade desses fugitivos se encontrarem nas dependências urbanas prestando serviços a uns e outros.

Há anúncios que dizem é parecido com o pai ou citam apenas o nome do escravo, dando indícios do escravo ser bem conhecido em Vitória e seus arredores. Alguns senhores tinham uma noção do paradeiro do fugitivo e colocavam isso em suas publicações. A quantia proposta era uma média que cada senhor realizava consoante com a dificuldade da captura ou com a valiosidade do escravo, geralmente os anúncios ofereciam 50U000 rs. ou 100U000 rs. por escravo fugido. Bernadino Salles da Moita fugiu dessa média,

ofertando uma quantia muito pequena para quem conseguisse trazer seu cativo de volta, pois como anunciou seu cativo estava em Vitória:

*Fugiu no dia 26 de outubro da casa de Bernadino de Salles Moita Furtado um seu escravo de nome Pedro, levando vestido calça de riscado azul, camisa de chita roxa e jaqueta de riscado, e um taboleiro. Quem o aprehender e levar a casa de seu senhor, será gratificado na quantia de 2 \$ RS. Por andar mesmo dentro da cidade; e protesta-se contra quem lhe der coito.<sup>37</sup>*

Ao que parece o anunciante não acreditava numa captura difícil, por isso a pouca oferta, porém a sua informação sobre o paradeiro do escravo nos faz refletir: como ele tinha essa informação? Ou ainda, como a informação do paradeiro chegava até os ouvidos dos senhores? Certamente a população local encobria, mas também denunciava. As informações sobre o paradeiro não parecem ser imprecisas e por isso nos questionamos: porque publicar um anúncio ao invés de se lançar na captura?

A maioria desses senhores eram donos de pequenas escravarias e por isso cada escravo tinha sua função definida dentro da organização de trabalho de cada senhor. Como as fugas não eram tão intensas assim, esses senhores com escravarias pequenas não destinavam um escravo para a função de feitor, ou até mesmo de capturador de cativos. Sendo assim, era mais rentável solicitar os serviços de captura somente quando eles fossem necessários. Até porque, como já afirmamos outrora, esses cativos eram considerados de confiança. Uma espécie de código de fidelidade fazia com que os senhores tivessem certeza da volta de seus cativos após um dia de trabalho; por tal motivo, a fuga às vezes era encarada pelo senhor com espanto. Mas, se a evasão ocorresse, o jornal era uma das alternativas que os senhores podiam contar para obter sua propriedade humana novamente, solicitando os serviços particulares de quem estivesse disposto aos serviços de captura.

Os próprios senhores tinham uma concepção dos motivos que levavam à fuga. Nos anúncios abaixo o senhor relata não saber a razão pela fuga do seu escravo. Ou seja, de acordo com um *padrão moral* estabelecido entre senhores

---

<sup>37</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 27 de Outubro de 1855.

e escravos eram compreensíveis certos atos. Por exemplo, ir ao encontro de um familiar, ser *seduzido*, negar se ao trabalho etc:

*50U000- Com esta quantia gratifica-se á pessoa que capturar o escravo Luiz, de propriedade do abaixo assinado, e que houve por compra feita a Sebastião Vieira dos Passos. Os sinais são os seguintes: cor fula, 20 anos de idade, pouco mais ou menos, imberbe quase, pois tem pouca barba em baixo do queixo, um pouco dentuço, rosto comprido, pés grandes e quase sem unhas nos dedos, delgado de corpo, altura regular e cabelos carapinhos. Já veio à casa apadrinhado e no mesmo dia sem razão alguma, fugiu novamente. Desconfia-se que anda para os lados do Porto das Pedras e Tambatahy. Quem o capturar e levar ao seu senhor será gratificado com a quantia acima, protestando- se contra quem o acoitar. José Rodrigues de Freitas.<sup>38</sup>*

*No dia 11 do corrente evadiu-se sem motivo algum o escravo Firmino de propriedade de D. Maria Leopoldina Ribeiro. Gratifica-se a quem o trazer, servindo-lhe mesmo de padrinho e entregá-lo nesta cidade ao Sr José da Silva Cabral na rua do Comércio, nº23. Victoria 28 de novembro de 1883.<sup>39</sup>*

A descrição que alguns senhores fazem dos fugidos soam até como paradoxais frente à iniciativa de fuga. Porém, em algumas situações o que eles querem afirmar é que a evasão ocorreu por iniciativa de outros e não por motivação dos escravos. É nessa lógica que o escravo Manoel mesmo humilde e respeitador, desrespeitou o poder de propriedade de seu dono e decidiu fugir, mas quem sabe ele não estava sendo mal influenciado? Sua fuga foi publicizada da seguinte forma:

*Escravo Fugido em 27 de Agosto de 1882.*

*Manoel, preto, natural de S. Francisco de Gloria (Muriahé) 35 annos de idade, alto, corpulento, boa presença, manifesta respeito e humildade perante superiores, conservador, insinuante, quase nenhuma barba, pelle luzidia, nariz achatado, olhos avermelhados, bons dentes, beiços grossos, tem um signal de arranhadura abaixo do olho esquerdo e em linha com o nariz, pés e mãos grandes e proporcionais ao corpo, rachas nos pés, e nenhum signal de castigo. Levou ao rotudo cinzento claro, dois cobertores, paletões brancos, camizas de algodão de chita e de morim, calças de algodão de riscado e de brim e chapéo do Chile grande. Lavra serra e madeira, faz (parte ilegível) , é carreiro, é pratico e desembaraçado para qualquer serviço de lavoura e sabe lidar com animaes. Usa cigarrar, beber cachaça, tocar viola e frequentar cateretés. Fugiu em companhia de Eduardo (talvez escravo) pardo escuro, barbas*

<sup>38</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* - 23 de Dezembro de 1884.

<sup>39</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* - 6 de Dezembro de 1883.



*compridas, boa estatura, corpulento, dado a embreagues (parte ilegível) e natural de Montes Claros. Será gratificado com 500\$ quem a prender e levar a seu senhor Dr. João Chrysostomo Leopoldino de Magalhães, residente em S.P de Muriahé. Levou também chapéu de sol de fazenda escura de lã, tendo no cabo uma argola de metal; cothurno branco e faca ordinária de cabo branco. Conduz grande mala às costas, talvez já se tenha separado de Eduardo.<sup>40</sup>*

O Dr. João não inocenta Manoel, apesar de destacar seu respeito aos superiores; já o senhor Joaquim José de Sant'Anna e Manoel Passos Martins acreditam no iludimento do fugidos.

#### *Escravo Fugido*

*Gratificação de 100g rs. Suppõe-se andar com documento falso, por iludimento de alguém, desde o mês de janeiro de 1858. Sem mil réis, receberá quem trazer a S. da Conceição de Vianna, um seo escravo pardo de nome João, grosso de corpo, muito prosa, com idade de 16 annos pouco mais ou menos; tendo falha de um dente no queixo superior, cara redonda, cabellos encaixados, um tanto ruivo, nariz regular e afilado, pez rasos e muito compridos, com as unhas grandes raxadas. Já se tem dado todas as necessárias providencias; protestando-se com todo o rigor da lei, e contra quem lhe der coito – Victoria, 4 de maio de 1859. Joaquim José de Sant'Anna.<sup>41</sup>*

*Fugio do abaixo assignado uma escrava de nome Serafina, que foi de João Baptista Mendes, do Batatal, de 26 annos de idade, cor parda escura, alta cabellos carapinhos, dentes claros, e olhos grandes, consta que Ella procurara refugiar-se na colônia de Santa Izabel, onde conta com proteção de alguém que segundo Ella dizia a aconselhava a fugir, pelo que protesta-se com todo o rigor da lei contra a pessoa que a tiver acoutada, e gratifica-se com 50\$000, a quem a prender e apresental-a ao abaixo assignado. Benevente, 14 de Fevereiro de 1874. Manoel dos Passos Martins.<sup>42</sup>*

Para a historiadora Lilia M. Schwarcz o senhor estampava por meio dos anúncios supremacia, propriedade e a dependência do escravo, mesmo quando a situação de fuga o desmentia. A representação da dependência pode ser verificada na insistência desses senhores em afirmar que os cativos não fugiam por vontade própria, mas por sedução.<sup>43</sup> No decorrer de nossa análise percebemos que além das informações sobre o evadido, vários anúncios

<sup>40</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* - 3 de Dezembro de 1882.

<sup>41</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* - 11 de Maio de 1859.

<sup>42</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* - 17 de Março de 1874.

<sup>43</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.149.

revelavam um tom ameaçador contra quem tivesse acoitado, sendo que este poderia aparecer nos anúncios como couteiro, sedutor ou acobertador. O tom intimidador que aparece nos anúncios de fuga nos remete a um problema de possibilidade investigativa: a quem foram destinados esses anúncios? Somente às pessoas que se dedicavam à captura desses escravos? Ou havia outro objetivo por detrás dessas publicações? O tom intimidador nos faz vislumbrar a possibilidade dos mesmos também serem, de forma implícita ou não, uma forma de comunicação dos senhores com outros senhores e também com a sociedade que poderia acoitá-los ou apadrinhá-los, tendo em vista que era comum o escravo recorrer a um padrinho para levá-lo de volta para seu senhor, já que o padrinho<sup>44</sup> era visto como um protetor do escravo. Todavia, o padrinho era a solução para esses senhores, o problema eram os acoitadores como podemos acompanhar pelos anúncios a seguir:

*No dia 7 de julho do ano corrente fugiu da casa do senhor Manoel Jose de Araújo Machado, do Cachoeiro de Itapemirim, um escravo de nome Feliciano, de nação, com 40 anos pouco mais ou menos, alto e com falta de alguns dentes; cujo escravo é propriedade do debaixo assinado, que o houve do senhor Coronel João Nepomuceno Gomes Bittencourt, em pagamento de dívida com outros mais escravos, que foram deixados em poder daquele senhor Machado para dos mesmos dispor da conta e ordem do anunciante. O referido escravo foi da fazenda do arabó em Piúma, para onde costumava fugir, sendo ali capturado por diversas vezes em tempo que pertencia ao Sr coronel João Gomes. **E suspeitando que alguém o agasalhe para que não volte mais ao seu poder, protesta-se proceder com todo o rigor da lei contra qualquer pessoa que por ventura o acoitar, por ser isso verdadeiro furto da propriedade alheia:** e a quem o pegar ou der notícia certa para que ele seja apreendido, será no primeiro caso gratificado com a quantia de 200 \$ réis, e no segundo conforme a natureza da notícia, e as dificuldades para a sua apreensão: podendo-se para esse fim dirigir em Itapemirim ao sobredito S. João da Barra ao Sr. Manoel Pinto Costa, e nesta cidade ao anunciante<sup>45</sup> (grifos nossos).*

Feliciano era um daqueles escravos travessos acostumados a fugir e devido a suas experiências anteriores certamente já conhecia onde poderia obter abrigo,

<sup>44</sup> De acordo com Mary Karasch: Cansado de viver como fugitivo, mas temeroso da chibata, um escravo podia ir até uma pessoa poderosa ou influente – um vizinho, senhor rico, padre ou membro de uma irmandade religiosa – e pedir a ela que intercedesse em seu favor. Se essa pessoa, conhecida como padrinho, concordasse em ajudá-lo, ia pessoalmente falar com o dono do escravo, ou pedir por carta seu perdão. Ignorar a permissão do padrinho e punir o escravo era considerado um insulto. KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.413-414.

<sup>45</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 22 de outubro de 1859.

por isso seu dono já tinha uma ideia mais ou menos do seu paradeiro. Alguns anunciantes sabiam que seu senhorio não agradava o fujão, caso contrário a opção pela fuga não existiria, e então, mandavam um recado no jornal ameaçando os acoitadores, mas também ressaltando que caso alguém desejasse poderia negociar, como no anúncio a seguir de José Joaquim C. de Oliveira:

*Fugirão ao abaixo assignado as escravas Maria e Amelia, esta no dia 4 de janeiro e aquelle no dia 3 de fevereiro deste corrente anno: Desconfia-se que estejam acoitadas: Se porém pessoas hajão que as queirão comprar podem vir fazer preço, do contrário, o abaixo assignado empregará todos os meios para proceder quem as acoitar: bem como ficará muito agradecido se as trouxerem apadrinhadas, e se gratificará se assim o exigir.*

*Victoria, 12 de fevereiro de 1856. José Joaquim Carlos de Oliveira.<sup>46</sup>*

O dono de Maria e Amélia dava a chance à pessoa, ou às pessoas que estavam acoitando as escravas de comprá-las. Inclusive, o anúncio parece sugerir que ele está disposto a uma negociação amigável, propondo combinar preço, ou até quem as devolvesse em forma de apadrinhamento. Contudo, se nenhum acordo fosse selado, José Joaquim Carlos comunica que empregará os meios necessários de obter as escravas de volta, bem como punir aos culpados. De acordo com os anúncios, levantamos a hipótese de que o acoitamento foi bastante frequente na província, tanto que em alguns anúncios o conteúdo soa até desnecessário, já que o anunciante afirma o suposto paradeiro do escravo, inclusive indicando os possíveis acobertadores que estariam se utilizando dos seus serviços; logo, seria mais útil ir à busca do cativo. No entanto, como já foi mencionado, parece que os senhores de escravos optavam por meios alternativos de coação, como por exemplo, realizar ameaças nos jornais antes de recorrerem a meios judiciais. O acoitador poderia ser aquele que abrigava o cativo em suas propriedades, o que ajudava a fugir, ou quem usufruía de seus serviços mesmo sabendo da sua condição de fugitivo. Conforme Fabíola Bastos:

A sociabilidade capixaba fundamentava-se em normas informais que regulamentavam o convívio e quando o limite

---

<sup>46</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 13 de Fevereiro de 1856.

desse código informal de convivência era extrapolado, abria-se o espaço para o conflito, pois os moradores preferiam dirimir suas diferenças utilizando primeiramente a via informal (...) Na vigência do costume, a reprovação de um comportamento contrário ao estabelecido pelo código moral da sociedade ocorre a partir de meios de coação individuais e não por um quadro de pessoas especialmente encarregadas dessa função, como a Polícia ou a Justiça.<sup>47</sup>

O anúncio a seguir exemplifica a citação acima: o anunciante, ao procurar o jornal, parece antes de tudo dar um ultimato ao acoitador. A dona é anunciada como filha do major Paula; a menção a patente militar já sugere certa reivindicação de poder; pode ser também que a alusão ao pai da dona seja apenas uma informação a mais para esclarecer quem era a anunciante. O interessante é que o anúncio não deixa dúvidas da sedução da dita mulata, como podemos observar:

*Ao amanhecer do dia 27 de março findo fugio da casa do finado major Francisco de Paula Xavier, uma mulata, que vivia recolhida de nome Justina, bastante clara, escrava da abaixo assignada, filha do dito finado major Paula. Protesta-se proceder com todo o rigor da lei contra quem a sedusiu e a tiver acoutada se por ventura for capturada: bem como que nem um castigo soffrerá a mesma escrava, se tiver apadrinhada. Suspeitta-se da casa, e lugar onde ella existe; mas para evitar questões não se procede por ora, como é de justiça. Victoria, 8 de abril de 1856. Minervina Pinto Ribeiro.<sup>48</sup>*

A hipótese dos anúncios de fuga também objetivarem uma função coercitiva contra os acoitadores pode ser visualizada com o auxílio de outros trabalhos locais. Por exemplo, historiadora Aloiza de Jesus, ao empreender um estudo sobre sociabilidades e espaços sociais, constatou a importante ligação dos autos criminais de injúria com os periódicos jornalísticos existentes em Vitória entre 1861-1871. Entre os dezoito processos de injúrias analisados, um total de oito processos tinham como motivação artigos publicados nos periódicos jornalísticos. No total geral de quarenta e dois processos de injúria analisados,

---

<sup>47</sup> BASTOS, Fabíola Martins. **Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidade: formas de convívio no município de Vitória, 1850-1871.** 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p. 21-22.

<sup>48</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 9 de Abril de 1856.

aumentou de oito para treze o número de processos de injúria relacionados com os periódicos jornalísticos.<sup>49</sup>

O anúncio seguinte informa que tem a certeza do lugar onde a escrava está abrigada, mas tal qual o anúncio citado acima parece querer realizar primeiro uma advertência pública contra os acoitadores, antes de recorrer a procedimentos mais rígidos, tanto é que o anunciante opta por ocultar o nome da fazenda onde acredita que ela esteja. Pode ser também que o senhor de Jenoveva não tenha certeza do seu paradeiro, mas realiza uma espécie de “carapuça”, vai que ela serve:

50U000

*De gratificação a quem trazer ao abaixo assignado, sua escrava de nome Genoveva côr preta, alta picada de bexigas; idade 45 annos pouco mais ou menos, tem um signal de queimadura em uma das mãos, foi escrava de Manoel Ribeiro Pinto da villa da Serra, e muito conhecida por todos daquelle lugar. Há certesa d'ella andar ou estar em uma fazenda n'aquella villa... e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutada. Victoria, 9 de Setembro de 1856. Manoel Ferreira Dias.<sup>50</sup>*

O anúncio abaixo também elucida com propriedade o fato dos senhores terem uma ideia prévia do paradeiro de seus cativos, bem como a sugestão de roubo presente nesses anúncios e não de fuga propriamente. Assim, a anunciada não fugiu, mas desapareceu e o anunciante não procura quem a encontre, mas ordene a pessoa que está em poder da escrava que a devolva sob a condição de ser levado á justiça:

*Desappareceo da casa do abaixo assignado, na noite de Sabbado d'Aleluia a crioulla menor de nome Maria, pela qual está elle responsável no juízo de orphão, onde contratou-a. A pessoa que a tem ora em seu poder haja de restituil-a ao abaixo assignado quanto antes, e não o fazendo será accusado pelo crime previsto no artigo 227 do código penal. Victoria, 16 de abril de 1857. Manoel Goulart de Souza.<sup>51</sup>*

Enaile Carvalho e Fabíola Bastos investigando o jornal correio da Victoria verificaram que, as correspondências particulares caracterizavam-se pelo

<sup>49</sup> JESUS, Aloiza Reali de. **Relatório de pesquisa apresentado ao programa institucional de bolsas de iniciação científica.** Vitória, UFES, 2006.

<sup>50</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 10 de Setembro de 1856.

<sup>51</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 18 de Abril de 1857.

anonimato e por direcionar ameaças implícitas a autoridades e particulares, sobretudo no que dizia respeito a dívidas contraídas com comerciantes da província. De acordo com as autoras, o simples fato de ameaçar publicar o nome dos devedores no jornal já surtia efeito tendo em vista que nas fontes pesquisadas por elas não há ocorrência da publicação do nome dos devedores, o que demonstra que essa prática poderia ser bastante eficaz.<sup>52</sup> Em relação aos anúncios não temos como medir a sua eficácia. No entanto, acreditamos que a decisão de publicar um anúncio de escravo fugido estava relacionada com a experiência dos senhores em relação a fugas passadas, ou até mesmo situações de fugas presenciadas por eles. Nesse sentido, optar por uma publicação no jornal não nos parece uma medida ocasional, mas sim uma atitude que deve ter se mostrado eficaz para esses senhores em outras situações. Dessa forma a alusão feita a acoitadores em 160 dos 236 anúncios pesquisados, nos sugere que o acoitamento de escravos foi bastante corriqueiro na província do Espírito Santo do século XIX. Acoitar escravo era crime, e, além disso, ter o nome estampado nas páginas dos periódicos como ladrão não era desejado por ninguém. Por isso, acreditamos que esses anúncios possuíam certa eficácia, pois ninguém queria ter sua reputação manchada na imprensa local. A publicação abaixo ilustra nossa explicação:

*Luiz Vicente Loureiro previne as autoridades do districto de Mangarahy, e igualmente aos Srs. Guerrilhas que comprou aos seus respectivos donos os escravos Antonio, e Angélica, e seus três filhos Rafael, Gabriel e Felippa que pertencerao ao cafezal do finado capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo. E promete entregar apadrinhados os escravos que por ventura aquelles, hora comprados, tenham em sua companhia.*<sup>53</sup>

O anunciante comprou uma família de escravos, composta de mãe, pai e mais três filhos, todos ex-escravos do mesmo senhor, acontece que os recém adquiridos escravos de Luis Vicente resolveram acoitar alguns de seus antigos companheiros de trabalho, pelo menos isso é o que anuncia Luis Vicente. Contudo, quem nos garante que o anunciante não estava acobertando-os? E depois de ter tomado ciência do trabalho de captura de guerrilhas, ou de ter

<sup>52</sup> BASTOS, Fabíola M. e CARVALHO, Enaile F. Negócios, Fortunas e Sociabilidades: inventários *post-mortem* e imprensa capixaba nos anos 1800-1860. **Revista Ágora**, n. 05, 2007, p.12.

<sup>53</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 8 de Agosto de 1849.

tomado uma advertência verbal acerca de seu usufruto de propriedade alheia não tenha lhe motivado a esclarecer que devolveria os escravos que estavam em seu poder. São apenas possibilidades, mas o que é fato é que o anunciante não queria ser tachado de ladrão, e utiliza o jornal como prova de sua honestidade.

O anúncio abaixo não trata de nenhum caso de fuga ou acoitamento, mas também exemplifica a utilização do jornal como comunicador de problemas, antes que se recorra à justiça. O tutor da escrava Rosa anuncia com o intuito de alertar a ilegalidade da alforria da referida escrava, e comunica que protesta no periódico enquanto espera pela decisão do judiciário. Parece que o anúncio no jornal era uma prova a mais quando se optava por resolver a questão na justiça.

*Manoel Ferria Coutinho, na qualidade de tutor da menor Rosa, filha de Francisco José da Fraga, protesta contra as ilegais alienações e alforrias, que lhe consta ter executado a avó da mesma menor Anna Maria da Conceição curadora de seu marido Luiz da Fraga, da villa do Espírito Santo, a qual, não podendo dispôr de cousa alguma de seu casal sem autorização do juizo entretanto o tem feito por conselhos indiscretos, de homens apaixonados e sem consciência, que tem abusado da idade maior de 90 annos, e da fraqueza intellectual da mesma D. Anna. Por todos os atos praticados e que se praticarem, e por todos os prejuízos delles resultantes o annunciante protesta, como directamente interessado na manutenção dos direitos de sua tutelada, e protesto pela imprensa, em quanto não os faz annullar pelo poder judiciário. Villa do Espírito Santo, 21 de novembro de 1867.<sup>54</sup>*

Por outro lado, havia senhores que se apropriavam dos fugitivos sem saberem realmente a procedência. Em um inquérito analisado por Geraldo Soares, o dono de um escravo fugido, Manoel Gomes da Silveira, só teve conhecimento do paradeiro de seu escravo porque um senhor que havia contratado o dito escravo leu no *jornal do Commércio* um anúncio de fuga de um escravo, e percebeu que as características eram muito próximas do escravo que ele adquirira. Então relatou o fato a Manoel Gomes da Silveira.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> APEES – Série Jornais – *Jornal da Victoria* – 23 de Novembro de 1867.

<sup>55</sup> SOARES, Geraldo Antonio. Quando os escravos fugiam: província do Espírito Santo, última décadas da escravidão. **Estudos Ibero-Americanos**, v.XXIX, n.1, p.53-72, 2003.

Os donos de escravos utilizavam o jornal como uma forma de coerção, sempre lembrando os rigores e as punições da lei aos acoitadores, sem que, contudo, recorressem a elas. Consoante os estudos de Deivy Ferreira:

Recorrer à justiça seria uma faca de dois gumes. Em tese se busca justiça para reparar a reputação, mas esta busca pode ser interpretada pela comunidade como uma incapacidade do ofendido de restaurar pessoalmente sua honra, visto trazer para a disputa algo externo a ela. Pedir indenizações e desculpas são procedimentos que podem colocar a honra em risco se o ofendido sair perdedor num processo.<sup>56</sup>

A chance de ser inocentado num processo de acusação de acoitamento era muito alta, pois como evidenciou Flávio dos Santos Gomes era muito difícil coibir a prática de proteção, senão impossível, pois tais redes de proteção eram extensas e clandestinas. Não havia muitas vezes a quem prender, posto que as denúncias não se transformavam em comprovações.<sup>57</sup> Não era difícil o senhor provar que não sabia das procedências do fugido, e alegar que o escravo se intitulou forro e por isso, ele lhe deu abrigo.

Muitos senhores reivindicavam a devolução do escravo por parte dos acoitadores, bem como o retroativo dos jornais dos mesmos, referente ao tempo que estiveram fugidos. Não encontramos o mesmo senhor anunciando escravos diferentes por diversas vezes, e nem muitos escravos sendo anunciados diversas vezes pelo mesmo senhor.

Nos registros primários pesquisados vimos que a população livre do Espírito Santo no oitocentos, corriqueiramente se envolveu nas tramóias dos escravos, acoitando, escrevendo cartas falsas, comprando roubos, disso nos dando conta o anúncio de 7 de abril de 1858 no qual há uma ratificação das nossas afirmações anteriores a respeito de anúncio como : comunicador de problemas, intimidador e como tentativa de resolução de contendas. Dessa forma, o escravo Camillo, vendedor de pão, portanto trabalhador de *portas afora*, logo escravo de confiança, realiza um furto e o revende. Por certo que o objeto

---

<sup>56</sup> CARNEIRO. Deivy Ferreira. **Conflitos verbais em uma cidade em transformação**: justiça, cotidiano e os usos sociais da linguagem em Juiz de Fora (1854-1941). 346f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 20.

<sup>57</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 73.



furtado pertencia ao seu senhor, que provavelmente sentindo falta do artefato busca saber do escravo a causa do sumiço. De acordo com a fonte Camillo foge devido ao roubo, mas antes confessa ao seu senhor o comprador. Então, João Antônio Pessoa, senhor de Camillo, procura o jornal para expor o fato e reivindicar suas mercadorias de volta, sob a ameaça de publicação dos nomes dos ditos compradores:

*Fugio de João Antônio Pessoa um escravo de nome Camillo, muito e muito conhecido, por andar vendendo pão a muitos anos nestas cidades, a qual fugida foi no dia 2 do corrente, levou o cesto com o pão, o motivo desta fuga foi um furto que elle fez no dia 25 do mez próximo passado. Quem comprou o dito furto queira vir entregar quanto antes, aliás se declara seus nomes, assim como protesta com todo o rigor da lei contra os mesmos compradores do furto as fallas do ditto escravo, e contra outra qualquer pessoa que o occultar, assim como também serei grato em retribuir a quem me trazer apadrinhado ou prezo, signaes do mesmo escravo; ser muito conhecido tanto nesta cidade como pelos Srs. da roça ela occupação de serviço, estatura regular, gordo, beijo grossos, da mão direita não estende muito os dedos.<sup>58</sup>*

O que os anunciantes de escravos fugidos, na maioria das vezes não perceberam é que ser roubado significava, de fato, escolher outro senhor, pois como afirma o historiador Marcus J.M de Carvalho: "Deixar-se furtar, é uma das formas de rebelião individual e, embora reproduza as relações da produção escravista, cria conflitos entre senhores, ameaça a segurança da propriedade escrava e encarece a vigilância do trabalho."<sup>59</sup> Ao assumir a ideia de sedução, o senhor nega o protagonismo desses escravos na decisão de fuga, parecem não admitir a contestação da sua autoridade senhorial. Ao contrário quando adotam a ideia de acoitamento não necessariamente o escravo era tido por ingênuo. O objetivo era enfatizar que seus atos receberam o auxílio de outras pessoas, que os anunciantes estavam cientes disso. A menção ao ex-dono também é bastante frequente, sendo assim, é provável que boa parte desses acoitadores pudessem ser antigos senhores, ou mesmo que não fossem, muitas vezes eles foram alvo de suspeita. Por exemplo, alguns anunciantes optaram apenas por comentar o nome do antigo senhor, ou de sua fazenda,

<sup>58</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 8 de Abril de 1858.

<sup>59</sup> CARVALHO, Marcus J. M. Quem furta mais e esconde: o roubo de escravos em Pernambuco. **Estudos Econômicos**, n. 17, 1987, p.90.

outros fazem a denúncia abertamente, conforme podemos perceber na publicação de Antonio Ignácio Rodrigues:

*Tendo fugido no dia 18 de Abril ultimo o meu escravo de nome José, de 32 annos de idade mais ou menos que pertenceu ao Sr. Antonio Alvarenga, pelo presente annuncio declaro que gratifico com a quantia de 200U000 a pessoa que o capturar e trazer a minha presença. Esse escravo tem sido visto na fazenda do mesmo senhor Alvarenga em Santa Maria, e passeia até a de Jacuhy pertencente ao Sr. Pinna; os signaes são os seguintes: pardo, acaboclado, nariz afilado, cabellos pretos e corridos, pouca barba, baixo, grosso de corpo, falta de alguns dentes na frente e falla descançada. Victoria, 17 de maio de 1884. Antonio Ignácio Rodrigues.<sup>60</sup>*

O senhor de Clemente publiciza sua fuga por mais de dezessete vezes, e o curioso é que ele relata que o escravo tem sido visto na rua de Cristóvão Colombo. Será que não seria o caso de contratar alguém para vigiá-lo na tal rua, ou nas dependências próximas a ela?

*Fugio do abaixo assignado no dia sete do corrente mez, o seu escravo de nome Clemente, bem conhecido nesta cidade; já tem sido visto a rua de Cristóvão Colombo, protesta-se contra quem lhe der couro. Sebastião Fernandes de Oliveira.<sup>61</sup>*

O mesmo questionamento feito acima pode ser feito para outros anúncios, como o de 5 de abril de 1877 do Espírito Santense, que diz : “ Consta que este escravo anda no lugar denominado Ribeiro Fundo”, ou ainda para o anúncio da escrava Lauriana, publicado em 17 de maio de 1877 e revela “bem conhecida nesta capital, onde suppõe-se estar acoutada”. Chama-nos atenção a palavra que o anunciante utiliza para comunicar o possível acoitamento do evadido, diferente das outras publicações ele diz que o escravo de nome Solídonio consta está na cidade e patrocinado por alguém, ou seja, Eduardo Augusto de Figueiredo deixa transparecer em seu anúncio a possibilidade de seu escravo está sendo sustentado por alguém. Mas, pode ser também que ele utiliza apenas uma palavra diferente para se referir ao acoitamento:

*Fugiu, no dia 4 do corrente, da fazenda denominada Piranema, da qual é arredatário o abaixo assignado, o moleque de nome Solídonio, comunidade de 14 annos pouco mais ou menos, côr preta, olhos grandes, falla com desembaraço e levou vestido calça de brim de angola e camisa de algodão americano e*

<sup>60</sup> APEES – Série Jornais – O Espírito Santense – 18 de Maio de 1884.

<sup>61</sup> APEES – Série Jornais – O Espírito Santense – 16 de Novembro de 1876.

*consta que anda nesta cidade e patrocinado por alguém: quem do mesmo moleque der notícias certas ou o levar a referida fazenda Piranema, será bem gratificado, e cuja despeza será levada á conta da Santa Casa de Misericórdia desta capital, visto como é de domínio desta respeitável corporação a fazenda acima referida; o mesmo abaixo assignado protesta com todo o rigor da lei, contra todo o rigor da lei, contra toda e qualquer pessoa que o acoutar. \_Victoria, 6 de Dezembro de 1879. Eduardo Augusto de Figueiredo.<sup>62</sup>*

Os anúncios de escravos fugidos nos colocam diante de uma questão fundamental, qual seja, os interesses que permeavam a decisão de anunciar um cativo no jornal. Assim, visualizamos nesses anúncios uma interação social, onde estavam presentes imprensa, senhores de escravos e leitores dos jornais. Concordamos com Gilberto Freyre quando ele define os anúncios como pequenos *esboços de biografia*, pois neles descobrimos algumas características físicas e da vida desses escravos; os antigos senhores, a profissão, as características físicas, comportamentais, vestimenta, habilidades. Nesse sentido, encontramos escravos vaidosos que fugiam portando brincos, e adereços dos mais diversos, cativos que de tão inteligentes pareciam brancos ou crioulos, outros muito astutos, pernósticos, de cabelos crespos, de olhos azuis, com sinais de bexiga, dentes podres, marca de agressões, de gagueira, defeitos visíveis etc. Por meio dos anúncios percebemos pistas sutis da experiência do cativo. Muitas das situações esboçadas nesses registros são descortinadas nos inquéritos, os quais expõem o relato de todos os envolventes. Assim dedicamos a próxima parte às experiências de fugas capturadas por meio dessas fontes judiciais, nelas percebemos mais de perto as motivações e o desenrolar dessas tramas que os anúncios sugerem, mas não explicam. Enfim, quem foram os protagonistas dessas histórias de fugas?

---

<sup>62</sup> APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* – 6 de Dezembro de 1879.

“Sem dúvida, a data de 13 de maio de 1888, marcou um momento da trajetória histórica da sociedade brasileira, um momento que, praticamente, ofuscou muitos outros. Isso significa pensar que o 13 de maio, em si e por si mesmo, não sintetizou todo o processo que, ao longo de quase 400 anos, foi marcado pela luta dos africanos e seus descendentes para fazer prevalecer suas condições de seres humanos.”

Cléber Maciel

### **III PARTE – Quando as histórias de fuga são casos de justiça**

“Não há escravidão suave ou cruel, ela dispensa adjetivos”

Hebe Maria M. de Castro

## Capítulo 7 – Senhores *versus* Sedutores

O ano é 1881, o cenário a cidade de Vitória, província do Espírito Santo. O protagonista? Braz Fozanaro ou Felismina, é tudo uma questão de ponto de vista. Felismina é escrava de João Francisco Paggi de Figueiredo, e amante de Braz Fozanaro, que é italiano. O enredo dessa história é um processo crime movido contra este último. Motivo? A sedução da mulata de propriedade de João Francisco Paggi. O queixoso alega que o italiano vivia amasiado com sua escrava; no entanto, querendo desfrutá-la amplamente, e não só por isso, mas também para usufruir de seus serviços, seduziu a referida escrava, tirou-a de sua casa e de seu poder e a ocultou.

A queixa de Paggi nos deixa entrever que para ele o protagonista dessa história é Braz, uma vez que Felismina não foge por motivações próprias, mas porque foi seduzida, e segundo seu dono por duas vezes seduzida para ser usufruída tanto como amante quanto como escrava, utilizando-se de seus serviços. Nesse sentido, a mulata aparece como a ingênua da história. Diante desse fato, nos questionamos: os escravos eram tão ingênuos ao ponto de apostar num procedimento, arriscado e perigoso como a fuga e continuarem realizando serviço para outros senhores? Afinal, o que pretendia esses cativos? Desestabilizar o sistema escravista? Reivindicar algum problema? Protestar? Apresentaremos aqui as motivações de Felismina. Certamente outros cativos vivenciaram os mesmos problemas e tiveram as mesmas motivações dessa escrava, assim como um enorme contingente de cativos tiveram outras justificativas para optarem pela evasão. Muitos autores viam nas fugas uma forma de contestação ao regime escravista. Em nossas fontes, o percebemos cativos preocupados com suas lutas individuais. Além disso, “não devemos esquecer, que a maioria dos escravos no Brasil não fugiu de seu cativeiro, ou então o sistema teria entrado em colapso.”<sup>1</sup> As propostas de Thompson foram muito elucidativas em nosso procedimento de análise de fontes. De acordo com Fenelon:

Thompson propõe uma maneira para investigar as “experiências”, não em suas relações econômicas, mas nos seus modos de vida, em suas lutas diárias, nos seus hábitos,

---

<sup>1</sup> REBELATTO, Martha. Fugas e Quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX. **Afro- Ásia**, n.37, 2007, p.81.

valores, formas de vestir e de morar de transmitir suas tradições orais, de viver com elas ou de resistir às transformações também como convivência cotidiana em seu dia-a-dia.<sup>2</sup>

De acordo com essa perspectiva é que almejamos investigar a experiência de Felismina. O que a levou a fuga? A dupla sedução ofertada pelo amante? Uma resistência ao sistema escravista? Apesar de cativa, isso não representava um problema ao relacionamento amoroso da escrava com o negociante, já que inclusive seu senhor sabia do “caso” dos dois; ao que tudo indica, havia outra sedução em jogo que a levou a fugir, mas qual seria?

Foi convocado para informante deste processo Henrique Meirelles das Neves, morador e escravo nesta província, maior de 40 anos e jornalista. Em seu depoimento, declarou que não conhecia a escrava fugida, mas que realizou uma viagem com uma mulata, escrava do Dr. Francisco Paggi a mais ou menos dois meses antecedentes àquela convocação para depor. A viagem foi realizada por ordem do Negociante Braz, o mandato era levar a escrava até uma fazenda no distrito da Serra. Então, ele e o pardo Clemente buscaram a desconhecida mulata na casa de Edviges, moradora da Rua da Lapa, e a conduziram à casa de sua irmã chamada Luiza. Henrique disse que posteriormente retornou ao esconderijo da cativa, a mando do negociante Braz, para levar-lhe uma fazenda de panos, para que Felismina pudesse fazer roupas para si. Neste dia, a escrava pediu a Henrique que avisasse ao Braz que se apressasse em arranjar o dinheiro para a sua liberdade, como ele havia prometido.

Por meio deste primeiro depoimento podemos perceber que para manter-se escondida Felismina precisou, além da ajuda de Brás, da ajuda de Edviges, da sua irmã Luiza e dos escravos Henrique e Clemente que, embora não estivessem envolvidos diretamente com o plano da fuga, sabiam da sua existência e, enquanto não foram chamados para dar esclarecimentos à justiça, não contaram nada a ninguém. Ou seja, estamos diante de uma arena social, conceito cunhado por Flávio Gomes, que constitui um palco de lutas e solidariedades, conectando fugitivos, cativos, libertos, fazendeiros e outros

---

<sup>2</sup> FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: História e Política. **Projeto História**, n. 12, 1995, p.86.

tantos sujeitos que vivenciaram o mundo da escravidão.<sup>3</sup> Esse relato também começa a nos fornecer pistas das seduções de Felismina, pois ao contrário do informado por seu dono a pretensão de Braz Fozanaro ao que parece, não era desfrutar duplamente da mulata, como amante e serviçal, mas sim, ajudá-la a conseguir a liberdade. Enfim, acompanhem os outros depoimentos.

Edviges Maria da Conceição relatou que Braz a pediu que abrigasse em sua casa uma órfã, pedido recusado pela lavadeira, pois a casa em que ela residia não era governada por ela, mas por sua dona que morava na roça. Porém, quando Henrique chegou com Felismina, lhe disse que Braz havia pedido que a abrigasse por apenas duas horas e que na mesma noite a buscaria, então ela aceitou. A informante disse que não reconheceu e nem sabia que Felismina era escrava, e que o negociante italiano a iludiu dizendo ser uma órfã e somente no dia seguinte soube que a mulata era escrava do senhor Paggi. Um fato chama atenção ao comparar os dois depoimentos: de acordo com o depoimento de Henrique ele teria apenas buscado a escrava na casa de Edviges e levado para a casa de Luiza. No depoimento de Edviges, Henrique teria levado e buscado a escrava. Pode ser que alguém mentiu nessa história, ou pelo menos omitiu. Ao que parece foi Edviges. A informante queria se esquivar do acoitamento dado a escrava, e por isso se proclamou iludida pelo negociante italiano; e para reforçar que não tinha ligação alguma com o plano de fuga, disse que a escrava foi levada por Henrique a pedido de Braz. No início do seu depoimento ela diz que Braz lhe fizera o pedido de moradia para uma órfã dias antes; pode ser que ela já havia aceitado o pedido de acoitar Felismina para Braz, mas perante a justiça preferiu se esquivar da culpa.

Clemente, o outro escravo envolvido na trama relatou que foi buscar a *rapariga* com Henrique a pedido de Braz. Num primeiro momento ele não reconheceu quem era a mulata, e no caminho, quando percebeu que era Felismina e quis saber se ela estava fugindo. Ela respondeu que sim, mas ia buscar dinheiro para a sua liberdade e que retornaria com eles. Ou seja, Felismina não pretendia se manter na ilegalidade, a escrava pretendia se libertar do cativo por meios legais, e ao que tudo indica esperava encontrar a quantia suficiente

---

<sup>3</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas:** mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 45.



para tal ato, na casa da irmã, pois relatou a Clemente que voltaria com eles. Talvez ela e o amante haviam combinado isso, mas alguma coisa mudou o rumo da história, pois quando chegou à casa da Irma da fujona, ela disse que ficaria por lá. Quem sabe, os fatos não se esclarecem com o depoimento de Felismina?

Escrava, solteira, mais ou menos 18 anos e natural desta província, e para nós, a protagonista desta história, a responsável por esse processo. Ao ser inquirida respondeu que estava presa porque fugiu de seu senhor, e teve essa postura porque soube que o seu dono pretendia vende-la para fora desta cidade.

Antes da fuga, a escrava até tentou se autonegociar até mesmo sem que o seu senhor ficasse sabendo, conversou com Dellaria para que a comprasse, mas a resposta da senhora foi negativa, pois a quantia desejada por Paggi não dava pra ela pagar. Felismina então recorreu ao companheiro, que disse que só possuía 500 mil réis, quantia que ele inclusive estava guardando para presenteá-la. Braz aconselhou que Felismina se ausentasse da casa de seu senhor por dois meses, período para que ele arranjasse a importância para a sua liberdade. Então, saiu da casa de seu senhor e a mandado de Braz foi para a casa de Edviges, onde permaneceu das 11 horas da noite até as 11 horas da noite do dia seguinte, quando se dirigiu para a casa de sua irmã com Henrique e Clemente. Felismina ficou um dia na casa de sua irmã, e depois foi para a mata, e só saía dali para comer, por questões de segurança, tendo em vista que as fugas com destinação a casa de parentes não eram nada incomum.

A escrava disse que passou dois dias sem comer alimento algum, e que numa terça feira sua irmã foi à mata, com a notícia de que havia chegado um portador a mando de Braz para conduzi-la a cidade, pois já estava forra. Então, ela saiu da mata e achou o liberto Henrique com uma carta que devia ser de Braz, mandando que ela voltasse à cidade em companhia de Henrique. Ela acreditou, porém no meio do caminho estava o oficial de justiça, avisando-lhe que ela não estava forra, mas sim estava com ordem de seu senhor para lhe meter na cadeia, e assim o fez. A estratégia do oficial de justiça para prendê-la é bem inusitada, utilizou um dos participantes da fuga para a captura, provavelmente se assim não fosse dificilmente seria possível encontrá-la.

Por meio deste depoimento percebemos que a escrava não queria fugir da escravidão, inclusive tratou ela mesmo de procurar uma nova dona, o que Felismina não queria era mudar de cidade, ali ela tinha seu parceiro conjugal, seus familiares e possivelmente seus amigos. Dessa forma, compreendemos que a fuga foi apenas a última possibilidade ante a ameaça de ser transportada para outra região, mesmo assim não havia a intenção de prejudicar o senhor ou dar-lhe qualquer prejuízo, pois a intenção era permanecer evadida somente até conseguir o pecúlio para sua alforria.

Nesse sentido, concluímos que a fuga dessa escrava não estava relacionada com nenhum tipo de sedução, pois a sugestão de fuga dada por Braz foi posterior a outras negociações buscadas pela escrava, ou seja, Felismina já procurava por uma alternativa a sua venda. Dessa forma, o desejo de fugir não foi um ato inocente por parte dela, mas uma *boa saída* para o momento, depois de já ter tentado encontrar uma nova senhora e pedido ao companheiro a quantia para comprar a sua liberdade. A nossa protagonista não se deixou seduzir, apenas estava agenciando seu destino, por não querer perder seus laços sociais já estabelecidos tendo que mudar para outro local, e para isso, contou com a ajuda de muitas pessoas.

De uma forma irônica, em oposição à ideia do queixoso de que Braz seduziu sua escrava por duas vezes, também podemos conjecturar o contrário, talvez o negociante seduzido pelos amores da cativa foi seduzido a acoitá-la, mesmo vulnerável as penalidades da lei. Infelizmente o processo chega ao fim sem o depoimento de Braz, que poderia nos esclarecer melhor as implicações desta trama. Braz apresentou um atestado de saúde e não compareceu a audiência. Diante disso, ficamos sem o final dessa narrativa, não sabemos se Braz foi ou não inocentado, já que acoitar escravos se tratava de crime previsto em lei. Também não sabemos o destino dado a *fujona*, tampouco podemos saber se o italiano estava mesmo doente, ou se o atestado foi uma forma de se esquivar da audiência, que também não temos informação se teve desdobramentos.

É claro, essas foram as motivações de Felismina, mas isso não significa que não existiram fugas, cujas motivações foram propiciadas por promessas de

terceiros por condições melhores de vida ou de trabalho, mas essa seria uma outra história.

## Capítulo 8 – Se não for por má fé, perdoado é

A acusação de roubo de Innocêncio, escravo do Convento do Carmo, motivou a abertura de um processo iniciado em 27 de janeiro de 1853. Frei Bento de Trindade Rangel<sup>1</sup> mais uma vez se envolve em uma contenda pelos escravos do convento. Conforme o depoimento do Frei, Innocêncio fugiu no dia 11 de abril de 1852, e foi recolhido na casa de Braz Pinto de Siqueira em 26 de Janeiro de 1853. Frei Beto não estava contente somente com o retorno do fujão e relatou em seu auto de perguntas que a razão de dar início ao procedimento judicial foi por vingança, devido ao procedimento ilegal de acoitamento realizado por Braz.

O trabalhador de lavoura Manoel do Nascimento do Espírito Santo foi convocado como testemunha e declarou que não sabia se o réu dava asilo ou consentimento para o escravo dormir em sua casa, mas que por diversas vezes que foi convidado para trabalhar nas dependências de Braz, encontrou Innocêncio por lá trabalhando, ora na colheita do café ora na limpeza do cafezal. E às vezes quando passava em frente a casa de Braz sempre encontrava o dito escravo, mas não sabia responder se Innocêncio trabalhava à jornal ou de graça, mas afirmou que era público que o escravo estava fugido.

O depoimento da primeira testemunha compromete o acusado *dos pés à cabeça*, pois foi confirmada a condição de cativo de Innocencio, bem como a sua estadia nas dependências da casa do acusado. Mas, e as outras testemunhas? O segundo depoente, Manoel de Jesus de 56 anos, casado e morador de Vitória, foi sucinto e imparcial nas suas informações, disse que sabia que Innocêncio era escravo, mas não falou, sabia que o escravo trabalhou por três vezes uma na colheita e as demais nos ajuntamentos, e nada mais sabia.

Joaquim Pereira Barboza, casado, natural de Vitória, viu constantemente o escravo do Carmo socando café na casa do dito Braz. O quinto depoente, José Vieira Rios relatou que soube da prisão por ser público que ele estava fugido, e acerca de um mês o viu socando café na casa do réu. A testemunha

---

<sup>1</sup> Anúncios do frei foram encontrados em 24 de março de 1855 e em 28 de fevereiro de 1855.

informante Manoel da Costa Sarmiento, foi perguntada se alguma vez viu o escravo Innocência trabalhando o dia inteiro, e ele respondeu que não.

Diante destes fatos, a justiça decidiu:

*Os deferimentos das testemunhas obrigão o réo Braz Pinto a prisão e livramento, com incurso na disposição do art.257 do cód. Penal. O escrivão lance o nome do reo no rol dos culpados, e seja conservado na cadeia; se nela estiver não estando de as providencias para a captura e cumpra a disposição do 289 do regimento de 31 de janeiro de 1842. Cariacica, 21 de maio de 1853.<sup>2</sup>*

Braz Pinto de Siqueira se apresentou na prisão por livre e espontânea vontade, e declarou ser filho natural de Antonia, e ex-escravo de João Gonçalves, casado, brasileiro e natural da cidade de Vitória, profissão de lavrador, não sabia ler e nem escrever. Na prisão lhe perguntaram qual crime cometera. Respondeu que o escravo do convento do Carmo que se encontrava fugido e muito bêbado foi encontrado em seu Quitungo<sup>3</sup> por uma escolta da policia, e passados dias após esse fato o convento deu queixa dele, acusando-o de acoitador do escravo. Braz não negou ter conhecimento da condição de fugitivo do escravo, respondeu que o cativo exercia serviços para ele em dois dias da semana, e inclusive que ele andava e servia publicamente a todos em Itapoca, pois andava como forro, e que o escravo trabalhava para ele não a seu convite, mas sim por apresentar-se entre as pessoas, pegando serviços e dizendo que queria ganhar um vintém.

A defesa então concluiu: já que o réu não omitiu saber que Innocência pertencia ao Convento do Carmo, ele não acoitou o escravo para desfrutar dos seus serviços, porém, sim o alugou, pois andava como forro em Itapoca e em outras localidades servindo á jornal a uns e outros, e que o prior do convento tinha e sempre teve conhecimento disso, inclusive que ele andava ordinariamente bêbado. Braz apenas teve conhecimento e certeza de que o escravo do convento do Carmo não era forro, como se intitulava quando ele o pediu licença para dormir em seu quitungo. Porém, como o escravo não servia

---

<sup>2</sup> APPES – Inq. Nº55, Cx: 657. 1853. Acoitamento e roubo do escravo Innocência, pertencente ao Convento do Carmo. 45 folhas.

<sup>3</sup> De acordo com informações do site da cidade de São Mateus, a palavra quitungo, kitungo ou quitundo, era utilizada no século XIX para se referir a casas de farinha. Disponível em: [www.saomateus.es.com.br](http://www.saomateus.es.com.br) . consulta em: 25 jul 2011.

somente a Braz, e o serviu apenas duas vezes, conclui que o réu estava *na melhor boa fé* e acreditava no *status de liberto* afirmado pelo escravo. E para haver crime é necessário má fé, isto é conhecimento do mal e intenção de praticar. Após votação ficou decidido que Braz Pinto não o acoitava, sendo, portanto, absolvido do rol dos culpados.

Ao que tudo indica, o escravo do convento do Carmo guardava características de inocência apenas no nome. Ele, Innocência, o personagem principal dessa história, não foi ouvido. Isso porque o vilão da história era o acoitador, que lhe deu serviços mesmo sabendo que ele pertencia ao convento. Por a culpa no acobertador, nem sempre sugeria a falta de malícia dos escravos, mas antes representava a manutenção e incentivo dos procedimentos de fuga. Caso fosse incomum a conivência da população local com os fugitivos, certamente o número de fugas seria mais reduzido, ou ainda que ocorressem, as dificuldades de sobrevivência lhes obrigaria ao retorno.

O réu é um escravo forro que possui certo sucesso financeiro, colhe café é dono de um quitungo. No seu depoimento verificamos uma contradição, pois primeiro ele admite que sabia que Innocência era escravo do Convento do Carmo e estava fugido, depois alega que somente o empregara porque ele se intitulava forro. Como percebemos por meio dos anúncios, não foram raros os casos em que escravos fugidos se denominaram libertos, por esperteza ou por acreditarem que já não mais deveriam servir aos seus senhores. O fato é que por ser uma estratégia recorrente entre os fujões, a população de livres já deveria estar acostumada com tais afirmações, e por certo que se fosse interesse verificar tal procedência não seria uma tarefa difícil, ainda mais se tratando de um escravo do Convento Carmo. Supomos que Braz não teve o mínimo interesse de checar tal informação, aliás ele utilizou a desculpa do escravo para se inocentar, fingindo acreditar que ele era forro. Certamente, a atitude de Braz foi pautada pelo seu conhecimento prévio dos hábitos e costumes da província. O escravo Innocência não servia somente a ele, fato que já lhe garantia uma resposta de defesa caso fosse acusado, como ocorreria. Mesmo assim, já que outros utilizavam os serviços do fujão, quais os motivos levaram o Frei Bento queixar-se apenas de Braz? Embora o escravo trabalhasse em outras localidades era no quitungo de Braz que ele dormia.

As dores de cabeça de Frei Bento com Innocêncio não terminam com o fim desse processo. Em 28 de fevereiro de 1855 o frei utiliza o jornal para reclamar a posse do escravo, e alertando possíveis compradores da sua contrariedade à venda:

*O abaixo assignado prior do convento do Carmo desta segunda vez protesta-se contra a pertinência do poder fiscal da fazenda publica em querer vender o escravo Innocencio, pertencente ao mesmo convento, a título de pagamento de custas de papéis e libellos, em que o prior não appareceo, nem compareceo, nem por si, nem por procuradores, ficando desde já avisado o incauto comprador e obrigado a restituilo ao convento. – Frei Bento da Trindade Rangel.<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> APEES – Série Jornais – *Correio da Victoria* – 28 de Fevereiro de 1855.

## Capítulo 9 – E se for de má fé... A justiça realmente é rigorosa?

A experiência de fuga de Joaquim pode ser acompanhada nas 140 páginas do desenrolar de um processo movido por Antônio Vicente contra José Ferreira Barroso, acusado de furtar e vender o escravo Joaquim. O desenrolar dessa trama é formado por muitos e díspares depoimentos, inclusive por parte do escravo que apresenta duas versões para o fato.

A história de Joaquim só vira história de justiça porque recusou a servir Gervázio e fugiu de seu poder. No entanto sua fuga não teve êxito e foi preso em novembro de 1873. E, então, Gervázio vai a cadeia reclamar a posse do escravo, mas parece que Joaquim tinha outro dono, Antonio Vicente. E agora? Quem é o dono de Joaquim? Ou seria José?

Em seu primeiro depoimento, o cativo declarou que era morador de Vila Velha, na província do Espírito Santo e tinha como senhor Antonio Vicente. Foi parar na cidade de Campos porque José Barroso, morador de Vitória e filho de Portugal, o vendera a João Bastos, este posteriormente lhe vendera a Gervázio Ribeiro da Motta da freguesia de São Sebastião, termo de Campos. Perguntado sobre o motivo da fuga, respondeu que não queria mais servir a Gervázio e foi a procura de seu primeiro senhor Antonio Vicente.

Ciente da prisão do seu escravo, Gervásio Ribeiro da Motta se apresentou na cadeia com título de compra reclamando a entrega de um escravo de nome José de nação. Entretanto, Antonio Vicente também se apresentou reclamando a entrega do escravo como seu. Parece claro que Gervázio comprou o escravo de boa fé como se dizia na época, o suplicante tinha a carta de venda<sup>1</sup> dada por José Ferreira Barroso.

O carcereiro, João Batista de Barros, foi convidado a depor, pois havia presenciado uma cena comprometedor de José Barroso. Segundo consta em seu depoimento, José Barroso esteve na cadeia tentando convencer o preto

---

<sup>1</sup> A carta segue em anexo no processo, e diz o seguinte: Eu abaixo assignado, autorizado por cartas de ordem do senhor José Ferreira Barroso datada de 26/10/1854 declaração que vendeu o escravo a Gervazio Ribeiro da Matta, moço. Pela quantia de um conto de réis, livres de ciza. Campos, 15 de Maio de 1855. João José P. Bastos. APPES – Inq. N°257, Cx: 671. 1865. O réu é acusado por furtar e vender um escravo de nome Joaquim de propriedade do Sr. Antonio Vicente. 140 folhas.



fugido que seu nome era Joaquim e dissesse que seu senhor era Gervásio. E a isto, opunha-se o escravo. Diante da relutância do escravo, Barroso optou por tratá-lo com mimos e dizia-o para que falasse a verdade, que ele o pertencia. O carcereiro, presenciando essa cena, aproximou-se de Barroso, a fim de entender o que se passava, e pode presenciar esse episódio. Com o objetivo de certificar a veracidade das informações dadas por João Batista de Barros, o escravo Manoel que se encontrava na mesma cela de Joaquim foi solicitado a dar esclarecimentos sobre o que presenciara.

Manoel tinha 25 anos, era brasileiro, carpinteiro, cativo e estava preso por ter fugido do poder de seu senhor. Seu depoimento confirma a fala do carcereiro e acrescenta que Barroso se afligiu bastante quando o escravo lhe disse que seu nome não era José e sim Joaquim, inclusive pediu para ele não repetir essa história, chegando a lhe prometer fortuna. Contudo, nem mesmo a proposta econômica fez com que o escravo mudasse de ideia. O desespero de Barroso faz com que ele pedisse ao companheiro de cela de Joaquim que lhe convencesse, prometendo que o soltaria do xadrez.

O escravo Joaquim estava furtado do domínio de Antonio Vicente há 14 anos. Diante desses fatos, restava a Antonio Vicente comprovar seu senhorio sobre o escravo em questão. Antonio Vicente, anexa no processo o anúncio de captura, publicado no *Correio da Victoria* de 17 de julho de 1852 e o documento de meia sisa<sup>2</sup>, juntamente com mais cinco testemunhas que depõem a seu favor.

A primeira testemunha, o capitão (*nome ilegível*) de Freitas Magalhães, natural do Espírito Santo, de 65 anos. Testemunhou que em data muito antiga, Antonio Vicente trouxera um molecote de nome Joaquim, vindo do Rio de Janeiro e que ficou muito tempo em poder de Antonio, empregado no mar, por ser pescador. E depois desse tempo, desapareceu, e por isso foi considerado fugido. E que depois ocorreu um boato do escravo ter sido mandado para Campos, e desconhecia qualquer tipo de autorização de venda por parte de A. Vicente.

---

<sup>2</sup> A sisa era o imposto de transmissão de 5% pago pelo comprador. Se houvesse evasão do imposto, o comprador adquiria os escravos mais barato, mas corria o risco de não conseguir estabelecer título legal sobre eles. KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 84.

As quatro demais testemunhas confirmam a versão do Capitão e ressaltam que por diversas vezes o escravo Joaquim foi visto em poder de Antonio Vicente, e inclusive era o único escravo que o justificante possuía.

José Pinto também prestou depoimento e foi interrogado acerca da sua incumbência de ir buscar em São João da Barra o escravo Joaquim. Revelou que houve esse pedido por parte de Antonio Vicente, mas que não podendo realizar esta tarefa incumbiu Manoel Antonio Noite Dias que o fizesse. Este levou para esse fim uma justificação comprobatória do domínio de Antonio Vicente, visto ter perdido o título original. Porém, a autoridade policial não quis entregar o escravo, entregando-o somente sobre a apresentação da meia sisa.

A justiça ainda quis saber de José Pinto, como o escravo foi parar em Campos. Ele contou que após ter fugido, sem motivo algum, sua fuga foi publicizada no *Correio da Victoria*, mas nunca mais soube notícias do escravo o que o levou a crer que o mesmo teria falecido. Segundo o respondente, Antonio Vicente recebeu um recado do sobrinho de Barrozo, de nome Manoel José Pereira Guimarães, recado do qual ele foi portador. O recado sugeria a Antonio Vicente entender-se com Manoel Nunes Pereira, procurador de Barrozo.

Manoel J.P Guimarães quis dar-lhe a quantia de 500 mil como retroativo aos lucros que ele perderá com a ausência de seu escravo. Porém, Antonio não quis aceitar, pois achou a proposta muito diminuta. Perguntado se o escravo ainda estava em poder de Antonio Vicente, respondeu que não. Porque há três para quatro meses teve que ser vendido para satisfazer as despesas feitas com o recebimento e condução do escravo.

José Pereira Ferreira Barrozo apresenta uma versão bem distinta das relatadas até agora. Segundo o acusado, no ano de 1839 ele comprou de Joaquim Thomaz de Farias, 40 africanos. Ao chegar no Espírito Santo abrigou-os no Alpendre do cais dos portos por estarem alguns doentes, tendo anteriormente falecido seis. No dia seguinte se dispersaram alguns africanos e devido a dificuldade de reuni-los alguns ficaram em Vila Velha. Dentre eles um de nome José, nação benguela, com oito para nove anos. No lote de José havia aproximadamente mais 16 escravos dessa idade.

Inicialmente, Barrozo não teve notícias de José, depois descobriu que ele estava em poder de Antonio Vicente, fato que se conservou por cerca de 12 a 13 anos, dos quais sempre ouviu dizer que se encontrava escondido, e por fim, João Ramires de Gusmão, já falecido, sem que ele lhe pedisse nada, adentrou sua residência em posse do sobredito escravo, dizendo que ele fora o seu primeiro senhor e por isso, trazia o escravo para apresentar-lhe. Esse episódio ocorreu em 1853, e desde então Barrozo o conservou em seu poder por cerca de um ano, de acordo com suas palavras Antonio Vicente sabia da estadia do escravo e, no entanto, não o procurou.

Segundo Barrozo, durante todo o tempo que o escravo José, que havia mudado de nome pelo de Joaquim permaneceu em sua casa, repetiu diversas vezes o incidente da viagem dele juntamente com os africanos de Campos para Vila velha. O escravo em questão foi enviado ao Rio, porque Dona Rita, mulher de José Vieira Armando, necessitava de um cativo para acompanhá-la no seu regresso à Campos, na falta de outros escravos, Barrozo incumbiu José desse serviço de acompanhamento, sem lhe ordenar a volta. Por esse motivo, ele permanece em poder de D. Rita por um ano mais ou menos.

Depois disso, deixou alguns escravos para serem vendidos por João José P. Bastos, em Campos, inclusive o africano José. A justiça quis saber do acusado com que título Antonio Vicente recuperou o preto apreendido em São João da Barra. E ele argumentou que Antonio Vicente arranhou um documento comprobatório de domínio do escravo Joaquim que nunca existiu.

Antonio Vicente ofereceu uma nova versão para os fatos, destacou que comprou José de Francisco Reis da Silva, pela quantia de 250 mil réis, pagando de sisa a quantia de 2 mil e 500 réis na recebedoria do município da Corte, localizado no Rocio Grande e isto foi em fevereiro de 1840. O papel de venda do escravo foi passado em mão pelo próprio Francisco Reis, em sua casa, e ele posteriormente levou para reconhecer firma. Desde que o comprou e o trouxe para o Espírito Santo, sempre o teve publicamente não só em Vila Velha, como na cidade de Vitória.

Consoante o depoimento de Antonio Vicente a relação entre os dois foi amistosa. Mas, uma queixa de Veríssimo Manoel Aguiar de que o escravo

Joaquim havia tido alteração com sua escrava no caminho da fonte, fez com que Antonio castigasse Joaquim, isso há mais ou menos 10 para 12 anos. O castigo dado ao escravo motivou-lhe a fuga sem retorno. Antonio Vicente declarou que nunca mais teve notícias, com exceção do comunicado feito pela polícia lhe informando da sua prisão em Campos. E informou que ignorava que esse escravo esteve oculto em sua cidade, e muito menos na casa de Barrozo.

Antonio Vicente chegou a anunciar no *Correio da Victoria*, prometendo recompensas e tudo mais, mas não adiantou. Por isso, acreditou que seu escravo tivesse falecido de cólera que aqui grassou em 1840 e 1856. Sobre a proposta feita por Manuel Nunes Pereira, respondeu que o procurador de Barrozo quis saber a quantia desejada por ele para por fim a essa história toda. Mediante a proposição de Manuel N. Pereira, Antonio Vicente respondeu que queria além dos 325 mil réis que gastou com despesas para reaver o escravo, o salário pelos 10 anos da ausência do escravo de seu poder, na razão de 500 réis por dia, ressaltando que não era o valor de todo o tempo que o escravo esteve fora, e inclusive um valor muito inferior ao que ganhava na época um escravo. Manuel N. Pereira propôs lhe dar por tudo, 200 mil réis, Vicente recusou. Então, Manuel subiu o preço para 500 mil réis, que o respondente também não aceitou.

Para integrar o processo Antonio Vicente, entrega a justiça uma carta de Manuel da Motta França, residente na cidade de Campos pedindo que fosse tomar conta do escravo que ali se achara preso. Porém, que não perseguisse a Barrozo, pois ele pagaria as despesas dos jornaes do escravo.

Em 26 de novembro de 1864, Joaquim presta depoimento. Em sua narrativa diz que o primeiro lugar que desembarcou e ficou foi na corte, na Gambôa, na casa de um homem que não se lembra o nome, por ser muito pequeno na época. Era boçal e ficou neste local por cerca de dois meses, logo depois foi vendido a Antonio Vicente, com quem conviveu por 10 anos, sempre empregado publicamente. Porém, devido a umas palmadas, Joaquim saiu de casa e ficou deitado numa canoa na praia de Vila Velha, acordando na ocasião em que dois pretos lhe carregaram dali e o levaram para a casa de Barrozo. Assim que chegou, foi informado que havia sido comprado e que daquele em

dia em diante se chamaria José e não Joaquim, seu suposto novo senhor Ihe conservou sempre oculto. Em uma ocasião juntamente com os pretos que Ihe conduziram a casa de Barrozo, foram embarcados em uma canoa e prosseguiram juntos até Guarapari, de lá foi entregue a um indivíduo de nome Armando que o levou para Campos e o entregou ali a Antonio Luiz, um negociante que o repassou para João José Pereira Bastos e posteriormente a Gervázio Ribeiro da Motta Moço.

Em cinco de Dezembro de 1864, Joaquim novamente depõe. Contudo, oferece uma versão bem diferente da anterior. Afirma que o primeiro lugar onde desembarcou foi Mangueiros, de onde seguiu para o poder de Joaquim Thomas na Barra de São João, e dele o comprou Barrozo, juntamente com um número de 30 ou 40 escravos aproximadamente, os quais foram conduzidos embarcados até o cais de nossa senhora da Penha, não se recordava se chovia ou não e tampouco se havia alguém doente. Pouco depois de desembarcados ele e alguns africanos fugiram e se dispersaram pelo mato, e foi nessa ocasião que Antonio Vicente o apanhou e o manteve escondido por uns 15 dias, depois disso começou a trabalhar em público para esse senhor.

Tempos depois, devido a uns castigos, resolveu fugir e procurar Barrozo para pedir que Ihe comprasse. Ao dizer que pertencia a Antonio Vicente, foi retornado por Barrozo que lembrava que ele era um dos escravos comprados e trazidos de Campos, por ele, para Vila Velha, como de fato lembrou-se. Antonio Vicente nega o novo depoimento prestado pelo escravo, e atribuiu à nova versão ser fruto das insinuações de José Ferreira Barrozo.

Novas testemunhas são convidadas a depor, entre elas Manoel Serafim Rangel. Este, contou que numa madrugada presenciou gritos que partiam do Caes da Penha, e saindo para ver do que se tratava, encontrou um dos soldados da Penha conduzindo um escravo, contra vontade de Barrozo, cercado e chorando e pedindo que não os levasse. Compadecido de Barrozo, ele, o respondente sugere aos soldados, que eles fossem embora em troca de uma gratificação paga por Barrozo. Conselho que não foi acertado, mas não estranhável naqueles tempos. Manoel Serafim Rangel asseverou que algumas pessoas se apoderaram de alguns africanos, porém no dia desta

contenda, Antonio Vicente não estava na ocasião. Para a testemunha, não causava estranhamento que Antonio Vicente homem bom e com bons costumes pudesse reunir uma quantia suficiente para obter um cativo, e ele só escutara essa história de africano extraviado pelo dito Vicente somente depois da prisão de Joaquim.

Também foi testemunha o escrivão do processo de apreensão dos africanos de Barrozo. De novidade em seu depoimento consta apenas que foram dois os escravos extraviados de Barrozo, e ambos foram restituídos. Mais sete testemunhas foram ouvidas, e Barrozo mais uma vez interrogado. Ao término dos procedimentos legais ficou decidido que:

1º) em 1852 o réu se apoderou do escravo

2º) ficou com ele por algum tempo

3º) enviou-o para Campos, onde foi vendido a Gervázio

4º) O réu não mudou o nome do dito escravo

5º) O réu não cometeu o crime com premeditação

6º) O réu não cometeu o crime por fraude

7º) O réu vendendo o dito escravo não praticou um ato ilícito feito com atenção ordinária.

Em conformidade com as decisões do júri, o réu foi incurso no artigo 257 combinado com o artigo 269 do mesmo código, nos termos do decreto de 15 de outubro de 1857. Foi condenado a um ano de galés e multa de 5% do valor saudado, em 5 de abril de 1865. Esse processo longo e cheio de testemunhas nos demonstra o quanto era complicado provar crimes de acoitamento de escravos, até porque os acoitadores possuíam várias desculpas para livrar-se do roubo, e não era difícil coadunar testemunhas que ratificassem a inocência do acusado. O escravo Joaquim permaneceu acoitado por 14 anos e em contrapartida o acoitador teve como pena um ano de prisão e uma pequena quantia em dinheiro. Seriam esses os efeitos tão rigorosos da lei que citavam

os anúncios de jornais? Antonio Vicente, o senhor verdadeiro de Joaquim, foi descrito pelas testemunhas como uma pessoa de pequenas posses, ao contrário de Barrozo. E mesmo levando adiante o processo de acoitamento de seu escravo, o findar do processo lhe reservou tantas despesas que acabou por ter que vender o cativo. Mais do que disso, Antonio perdeu boa parte da fase produtiva de seu escravo. Diante disso nos perguntamos: a justiça realmente era rigorosa com o roubo de escravos? Talvez a falta de rigidez da justiça tenha contribuído para que a prática do acoitamento fosse tão freqüente, e talvez pelo mesmo motivo os senhores recorressem tanto aos jornais, ao invés de procurar meios mais formais. O que surtia mais efeito, as penas da lei ou a repreensão pública? Certamente, ter que dar satisfação a justiça representava um maior desconforto, bem como maiores chances de gastos e de problemas pra provar a inocência. Porém, era sabido por essas pessoas que acoitavam escravos o quão difícil era provar tal crime. Por isso, quando os lesados tinham uma noção do paradeiro, sem, contudo, ter como comprová-la, optavam por destacá-la nos anúncios de jornais. Assim, os que estivessem utilizando cativos alheios de boa fé, tinham a possibilidade de devolvê-los, aqueles que estavam se fazendo de desentendidos a partir da ameaça poderiam voltar a atrás. Assim, parece que anunciar era também um aviso.

O mais interessante dessa história, é que mesmo a justiça considerando que Joaquim foi roubado por Barrozo, ele não foi condenado por fraude, e nem julgado por ter mudado o nome do escravo, e a venda do escravo alheio tampouco foi considerada um ato ilícito com atenção ordinária. E se não fosse a fuga de Joaquim, esse acoitamento jamais teria virado caso de justiça, já que Antonio Vicente não tinha a mínima noção do paradeiro do seu escravo. Diante disso, podemos perceber que, uma vez acoitado, dificilmente ocorria o retorno desses escravos, pois as opções de mantê-lo em sigilo eram bem fartas, mandando-os para o interior, para outras províncias ou vendendo-os.

## Capítulo 10 – Quando a história de fuga é também história de amor...

Em 1882, lesado pela evasão de Violante, o Major Aureliano Martins d'Azambuja recorre à justiça, a fim de reaver a cativa. Informando-se acerca dos possíveis paradeiros de Violante, o major Aureliano descobriu que a escrava estava sob a guarda de Manoel da Penha Braga. Como era de costume, optou por meios alternativos antes de recorrer a justiça para obter a cativa de volta. Assim, dirigiu-se por carta a Manoel da P. Braga, conversou pessoalmente com os amigos do acusado e até mesmo com o seu pai. Mas nada adiantou, o fato dele estar ciente da procura pela escrava corroborou para que ela mudasse constantemente de lugares para não ser descoberta.

Violante fugiu no dia 25 de janeiro de 1882, era filha de Apolinária, também era escrava do major. A fugitiva era escrava de *porta afora* e realizava serviços que rendiam ao seu senhor uma quantia superior a 25 réis mensais. Todos os depoimentos apontam para o envolvimento do namorado da escrava na trama. O senhor de Violante anexa ao processo diversas cartas de Manuel Braga endereçadas a cativa comprovando o relacionamento amoroso de ambos. Pelo que consta nos depoimentos o amásio da escrava, como se dizia naquela época, não tinha intenção de mantê-la na ilegalidade por muito tempo, mas só até juntar a quantia necessária para comprar sua alforria. Conforme pode ser visto nas cartas de Manuel da Penha Braga, mesmo quando ela ainda estava em poder do Major Aureliano o réu já assumia algumas de suas dívidas. O queixoso, em virtude do acoitamento da dita escrava pede que o réu seja pronunciado e condenado pelo incurso no art.260 do código criminal e também as penas e disposições legislativas atribuídas a furto de escravos, contida nos artigos 257, 258, 259 e 260.

Conforme exposto no inquérito, o artigo 260 julga como furto manter em seu poder coisa alheia perdida e não se manifestar ao juiz de paz de distrito, ou ao oficial de quarteirão dentro de 15 dias. Portanto, Manuel não poderia ser julgado neste artigo. Porque Violante não estava perdida e tampouco ele a encontrou, Violante estava fugida. Para a justiça a escrava é a culpada, que fugiu por livre espontânea vontade com a finalidade de se entregar aos venéreos do mesmo réu. Por isso, não é justo afirmar que da parte do réu



existiu intenção criminosa daquele que furta. E, para dizer que há fraude deve se levar em consideração o acontecimento e o motivo, e se o réu teve a intenção de apropriar dos serviços da cativa. Situação que não se aplica a esse caso, já que o réu não usufrui dos serviços de Violante, ao contrário dispende 40 mil réis mensalmente com a fugitiva, e inclusive como relata as testemunhas compra-lhe objetos de uso pessoal na loja de João Jacob Tesch. Conforme pode ser observado nas cartas, o acusado já gastava dinheiro com Violante desde a época em que ela estava em poder de seu senhor. Inclusive em uma de suas cartas ele se mostra ressentido por saber que ela tinha um vestido novo e contratou os serviços de alguém para engomar a sua roupa e não lhe pediu dinheiro. Contrariado, Braga questiona na carta quem teria efetuado o pagamento para Violante:

Doc. Nº 07

*Violante de meu pensamento ainda não passou um minuto que não me lembrasse de você; saudades de ti, muitas. Vivo muito aborrecido, muito contrariado pelo procedimento de meu pay, para a escolla eu não vou mais, não sei se fique aqui ou vá para a Bahia, trabalhar para sua liberdade, é o que me tais de resto. Triste e bem triste pelas belas noticias que eu tenho sabido ( bem falsa foste filhinha) só me resta saber quem lhe deu o vestido azul, é assim em Violante; pobre enganado; como é triste... Ainda mais; você mandava engomar sua roupa fora e quem lhe pagava? Quando vosse nunca pedimo dinheiro a mim para pagar roupas? A quem lhe dava, é assim em Violante. Estou muito insatisfeito. Assim não se faz. Adeus, 3 vezes. O mesmo.*

O promotor público decretou que o réu não deve ser pronunciado. Porém, fica salvo ao queixoso o direito de cobrar privação civil, pelos serviços da referida escrava. Todavia, Manoel da Penha Braga já havia se retirado da província com Violante, ambos se encontravam na Corte. Então, o Major Aureliano solicita a justiça que dirija uma carta precatória de prisão a justiça criminal da Corte, para que o processo siga sem legado e ulteriores termos. E assim é feito.

Havia outro problema que tornava a situação mais favorável ao acusado, qual seja a sua suposta menoridade penal. Em sua defesa, o curador alega que não se pode considerar o escravo como coisa, tendo em vista que o escravo é suscetível a direitos e obrigações. E por isso não pode ser furtado. As relações

amorosas ilícitas não constituem crime de furto. Além disso, Violante é uma pessoa dotada de todas as faculdades da alma, e, portanto não se deixaria furtar. Conforme a defesa do curador, o réu só queria realizar seus desejos libidinosos, que se concretizariam com ela estando ou não em poder do seu senhor, já que Violante era mulher que andava nas ruas. Se a escrava saiu da casa do seu senhor, foi porque quis. Na condição de apaixonado o réu jamais assumiria a função de algoz denunciando o paradeiro de Violante. Ao contrário, para evitar incômodos, ofereceu a quantia de 900,000 réis pela sua liberdade, valor que foi recusado pelo Major Aureliano.

Diante de todas as evidências do acoitamento de Manoel ter sido motivado por sua paixão, o tribunal cumpre o que prevê o direito romano, e inocenta o réu. Pois, a escrava não foi subtraída com a finalidade de obter lucro, nem por malícia, nem para causar prejuízo, mas sim, pela paixão de Manoel.

No caso de Violante, ela tinha a mãe ao seu redor, ambas serviam a um mesmo senhor. A cativa ainda tinha certa autonomia para escapadelas na cidade, já que realizava serviços externos e manteve sem que seu senhor soubesse um relacionamento amoroso com um livre. Todavia, segundo depoimento de uma das testemunhas quando o Major descobriu o relacionamento da escrava com Penha Braga ele proibiu a comunicação do casal. Pelas cartas, o amante de Violante demorou a descobrir que a escrava estava impossibilitada de ir ao seu encontro, pois se mostra contrariado com o sumiço da escrava, chegando a acreditar que ela o esquecera. Mas, o que deixa transparecer é que a cativa não estava recebendo as cartas do amado, e não havia como avisá-lo, já que estava proibida por seu senhor. Nas cartas ele dizia:

Doc. 02

*Atendei-me filhinha hoje espero-te detarde ou anoite. Adeus, são momentos de muita raiva. Hoje te espero ingrata.*

Doc 03

*Querida filhinha, a três dias tenho esperado e você não me tem vindo, hoje espero eu não sou tão mauzinho. Aceite saudades deste seu amante.*

Doc.06

Vitória, 30/12/1881

*Violante, tenho estranhado muito seu procedimento de não me ter participado o que se passa. Bem sei que já não sou da sua feição (é asneira estar lutando, porém se a sorte é esta). Se me tivesses amizade, estou bem certo, que sempre seria lembrado; sim não sou nenhum tolo que não conheço as coisas. E vosse fosse outra mulher ou se tivesse amizade mandaria participar, o que hoi se passa entre vosse, o ditado diz quem cala consente. Tal é a distração que nem ao menos se lembra deste que tanto lhe ama, fique sabendo que não sou ignorante e admira-me muito? Sim... paciência. Adeus Braga, acho bom que mande repetir a leitura d'estas linhas, pq senão me esprimo em outra linguagem e porque não sei quem lerá estas linhas, estas linhas, e quando acabar de ler acho, provável que rasgue. Desculpe se lhe ofendo, mais meu coração diz que não é fatalidade e sim real. Adeus, 3 x Braga.*

Certamente, a liberdade de Violante via fuga não teria sido cogitada, caso o Major Aureliano permitisse que a escrava continuasse a se encontrar com Penha Braga, era uma questão de negociação. Conforme José Biju da Conceição, uma das testemunhas do processo, quando Penha Braga descobriu que o senhor de Violante havia proibido o encontro dos dois, ele ofereceu certa quantia para a liberdade da escrava, valor que não foi aceito, mas como o valor da escrava era muito alto, eles resolveram optar por uma liberdade informal. Uma vez fugido, a melhor solução era o retorno do evadido apadrinhado ou por vontade de própria, pois a justiça nem sempre foi justa com o lesado por roubos de escravos, havia muitos caminhos para se esquivar do crime e muitas formas de escondê-lo.

Dos cinco inquéritos utilizados até este momento, a escrava Violante é a única que é relatada como a protagonista e agenciadora da sua história. O curador no ato da defesa deixa bem claro que Violante não foi furtada, mas se deixou furtar. O dono da escrava fugida só recorreu á justiça, após várias tentativas informais de reaver a escrava. O caso de Violante e dos demais inquéritos apresentados demonstram o quão difícil era incriminar alguém por acoitamento, já que, quando o escravo fugia, porém não estava sendo utilizado como mão de obra não consistia propriamente em crime, por outro lado, se várias pessoas o utilizavam como força de trabalho, era fácil alegar o desconhecimento da origem cativa do fujão e ser inocentado por boa fé. Quando a fuga era

motivada para ir em busca de familiares os motivos também eram afetivos e, portanto não incorria em acoitamento.

## Considerações Finais

Inspirados pelo trabalho de Gilberto Freyre nosso objetivo geral foi analisar os anúncios como construções discursivas, como informes de interesse social em que podemos captar tanto as intenções dos senhores quanto às motivações escravas. Como disse o sobredito autor: “aprender até com as formigas. Aprender com os anúncios de jornal”. Tanto senhores quanto os escravos possuíam suas concepções em relação ao mundo escravista de acordo com suas experiências. Os senhores desejavam um escravo trabalhador, bondoso e fiel. Essas características eram a contrapartida para um senhor justo e bondoso. Desfazer-se ou adquirir um escravo envolvia uma dinâmica que extrapolava as questões econômicas; por exemplo, necessidade de *status* e recusa dos cativos aos serviços. Apesar de existir uma quantidade considerável de homens livres pobres na província do Espírito Santo, a mão de obra escrava foi preferível, à mão de obra livre. O trabalho escravo era qualificado e de extrema confiança dos moradores do Espírito Santo do oitocentos. O fato dos cativos serem as peças à venda, não os excluíram de se autonegociarem. Nesse sentido, o surgimento da tipografia possibilita, mais uma forma de transação comercial que não o *boca à boca*. Os anúncios de venda nos revelam uma ética do trabalho, indicando valores requeridos ou reprovados, escravos sendo ofertados para servir a alguém ou escolhendo a quem servir. As publicações de anúncios não sofreram alterações com o surgimento de sociedades abolicionistas, conforme o observado em Santa Catarina por Martha Rabellato. No Espírito Santo não houve uma recusa por parte dos jornais em publicar escravos fugidos nem mesmo na véspera da abolição, nos idos de maio de 1888. A eficácia dos anúncios em reaver os escravos de volta não pode ser comprovada, mas pode ser sugerida, já que é considerável o número dessas publicações nos periódicos locais.

Uma das perguntas feitas tendo em mãos os anúncios de fuga foi: Por que fugir? A pergunta é sugestiva e complexa. Não podemos falar em uma única causa preponderante que fosse responsável pela evasão de escravos. Cada fuga representava uma motivação particular, podia ser individual ou coletiva, cada fugitivo possuía um quadro de expectativas que o levava a fugir. Tanto os escravos como os senhores tinham sua concepção em relação ao regime

escravista. Houve escravos que aproveitaram da morte do senhor para fugir, outros fugiam para evitar castigos e intolerâncias, outros que fugiam para se esconder de algum crime ou até mesmo para procurarem um padrinho que os ajudasse numa disputa com o seu senhor, vendas ou transferências inaceitáveis, outros porque desejavam morar em outras localidades, para aproximar-se de pessoas da família, ou simplesmente para viver em liberdade. Liberdade, esta que foi recriada de diversas formas, em outra província, mudando de nome, fingindo-se forro.

Os anúncios de fuga demonstram um senhor prejudicado pela fuga, cujo culpado poderia ser tanto o escravo como o sedutor. Era a esse sedutor que os anúncios também se dirigiam e não apenas as pessoas ligadas com a captura. Nesse sentido, os anúncios de alguma maneira estavam associados a uma ideia constante veiculada nos jornais, que era o direito da propriedade, muitas vezes violado por esses acobertadores. Os verdadeiros protagonistas das fugas de escravos foram eles mesmos, embora as fontes denunciem que eles não estiveram sozinhos nessa empreitada. Mesmo quando a fuga era incentivada pela ação de terceiros, havia por parte dos cativos uma avaliação dos benefícios que receberiam com isso, ou seja, existiram os sedutores estimulando a fuga, e existiram os escravos que se deixaram seduzir, não ingenuamente, mas conscientes de que estavam agenciando seu futuro. Além disso, as fugas só foram possíveis devido as redes de solidariedades que se acionavam mediante a cada escapadela; libertos, cativos, fazendeiros, comerciantes todos fizeram parte dessa *rede*, direta ou indiretamente. Tanto os escravos como os senhores tinham sua concepção em relação ao regime escravista.

Os anúncios demonstram um senhor prejudicado pela fuga, cujo culpado poderia ser tanto o escravo como um sedutor. Era a esse sedutor que os anúncios também se dirigiam e não apenas as pessoas ligadas com a captura. Os sedutores mencionados nos anúncios puderam ser melhor visualizados nos cinco inquéritos encontrados. Por meio deles vimos que as denúncias referentes aos acoitadores não foram injustas, muitas fugas foram possibilitadas pela ação de terceiros. O desenrolar dos processos criminais nos indicaram também o quão difícil era incriminar e provar o acoitamento do

escravo, já que havia várias justificativas que livravam os acoitadores de tais encargos, tais como: trabalhar para outras pessoas, alegar o não conhecimento da condição cativa do fugitivo ou até mesmo não usufruir do fugido como mão de obra, como no caso de Violante, que fugiu para ficar próxima do amante, ou Felismina, que não desejava ser vendida para outra localidade.

Demonstramos que não concordamos com essa distinção de fontes entre *vindas de cima* e *vindas de baixo*, defendemos que não havia um abismo entre a imprensa e os escravos, já que por meio dessas fontes também podemos captar as motivações e perspectivas escravas, redes de solidariedades, aspectos sentimentais e difusão das ideias defendidas nesses periódicos. Contudo, buscamos também entender esses fragmentos não apenas como sendo a *voz do escravo*, parafraseando Ana Josefina Ferrari, pretendemos também compreender a *voz do dono*, suas intenções explícitas e implícitas ao colocar um anúncio no jornal.

Além de comunicar problemas, revelar valores requeridos ou reprovados na esfera do trabalho, os anúncios indicam também características físicas e comportamentais desses escravos. Ao ler algumas dessas descrições podemos visualizar uma imagem do evadido. No entanto, nosso aporte documental não tornou possível uma análise das fugas de escravos oriundos de áreas rurais, uma vez que os jornais publicizaram em maior quantidade as fugas de escravos urbanos. Isso comprova que, a despeito da quantidade de estudos sobre a escravidão no país, o quanto inúmeras questões ainda permanecem a espera de novas pesquisas, a fim de retirar da penumbra novas facetas e experiências referentes à escravidão brasileira.

## Fontes

APEES – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

## Série Jornais

*Correio da Victoria* – 1849 a 1850; 1854 a 1859 e de 1870 a 1872.

*Jornal da Victoria* – 1864; 1867-1868.

*O Espírito Santense* – 1870 – 1888.

*O Constitucional* – 1885 a 1888.

## Relatórios

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Pereira Pinto. (1849).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Joaquim de Siqueira. (1849).

**Relatório dos presidentes de província** – Felipe José Pereira Local. (1850).

**Relatório dos presidentes de província** – José Bonifácio Nascentes D’Azembuja. (1852).

**Relatório dos presidentes de província** – Evaristo Ladislau e Silva. (1853).

**Relatório dos presidentes de província** – Sebastião Machado Nunes. (1854).

**Relatório dos presidentes de província** – Barão de Itapemirim. (1856).

**Relatório dos presidentes de província** – José Maurício F. Pereira de Barros. (1857).

**Relatório dos presidentes de província** – Pedro Leão Velloso. (1859).

**Relatório dos presidentes de província** – José Fernandes da Costa Pereira Junior. (1861).

**Relatório dos presidentes de província** – José Fernandes da Costa Pereira Junior. (1862).

**Relatório dos presidentes de província** – André Augusto de Pádua Fleury. (1863).

**Relatório dos presidentes de província** – Eduardo Pindahiba de Mattos. (1864).

**Relatório dos presidentes de província** – Eduardo Pindahiba de Mattos. (1865).



**Relatório dos presidentes de província** – José Joaquim do Carmo. (1865).

**Relatório dos presidentes de província** – Alexandre Rodrigues da Silva Chaves. (1866).

**Relatório dos presidentes de província** – Alexandre Rodrigues da Silva Chaves. (1867).

**Relatório dos presidentes de província** – Carlos de Cerqueira Pinto. (1867).

**Relatório dos presidentes de província** – José Maria do Valle Junior. (1868).

**Relatório dos presidentes de província** – Luiz Antonio Fernandes Pinheiro. (1869).

**Relatório dos presidentes de província** – Francisco Ferreira Correa. (1872).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Gabriel de Paula Fonseca. (1872).

**Relatório dos presidentes de província** – Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas. (1873).

**Relatório dos presidentes de província** – Luiz Eugênio Horta Barbosa. (1874).

**Relatório dos presidentes de província** – Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas. (1875).

**Relatório dos presidentes de província** – Domingos Monteiro Peixoto. (1875).

**Relatório dos presidentes de província** – Domingos Monteiro Peixoto. (1876).

**Relatório dos presidentes de província** – Manoel José de Menezes Padro. (1876).

**Relatório dos presidentes de província** – Manoel Jose de Menezes Padro. (1877).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Joaquim de Miranda Nogueira da Gama. (1877).

**Relatório dos presidentes de província** – Manuel da Silva Mafra. (1878).

**Relatório dos presidentes de província** – Marcellino de Assis Tostes. (1881).

**Relatório dos presidentes de província** – Alpheu Adelpho Monjardim D'andrade e Almeida. (1882).

**Relatório dos presidentes de província** – Herculano Marcos Inglez de Souza. (1882).

**Relatório dos presidentes de província** – José Camillo Ferreira Rebello. (1884).

**Relatório dos presidentes de província** – Domingos Monteiro Peixoto. (1885).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Joaquim Rodrigues. (1885).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Joaquim Rodrigues. (1886).

**Relatório dos presidentes de província** – Antonio Leite Ribeiro de Almeida. (1888).

### **Inquéritos Policiais**

**Série Inquéritos Policiais.** Nº746, Cx: 702. 1883. Pedido de Habeas Corpus para o escravo Galdino.

**Série Inquéritos Policiais.** Nº55, Cx: 657. 1853. Acoitamento e roubo do escravo Innocêncio, pertencente ao Convento do Carmo. 45 folhas.

**Série Inquéritos Policiais** Nº257, Cx: 671. 1865. O réu é acusado por furtar e vender um escravo de nome Joaquim de propriedade do Sr. Antonio Vicente. 140 folhas.

**Série Inquéritos Policiais** Nº618, Cx: 693. 1881. Inquérito instaurado para apurar o furto da escrava Felismina, pelo italiano Braz Fozanaro.

**Série Inquéritos Policiais** Nº 647, Cx: 695. 1882. O réu é responsável pela fuga de uma escrava, pertencente ao major Andreliano Martins D'Azambuja Meirelles, além de manter um relacionamento íntimo com a dita escrava.

### **Referências Bibliográficas**

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente:** estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Escravidão e transição:** o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

ARAÚJO, Leonor Franco de. **Poder político e religioso na Vitória Imperial:** A atuação dos párocos na assembléia legislativa provincial. 1835-1864. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

ASSIS, Francisco Eugênio de. **Levante dos escravos no distrito de São José do Queimado**. Serra: [s.n.], 1948.

AMANTINO, Márcia Sueli. **O mundo dos fugitivos** – Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. 262f. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

AMANTINO, Márcia Sueli. Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal” 1825 a 1832. **Revista Locus**, v.12, n. 2, p.59-74, 2006.

AMANTINO, Márcia Sueli. O perfil demográfico do escravo fugido. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, n. 31, p.169-188, 1996.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAPTISTA, Josette. **Consolidação e cotidiano de uma instituição do Império: a polícia militar do Espírito Santo (1835-1889)**. 125f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

BARREIRO, José Carlos. E.P.Thompson e a historiografia brasileira: Revisões críticas e projeções. **Projeto História**, n.12, p. 57-77, 1995.

BASTOS, Fabíola Martins. **Relações sociais, conflitos e espaços de sociabilidade: formas de convívio no município de Vitória, 1850-1871**. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

BASTOS, Fabíola Martins; CARVALHO, Enaile F. Negócios, Fortunas e Sociabilidades: inventários *post-mortem* e imprensa capixaba nos anos 1800-1860. **Revista Ágora**, n. 05, p. 1-16, 2005.

BASTOS, Ana Karine P. de Holanda. **O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853 -1855)**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BORGES, Nilcen C.Oliveira. Meio Livre, Meio Liberto. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 2., 2005, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/poa2005/59.pdf>. Acesso: 02 Fev de 2011.

CALDEIRA. Newman di Carlo. **Nas fronteiras da incerteza: as fugas internacionais de escravos no relacionamento diplomático do Império do Brasil com a República da Bolívia (1825-1867)**. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CAMPOS, Adriana Pereira. **Nas barras dos tribunais: direito e escravidão no Espírito Santo do século XIX.** 277 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CAMPOS, Adriana Pereira. Abolicionistas, negros e escravidão. **Revista Dimensões**, v. 10, p.31- 45, 2000.

CAMPOS, Adriana. Nascidos em cativeiro: dinâmica de reprodução endógena nas escravarias do Espírito Santo – Século XIX. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 abr 2011.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1988.

CARDOSO, Lavínia Coutinho. **Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 – 1850).** 106f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

CARNEIRO, Deivy Ferreira. **Conflitos verbais em uma cidade em transformação: justiça, cotidiano e os usos sociais da linguagem em Juiz de Fora (1854- 1941).** 350f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós – Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Marcus J. M. Quem furta mais e esconde: o roubo de escravos em Pernambuco. **Estudos Econômicos**, n. 17, p. 89-110, 1987.

CARVALHO, Marcus J. M. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850.** Recife: Editora Universitária, 2010.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil.** Rio de Janeiro: Revan, 1998.

CASTRO, Hebe M. Mattos de. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CLÁUDIO, Afonso. **Insurreição do Queimado: episódio da província do Espírito Santo.** Espírito Santo: fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia.** 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

DAEMON, Basilio Carvalho. **História, descoberta e estatística da Província do Espírito Santo**. Vitória: Tipografia Espírito Santense, 1879.

DAUMARD, Adeline. **História social do Brasil: teoria e metodologia**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1984.

DEBBANÉ, Augusto; VIEIRA, Darshany; TASSAR, Monique. Espírito santo de 1808 a 1849: os primeiros jornais. In: MARTINUZZO, José Antonio (org). **A imprensa na História Capixaba**, Vitória, 2008. Disponível em : [http://issuu.com/letiz/docs/projeto\\_livro\\_quase\\_200\\_finalizado\\_web](http://issuu.com/letiz/docs/projeto_livro_quase_200_finalizado_web). Acesso em: 6 ago 2008.

DEIAB, Rafaela; MESQUITA, Patrícia; SANTOS, Gabriela. **Entre a casa e a rua: a relação entre patrões e empregadas domésticas**. (trabalho de campo) disponível em: <http://www.n-a-u.org/ENTREACASA1.html>. São Paulo, Acesso em: 20 jun 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FARIA, Sheila de Castro. Os barões do Brasil. In: FIGUEIREDO, Luciano. A era da Escravidão. **Revista História da Biblioteca Nacional**, Coleção n.03, p.41-50, 2009.

FERRARI, Ana Josefina. **A Voz do Dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos**. São Paulo: Pontes Editores, 2006.

FERRARI, Ana Josefina. **Fuga e resistência: O caso das fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1870**. Disponível em: <http://www.msmedia.com/conexao/01/anaj.pdf>. Acesso em: 6 Fev 2010.

FERRAZ, Lizandra Meyer. **Testamentos, Alforrias e Liberdade: Campinas, século XIX**. 109f. Monografia. (Graduação em História)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: História e Política. **Projeto História**, n. 12, p. 77- 94, 1995.

FINLEY, M. I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando as redes, revendo as malhas: Fugas e Fugitivos no Brasil. **Revista tempo**, v.01, p. 67- 93, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas:** mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. Africanos, criouliização e ladinização: reinvenções de identidades étnicas na cidade do Rio de Janeiro, século XIX. In: Chaves, R.; SECCO, C. e MACEDO, T.. (Org.). **Brasil África:** como se o mar fosse mentira. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos, SOARES, Carlos Eugênio Líbano Soares. Fronteiras e margens do Atlântico: Personagens, experiências e culturas no Brasil Escravista. **Dimensões**, n.14, p. 339-364, 2002.

GOULART, Jose Alípio. **Da fuga ao suicídio:** aspectos de rebeldia do escravo no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** São Paulo: Record, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força:** história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não:** histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JESUS, Aloiza Delurde Reali de. **De porta adentro a porta afora:** Trabalho escravo nas freguesias do Espírito Santo (1850-1871). 172f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

JESUS, Rafael de. **Fortunas capixabas:** posse de terras e escravos em Vitória: 1850-1872.2007. 36f. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Mimeo.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850).** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LARA, Silvia Hunold. Blowin'in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil. **Projeto História**, n. 12, p. 43-56, 1995.

LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência:** escravos e senhores da Capitania do Rio de Janeiro: 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MACIEL, Cleber da Silva. **Negros no Espírito Santo.** Vitória: Departamento Estadual de Cultura: UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1994.

MACHADO, Humberto Fernandez. Imprensa e identidade do ex- escravo no contexto do pós-abolição. In: Neves, Lúcia M.B.P; Morel, M.; Bessone, Tânia. (Org.). **História e Imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A:FAPERJ, v. 1, p. 142-152, 2006.

MALAGUTI, Vera Batista. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MARSHALL, Amani. They will endeavor to pass for free: Enslaved runaways performances of freedom in Antebellum South Carolina. **Slavery and Abolition**. v.31, n.2, p.161-181, 2010.

MARTINS, Robson Luis Machado. **Os caminhos da liberdade**: abolicionistas, escravos e senhores na província do Espírito Santo 1884-1888. 185 f. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação do Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema**: a formação do estado imperial. 3. ed. Rio de Janeiro: Access, 1994.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa**: fatores socioculturais que retardam a implantação da imprensa no Brasil. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MERLO, Patrícia Maria da Silva. **Estudo sobre a família escrava em Vitória/ES, 1800-1830**. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/PATRICIA%20MARIA%20DA%20SILVA%20MERLO.pdf>. Acesso em: 22 jun 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: ENCONTRO DA ABEP, 5., São Paulo, 1986. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V01A01.pdf>. Acesso 25 ago 2008.

NETO, José Maia Bezerra. Mercados, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). **História e Perspectivas**. Urbelândia, n.41, p.267-298, 2009.

NEVES, Raphael. **Experiências capturadas**: A fuga de escravos no Rio de Janeiro. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NOVAES, Maria Stella. **A Escravidão e a Abolição no Espírito**: história e folclore. Vitória: Departamento de imprensa oficial, 1963.

PEREIRA, Heráclito Amâncio. A imprensa no Espírito Santo. In: **Revista de cultura UFES**, v. 5, n.13, 1979, ex.1. (Retirada da revista do IHGBES. p.55 a 58.)

PÍCOLI, Mariana de Almeida. **Idéias de liberdade na cena política capixaba: o movimento abolicionista em Vitória (1869/1888)**. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. **Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

QUEIROZ, Suely Robles Reis. Escravidão negra em debate. In: FREITAS, Marcos Cezar de; SOUZA, Laura de Mello e. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

QUINTAS, Geórgia. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativas da vida privada no nordeste patriarcal escravocrata na imagem fotográfica. **Revista brasileira de sociologia da emoção**, v.8, n.22, p.11-44, 2009.

RAMOS, Donald. O Quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do Século XVIII. In: GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REBELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20 jul 2007.

REBELATTO, Martha. Fugas de escravos em Desterro na década de 1850. In: JORNADA NACIONAL DE HISTÓRIA DO TRABALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/jornada.htm>. Acesso em: 20 Jul 2008.

REBELATTO, Martha. **Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX**. 160f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

REBELATTO, Martha. **Nem todos gostavam da escravidão: fugas de escravos em Desterro na década de 1850**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

REBELATTO, Martha. Fugas e Quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX. **Afro- Ásia**, n.37, p.81-110, 2007.



REBELATTO, Martha. Uma saída pelo mar: rotas marítimas de fuga escrava em Santa Catarina no século XIX. **Revista de Ciências Humanas**, n.40, p.423-442, 2006.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José. Quilombos e Revolta escrava no Brasil. **Revista USP**, v. 28, p.14-39, 1996.

REIS, Isabel Cristina dos. Uma negra que fugio e consta que já tem dous filhos: fuga e família entre escravos na Bahia. **Afro- Ásia**, n.23, p.27-46, 1999.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SAMUEL, Raphael. Que es la historia social?. **Revista de História Social**, Valencia, n.10, p.135-149, 1991.

SANTOS, Elizabeth M.dos. **Resistência escrava**: as fugas de escravos em São João Del-Rei na última década da escravidão no Brasil. 64f. Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal de São João Del Rei. 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. São Paulo: Edusc, 2001.

SCOLFORO, Jória Motta. **O último grão de areia na ampulheta da vida**: Poder, política e falecimento nos periódicos, “Correio da Victoria”, “Jornal da Victoria” e “Espírito Santense”. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Elisa. A insubmissão escrava. Os anúncios de fuga no Astro de Minas. **Revista ALPHA**, n.11, p.34-40, 2010.

SILVA, Eleonora Félix da. **E. P. Thompson e as contribuições para a história social e os estudos sobre escravidão**. Disponível em: [http://www.janduarte.com.br/textos/e\\_p\\_thompson.pdf](http://www.janduarte.com.br/textos/e_p_thompson.pdf). Acesso em: 01 jun 2010.

SIQUEIRA, Karulliny Silverol. **“Os apóstolos da liberdade contra os operários da calúnia” A imprensa política e o parlamento nas disputas políticas da província do Espírito Santo, 1860-1888.** 244f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, Geraldo Antonio. Gilberto Freyre: historiador da cultura. **Afro - Ásia**, n.27, p. 223-248, 2002.

SOARES, Geraldo Antonio. Quando os escravos fugiam: província do Espírito Santo, última décadas da escravidão. **Estudos Ibero-Americano**. v.XXIX, n.1, p. 53-72, 2003.

SOARES, Geraldo Antonio. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX. In: **Revista Brasileira de História**. v. 26, n. 52, p.115-140, 2006.

SOARES, Luiz Carlos. **O povo de cam na capital do Brasil: a escravidão urbana do Rio de Janeiro no século XX.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SOARES, Márcio de Souza. “Para nunca mais ser chamado ao cativeiro”: escravidão, desonra e poder no ato da alforria. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 4., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro.htm>. Acesso: 19 jul 2010.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SODRÉ, Néelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, Luana. João Feliz: aspectos da experiência de trabalhadores rurais que viveram a escravidão e a “liberdade” nos anos 1850 e 1860. In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 5., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/vencontro/programa.html>. Acesso em: 20 maio 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** 2. ed. v. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward. Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANEXO A – Primeiro exemplar do jornal *Correio da Victoria*, 17 de janeiro de 1849.

349 QUARTA FEIRA 17 DE JANEIRO N.º 4

# CORREIO DA VICTORIA.

DIVERTENCIA.	EPHEMERIDES.	PARTIDA DOS CORREIOS.
O CORREIO DA VICTORIA, publico-seis quartas-feiras, e custa-se a cada copia por um anno de \$7000 reis por semestre, pagos adiantados, na Typ. Com. e Imp. do editor P. A. de Verejo, rua da Prata, Folha avulsa 80 reis.	Crescente a 8, as 4 horas 25 minutos da manhã, a 8, as 4 horas 57 minutos da tarde, a 16, as 3 horas e 51 minutos da manhã, a 23, as 7 horas e 0 minutos da manhã, a 31, a 4 hora e 40 minutos da tarde.	Rio de Janeiro, Imperio do Brazil, Guarapary e Espirito Santo, 1, 3, 13, 15, 26 e 28. São Mathus, Serra, Foz Almeida, Santa Cruz, Itabaras e Barra de São Mathus, 3, 4, e 22. Minas nos dias 1 e 15.

## PROSPECTO.

É a imprensa periodica na presente época, o vehiculo de relações entre os povos cultos, o meio facil e produtivo de prover a instrucção popular, e a mais prompta e necessaria das necessidades de todas as classes da sociedade, que apparece com o vigor da manhã. Tem, porem, a instituição da imprensa periodica outra missão mais sagrada e sublime. Genea da liberdade, consanguinea da civilisação, deve ella doutrinar e moralisar a humanidade, edifica-a nos preceitos das suas crenças, fomenta nas pesquisas e indagações das sciencias, guia-a nos conhecimentos das artes, e das letras, arranca-as das trevas dos preconceitos e dos erros da superstição; tal é a sua importante missão; tal o ter sido até o presente na culta Europa, e o é nos florescentes estados da união Americana, e começa de ser no fertil e robusto imperio do Equador.

Com sua applicação, desportarão as sciencias, artes e letras, e o commercio, que nos abriu as portas a industria, a agricultura, e a navegação, que nos collocou emfim a par de alguns povos do universo.

Segundo que a cada um em particular, ou á todos em geral, é dado o promover os melhoramentos da sociedade, vimos por nossa vez intentar empresa ardua mas honrosa, para hombros mais robustos, que não os nossos, mas certos de que não seremos desamparados daquelles, que mais amão, e se dedicão ao bem ser desta fertil provincia do Espirito Santo, faremos quanto em nós couber para preencher a lacuna que nella se fazia sentir pela falta de um periodico, concorrendo para seu melhoramento, tanto social, como material.

É a publicação de uma folha diaria de grande necessidade para os habitantes desta capital, preciosa, que tem de recorrerem aos jornaes da corte, e de outros lugares para annuncios de transações mercantis, e outros objectos. Mister é, porem, algum sacrificio: todavia se reconhecemos a falta que até hoje aqui existe de um periodico, não o deixemos desaninhar. Assim o *Correio da Victoria* não será publicado, por agora, mais do que duas vezes por semana, segundo o seu contracto, todavia para esperar que, sendo com a concorrência dos assignantes, e protecção do governo, conseguirmos augmentar o seu formato, e que elle se lhe apparecer mais vezes, com pouco ou nenhum augmento do preço porque vae taxada.

Écousade é repetitivo o principio já consagrado

no 2.º periodo do nosso prospecto, o qual será por nós fielmente cumprido; mas não podemos dispensar-nos do dever de citarmos o topico relativo á typographia, exarado no luminoso relatório, que o benemerito ex-presidente desta provincia, o Exm. Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, emricha sobraão as luzes que nos fallão, apresentando ao Exm. Sr. vice-presidente, quando passou-lhe o alto cargo de que se achava investido.

A assemblea provincial, acertadamente pensando nos inconvenientes da falta de uma typographia, e nos incalculaveis damnos que á provincia tem vindo de não existir nella esse meio prodioso de civilisação, autorisou a presidencia e com designada quantia para engajar essa empresa. De accordo com os desejos d'essa assemblea, firmei o respectivo contracto, e de janeiro por diante contará a provincia com esse valioso auxiliar de sua futura grandeza. N'outro a intima convicção, que a imprensa tirará a provincia da especie de abatimento em que tem jazido, levará ao conhecimento do governo geral a enueneração de tantas de suas necessidades, e publicará as correspondencias de seus presidentes, e alguma das quaes, e bem interessante, existia inédita na secretaria do governo.

A imprensa fará bem conhecida esta provincia, seus recursos, suas riquezas, tantos rios navegaveis que ella encerra, tantos elementos de prosperidade com que conta; despertará assim, talvez a ambição de novos povoadores, e a elevará ao lugar que lhe compete na lista das demais provincias do Brazil. Será esta mais uma victoria, conseguida pelo famoso invento de Guttemberg; e um dia me encheri de satisfação, quando relatar-se-me os resultados proveitosos, que se colheo dessa instituição.

Comtudo, sendo prudente neutralisar alguns males, que tambem são inseparaveis da criação de uma imprensa, em seu começo, no contracto, que fiz, acatelei todos esses prejuizos: o estabelecimento de uma typographia nesta provincia não será canal por onde se varem torpes recriminações, aleivosas diatribes; não será uma arena, onde se debatão gladiadores; seus fins são mais nobres: os melhores ramos materiaes do paiz, a publicação dos actos officiaes, a vulgarisação de noticias collidas em escriptores creditos; eis o programma que assignalei.

A transgressão d'estes preceitos será peremptorio motivo da rescisão de contracto, e ao presidente da Tribuna de V. Ex. cabe o atalho.

MANCHADA

MUTILADA

**ANEXO B – Carta de amor de Manoel da Penha Braga para a escrava Violante.**

Doc. n.º 4 7

Filhinha muitas saudações?  
 Filhinha ainda não veio que volte na semana;  
 recebia uma carta e tudo o que vou me  
 pede será feito, sua roupa será costura  
 que a Barba.

Mande-me dizer se passas mal, si és mal  
 tratada, mande-me dizer o que seu Senhor  
 disse na canção, mande-me, dizer se ficou  
 no jaccy.

Que falsidade, em Filhinha? e suas amigas que  
 vou tem.

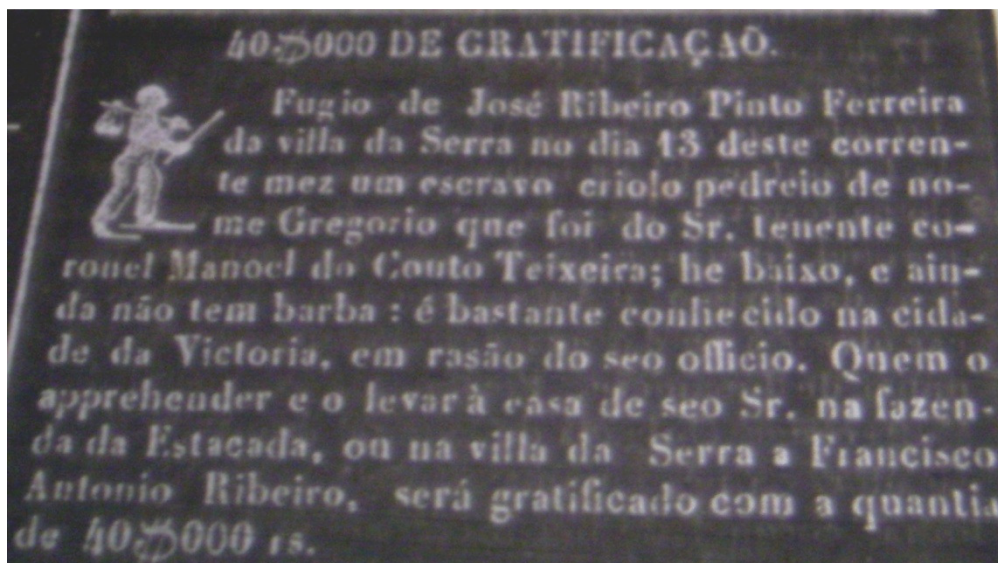
Meu Pai tem feito as maiores barreiras para  
 eu não entrar na Escola militar.

Filhinha antes de ir queria tirar, e te abraçar  
 si for possível mande-me dizer o dia e as  
 horas, que eu vou lá, receba pelo portador  
 esta cachinha, desculpe a insignificância,  
 recebia a carta já muito tarde, por isso  
 não pude mandar o que eu queria

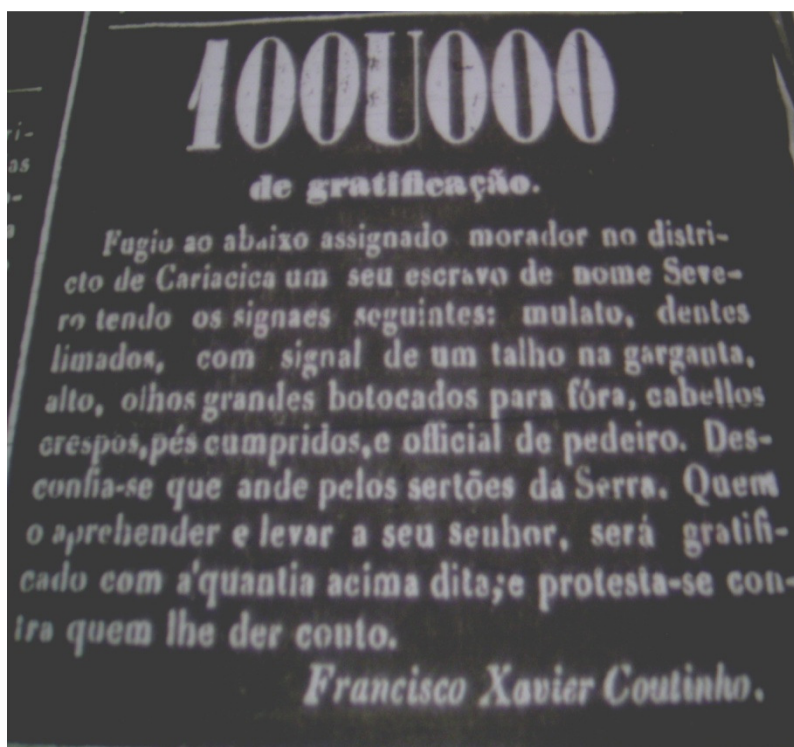
Saudades e muitas saudações e que  
 me resta. Não se esqueça de

Do amor me a ...

## ANEXO C – Anúncios de escravos fugidos



APPEs- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 17/11/1855.

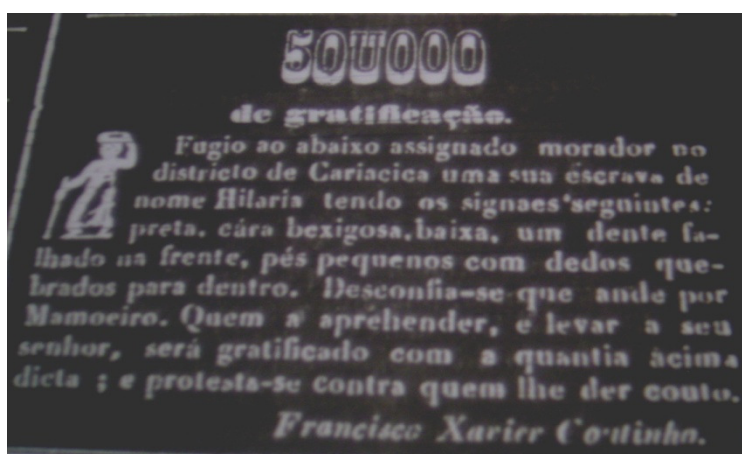


APPEs- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 09/01/1856

## ANEXO D – Anúncios de escravas fugidas




APPES- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 23/05/1855.



APPES- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 09/01/1856


## ANEXO E – Anúncios de precisa-se de ama de leite

**AMA DE LEITE.**



Precisa-se alugar uma ama de leite livre ou escrava, preferindo-se de cor e sem filho. Quem tiver e quizer alugar, anuncie, ou procure nesta typographia que encontrará com quem tratar.

APPE- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 09/08/1856



PRECISA-SE de uma ama de leite para uma criança que pode tambem ser mandada para a casa da pessoa que a isto se proponha; dá-se boa gratificação. A quem convier, pode dirigir-se a esta typographia que saberá com quem deve tractar.

APPE- Série jornais- CORREIO DA VICTORIA- 14/04/1855.

**ANEXO F – transcrição do jornal CORREIO DA VICTORIA (1849-1872)**

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 07, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 7 de Fevereiro de 1849.

*Quem quizer comprar um escravo de nação, idade 30 annos pouco mais ou menos, mestre de fazer cigarros, e princípios de padeiro, cosinheiro, pescador de lancha, a pessoa que pretender se dirija a rua Porto dos Padres, a Manuel Joaquim dos Santos para tractar.*

*Vende-se uma escrava de nação, 30 annos de idade, mais ou menos, sem vícios, sadia, propria para roça; quem a pretender dirija-se à casa de João Pinto Gomes Rezendo, rua Formosa; na mesma casa vende-se livros em branco, folhetos, lágrimas e sorrisos, manual maçônico, colxões para camas, e marquezas, baús de folha envernizado, de todo o tamanho, ternos de pesos, de chumbo, balanças, vidros para vidraças, e tudo quanto é obra de funileiro e latoeiro; e encardenão-se livros, botão-se vidros, e pintam-se caixinhas; tudo por commodo preco.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 17 de Fevereiro de 1849.

*Vende-se um escravo com 30 annos de idade, pouco mais ou menos, bom cosinheiro, roçeiro e muito habilidoso para outro qualquer serviço; quem o pretender dirija-se ao Sr. José Ribeiro Coelho no Porto dos padres.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 21 de Fevereiro de 1849.

*Fugio no dia 19 do corrente a Manuel do Couto Teixeira, um escravo crioulo, de nome Grigorio, official de pedreiro; cor preta, idade 47 anos, estatura baixa e reforçada, rosto redondo, olhos grandes; levou vestido calça, camiza e jaqueta branca, e chapeo de palha ordinario da Bahia; roga-se a qualquer pessoas que o encontrar agarra-lo, e leva-lo a seu senhor na Rua do Porto dos Padres, que será bem gratificado; protesta-se contra quem o mesmo tiver acoitado. Na mesma caza existe uma carta vinda do Rio de Janeiro para o senhor Manoel José Pereira dos Santos.*

*Precisa-se alugar uma preta para o serviço de uma casa de pequena família; a quem convier dirija-se à esta typographia para tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 15, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**



Quarta Feira, 28 de Fevereiro de 1849.

*Precisa-se alugar uma preta para o serviço de uma casa de pequena família; a quem convier dirija-se à esta typographia para tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 17, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 14 de Março de 1849.

*Vende-se uma preta de idade de 30 annos, sabendo lavar, coser, engommar e cosinhar; quem a pretender dirija-se a esta typografia.*

*Vende-se uma molatinha, metade forra, de nome Elisiária, de 18 annos de idade, perfeita rendeira, costureira, engommadeira e cozinheira, sem vicio algum quem a pretender, dirija-se a David Benedicto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 59, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 8 de Agosto de 1849.

*Fugiu de Manoel Gomes das Neves Pereira um escravo pardo claro de nome Luiz, mestre pedreiro; foi escravo do padre João Luiz da Fraga Loureiro. Estatura regular, rosto comprido, cabellos pretos e crespos, olhos pardos claro. Quem o apprehender e levar a seu senhor na rua nova d'alfandega na cidade da Victoria sera bem gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 12 de Setembro de 1849.

*Luiz Vicente Loureiro previne as authoridades do districto de Mangarahy, e igualmente aos Srs. Guerrilhas que comprou aos seus respectivos donos os escravos Antonio, e Angélica, e seus três filhos Rafael, Gabriel e Felippa que pertencerao ao cafezal do finado capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo. E promete entregar apadrinhados os escravos que por ventura aquelles, hora comprados, tenham em sua companhia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 73, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 26 de Setembro de 1849.

*Dezeja-se comprar hum pardo que tenha a idade de 18 annos pouco mais ou menos, sendo de fisionomia ellegante e bem moralizada que é para servir de pagem; quem o tiver e quizer vender, dirija-se a Domingos Rodrigues Souto no caes grande.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 74, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 29 de Setembro de 1849.

*Precisa-se comprar um preto que seja perfeito official de carpinteiro, que não tenha vícios nem molestias chronicas, não se duvida pagar bem, quem o tiver e o quiser vender, annuncie por esta folha para ser procurado. Também se compra um cosinheiro que entenda de forno, fogão e de fazer doces.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 75, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 3 de Outubro de 1849.

*Vende-se um escravo angolla, 18 annos de idade trabalha de roça sem defeito nem moléstia, o motivo é precisão do dinheiro quem pretender dirija-se ao Porto dos Padres a Bernardo Luiz Ribeiro Bastos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 76, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 6 de Outubro de 1849.

Fugiu hontem à Francisco Euterpe Alfavaca uma escrava por nome Maria; a pessoa, que a capturar, e entregar será bem gratificado: proceder-se-ha contra quem o acoitar.

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1849, Anno I, nº 92, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 1 de Dezembro de 1849.

*Vende-se uma escrava de idade de 27 a 28 annos, boa lavadeira, engommadeira, cozinheira do trivial de uma casa quem a mesma pretender dirija-se ao abaixo assignado; vende-se por não querer estar na roça. Francisco Euterpe Alfavaca.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 08, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de Janeiro de 1850.

*Vende-se uma negrinha de nação angola de dezoito annos de idade pouco mais ou menos, quem a pretender dirija-se a José da Silva Ferreira na fonte Grande- Victoria – Primeiro de Janeiro de 1850.*

*Precisa-se de um pardinho de 10 a 12 annos de idade, de bunita figura próprio para pagem; quem o tiver e quiser vender dirija-se a Manoel do Couto Teixeira, na Rua do Porto do Padres.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 26, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 6 de Abril de 1850.

*Engajão-se 40 ou 60 pessoas de qualquer sexo livres ou captivos, para serem empregados na colha de café em uma fazenda de Itapemirim, não excedendo suas idades menos de 14, e nem mais de 40 annos, quem estiver n'estas circunstancias, dirija-se a Domingos Rodrigues Souto, para tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 42, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 23 de Maio de 1850.

*Fugio no dia 21 do corrente desta cidade uma escrava de nome Hilária, preta com signaes de bexiga, cuja foi do capitão Mesquita, e hoje de Francisco Xavier Coutinho, de Cariacica, a quem a aprehender e levar-lhe terá uma gratificação: protesta-se contra quem a tiver acoitada.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

( data ilegível )

*Quem quizer comprar uma negra com uma cria própria para ama de leite, e um moleque; dirija-se a casa do capitão Paulo Coutinho Mascarenhas para tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 60, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 27 de Julho de 1850.

*Vende-se uma escrava de nome Anna, cabra com 21 a 22 annos de idade, perfeita costureira, rendeira, e engomadeira; a quem convier para vê-la, no depósito publico, e para tractar sobre a compra de Manuel Pinto de Jesus, com loja de capateiro ao canto de Santa Luzia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 71, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 4 de Setembro de 1850.

*José Ribeiro Pinto Junior vende uma preta de nação, moça de bonita figura, sabendo cozinhar e lavar; quem a pretender dirija-se a casa de sua residência a rua da praia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 84, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 19 de Outubro de 1850.

*Fugiu na noite de 17 do corrente ao abaixo assignado um escravo de nome José nação Moçambique com os signaes seguintes: altura regular, côr preta, dentes limados beiços grossos terá 22 annos de idade, levou calça de brim e camiza azul quem delle tiver noticia e o levar, a casa do annunciante na rua do Porto das Lanchas, será bem gratificado; assim como protesta com todo o rigor das leis contra quem o tiver occulto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 87, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 30 de Outubro de 1850.

*No armazém de molhados da rua d'Alfandega em frente ao quartel da companhia fixa, vende-se por commodo preço toucinho, lombo, banhas a costellas de porco chegado ultimamente de Minas. No mesmo armazém compra-se escravos ladinos de qualquer sexo para Minas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº 88, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 2 de Novembro de 1850.

*Escravos a venda por módico preço  
Com dinheiro avista, boas firmas ou fianças certas, e pequenos prasos : Joana angola com uma cria; Prudente, angola de 25 annos ambos de roça: José, mina 30 annos de cidade e roça; Delfino pedreiro crioulo; Feliciano, molato, de roça e cidade; quem os pretender dirija-se a esta typ. Que os indicara quem os vende.*

*Vende-se um escravo de nação, moço e de bonita figura, próprio para qualquer serviço, ainda de lavoura; quem o pretender dirija-se a esta typografia que achará com quem tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

(data ilegível)

*Vende-se um escravo de nação, moço e de bonita figura, proprio para qualquer serviço, ainda de lavoura; quem o pretender dirija-se a esta typografia que achará com quem tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno II, nº93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

(data ilegível) Novembro de 1850.

*Manoel Teixeira da Silva morador na Praça da Conceição, precisa alugar uma escrava cozinheira do trivial sem vícios e que seu aluguel não exceda de 4\$000 rs. Mensaes.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1851, Anno III, nº 28, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 5 de Abril de 1851.

*No dia 20 de fevereiro fugiu ao abaixo assignado o seu escravo Domingos, congo, que foi de José Antonio Machado, tem os signaes seguintes: côr preta, idade 50 annos pouco mais ou menos, dentes limados, pés pequenos, levou vestido camiza e calça de algodão azul e carapuça velha; quem o levar a seu senhor, será generosamente gratificado, e protesta-se contra quem o tiver acoutado. José Maria dos Santos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1850, Anno III, nº (ilegível), Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 3 de Maio de 1851.

*Preciza-se comprar uma escrava crioula ou de nação, com prendas ou sem ellas, com tanto que seja sadia e, não tenha vícios; a quem convier annuncie por este jornal, ou deixe sua morada nesta typ, à fim de ser procurado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1854, Anno VI, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 14 de Janeiro de 1854.

**BENEVENTE**

*Fugio a José Joaquim de Campos, depositário dos bens do falecido padre Antonio José Pinto Baptista, no dia 4 de janeiro corrente, o escravo Joaquim de nação, que tem 30 e tantos annos de idade, côr preta, estatura mais que regular vestido de roupa azul e de algodão, jadona de baetão e chapéu de palha tingido; cujo escravo é pertencente aos bens do mesmo padre Baptista: quem o pegar e levar ao annunciante, será recompensado: outro – sim protesta-se proceder com todo rigor da lei contra quem lhe der couto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1854, Anno VI, nº 22, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 15 de Março de 1854.

*150\$000 Reis de gratificação*

*A quem o apprehender o pardo Marcellino, de idade, pouco mais ou menos, quarenta annos, algum tanto claro, estatura regular, bastante barbado, com signaes de feridas nas pernas: é natural de Pernambuco e entende alguma*

*cousa de alfaiate, e de fabricar açúcar. Esse escravo foi de Joaquim Luiz Pereira Nunes, morador no lugar denominado \_ Bahia Formosa, termo da cidade de Cabo Frio. No caso do dito escravo ser apprehendido para o lado do Norte, por ter sido já visto no lugar chamado Itabapoana, que fica ao Norte de Campos, será remetido ao Rio de Janeiro, à entregar ao Sr. Bernardo Alves Corrêa de Sá, na rua... (parte mutilada).*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1854, Anno VI, nº 23, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 22 de Março de 1854.

*Fugiu no dia 18 do corrente um escravo de nome Joaquim côr meia acaboclado, altura regular cheio de corpo com pouca barba por baixo do queixo, desconfia-se que quer embarcar a titulo de forro por tanto recomenda-se aos Srs. mestres de embarcações que não o admitão e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar, assim como se gratificará quem o levar a seu senhor Joaquim Rodrigues de Freitas Sarmento, morador em Roças Velhas, ou nesta cidade em casa de Manoel Rodrigues de Campos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1854, Anno VI, nº 24, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 25 de Março de 1854.

*Precisa-se de um criado para pagem; sendo moço, e sem vicios se dará boa paga. Quem tiver nestas circumstancias dirija-se a esta typographia que encontrará com quem tratar.*

*Fugio no dia 11 de outubro de 1851, a José Furtado de Mendonça Monteiro, morador do lugar denominado Caju, município da Villa de Maricá, um escravo de nome Theodoro, crioulo, idade de 36 annos pouco mais ou menos, barba cerrada, falla com muito desembaraço, e he muito prosa. Foi e ta escravo comprado em Saquarema a D. Mathildes Alves Fontes, e por essa razão crê se que elle andarâ por esse município, aonde tem muitos conhecidos, ou pelo de Macahé onde trabalhou algum tempo em casa do senhor Misael, ainda quando escravo da dita Snr. D. Mathildes. Dar se há pois a gratificação n'este promettida, a quem o apprehender e levar ao seu dono no lugar acima indicado; ou a Joaquim Luis Sayão no Porto das Caixas. E protestando-se haver de quem o acoutar todos os dias de serviço que se tem perdido; contando-se d'aquelle em que sahio de casa, até o da sua apparição.*

#### **MULATO FUGIDO**

*Gratificação de 100\$000 Reis*

*No dia primeiro do corrente mez sahio de casa de Bernadino Martins Ferreira de Faria, Largo da Memória nº 115 para hir à festa de N.S do Rozário em S. João de Icarahy, o escravo Raymundo, pardo claro, estatura regular, bem parecido, cabellos corridos e cortado à moda de cabeleira, e usa rego da liberdade, representa ter 18 a 20 annos, vem-lhe agora apontando o buço, falla*

*bem e desembaraçado mas tem a voz fina e mais parece branco do que pardo; desconfia-se que se inculque colono, o que parece mesmo pelo sotaque quando falla apressado: é natural de Santa Catarina e veio para o Rio de Janeiro no brigue Prattes que chegou em 14 de novembro p.p. Quem delle der noticias certas ou o trouxer a casa acima, ou no Rio de Janeiro a rua do Sabão nº30, ou Viola 34, receberá a gratificação de 100\$ que se abriga a entregar o abaixo assignado, o qual também protesta contra quem o tiver acoutado. Nictherohy, 5 de janeiro de 1854.*

*Bernadino Martins Ferreira de Faria.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1854, Anno VI, nº 33, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 26 de Abril de 1854.

*Compra-se um escravo, que tenha 14, a 20 annos de idade: quem o tiver, o quizer vende-lo, dirija-se ao padre Ignácio Feliz de Alvarenga Sales.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 10 de Janeiro de 1855.

*Aluga-se um rapaz forro ou captivo para o serviço de casa de um homem solteiro; para tratar nesta typ.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 03 de Fevereiro de 1855.

*Vende-se por commodo preço um escravo próprio para o serviço da lavoura, e com principio de carpinteiro: quem o pretender dirija-se á M. do Couto Teixeira, na Rua do Porto dos Padres.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 14, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 17 de Fevereiro de 1855.

*Precisa-se de um pequeno de 12 annos para caixeiro. Nesta typ. Se dira quem precisa.*

*Fugiu no dia 8 do corrente a Francisco da Silva Pinto, o seu escravo de nome Felis, crioulo, que tem os signaes seguintes: baixo, um pouco magro, cara abucetada, falla apressada e grossa, olhos grandes, pouca barba, idade 30 annos pouco mais ou menos; quem o levar a villa da Serra ou o recolher a cadêa desta cidade será gratificado, e protesta-se contra quem lhe der couto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 15, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 21 de Fevereiro de 1855.

*A dias fugio aos abaixo assignados, um escravo crioulo de nome Francisco, marinheiro, baixo, grosso e coxo de uma perna, levou calça e camisa de azulão, quem o apanhar e levar a seus senhores será recompensado, e protesta-se contra quem o acoutar. Francisco Salles da Silveira & C.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 17, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 28 de Fevereiro de 1855.

*O abaixo assignado prior do convento do Carmo desta segunda vez protesta-se contra a pertinência do poder fiscal da fazenda publica em querer vender o escravo Innocencio, pertencente ao mesmo convento, a título de pagamento de custas de papéis e libellos, em que o prior não appareceo, nem compareceo, nem por si, nem por procuradores, ficando desde já avisado o incauto comprador e obrigado a restituilo ao convento. – Frei Bento da Trindade Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 18, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 03 de Março de 1855.

*Fugio a Manoel do Couto Teixeira no dia 21 de fevereiro p.p um escravo crioulo de nome Gregorio official de pedreiro, de idade de 22 annos pouco mais ou menos, côr preta, altura regular, e bastante reforçado; o qual se achava tralhando na igreja de S. João de Cariacica, donde fugio; quem o aprehender e levallo a seu senhor nesta cidade rua do porto dos Padres será gratificado, e protesta-se contra quem o acoitar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 24, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 24 de Março de 1855.

*O abaixo assignado prior do convento do Carmo desta cidade faz público que em maio ou junho do anno de 1853 o procurador fiscal dos feitos da fazenda desta província lhe quis e mandou fallar para lhe alugar a escrava Guilhermina e elle prior não quiz: por agora só isto, em tempo sahirá o mais, que se fará subir até o trono do monarca. Qui, potest capere capitat.  
Frei Bento*



**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 25, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 28 de Março de 1855.

*Aluga-se uma preta, que saiba cozinhar e engomar: pagando – se bem. Quem a tiver annuncie.*

*Precisa-se alugar uma preta boa cosinheira; para tratar nesta typ.*

*Fugio da Pedra D'agoa, no dia 28 de março, de Francisco Dias D'Alvarenga um escravo por nome Felipe; poderá ter 20 annos, é bem pretinho, e vistoso, altura ordinária; o cujo é filho do escravo do Machado da junta, por nome Mauricio e bem parecido com o pai. Quem delle der noticias exatas, ou aprendel-os será recompensado, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe der coito.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 27, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 4 de Abril de 1855.

*Compra-se uma escrava mulata que saiba cozer e engomar, assim como duas negras uma que saiba coser e engomar, e outra que saiba lavar e cosinhar, quem as tiver e quiser vender dirija-se a Manoel Ferreira dos Passos Costa ao Porto das Lanchas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 39, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 14 de Abril de 1855.

*Precisa-se de uma ama de leite para uma criança que pode também ser mandada para a casa da pessoa que a isto se proponha: da-se boa gratificação, a quem convier, pode dirigir-se a esta typografia que saberá com quem deve tractar.*

*50U000 De Gratificação*

*Fugio no dia 11 de abril corrente, do sitio Babu um escravo de nome Matheos, pertencente a João Pinto Gomes Rezendo, sendo de nação, idade 50 annos pouco mais ou menos, côr bem preta, estatura ordinária, com principio de calvo, pouca barba, meio cambota principalmente da perna direita, levou vestido roupa de algodão, e uma camiza de baeta azul, chapéo de trança de bico, levando com sigo um facão e bainha em muito bom uso, e um remo dos fabricados em São Matheus, já foi escravo dos falecidos Luiz da Roza Loureiro, e Joaquim de tal genro do Sr. José Francisco Laranja e da viúva Silveira a quem o comprei, quem o entregar ao seu Sr. no dito sitio Bubu, ou na cidade ao Sr. alferes Lucianno José de Andrade Gomes será gratificado logo de pronto com 50U000 rs. E protesta-se contra quem o tiver occulto por todos os prejuízos, além do procedimento criminal.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 21 de Abril de 1855.

*Vende-se uma escrava que terá 20 annos de idade, perfeita lavadeira e engommadeira, sem vicio alguns, também sabe cozinhar, cose alguma cousa, e faz renda: quem a pretender dirija-se à esta typographia que achará com quem tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 41, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 23 de Maio de 1855.

*Fugiu ao abaixo assignado no dia 16 do presente mez, uma escrava de nome Margarida com idade de 50 a 60 annos, reforçada de corpo, cabellos pretos, que não mostra ter a idade mencionada, é muito conhecida nesta cidade, foi comprada ao Sr. José Antonio Vieira de Faria; quem a apreender ou der noticia exata ao seu senhor será gratificado; e protesta-se contra quem a tiver acoutada.*

*Francisco Rodrigues Pereira*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 43, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 30 de Maio de 1855.

*Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa de família, quem o tiver uma nestas circumstancias dirija-se à esta typ.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 45, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 9 de Junho de 1855.

*Aluga-se uma preta, que saiba cozinhar e engomar; pagando – se bem. Quem a tiver annuncie.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 47, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 16 de Junho de 1855.

*Fugio no dia 7 de maio do corrente anno da fazenda – Commanda e Sá, do termo da Villa da Serra, propriedade de Manoel Rodrigues de Freitas, o escravo de nome Manoel angola, de idade pouco mais ou menos vinte annos, baixo, ventas largas, falla mança, pés pequenos, tem signal de um tiro na curva de uma perna: quem o prender, ou der noticias certas ao seu dono, que possa ser capturado, sera generosamente gratificado. Consta que anda entre os matos da Cajuba e Villa Nova.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 48, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 20 de Junho de 1855.

*Fugio ao abaixo assignado; no dia 17 do corrente um escravo crioulo de nome Carlos idade 36 annos pouco mais ou menos, estatura regular, barba separada, é muito conhecido principalmente em Cariacica, foi escravo dos finados Firmes, Arnaldo e Manoel Teixeira de Almeida. Protesta-se contra quem o acoutar, e se gratificará a quem o levar a seu Sr. Victoria, 20 de junho de 1855.*

*Manoel Rodrigues de Campos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 57, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 21 de Julho de 1855

*Preciza-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa de família, quem tiver uma nestas circumstancias dirija-se a esta typ.*

*Aluga-se uma preta, que saiba cozinhar e engomar; pagando-se bem. Quem a tiver annuncie.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 74, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 22 de Setembro de 1855.

*Precisa-se de uma preta que cosinhe o trivial de uma casa de pequena família: sendo livre pagar-se até 10U000 rs. Por mez. Quem quizer annuncie, ou procure nesta typographia que encontrará com quem tractar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 76, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 29 de Setembro de 1855.

*Aluga-se um rapaz livre ou escravo para serviço externo de uma casa de pequena família. Quem tiver annuncie, ou procure nesta typ. que achará com quem tratar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 80, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 13 de Outubro de 1855.

*Precisa-se de doze ou dezeseis escravos para se empregarem no serviço municipal, ou limpeza de toda a cidade a bem da salubridade publica, vencendo o jornal de 1\$000 rs.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 84, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 27 de Outubro de 1855.

*Fugiu no dia 26 de outubro da casa de Bernadino de Salles Moita Furtado um seu escravo de nome Pedro, levando vestido calça de riscado azul, camisa de chita roxa e jaqueta de riscado, e um taboleiro. Quem o aprehender e levar a casa de seu senhor, será gratificado na quantia de 2 \$ RS. Por andar mesmo dentro da cidade; e protesta-se contra quem lhe der coito.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 89, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 17 de Novembro de 1855.

*Cosinheira*

*Precisa-se alugar uma cosinheira livre ou escrava, para casa de uma pequena família; agradando não haverá dúvida em pagar-se bem. Para tractar nesta typografia.*

*40\$000 de Gratificação*

*Fugio de José Ribeiro Pinto Ferreira da villa da Serra no dia 13 deste corrente mez um escravo crioulo pedreiro de nome Gregório que foi do Sr. Tenente coronel Manoel do Couto Teixeira; he baixo, e ainda não tem barba: é bastante conhecido na cidade da Victoria, em rasão do seu. Quem o apprehender e o levar à casa de seo Sr. na fazenda da Estacada, ou na villa da Serra a Francisco Antonio Ribeiro, será gratificado com a quantia de 40\$000 rs.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 95, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 5 de Dezembro de 1855.

*Fugio ao sargento mor João Nepomuceno Baptista Pereira da cidade de campos, um escravo côr cabra, baixo, grosso, terá vinte e quatro annos de idade, faz a barba, tem as pestanas crespas, um pouco tatibate, sabe ler pouco, é official de sapateiro, capadocio, foi montado em uma egoa, calçado com botas de cardavão novas, levou um ponche de panno azul forrado de encarnado golla de veludo, alamares de retrós, chapéo branco, calças e jaqueta branca e uma verde, levou esporas de latão: gratifica-se em generosidades a quem o prender e metter com algumas dos cadeias desta província, ou entregar ao coronel João Nepomuceno Gomes Bittencourt em Itapemirim.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 96, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 8 de dezembro de 1855.

*Fugio ao abaixo assignados no dia 4 do corrente um escravo de nome Francisco creoulo, marinheiro de 30 a 35 annos de idade. Levou vestido camiza e calça de azulão, gratifica-se aquém o aprehender e levar a seus Srs. bem como se protesta contra quem o tiver acoutado. Francisco de Sales da Silveira &.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1855, Anno VII, nº 102, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 29 de dezembro de 1855.

*Fugio de José Ribeiro Pinto Ferreira da villa da Serra no dia 26 de dezembro do corrente anno, um seu escravo de nome Gregório, pedreiro, que foi do Sr. tenente-coronel Manoel do Couto Teixeira é bem conhecido em rasão de seu officio; quem o aprehender e levar ao seu senhor na fazenda da Estocada, ou a Francisco Antonio Ribeiro, será gratificado com a quantia de 50\$ rs. Desconfia-se andar em Maricá.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 2, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Janeiro de 1856.

*100U000 De Gratificação*

*Fugio ao abaixo morador do districto de Cariacica um seu escravo de nome Severo tendo os signaes seguintes: mulato, dentes limados, com signal de um talho na garganta, alto, olhos grandes botocados para fora, cabellos crespos, pés cumpridos, e official de pedreiro. Desconfia-se que ande pelos sertões da Serra. Quem o aprehender e levar a seu senhor será gratificado com a quantia acima dita; protesta-se contra quem lhe der couto. Francisco Xavier Coutinho.*

*50U000 De Gratificação*

*Fugio ao abaixo assignado morador no districto de Cariacica uma sua escrava de nome Hilária tendo os signaes seguintes: preta, cara bexigosa, baixa, um dente falhado na frente, pés pequenos com dedos quebrados para dentro. Desconfia-se que ande por Mamoeiro. Quem a aprehender, e levar a seu senhor, será gratificado com a quantia acima dicta; e protesta-se contra quem lhe der couto. Francisco Xavier Coutinho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 7, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 26 de Janeiro de 1856.

*Francisco, cabra com 32 annos de idade, sem barba, côr desbotada por causa das febres, que ha pouco soffreo, estatura baixa, débil de corpo, olhos grandes, muito conversado e conhecido na cidade da Victoria. Serra, Nova Almeida, Santa Cruz e Vianna, perfeito official de alfaiate e armador, escravo do abaixo assignado fugio da freguezia do Queimado no dia 10 do corrente pelas oito horas d'amanha. Quem o agarrar e o meter na cadêa da cidade da Victoria sera bem gratificado.*

*O padre Joaquim de St<sup>o</sup> Maria Magdalena Duarte.*

*Precisa-se alugar uma mulher livre ou escrava para o serviço interno e externo de uma casa de pequena família, não se olha o preço pela carencia em que se esta: quem estiver nestas circunstancias dirija-se a esta typ. que se dira quem precisa.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 12, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 13 de Fevereiro de 1856.

*Fugirão ao abaixo assignado as escravas Maria e Amelia, esta no dia 4 de janeiro e aquelle no dia 3 de fevereiro deste corrente anno: Desconfia-se que estejam acoitadas: Se porém pessoas hajão que as queirão comprar podem vir fazer preço, do contrário, o abaixo assignado empregará todos os meios para proceder quem as acoitar: bem como ficará muito agradecido se as trouxerem apadrinhadas, e se gratificará se assim o exigir.*

*Victoria, 12 de fevereiro de 1856. José Joaquim Carlos de Oliveira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 16 de Fevereiro de 1856.

*Fugio no dia 10 do corrente ao abaixo assignado um seu escravo de nome Martinho crioulo de idade de 22 annos, preto e reforçado de corpo foi vestido de calça de riscado e camiza de chita, levou de sobrecelete calça de algodão mesclado e camisa do mesmo consta andar por parte da villa da Serra, quem o trazer apanhado a esta cidade, ou levar a sua fazenda de Carahipe receberá 50 \$ rs. Assim como protesta-se contra quem o tiver acoutado, com todo o rigor da lei.*

*Victoria, 15 de dezembro de 1856, José Francisco Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 19, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 8 de março de 1856.

*Nesta typografia se dirá quem compra uma negrinha de 6 a 12 annos; e um moleque de 8 á 16, advertindo-se que paga-se bem.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 27, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Abril de 1856.

*Ao amanhecer do dia 27 de março findo fugio da casa do finado major Francisco de Paula Xavier, uma mulata, que vivia recolhida de nome Justina, bastante clara, escrava da abaixo assignada, filha do dito finado major Paula. Protesta-se proceder com todo o rigor da lei contra quem a sedusiu e a tiver acoutada se por ventura for capturada: bem como que nem um castigo soffrerá a mesma escrava, se tiver apadrinhada. Suspeitta-se da casa, e lugar onde ella existe; mas para evitar questões não se procede por ora, como é de justiça. Victoria, 8 de abril de 1856. Minervina Pinto Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 29, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 16 de Abril de 1856.

*Cosinheiro*

*Precisa-se alugar uma preta que saiba lavar e cosinharo trivial para um homem solteiro; prefere-se preto, e não se duvida pagar bem: quem o tiver e quiser alugar dirija-se a esta typ.*

*Fugio no dia 15 do corrente o moleque de nome Evaristo de 14 annos de idade, e tem os signaes seguintes: rosto comprido, magro, e bem fallante: levou vestido calça azul com as pernas rasgadas, e camisa de riscado azul, é aprendiz de pedreiro, e consta que fora para a villa de Serra em companhia de um homem branco: quem o aprehender será gratificado e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar, e pagar os dias de serviço. É pertencente a familia do finado Coelho moradora na rua da capichaba.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 44, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 11 de Junho de 1856.

*Ama de Leite*

*Precisa-se de uma ama de leite moça, sadia e sem vícios, pagando-se um bom aluguel. Sendo livre e de cor, tem preferencia. N'esta typografia se dirá quem precisa.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 47, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 21 de Junho de 1856.

*Fugio ao abaixo assignado a sua escrava Benedicta bem conhecida nesta cidade, a qual tem os signaes seguintes: mulata não muito escura, altura regular, falla rouco, e apregoa-se de livre: quem a levar a seu senhor morador*

*à rua das flores ou ao Sr. M.R. de Campos sera gratificado, protestando-se com todo o rigor da lei contra quem lhe der coito. Victoria, 19 de Junho de 1856. Joaquim José Polledo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 50, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de Julho de 1856.

*Precisa-se de uma ama de leite moça, sadia e sem vícios, pagando-se um bom aluguel. Sendo livre e de cor, tem preferencia, nesta typographia se dirá quem precisa.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 58, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 30 de Julho de 1856.

*Fugio a Manoel Rodrigues de Jesus um seu escravo de nome Joaquim de 40 annos de idade pouco mas ou menos, altura regular, e um pouco grosso, tem um dedo do pé esquerdo cortado, um signal na cabeça proveniente de um pão. Gratifica-se a quem o levar ao seu senhor na Capuba, ou n'esta cidade a Vicente José Gonçalves de Souza.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 61, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 9 de Agosto de 1856.

*Ama de Leite*

*Precisa-se alugar uma ama de leite livre ou escrava, preferindo-se de cor e sem filho. Quem tiver e quiser alugar, annuncie, ou procure nesta typographia que encontrará com quem tratar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 65, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 23 de Agosto de 1856.

### **Padaria Franceza**

*Na padaria do abaixo assignado sita na rua do Porto das Lanchas, em casa do finado David, se compra um escravo para o serviço da mesma, porém que seja reforçado e sadio, pois que se não duvidará pagar bem. Aluga-se também um escravo para o mesmo serviço, quem o tiver e queira alugar dirija-se ao annunciante para tratar sendo os alugueis pagos pontualmente. Avisa-se dos Srs. padeiros do interior da província que d'era em diante terá a venda um sortimento de barricas de farinha de trigo sendo da melhor qualidade das marcas – Galega – Haxall – Columbia, - Odancia - e Baltimori, - a qual se achará à gosto e disposição dos compradores, sendo o preço com diminuta differença da do Rio de Janeiro. Etiene Izidor Delfom*



**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 66, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 27 de Agosto de 1856.

*Vende-se um moleque crioulo com idade de desasete annos, doente de um pé; quem quizer compra-lo dirija-se a esta typ., onde terá informações exactas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 70, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 10 de Setembro de 1856.

50U000

*De gratificação a quem trazer ao abaixo assignado, sua escrava de nome Genoveva côr preta, alta picada de bexigas; idade 45 annos pouco mais ou menos, tem um signal de queimadura em uma das mãos, foi escrava de Manoel Ribeiro Pinto da villa da Serra, e muito conhecida por todos daquelle lugar. Há certesa d'ella andar ou estar em uma fazenda n'aquella villa... e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutada. Victoria, 9 de Setembro de 1856. Manoel Ferreira Dias.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 81, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 18 de Outubro de 1856.

*Precisa-se comprar uma escrava que saiba bem lavar e engomar e que seja moça dasse até 1400; quem a tiver dirija-se a esta typ. que se dirá quem he.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 83, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 25 de Outubro de 1856.

*Vende-se metade de huma escrava de 35 annos pouco mais ou menos que sabe lavar, engomar, cozinhar, e cozer, quem a quizer comprar dirija-se ao abaixo assignado que dirá com quem deve tratar.  
Antonio Francisco Ribeiro.*

*O abaixo assignado faz publico aos Srs. pedestres que da fazenda da Cachoeira do Rio Iconha no districto de Piuma, termo de Benevente fugirão no dia 5 do corrente um seu escravo de nome Torcato de nação crioulo, idade 25 annos, cor bem preta, barbado, altura e corpo regular, bons dentes, levando uma troucha de roupa da moda; e no dia 8 mais dois ditos de nome Julião, e Vicente, ambos de nação, tendo o Julião de idade 40 annos pouco mais ou menos, alto magro, barbado, cor regular e o Vicente 20 annos pouco mais ou menos; ponta de barba, magro e alto, e parece crioulo, e todos levarão roupa, e nenhum delles tem officio. O annunciante pagará 30\$000 rs. Por cada um dos*

*escravos acima apontados, a quem os levar a fazenda acima a seu senhor abaixo assignado; e protesta pelo presente annuncio contra algum que os tenha occultos. Iconha, 9 de Outubro de 1856.*

*Henrique Francisco Christianno Bourginon.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 87, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 8 de Novembro de 1856.

*Fugiu a Manoel Francisco Feo de Araujo a escrava Jenoveva com uma cria de nome Sebastiana crioulas, a pouco arrematadas em praça do Juízo de órfãos desta cidade da Victoria, cujas escravas pertencião ao casal do finado Luis Vicente Loureiro. Protesta-se com todo o rigor das leis contra quem lhes der coito e azillo; assim como gratiifca-se a quem as capturar e levar a seo dito Sr... que reside em uma fazenda Araúba do Districto do Queimado Termo desta cidade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 92, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta, 26 de Novembro de 1856.

*Escravo Fugido, e Canoa Perdida*

*Da Barra do Rio Doce – Regência- fugio o escravo Bento, crioulo, muito alto, rosto descarnado falando muito descançado, quem o aprehender, e entregar, no Rio Doce Linhares ao seu Sr. Rafael Pereira de Carvalho, em Santa Cruz ao Sr Antonio Machado Bitencourt e Mello, e nesta Cidade ao seu procurador João Malaquias dos Santos Azevedo será generosamente gratificado como igualmente, a quem der noticia, e entregar huma canoa de rio, grande, de peroba, que sahio pela mesma barra do Rio Doce.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1856, Anno VIII, nº 95, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 6 de Dezembro de 1856.

*Fufio (sic) a Joaquim José da Silva da ilha das Caieiras, uma escrava de nome Maria , creoula 35 annos de idade altura regular cabellos corridos, olhos pardos, e muito fanada de corpo. Um escravo de Manoel, de nação 36 annos de idade, altura regular, espigado de corpo, com falta de dentes, e uma fistula no rosto; quem os aprehender tanto um, como outro será gratificado com 50 \$ RS., dirigindo-se nesta cidade a Vicente José Gonçalves de Sousa, na Ilha da Caieiras ao annunciante, em Manharahy a Manoel de Siqueira Dutra.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 7 de Fevereiro de 1857.

*Precisa-se alugar uma escrava para o serviço interno e externo de uma caza, quem a tiver e quizer alugar dirija-se a padaria do Porto dos Lanchas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 18 de Fevereiro de 1857.

*Fugio ao abaixo assignado no dia (parte ilegível) do corrente uma escrava de nome Julia – de idade 21 annos, cujos signaes são os seguintes: - Cabra, esberta de corpo, altura regular, falta dos dentes superiores na frente, o beijo correspondente um pouco retorcida, e pés bem feitos; levou no corpo saia chita em bom uso, e argolinhas de ouro nas orelhas, além de uma outra saia e paletó de igual cor. Consta que levou uma calça e camisa de homem. (calça de riscado xadrez, e camiza de chita) já foi encontrada, e por causa da roupa não foi conhecida. Pertenceu outro'ra ao senhorio de Manoel Pereira de Alvarenga Rangel, no Riacho. Da-se generosa gratificação a quem prender, e leval-a em Santa Cruz ao annunciante, na Victoria ao Sr. José Marcellino Pereira de Vasconcellos, na Serra ao Sr. Francisco Antonia Ribeiro, em Linhares ao Sr. capitão Anselmo de Almeida Calmon, em S. Matheus ao Sr. Jose Affonso Martins, e na barra de S. Mateus ao Sr. Manoel Rodrigues dos Santos. Protesta-se com todo o rigor das leis contra quem a acoutar.\_ Villa de Santa Cruz 14 de Fevereiro de 1857. José Martins da Silva Paixão.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 14, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 21 de Fevereiro de 1857.

*Precisa-se alugar uma escrava para o serviço interno e externo de uma caza, quem a tiver e quizer alugar dirija-se a padaria do Porto das Lanchas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 17, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 4 de Março de 1857.

50U000 RS.

*Fugio no dia primeiro de dezembro do anno findo da villa de Benevente o escravo do abaixo assignado, de nome Manoel com idade de 28 annos pouco mais ou menos nação Benguella, tem dous dentes da frente, limados, muito falante e tem uma cicatriz de corte de machado em um dos pés, altura baixa, e fransino de corpo e consta andar pelo sertão da villa de Guarapary; e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.*

*Joaquim Francisco Pereira Ramos*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 20, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 18 de Março de 1857.

*Fugio no dia dois do corrente mez, a Manoel da Silva Simões um seu escravo de nome Bernadino. Cabra com 40 annos de idade, pintando o cabello de branco, levou vestido calça de cazemira usada e camiza de chita riscada chapeo de pelo branco; desconfia-se que seguiu-se em direção para o norte, por ter convidado a outra, para fugirem disendo ter em Aldeia Velha do norte parentes, aonde podião serem acoitados : o negro tem bom expediente , fino talvez se queira entitular liberto, quem o apprehender, ou delle der noticia certa, ao annunciante será gratificado, assim como se protesta com todo o rigor da lei, contra qualquer pessoa que o tenha acoitado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 26, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 4 de Abril de 1857.

*Alugão-se três negros reforçados para serviço de padaria pagando-se 18\$ mensaes a cada um quem os quizer alugar dirija-se a padaria do Porto das Lanchas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 28, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 8 de Abril de 1857.

*Aluga-se uma preta sabendo consinhar o treivial de uma casa, e engomma liso, quem a pretender dirija-se a Siqueira João.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº ? , Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 18 de abril de 1857.

*Aluga-se uma escrava boa cosinheira, engomadeira, costureira e lavadeira quem d'ella necessitar dirija-se a José Antonio de Alvarenga Rangel para tratar.*

*Desappareceo da casa do abaixo assignado, na noite de Sabbado d'Aleluia a crioulla menor de nome Maria, pela qual está elle responsavel no juízo de orphão, onde contratou-a. A pessoa que a tem ora em seu poder haja de restituil-a ao abaixo assignado quanto antes, e não o fazendo será accusado pelo crime previsto no artigo 227 do código penal. Victoria, 16 de abril de 1857. Manoel Goulart de Souza.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 34, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 02 de Maio de 1857.

*Fugio ao abaixo assignados no dia vinte do corrente de bordo da Sumaca áurea, o escravo de nome Miguel crioulo de 25 annos de idade, temos signaes seguintes, estatura alta, de côr, preta, vesgo de um olho levou vestido calça e*

*camisa de algodão azul, consta que no dia 26 do corrente, passou na passagem das Goiabeiras vindo para esta cidade. Quem o aprehender e trazer a seus senhores, será bem gratificado, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Victoria, 28 de abril de 1857. José da Silva Cabral & C.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 41, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 27 de Maio de 1857.

*Fugio no dia 26 pela manhã o moleque Pedro, escravo de Bernadino de Salles Moita Furtado, que hé bem conhecido n'esta cidade: quem o aprehender, e leval-o a seu Sr. será gratificado, com 2\$000 rs; e protesta-se com todo o rigor da ley, contra quem lhe der coito. Foi pegado, no dia 15, e estando este, por segurança na corrente, na ocasião em que se o largou, evadira-se de novo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 43, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 03 de Junho de 1857.

*Aluga-se uma escrava que saiba cozinhar e fazer compras para uma casa de pequena família: Prefere se livre. Para tratar nesta typ.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 45, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 10 de Junho de 1857.

*Protesta-se com todo rigor das leis contra quem tiver dado, e der coito a escrava do abaixo assignado, fugida de seo poder na freguezia do Queimado desde sete de fevereiro do corrente anno: e gratifica-se, conforme trabalho da captura, à quem a prender, e levar ao dito seo senhor ali, ou mete-la nas cadêas da capital. Essa escrava chama-se Roza, he parda, magra, baixa, anda sempre de vestido, porque foi creada no mimo tem cabelo de pico, um tanto estirado hoje a força de pentes, cose de grosso, e he boa rendeira. Levou uma filha de sua côr, que terá pouco mais de anno de idade. O padre Duarte.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 47, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 17 de Junho de 1857.

*Fugio a cinco mezes pouco mais ou menos do abaixo assignado um seu escravo de nome Placito com os signaes seguintes: cor preta, alto, magro, cujo escravo foi da viúva do finado José Bernadino de Sá depois de Luiz Vieira Machado e muito conhecido por pessoas desta cidade, e Camboapina e Mamoeiro: prometto de gratificação a quem o trazer amarrado 70 \$ rs, e protesto em todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Manoel Ferreira Dias.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 51, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 4 de Julho de 1857.

*Fugio no dia sete de abril do corrente anno o moleque Pedro escravo de Bernadino Salles Moita Furtado que he bem conhecido nesta cidade quem o apreender e levalo a seu senhor será gratificado com a quantia de 5\$000 rs. E protesta-se por percas e dannos contra quem o acoitar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 26 de Agosto de 1857.

*Fugio em dezenove do corrente da villa da Serra a José Correia d'Azeredo Rodrigues, um seu escravo de nome Miguel, de idade de 24 annos pouco mais ou menos: com os seguintes signaes orelhas grandes, e tortas, roga-se a quem do mesmo souber de mandal-o entregar na Villa da Serra ao mesmo Sr. ou nesta cidade, a Vicente José Gonçalves de Souza, que será gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 71, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 16 de Setembro de 1857.

*No mez de agosto fugiu da Fazenda do Mamueiro um escravo por nome Nicacio crioulo, cabra, e oleiro, pertencente a Diziderio Pinto Rangel. Consta que anda na freguezia de Vianna, quem o apanhar e levar a seu Senhor ou nesta cidade a Francisco Pinto de Oliveira recebera 50\$000 reis de gratificação.*

*Em dezenove do mez passado fugio da villa da Serra, a José Correia Azeredo Rodrigues um escravo de nome Miguel de idade pouco mais com 24 annos, estatura regular, orelhas grandes tortas. Dá-se 100\$ rs. de gratificação a quem o entregar a seu senhor, ou nesta cidade a Vicente José Gonçalves de Souza.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 82, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 24 de Outubro de 1857.

*Fufio(sic) da villa de Benevente, no dia 12 de outubro do corrente um escravo de nome Frederico, idade pouco mais ou menos 40 annos, de côr preta, estatura alta, olhos grandes, he bastante corcovado do pescoço para a frente, consta ter sido seduzido, e por isso, o abaixo assignado protesta com todo o rigor da lei, pelos jornaes do mesmo escravo, e por percas e dannos, contra o seductor, ou contra qualquer pessoa que lhe der couto, e gratifica-se a quem o pegar e o levar ao seu Sr. na villa de Benevente. Emílio Ferreira Guimarães.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de Dezembro de 1857.

*Precisa- se alugar uma ama que seja sadia, inda que tenha filho que é para ajudar a creae uma criança; não se duvida pagar bem: para informação nesta typ.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 95, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Dezembro de 1857.

*Aluga-se duas escravas para o serviço de casa, na rua da Praia, em frente a polícia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1857, Anno IX, nº 100, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 26 de Dezembro de 1857.

*No dia 24 do corrente fugio o moleque Pedro pertencente a Bernadino de Salles Moita Furtado quem o aprehender e levar a casa de seu senhor receberá a quantia de 4\$000 rs, e o mesmo afim o protesta contra quem o acoutar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 01, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 02 de Janeiro de 1858.

*Fugio de Luiz da fraga Pereira na vila da Serra, hum seo mulato de nome Cirillo, claro - 25 annos pouco mais ou menos, estatura regular, espigado de corpo, pouca barba, nariz afilado, desdentado, cabellos crespos castanhados: desconfia-se andar das bandas de Itapocú. Será generosamente gratificado a quem dele der noticia certa que possa ser agarrado como também pago, quem o aprehender e levar a nmo. Seu senhor acima na villa da Serra.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 06 de Fevereiro de 1858.

*30\$000 de Gratificação*

*Fugio de Joaquim José de S. Anna residente na Freguezia de Vianna, no dia 19 de janeiro do presente anno um escravo de nome João, pardo claro terá de idade 16 annos pouco mais ou menos, levou roupa de serviço, he bem conhecido na freguezia, e tem os signaes seguintes: cabellos crespos, e algum tanto louros, olhos pardos, nariz afilado, boca falta de dentes na frente, pez grandes, e algumas manchas deffeitas quem o aprehender e levar a seu*

*senhor na mesma freguezia ou nesta cidade ao Revd. Padre mestre Fraga será gratificado com a quantia acima.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 01, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 10 de Fevereiro de 1858.

*Maria liberta de nação angola que foi escrava do fallecido João Ignácio Ramires de Gusmão segue para o Rio de Janeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 27, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 7 de Abril de 1858.

*Fugio de João Antônio Pessoa um escravo de nome Camillo, muito e muito conhecido, por andar vendendo pão a muitos anos nestas cidades, a qual fugida foi no dia 2 do corrente, levou o cesto com o pão, o motivo desta fuga foi um furto que elle fez no dia 25 do mez próximo passado. Quem comprou o dito furto queira vir entregar quanto antes, aliás se declara seus nomes, assim como protesta com todo o rigor da lei contra os mesmos compradores do furto as fallas do ditto escravo, e contra outra qualquer que o occultar, assim como também serei grato em retribuir a quem me trazer apadrinhado ou prezo, signaes do mesmo escravo; ser muito conhecido tanto nesta cidade como pelos Srs. da roça e da occupação de serviço, estatura regular, gordo, beijo grossos, da mão direita não estende muito os dedos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 29, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 17 de Abril de 1858.

*Fugio no dia 4 de outubro de 1857 da chácara n.5 da rua da Macuhy, em S. Christovão no Rio de Janeiro um escravo do senador Alencar, de nome Luiz Telles, pardo escuro: tem de 40 annos para cima mal encarado e fallo de dentes na frente, - uma enruga na testa, andar apressado e passadas curtas, finge se as vezes doido, tem falla tremula, com "rizos" de estuporada; é muito ladino e astucioso, anda com cartas dizendo que vae com ellas apadrinhado apresentar-se a seu Sr, inculca-se pedestres algumas vezes. Quem o apprehender, e fizer delle entrega aonde possa ser recolhido a cadeia para ser entregue a seu Sr, receberá 40\$ rs de gratificação, além das despesas: será tudo pago a quem nesta typografia o apresentar com o competente documento.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 28 de Abril de 1858.

*Vende-se uma escrava crioula de 18 annos de idade, o motivo da venda é ella não querer servir na casa que está; para mais informações nesta typografia.*



**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1858, Anno X, nº 91, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

(ilegível) 25 de Novembro de 1858.

*Acto Publico*

*Constando ao anunciante que João evangelista Nunes Pereira pretende vender um moleque de nome Braz, pretencente a sua mãe D. Francisca Maria do Espírito Santo, intitulado-se elle senhor do mesmo escravo, previne-se por meio deste, que ninguém contrate sobre o dito moleque ou outro qualquer bem como o mesmo João Evangelista Nunes Pereira, pois da legitima, que lhe coube por herança paterna, elle nada mais possui. E para que nenhuma pessoa seja illudida em taes contrato com o referido Evangelista publica-se o presente: protesta-se contra qualquer venda feita pelo mesmo sem procuração bastante de D. Francisca Maria do Espírito Santo. Itapemirim, 18 de novembro de 1857. a rogo da minha mãe Francisca Maria do Espírito Santo, Antonio Pereira Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 01, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 5 de Janeiro de 1859.

*Aluga-se uma ama de leite livre, ou escrava, e que não tenha filhos: agradando, paga-sebem.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 12 de Janeiro de 1859.

*Precisa-se alugar uma escrava de meia idade, e bons costumes para pouco serviço de uma senhora. Nesta typographia se dirá quem a precisa.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 05, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 15 de Janeiro de 1859.

*Aluga-se uma ama de leite livre ou escrava, e que não tenha filhos: agradando, paga-se bem.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 07, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 22 de Janeiro de 1859.

*A viúva do finado José das Neves Rosa, vende uma escrava de nome Maria, que terá 28 annos pouco mais ou menos: quem a pretender dirija-se a mesma Sra. ou ao abaixo assignado para tratar. João Ferreira de Aguiar*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 08, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 26 de Janeiro de 1859.

*Escravas para alugar*

*O abaixo assignado aluga escravas para o serviço interno de qualquer casa.*

*Manoel Pinto Aleixo*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de Fevereiro de 1859.

*Praça*

*A venda do escravo Manoel, pertencente a viúva, e herdeiros do finado Meirelles, terá logar no dia 5 deste mez, as 10 horas da manhã, em casa do juiz de orphãos substituto, Couto Teixeira. O escrivão de orphãos interino-augusto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 12 de Fevereiro de 1859.

*Fugirão da chácara do Maruhy em Cristovão, n.7 A (na corte)dous escravos do senador Alencar, um de nome Anacleto, crioulo, côr retinta, baixo, pernas um pouco arqueadas, e tem 26 annos de idade; outro de nome João, pardo, é bolleiro tem 40 annos de idade estatura regular, é desdentado e tem uma cicatriz por cima de uma das sobrançelhas. O primeiro fugiu em 18 e o segundo em 30 de dezembro de 1858. Dá-se 50\$000 de gratificação por cada um d'elles a quem nesta typografia der noticia certa de maneira que possam ser apprehen lidos (sic), além de qualquer despeza, que satisfará promptamente.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 19 de Fevereiro de 1859.

*Precisa-se de uma ama de leite livre, ou mesmo escrava, se não tiver filhos, será melhor. A tratar nesta typographia.*

*Manoel Ferreira Dias tem 4 escravos para vender, boas figuras, sendo dois de serviço de roça, um bom cosinheiro quem a pretender pode procurar em sua casa, rua da Vargem desta cidade.*

*Vende-se uma escrava moça e sadia, que sabe lavar, cozinhar, e engomar alguma conta; para informação nesta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 18, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de Março de 1859.

*Manoel Ferreira Dias tem quatro escravos para vender, boas figuras, sendo dois de serviço de roça um bom cosinheiro, e o outro com princípios de pedreiro não duvida também alugar o cozinheiro quem pretender pode procurar em sua casa, rua da Vargem desta cidade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 19, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 5 de Março de 1859.

*Precisa-se alugar uma escrava ou pessoa livre que seja activa, e bem comportada, para o serviço de uma família pequena. Quem a tiver dirija-se a esta typ.*

*Vende-se uma escrava moça e sadia, que sabe lavar, cosinhar e engommar alguma cousa; para informação n'esta typografia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 20, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Março de 1859.

*Vende-se uma escrava moça e sadia, que sabe lavar, cosinhar e engommar alguma cousa; para informação n'esta typographia.*

*Fugio ao abaixo assignado no dia – do corrente mez, e anno, de sua citação denominada Boa Vista, um seo escravo de nome Ildefonso, com idade de 18 annos, crioulo bem falante, côr preta, beiços grossos, levou vestido camisa de riscado escuro, imitando casemira, e paletot escuro julgo que elle seguisse para a cidade de S. Salvador, ou para a cidade da Victoria, lugares estes aonde elle escravo tem estado por vezes, quem o apprehender e levar ao dito seo senhor será gratificado com 50\$ rs., e desde já protexta proceder com todo rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Feliciano Xavier Pires, Boa Vista, 2 de março de 1859.*

*No dia 7 do corrente mez fugio o escravo de nome Benedito do convento de N.S da Penha, pardo escuro, gordo, reforçado, de 50 à 60 annos. Quem d'elle souber, e levar ao religioso, que esta governando o convento, fará grande obséquio, e se o fizer capturar, melhor. Anda quase sempre embriagado costuma andar às esmolas, principalmente no districto da Serra. Os fiéis devotos não lhe devem dar esmolas, se elle as pedir, sem apresentar papel, que o autorise para pedir esmolas, assignado, ou pelo novo padre guardião que está à chegar do Rio de Janeiro. Convento de N.S. da Penha, 8 de março de 1859. Pr. Theotonio de Santa Humiliana.*

### Escravas Fugidas

*Fugirão da fazenda, da Boa Vista no termo de Benevente, priedade de Joaquim Pereira da Victoria, cinco escravas de nomes: Úrsula crioula, Barbara, crioula(parda e foi pejada)Agueda , crioula, Constantina, crioula, Flora, de nação, todas escravas do mesmo Sr, tendo fugido no dia 6 do corrente e desconfia-se que forão seduzidas, protesta-se com todo o rigor da lei contra que as tiver acoutadas, e gratifica-se bem a quem as apreender e levar a seu Sr. na fazenda acima, ou na villa de Benevente em casa de Joaquim José Vieira Nunes. Benevente, 23 de fevereiro de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 24, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 23 de Março de 1859.

*Vende-se uma escrava moça e sadia, que sabe lavar, cosinhar e engommar alguma cousa; para informação n'esta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 27, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 2 de Abril de 1859.

*Fugirão da villa de Itapemirim e passarão para o norte do rio do mesmo nome, tomando a direção desta cidade, dous escravos, pertencentes ao Exm. Sr, Barão de Itapemirim a saber: - Innocencio, estatura regular, rosto comprido, côr fula, nariz afilado indica ter estado doente, tem o pé esquerdo algum tanto inchado de erysipela que teve ha pouco tempo, foi escravo de Desiderio Pinto Rangel, do Mamoeiro.- Estulano pardo, alto, reforçado, rosto redondo, olhar espantado, tem falta de dentes na frente. Dá se 100\$ rs. de gratificação a quem os apprehender, podendo ser apresentados nesta cidade a José Marcelino Pereira de Vasconcellos, ou em Guarapary ao alferes Pedro João de Souza.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 28, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 6 de Abril de 1859.

*Quem apprehender um escravo de nome Joaquim, cabra, alto, desdentado, muito proza, toca, dansa, canta muito, foi criado e escravo em Jacohi; hoje fugido do Rio Doce, do herdeiro do Alexandre inglêz. Consta que anda por Jacohi, Carapina, e circunvizinhanças. Quem o apprehender, e o meter na cadeia será premiado com 50 \$ rs. fora o premio que manda dar a lei, logo que mostre a esta typ. estar capturado o dito. Justiniano Martins Meirelles. Cidade da Victoria, 4 de abril de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 31, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 16 de Abril de 1859.

*Escravo Fugido*  
*Carangola*

*Fugio no dia 31 de Janeiro do corrente anno da fazenda da perdição município de Campos, Justino africano, alto, espigado, rosto redondo, côm fulla, cabreado, dentes claros, ar alegre, cantador, traz sempre cigarro na orelha, pés e mãos avantajados, figura agradável, falla bem, parecendo creolo. Levou sacco de roupa contendo paletós, capote de anno azul, ponche: espingarda de caça, faca de ponta aguda e grande; enxada, machado. Inculca-se por releiro e derribador, e de fato o é. Foi encontrado na estrada de Itapemirim – gratifica-se bem a pessoa, que o prender e entregar a seu senhor o padre Antonio Gonçalves Nunes, ou ao Sr. capitão José Luciano de Souza Guimarães.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 20 de Abril de 1859.

*Juízo de Orphãos*

*No dia 7 de maio, futuro, se hão de arrematar impreterivelmente os escravos Felicianno, e Guellhermina, pertencente ao inventário do finado José Pinto de Alvarenga Rangel. O escravo Joaquim pertencente ao inventário do finado Manuel de Almeida Pinto; e uma morada de casa térrea sita a rua da Banca, pertencente ao inventário do finado Manoel Ignácio Lopes – As avaliações acham-se ao respectivo cartório, onde podem ser vista, em acto da praça – Victoria, 10 de abril de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 37, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 11 de Maio de 1859.

*Escravo Fugido*

*Gratificação de 100g rs. Suppõe-se andar com documento falso, por iludimento de alguém, desde o mês de janeiro de 1858. Sem mil réis, receberá quem trazer a S. da Conceição de Vianna, um seu escravo pardo de nome João, grosso de corpo, muito prosa, com idade de 16 annos pouco mais ou menos; tendo falha de um dente no queixo superior, cara redonda, cabellos encaixados, um tanto ruivo, nariz regular e afilado, pez rasos e muito compridos, com as unhas grandes raxadas. Já se tem dado todas as necessárias providencias; protestando-se com todo o rigor da lei, e contra quem lhe der coito – Victoria, 4 de maio de 1859. Joaquim José de Sant'Anna.*

*Fugio do abaixo assignado, da sua fazenda denominado Morro, districto da villa da Serra, no dia, 25 de abril p.p. o escravo de nome José, de idade de 20 a 23 anos, com os signaes seguintes: \_ côm fula, beiços grossos, acatrusado de á paz bastante carnudo de peitos; quem o apreender e botalo na cadeia desta cidade dirija-se ao Sr. tenente coronel Manoel do Couto Teixeira, ou entregal-o a seu senhor será gratificado com a quantia de 100\$ rs. – Serra, 7 de maio de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 42, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 28 de Maio de 1859.

*100\$000 réis*

*De gratificação a quem prender o escravo Francisco, mulato que foi seu senhor João Alves Machado, morador no Iriry districto de Benevente. O qual tem signal estatura regular, grosso de corpo, falla descançada e um pacato, pernas arqueadas para fora, e supõe-se estar acoutado por alguns moradores da circumvisinhança da Sapucaia, districto da mesma Villa de Benevente. Aquem prendel-o e leval-o ao Cachoeiro de Itapemirim receberá a gratificação acima, entregando ao Sr. Manoel José de Araújo Machado. Digo mais que protesto com toda a força a quem o tiver acoutado de perdas e dannos. Sua fazenda de S. Bertholomeu. Misael Ribeiro da Rocha.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 51, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 29 de Junho de 1859.

*100\$000 rs*

*De gratificação a quem prender o escravo Joaquim crioulo, fula, alto, corpo regular, desdentado, pouca barba. Desconfia-se que anda pelos sertões de Nova Almeida, por ter sido ali visto; ou que esta na cidade, Mangarahy, Santa Maria e Jacuhi por se ali nascido e criado: quem o prender e entregar nesta cidade, ao Sr Francisco Pereira, e em Nova Almeida ao Sr. Manoel Soares Leite Vidigal, de quem receberão a dita gratificação. O escravo é conhecido nesta cidade (parte mutilada) alcunho de Joaquim Veloz – Pertence a Lília Josefina Du Pin Galman e Silva – Linhares, 18 de junho de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 52, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 2 de Julho de 1859.

*Vende-se um moleque de 16 annos, de idade, cabra, boa figura, proprio para ser admitido a qualquer officio, quem o pretender dirija-se a casa do Sr. José Francisco Ribeiro nos dias 7, 8, e 9 do corrente para ver e tratar marca-se o dia por ser de pessoa de fora que nos dias acima estará afim de effectuar-se a venda.*

*Fugio ao abaixo assignado no dia 2 do corrente, um escravo de nome Manoel, mulato, casado, idade mais ou menos 30 annos, pés enxados de erysipela. Quem o prender será gratificado com a quantia de 50\$000 livre de despesas; assim como protesta-se contra quem o dar coito, com todo o rigor da lei. Villa da Serra, em 13 de julho de 1859. José Joaquim dos Reis Bastos.*

*Vende-se um bom escravo crioulo tendo de idade quarenta e tantos annos, bom lavrador, entendendo também de carpintaria, quem o pretender dirija-se a*

*seu senhor Manoel Nunes Pereira, o escravo he muito fiel, e o motivo da venda se dirá ao comprador.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 53, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 6 de Julho de 1859.

*Escravo Fugido*

*Fugio ao abaixo assignado no dia 26 do passado seu escravo de nome João crioulo, pretinho e tem os signaes seguintes: estatura (parte apagada), tem os pés um tanto compridos, e piza meio cambota tem n frente um dente principiando apodrecer, levou vestido uma camiza de chita encarna (parte apagada) e calças bastante justa de cordão cor de pólvora com farinha quem o pegar e entregar ao Sr. Mar (parte apagada) Nunes Pereira será gratificado. Francisco Gomes de Aguiar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 55, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 13 de Julho de 1859.

*Vende-se um escravo de 34 annos de idade, boa figura, cabra, bom lavrador, e entende de carpinteiro; quem o pretender dirija-se a esta typographia, que se dirá quem o vende.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 58, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 23 de Julho de 1859.

*Vende-se dois escravos de nação, e uma preta crioula, sendo um escravo perfeito cosinheiro e outro serrador flaquejador e oleiro, bonitas figuras, a escrava sabe lavar e cosinhar; para informações nesta typ.*

*Os abaixo assignados moradores em Cariacica, tendo concedido licença no dia 16 do corrente pelo espaço de dois dias ao seu escravo de nome Antonio, para procurar senhor, e como até hoje não lhes tenha apparecido o dito escravo, o conciderão fugido: os signaes são cor parda, estatura regular, idade pouco mais ou menos de 22 annos, levou calça de azulão e camiza de riscado; desconfia-se que ande por Vianna, pelo lugar chamado – Luiz Gomes – Gratifica-se a quem o levar a seos senhores em Cariacica, e nesta cidade aos senhores Rodrigues e Tagarro, protestando-se com todo o rigor da lei a quem o acoutar.- Victoria 21 de Julho de 1859.*

*Manoel Luiz da Fraga C\*.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 60, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 30 de Julho de 1859.

*Bom e Barato*

*Nesta typ. se dirá quem tem para vender um escravo com idade de 18 annos muito proprio para lavoura ou qualquer outro serviço. A causa de sua venda ao comprador se dirá.*

*Escravos Fugidos*

*200\$000 rs. de gratificação se offerece a quem capturar os escravos seguintes. – Adão crioulo, alto, barba cerrada, rosto comprido; desdentado e grosso de corpo: João crioulo, estatura regular desdentado e sem barba: José de nação; angola, alto, grosso de corpo, sem barba, olhos muito vermelhos, rosto grande e redondo: Theodoro, de nação angola, estatura regular, fino de corpo, e com pouca barba. Todos são moços de cor bem retinta e muito conhecidos não só nesta cidade como na villa da Serra, d'onde elles fugirão, e em todos os lugares desta província. – Victoria, 30 de julho de 1859. Manoel Ignácio das Chagas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 63, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 10 de Agosto de 1859.

*Vende-se sete escravos moços e sadios, bonitas figuras e próprias para todo e qualquer serviço tanto da roça como da cidade, sendo um destes escravos perfeito cosinheiro; de forno e fogão, e um moleque próprio para pagem: assim como duas escravas sabendo lavar e cosinhar e mais misteres de casa. Não se duvida vender a prasos rasoaveis, com a devida segurança, para informações n'esta tyografia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 78, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 1 de Outubro de 1859.

*Vende-se um moleque de dez annos de idade, crioulo; quem o pretender dirija-se a esta typ. que se dirá quem vende. Cidade da Victoria, 30 de Setembro de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 80, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 8 de Outubro de 1859.

*Nesta typ. se dirá quem vende os seguintes escravos. Uma escrava de 40 annos, um moleque de 14 e um dito de 6.*

*O abaixo assignado faz saber ao público que ninguém faça transação alguma com Manoel Marques Pereira com os escravo seguintes, Jacó, Patrício, Antonio, Luiza, Amália, e Rita, cujos escravos se achão hypothecados ao annunciante por escriptura publica no cartório do tabelião Pimentel dos Reis cujos bens são para satisfação de dividas que o dito Manoel Marques tem de pagar. Itapemirim, 29 de Setembro de 1859.*



*João Marques Pereira.*

*Precisa-se alugar uma escrava para ajudar no serviço de uma casa; para informações nesta typografia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 81, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 12 de Outubro de 1859.

*Vende-se ou troca-se por outra, huma escrava de nação, com 41 annos; nesta typografia se dar as informações necessárias: fugio á 4 dias desconfia-se, que esteja na fazenda do Mamoeiro; soffrera as penas da lei quem a tiver acolhido.*

*No dia 25 de setembro de 1859 fugio da fazenda do Mimoso pertencente a Pedro Ferreira da Silva, o seu escravo de nome João da Cruz official de Carapina e também trabalha de marceneiro, não sabendo dar lustro. Este escravo é crioulo fulla, idade de 30 annos estatura regular rosto comprido e descarado, testa bem descoberta, olhos e nariz regular, com falta de dentes e podres e pouca barba delgado de corpo, pés e mãos regulares falla massia e baixa, e um pouco grosso: quem prender o dito escravo e levar a casa de seu senhor , ou avisar para mandar buscar, logo que seja delle entregue pagará todas as despesas e gratificará com 100\$000 rs. Itabapoana fazenda do Mimoso, 29 de Setembro de 1859.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 83, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 19 de Outubro de 1859.

*Vende-se um escravo, bonita figura, e próprio para o serviço de lavoura, quem pretender dirija-se a esta typ, que se dirá quem o vende.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 23 de Novembro de 1859.

*Nesta typ, se dirá quem vende dois moleques sendo um de 14 annos, e outro de 6, próprios para pagens e aptos para qualquer officio, sem vicio, e sem moléstia.*

*Fugio do abaixo assignado, morador da freguesia de S.João de Carapina uma escrava de nome Thereza, mulata, com idade de 18 annos pouco mais ou menos, e gratificasse a quem a prender com mil rs. 100\$, a dita escrava fogio no dia 24 de outubro do corrente anno: protestasse pelo jornal de 800 rs. por dia de sua fuga, e todo mais rigor da lei. Carapina, 20 de Novembro de 1859. Claudino Pinto*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 94, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 26 de Novembro de 1859.

*No dia sete de Julho do anno corrente fugio da casa do Sr. Manoel José de Araújo Machado, do Cachoeiro de Itapemirim, um escravo de nome Feliciano, de nação, com 40 annos pouco mais ou menos, alto e com falta d'alguns dentes; cujo escravo é propriedade do abaixo assignado, que o houve do Sr. coronel João Nepomuceno Gomes Bitencourt em pagamento de dívida, com outros mais escravos, que foram deixado, em poder d'aquelle Sr. Machado para os mesmos dispôr da conta e ordem do annunciante. O referido escravo foi da fazenda de Orabó, em Piúma, para onde costumava fugir, sendo alli pegado por diversas vezes em tempo que pertencia àquelle Sr. coronel João Gomes; e suspeitando o abaixo assignado que alguém o agasalhe para que não volte mais de seu poder, protexta proceder com todo rigor da lei contra qualquer pessoa que por ventura o acoitar, por isso verdadeiro furto da propriedade alheia; e a quem o pegar, ou delle der noticia certa em moda a poder ser apreendido será no primeiro caso gratificado com quantia de 200\$ réis, e no segundo conforme a natureza da noticia, e as difficuldades para a sua apreensão; podendo-se para esse fim dirigir em Itapemirim ao sobredito Sr. Machado, e Sr. Narcizo da Costa Pinto; em S. João da Barra ao Sr. Manoel Pinto Costa, e nesta cidade ao annunciante.*  
José Ribeiro Meirelles.

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 102, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 24 de Dezembro de 1859.

*Mãe de um escravo*

*Francelina, mãe do pardo José, liberto a 16 do corrente mez, vem agradecer cordialmente à todos aquelles, que contribuirão com os seus contingentes para a realisação da liberdade de seu filho; promettendo, que nunca cessará de pedir aos ceos que cubra de benções a todos aos seus bemfeitores.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1859, Anno XI, nº 108, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 28 de Dezembro de 1859.

*Furtaro do cesto do escravo Fabiano os seguintes objetos que existiam dentro de um balainho na cadeia: quatro anéis de ouro, sendo dois de pendurucalhos, e dois simples. um dito de prata, dois pares de bixinhas de coração feixado. Um dito de brasileiras, uma cruz de ouro. Roga-se a pessoa aquem for offerecido qualquer destes objetos que queira aprehendelos, pois se desconfia-se quem seja o roubador, e denuncie nesta typ. que será gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1864, Anno XV, nº (ilegível), Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 23 de Julho de 1863.

*Na cadeia publica desta cidade está um escravo, moço e de (parte apagada) para ser vendido: quem o quiser comprar dirija-se a Manoel Antunes de Siqueira Gomes na banca de pescado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1864, Anno XVI, nº 01, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 02 de Janeiro de 1864.

200U000

*Fugirão ao commendador João Nepomuceno Gomes Bittencourt, em abril de 1860 os seus escravos Joaquim Lima, de estatura ordinária, cheio de corpo, pernas um pouco arqueadas, tem o andar vagaroso, pouca barba, falla um tanto atrapalhada e regula a idade de 45 annos – mestre de fabricar assucar, serrador e falqueijador Theodósio, de estatura ordinária, magro, barba regular, olhos avermelhados com idade provável de 40 annos, é falqueijador e bom trabalhador de roça e Manoel Teixeira de boa estatura, bonita figura, corpo regular, tem o nariz chato, representa menos idade que qualquer dos dous outros, tem assim como aquelles a côr preta e é igualmente trabalhador de roça. Quem apprehender os ditos escravos e os levar ao seu senhor em sua fazenda no Itapemirim, ou prendelos em alguma das cadeias da província será gratificado com 200\$000 rs. por cada uma também receberá boa gratificação quem dos mesmos der noticia certa de maneira que possam ser capturados.*

100\$000 rs.

*Fugirão no dia sete de setembro do Fazenda Mimoso em Itabapoana pertencente ao capitão Pedro Ferreira da Silva os seus escravos de nome Vicente de nação, idade 38 annos mais ou menos, alto magro, rosto comprido, côr preto, tem mãos e pés pequenos, anda com uma perna um pouco teza e falla mal o portuguez, Antonio crioulo natural da província de Pernambuco, idade 25 annos, côr preta, estatura menos de ordinária, grosso de corpo, rosto e cadeiras grandes pés e mãos pequenos: estes escravos desconfia-se estarem para o lado de Piúma d'onde foi comprado o escravo Vicente. Quem os apprehender e levar a dita fazenda, a seu senhor ou os puzer em prizão segura receberá de gratificação, por cada um a quantia assima, alem das despezas que igualmente se pagarão.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1864, Anno XVI, nº 03, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 13 de Janeiro de 1864.

100\$000

*Fugio ao mez de maio de 1860 o escravo Felizardo do abaixo assignado com os signaes seguintes: idade 40 annos pouco mais ou menos, é crioulo natural de Nova Almeida, é baixo e grosso, cabellos carapinho, rosto redondo, tem completa dentadura, cor preta, estatura baixa, finge se que é doente de hum reumatismo antigo, curto das duas pernas, com estes achaques comprei, ao fim de hum anno e tantos mezes fugio, por este escravo me resultou um crime,*

*fui processado de um infame que me atribuirão falso, quem este pegar e leval-o a seu Sr. ou botalo na cadêa desta cidade, será gratificado com a quantia acima e protesta-se com todo o rigor da lei contra a quem o acoutar. Joaquim Ribeiro Pinto de Mattos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1864, Anno XVI, nº 05, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 27 de Janeiro de 1864.

50\$000

*No dia dois de setembro fugio ao abaixo assignado o seu escravo crioulo de nome Manoel cor preta reforçado em corpo, altura regular orelhas não grandes nariz groco braços, mão e pez grossos dedos curtos e idade 24 annos, não tem barba foi dos sertões daquele lugar tem o sutaque de dizer inhor não inhor sem dentadura perfeita, pode ser que tenha mudado de nome quem o apanhar e levar a seu Sr. na rua Nova de Comércio nº25 dassa a quantia acima mencionada. José Rodrigues Saraiva.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1864, Anno XVI, nº 12, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 13 de Fevereiro de 1864.

*Desde 25 de Dezembro do anno passado esta fugido o escravo Francisco de propriedade da viúva, e filho do finado Francisco de Siqueira Subtil e Almeida, de Cangahyba, e outrora dos herdeiros do finado José d'Almeida Pinto, de Itanguá. O dito escravo é bem conhecido n'esta cidade, e diversos lugares de seu município; recomenda-se a sua raptura e gratifica-se; bem como protesta-se haver indemnisação dos serviços do dito escravo, de quem o tiver acoitado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1869, Anno XXI, nº 26, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 3 de Abril de 1869.

*Fugio ao abaixo assignado, na noite de 29 do corrente, sua escrava Maria de 18 a 19 annos de idade côr parda, estatura baixa, e cheia de corpo; sahindo de caza na tarde d'esse dia com quitanda de doces, e levando vestido de chita fina de raminhos cor de roza. Quem d'ella souber, e a levar a seu senhor, será bem gratificado: assim como se procederá com todo o rigor da lei contra quem a tenha acoutada. Cidade da Victoria, 31 de Março de 1869. José Joaquim de Almeida Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1869, Anno XXI, nº 31, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 21 de Abril de 1869.

*A rua do Ouvidor nº 22, aluga-se uma escrava, vende-se um Cavallo mouro muito andador, e também vende-se uma morada de casa de sobrado a rua do Porto dos Padres, n.33, e outra a rua do Egypto: preços rasoaveis.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1869, Anno XXI, nº 45, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Junho de 1869.

*Aluga-se uma preta que cosinha, e engomma bem: na rua da Mangueira nº64.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1869, Anno XXI, nº 48, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 19 de Junho de 1869.

*Fugio ao abaixo assignado de sua fazenda Natividade destricto do Queimado desde o principio do mez de Abril do corrente anno o escravo Ladislau crioulo de cor mais que preta, estatura alto, olhos grandes, beiços groços e vermelhos, pes grandes, andar vagaroso; e um pouco cocheado: levou calça de algodão amarelo listrado, camisa de riscado branco, e chapéo de palha grosseiro: Quem o aprehender e recolher a cadeia ou apresental-o a seu senhor será bem gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1869, Anno XXI, nº 54, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 10 de Julho de 1869.

*Fugio do abaixo assignado o seu escravo de nome Vicente crioulo, que pertenceu a Alexandre Porto do Nascimento, da villa de Guarapary, cujo escravo tem os signaes seguintes idade de 20 annos pouco mais ou menos, côr fula escura, altura regular, cabellos carapinhos, barba pouca, e cara redonda; quem o aprehender e levar ao seu Sr. será gratificado com a quantia de 50\$000 rs., assim como protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe der couto. Cidade da Victoria, 7 de Julho de 1869. Antonio Rodrigues de Campos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 06, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

(dia apagado) 19 de Janeiro de 1870.

*Gratifica-se com a quantia acima a quem prender e levar a Antonio Rodrigues de Campos, o seu escravo de nome Vicente que pertenceu a Alexandre Porta do Nascimento da Villa de Guarapary o qual escravo tem os signaes seguintes: idade 20 annos pouco mais ou menos, altura regular, cor fula escura e barba pouca. Victoria, 05 de Janeiro de 1870. A. Campos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 20, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 9 de Março de 1870.

*Preciza-se comprar um moleque de quatroze annos de idade, pouco mais ou menos, e que seja sadio, e de boa índole. Trata-se nesta typografia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 40, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 28 de Maio de 1870.

*Precisa se comprar de pessoa particular uma negrinha de 4 a 6 annos de idade: quem a tiver e quiser vender, dirija-se a rua da Mangueira nº12 loja de Funileiro, que encontrará com quem tractar. Victoria, 26 de Maio de 1870. Marciano Antonio Isidoro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 46, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 18 de Junho de 1870.

*Compra-se huma negrinha de 12 para 14 annos, de idade que seja sadia para o serviço particular de huma família, não duvida-se pagar bem sendo bonita figura. Para informações n'esta typographia, ou em carta feixada com as iniciaes – A.P.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII nº 49, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 29 de Junho de 1870.

*Compra-se huma negrinha de 12 para 14 annos, de idade que seja sadia para o serviço particular de huma família, não duvida-se pagar bem sendo bonita figura. Para informações n'esta typografia, ou em carta feixada com as iniciais -. P.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 60, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 6 de Agosto de 1870.

*Fugio do sitio denominado Ilha do Iribery, no dia três do corrente mêz, a D. Juliana Maria da Silveira, a sua escrava de nome Erenéa, com os signaes seguintes, idade 40 annos pouco mais ou menos, côr fula estatura regular, e*

*reforçada de corpo: gratifica-se com a quantia acima aquem o apprehender, e levar a sua senhora. Victoria, 5 de Agosto de 1870.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1870, Anno XXII, nº 80, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 15 de Outubro de 1870.

*R\$. 200U000*

*De gratificação*

*A quem pegar o pardo Galdino, com 26 a 30 annos de idade, pouco mais ou menos, que fugio no dia 28 de outubro de 1869, côr acaboclada, cabello corrido e na occasião em que fugio não tinha barba, só tinha um pequeno bigode, bons dentes, pés pequenos, e sem defeito no corpo, foi comprado ao Sr. Aprígio Coutinho Ferreira Rangel, morador na villa de Itapemirim, província do Espírito – Santo: sabe se com toda a certeza que o dicto escravo Galdino vaga pelas proximidades da cidade da Victoria. Para ser remettido á cadeia, á ordem do mesmo Sr. até minha reclamação, ou o-entregar no porto de Itacuary ao Sr. Joaquim de Nevaes Campos, receberá a quantia acima, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe-der couto. Outro sim declaro que ficão sem vallor todos os documentos que tenho assignado para tratar de qualquer negócio relativamente à captura de meu escravo Galdino, até a data d'este, e para prevenir qualquer abuso que por ventura se possa dar, assim o faço público. Cidade de Campos, 15 de Agosto de 1870 – Bernadino Nogueira dos Santos Vianna.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1871, Anno XXIII, nº 06, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Domingo, 22 de Janeiro de 1871.

*Escravos fugidos*

*Fugirão no primeiro do corrente mez, a José da Rosa Machado, de sua fazenda – Boa Vista- nos Cachoeiros de Itapemirim – dois escravos, ambos crioulos – um de nome Luis, de 30 annos de idade, com falta de um dedo mínimo no pé, e com muita barba no queixo, e preta: outro de nome Ladislao, de 24 annos, com pernas tortas nos joelhos. Quem os apprehender póde entregal-os , na barra de Itapemirim, a Silva Lima & Braga, e nos cachoeiros a seu senhor, que receberá a gratificação pelo trabalho. Itapemirim, 16 de Janeiro de 1871.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1871, Anno XXIII, nº 07, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 25 de Janeiro de 1871.

*Fugio no dia 18 do corrente a José Francisco Pinto Ribeiro, a sua escrava de nome Izidora, de 40 annos de idade, estatura baixa, cor fula, olhos vegos, pés pequenos. Desconfia-se que esteja nas immediações da fazenda – Jucuruaba*

– onde tem filhos. Quem por tanto d'ella tiver noticia, e participar, ou apprehendel-a será gratificado. E, com todo o rigor da lei, protesta-se contra quem a acoutar. *Victoria*, 24 de Janeiro de 1871. José Francisco Pinto Ribeiro.

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1871, Anno XXIII, nº 31, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 22 de abril de 1871.

*O abaixo assignado tem para vender uma escrava com idade de 14 a 15 annos, quem a quizer comprar dirija-se a casa do Sr. Francisco Rodrigues Pereira, para vêr e tratar. Cidade da Victoria, 12 de Abril de 1871. Antonio Martins de Araújo Nico.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1871, Anno XXIII, nº 41, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 27 de Maio de 1871.

*Fugio do Sr. Alexandre Francisco da Silva Calmon, da villa de Linhares, no dia 14 de abril p.p. o seu escravo de nome Julião crioulo, de 30 annos de idade pouco mais ou menos, o qual foi comprado ao Sr. João Pinto dos Santos Rangel: Suppõe-se fosse para o tanque districto de Vianna, aonde tem parentes; quem o apprehender, e o levar á rua do Commercio desta cidade, a Rodrigues Pereira & Tagarro, será gratificado: protesta-se contra quem o tiver acoutado. Victoria, 3 de maio de 1871.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1871, Anno XXIII, nº 89, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 22 de Novembro de 1871.

*No dia 12 de outubro, próximo pretérito, fugio do abaixo assignado o seo escravo de nome Januario, maior de 50 annos de idade, angola e com os signaes seguintes: baixo e defeituoso. Quem d'elle der noticia evidentes, ou levar a sua casa n'esta cidade, será gratificado. Heliodoro Joaquim Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 15, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quinta Feira, 8 de Fevereiro de 1872.

*Fugio no dia 17 de Março de 1871 o meo escravo Felix alto, e bonita figura, de idade de 30 annos, mais ou menos, muito fallante e prosa, official de pedreiro, pouca barba, estas mesmas foram cortadas, a thesoura, signal de pouca surra, talvez ande com passa-forte como forro, é de cor preta e a quem o prender e*



*entregar a seu Sr. João Gomes dos Santos Mangueira, na cidade de S.Fidelis ou mesmo na cadêa de Campos será gratificado com a quantia de rs. 400\$000.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Terça- Feira, 19 de Março de 1872.

*RS, 200U000.*

*Ao abaixo assignado fugio o seu escravo de nome João (pardo) com idade de 40 annos mais ou menos, comprado a José Ribeiro Guimarães em data de 12 de junho de 1869. Consta que vaga pelo districto de Mangarahy; e gratifica-se com a quantia de 200\$000 a quem o aprehender e entregal-o à prisão publica. Protesta-se com todo o rigor da lei á quem lhe der couto. Victoria, 16 de Março de 1872. José Ferreira Barroso.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 41, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 13 de Abril de 1872.

*Precisa-se alugar um molequinho, ou negrinha, para o serviço de uma casa de família: para informações, dirijão se a esta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 68, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Terça-Feira, 18 de Junho de 1872.

*Precisa-se comprar uma escrava que seja sadia, prendada e de bons costumes, à rua Duque de Caxias, nº 53 no Hotel Goulart.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 17 de Agosto de 1872.

*Preciza-se contratar um rapazito livre, ou escravo, para servir em casa de hum homem solteiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Correio da Victoria, 1872, Anno XXIV, nº 104, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quinta Feira, 12 de Setembro de 1872.

*Compra de Escravos*

*Em caza do Sr. José da Silva Cabral negociante nesta praça, acha-se uma pessoa que compra escravos. Quem os tiver dirija-se à mesma casa.*

**ANEXO G – Transcrição *JORNAL DA VICTORIA* (1864; 1867-1868)**

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº ?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 03 de agosto de 1864.

*Fugio do abaixo assignado o seu escravo de nome Torquato; cujos signaes são os seguintes: \_ Pardo, com uma cicatriz por cima da sobrancelha do olho direito; cabellos vermelhos pela testa, e beiços grossos. Quem o aprehender será gratificado. Protesta-se contra quem o acoutar, com todo o rigor da lei. \_ Victoria, 2 de agosto de 1864. José Gonçalves Espíndula.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 33, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 06 de agosto de 1864.

*Fugio do abaixo assignado o seu escravo de nome Torquato; cujos signaes são os seguintes : Pardo, com uma cicatriz por cima da sobrancelha do olho direito; cabellos vermelhos pela testa, e beiços grossos. Quem o aprehender será gratificado. Protesta-se contra quem o acoutar, com todo o rigor da lei. Victoria 02 de agosto de 1864.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 44, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 28 de setembro de 1864.

*Escravo Fugido*

*Desapareceu do sitio de Inhanguetá pertecente ao abaixo assignado o seu escravo de nome Ladislao, cor parda, com 19 annos de idade, rosto redondo, não tem barba, é muito conhecido por pertencer a música do Sr. capitão Chrisostomo, quem o aprehender e leval-o ao seu senhor será gratificado, se exigir. Consta que o escravo anda no sitio acima mencionado. Victoria 27 de agosto de 1864. Alexandre Felis de A. Salles.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 55, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 19 de outubro de 1864.

*Precisa-se alugar uma creada, livre ou escrava, que saiba engomar e fazer todo o mais diferente serviço de casa, na rua do Ouvidor nº 41.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 56, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 22 de outubro de 1864.

*Vende-se um bom escravo official carpinteiro; quem o pretender entenda-se com o gerente desta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 57, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 29 de outubro de 1864.

*Vende-se ou aluga-se uma escrava moça ( idade 30 annos) de boa figura e sem moléstia; sabe o serviço ordinario de uma casa de familia, e melhor ainda o da roça; quem a pretender, para uma outra couza, dirija-se à rua de Santa Luzia n.29. Victoria 25 de Outubro de 1864.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 58, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 02 de novembro de 1864.

*Vende-se um bom escravo, official carpinteiro; quem o pretender entenda-se com o gerente desta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 61, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 12 de novembro de 1864.

*No dia 8 do corrente mez de novembro fugio o escravo do convento da Penha, de nome Joaquim, carpinteiro, bem conhecido. Roga-se a quem dele souber o obzequio de o fazer prender, e participar ao Guardiãõ do sobredito convento, que muito grato lhe ficará, e satisfará toda a despeza a respeito. 11 de novembro de 1864. O Guardiãõ Fr. Theotonio de Santa Humiliane.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 19 de novembro de 1864.

*Por I. 600U000*

*Vende-se um bom escravo official carpinteiro; quem o pretender entenda-se com o gerente desta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1864, Anno I, nº ?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 14 de dezembro de 1864.

*Fugio do abaixo assignado o seo escravo Torquato de 16 annos de idade pouco mais ou menos, cor fulla, cabellos carapinhos e vermelhos na extremidade da testa, beiços grossos, estatura regular, com uma cicatriz no olho direito: quem o aprehender ou delle der exacta noticia será gratificado:*

*assim como proceder-se-há conforme a lei contra quem o acoutar. Victoria 7 de Dezembro de 1864. José Gonçalvez Espíndula.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 273, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sexta Feira, 04 de janeiro de 1867.

*Nesta typ. Se dirá quem vende por commodo preço uma escrava de nove annos, propria para macumba.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 279, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 26 de janeiro de 1867.

*Nesta typographia , ou na rua do Sacramento n.4 se dirá quem vende duas escravas, moças e de todo o serviço de casa. Victoria, 25 de Janeiro de 1867.*

*Fugio há mais de dous mezes da abaixo assignada, a sua escrava de nome Victoria, de 55 anos de idade, cor parda com signaes de bexiga no rosto, alta, magra, e fala fanhosa. Desconfia-se andar pela Villa da Serra, d'onde já foi moradora. Quem a apprehender e levar a mesma abaixo assignada, será gratificado; e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe der couto. Victoria, 25 de Janeiro de 1867. Maria Gertrudes de Oliveira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 280, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 30 de Janeiro de 1867.

*Anda fugido o escravo deste Convento de N.S. da Penha de nome André, pardo. Roga-se a quem delle souber, queira fazer a equidade de o mandar prender ou de avisar ao padre guardião, ou a polícia para o fazer capturar. Convento de N.S. da Penha, 28 de Janeiro de 1867. Fr. Theotonio de Santa Humiliana.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 293, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 16 de março de 1867.

*50U000 Rs.*

*Fugio em dias do mez de novembro do anno proximo passado o escravo João, africano, maior de 50 annos de idade, tem os seguintes signaes. Estatura regular, rosto comprido e grandes olhos castanhos; nariz chato, boca grande, beiços grossos, barba muito pouca e só no queixo, bons dentes com falta de um superior, uma cicatriz na orelha esquerda, tendo ambas furadas, como uzão as mulheres, testa alta, uma cicatriz muito recente no alto da cabeça, e outra como de estocada no estômago; falla muito atrapalhado, que pouco se comprehende; andar vagarozo. Desconfia-se que ande pelos lados da barra do*

*Jucú ou Guarapary: Quem o apreghendel-o à sua senhora Lucrecia Souto Pinho Campos, moradora na rua da Mangueira nº6, será gratificado com a quantia acima, e protesta-se contra aquelle que o acoutar. Victoria, 11 de março de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 294, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 05.**

Quarta Feira, 20 de março de 1867.

*Fugio do abaixo assignado no dia primeiro do corrente mez, o escravo Antonio, fazedor de lenha no mangue. E bem conhecido nesta cidade, e mesmo fora della. A pessoa que der notícia certa d'elle, ou o capturar gratifica-se bem. Victoria, 18 de março de 1867. Luiz Coutinho de Alvarenga Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 295, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 23 de março de 1867.

*A D. Rita Francisca de Paula, viúva do finado Bernadino de Salles Moita Furtado fugio o seu escravo por nome Pedro, bem conhecido nesta cidade no dia 17 do corrente; protesta-se contra quem lhe der couto ou passagens para qualquer parte. Ninguém se fie delle, nem lhe dem serviço para fazer, sem ser tratado com sua Sr. e quem o apprehender leve-o á sua casa que será gratificado. Victoria, 21 de março de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 297, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 30 de março de 1867.

*Anda fugida a escrava Camilla, pertencente ao Major Antonio Ferreira Rufino; quem o apprehender, e recolher em alguma cadeia deste município será, não só indemnizado da despeza que fizer, como gratificado. Victoria, 16 de março de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 301, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 13 de abril de 1867.

*Vendo um escravo de nome Francisco, com 24 annos, mais ou menos, o qual se acha ausente desde o primeiro de maio de 1866 até o presente, e no poder de minha mulher Maria Pinto Guimarães. Vendo o dito escravo para pagamento de dinheiro que realmente devo, e não para liquidação de dividas fantásticas, como algumas que ja se tem figurado. Tudo provarei com os mesmos meus credores. Quem quizer fazer negocio dirija-se a Joaquim José do Couto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 308, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 8 de maio de 1867.

*50U000 de Gratificação*

*Fugiram do abaixo assignado, hoje residente na villa do Espírito-Santo os seus escravos: Cezario, cor preta, estatura baixa, grosso; Felix, cor cariboca. Foram ambos escravos do Sr. Major Rufino. Fugiram no dia dois deste mez, e julga-se andarem por esta cidade ou pelos lados de Cariacica. Protesta-se contra quem os acoutar. Victoria, 4 de maio de 1867. Francisco Xavier Coutinho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 310, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 15 de maio de 1867.

*Escravo Fugido*

*No dia sete do corrente fugio desta cidade o escravo André, pertencente ao Dr. Sarahyba, levando vestido calça de brim trançado trigueiro, emendada as pernas com diferentes panos, camisa de murin uzada, palito de alpaca preta uzada, signaes: alto, magro, com falta de cabelos na coroa da cabeça, e no pé direito duas sicatrizes de feridas, proxamamente furada; cor um tanto vermelha, cabellos bons. Quem o levar a casa de José Maximiano dos Santos nesta cidade será gratificado; levando preso ou mesmo apadrinhado. Protesta – se com o rigor da lei contra quem o acoutar. Victoria, 14 de Maio de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 311, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 18 de maio de 1867.

*Vende-se uma escrava parda com 20 annos de idade própria para serviço doméstico e tam bem para o de roça: quem a quizer comprar dirija-se nesta cidade a Manoel Pinto Netto na villa da Serra a Luiz Barboza Ledo que dirão quem a vende. Victoria, 16 de maio de 1864.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 313, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 25 de maio de 1867.

*Vende-se uma preta de 18 a 20 annos de idade própria para ross, e sabe coser, na rua do commercio n.20.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 322, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 26 de junho de 1867.

*Vende-se por preço commodo, 1 escravo; vende-se também um cavalo, com seis annos e meio: quem quiser negocial-os dirija-se a esta typographia que saberá com quem deve tratar. Victoria, 22 de junho de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 323, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 29 de junho de 1867.

*Precisa-se alugar uma criada, livre ou escrava, com tanto se sujeite a toda natureza de serviço de uma casa de pequena família. Quem quiser dirija-se a esta typographia, para tratar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 326, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quinta Feira, 11 de julho de 1867.

50U000

*Gratifica-se com a quantia acima a quem apprehender ou der noticias certas de casa um dos escravos seguintes: Florindo, de nação, quarenta e tantos annos de idade, estatura ordinária, rosto comprido, tem os dentes limados, e , é um tanto (( prosa)). Estes escravos fugiram juntos, “ há mais de um anno”, da fruteira, município da Cachoeira de Itapemirim. Desconfia-se que estegem em alguma cadêa do Norte. Este, pertence a Antonio da Roza Machado Junior, e aquelle a Benicio de Sousa Macedo. Villa de S. Pedro da Cachoeira de Itapemirim, 16 de maio de 1867. Antonio da Roza Machado Junior.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 328, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 17 de julho de 1867.

*Aluga-se uma ama com muito e bom leite: é preta moça, sadia e carinhosa, na rua da Mangueira n.20.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 332, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quinta Feira, 31 de julho de 1867.

*Ao abaixo assignado fugio no dia 22 do corrente o seo escravo Miguel, crioulo, de côr preta, de 22 annos de idade mais ou menos, fino de corpo, de estatura regular, e olhar baixo e para os lados com muita vivacidade; levou vestidas calça de brim de algodão escuro e camisa de chita: a quem o prehender ou der noticias certa, pelas quais possa ser capturado gratificar-se-há. Victoria, em 20 de julho de 1867. Manoel Ferreira de Paiva.*

*Fugio da Fazenda da Fortaleza, propriedade do Dr. Lopo de Albuquerque Diniz, no município de São Fidelis em Campos, o escravo Marcellino, de côr parda, com 45 annos d'idade, alto e magro, cabellos cressidos e carapinhados,*



*com barba e bigodes e alguns cabellos brancos e espalhados, conserva as feições carrancudas, olhar baixo, de corpo um tanto curvado para diante e de falar arrebatado: he bom carpinteiro, serrador, falquejador e desembaraçado para outro qualquer serviço; sendo a primeira vez que foge. Recommenda-se a sua apprehensão para os lados desta província do Espírito Santo. Quem o apprehender e leval-o ao seo senhor na dita fazenda, será gratificado generosamente, alem das despezas que fizer.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 241, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 31 de agosto de 1867.

*Quem tiver um moleque ou uma negrinha de 10 a 14 annos que queira alugar communique esta typographia.*

*Quem tiver um moleque para alugar maior de 20 annos e sem vicio, dirija-se a esta typographia. Victoria, 30 de agosto de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 315, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 14 de setembro de 1867.

*Desappareceu da casa do abaixo assignado na manhã do dia nove do corrente sua tutelada de nome Lucrecia de idade 8 para 9 annos, cor parda com um signal de queimadura na face quando em pequena: desconfia-se ser seduzida: e pede-se quem della souber onde esteja entregar ao Sr. Juiz de órfãos ou a seu tutor à rua de Santa Luzia, n, 16, \_\_\_ Victoria, 12 de setembro de 1867. Antonio Ayres de Aguiar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 350, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 2 de outubro de 1867.

*Ama de Leite*

*Precisa-se de ama de leite que seja sadia e que tenha leite, para tomar conta de uma criança de sete mezes, trata-se na rua do Porto dos Padres, nº12, com J. J. Tesch.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 360, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 6 de novembro de 1867.

*Gratifica-se com a quantia acima, a quem apprehender e levar á sua Sr. abaixo assignada, ou a seu genro Antonio d'Almeida Coelho, ou porto das Lanchas, a escrava Victoria: côr parda, magra e alta, com signaes de bexigas. Foi escrava do finado José Maria dos Santos. Desconfia-se andar pelos sertões da villa da*

*Serra, onde foi moradoura e escrava de Antonio Bulhões. Protesta-se contra quem a tiver acoutada. Maria Gertrudes d'Oliveira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 361, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 09 de novembro de 1867.

*Fugio, ou foi seduzido o escravo Herculano, de 30 annos de idade, pardo, olhos azuis, o qual no inventario dos bens de João Pinto Caldeira, foi lançado para pagamento de dividas. A inventariante dos mesmos bens protesta contra quem o tem acoutado e pede a quem o apprehender que o entregue ás justicas publicas. Santa Maria, 4 de novembro de 1867. Por D. Francisca Ribeiro de Salles, Hermenegildo José Borges.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 366, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta, 27 de novembro de 1867.

*Manoel Ferria Coutinho, na qualidade de tutor da menor Rosa, filha de Francisco José da Fraga, protesta contra as ilegais alienações e alforrias, que lhe consta ter executado a avó da mesma menor Anna Maria da Conceição curadora de seu marido Luiz da Fraga, da villa do Espírito Santo, a qual, não podendo dispôr de cousa alguma de seu casal sem autorização do juiso entretanto o tem feito por conselhos indiscretos, de homens apaixonados e sem consciência, que tem abusado da idade maior de 90 annos, e da fraqueza intellectual da mesma D. Anna. Por todos os atos praticados e que se praticarem, e por todos os prejuízos delles resultantes o annunciante protesta, como directamente interessado na manutenção dos direitos de sua tutelada, e protesto pela imprensa, em quanto não os faz annullar pelo poder judiciário. Villa do Espírito Santo, 21 de novembro de 1867.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 310, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 30 de novembro de 1867.

*Quem tiver e quizer alugar um escravo, que seja de boa conducta, dirija-se à padaria do commercio, na rua de São Diogo n.1, para tratar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1867, Anno IV, nº 373, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 21 de dezembro de 1867.

*Fugio do abaixo assignado em dias do mez de novembro do corrente anno, um escravo de nome João, africano, com 40 annos de idade, o qual tem os signaes seguintes: estatura regular, pouca barba e crecida, nariz chato e cambeta dos pés. Quem o apprehender e levar ao mesmo abaixo assignado no sitio Paul, ou entregar a autoridade competente será generosamente gratificado*

*e protesta-se com o rigor da lei contra quem lhe der coito. Pahúl, 19 de Dezembro de 1867. Antonio Gonçalves Laranja.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 381, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 22 de janeiro de 1868.

*A D. Rita Francisca de Paula, viúva do finado Bernadino de Salles Mouta Furtado, fugio o seu escravo de nome Pedro, bem conhecido nesta cidade. Protesta-se contra quem lhe der coito ou passagem para qualquer parte. Ninguém deve se fiar delle, para lhe emprestar dinheiro ou lhe fazer cartas em nome de sua senhora. Onde, pois, elle chegar com uma carta será esta falsa, pelo que devem logo dar-lhe 25 chicotadas e o apprehender. Consta que elle embarcou-se na canôa de passagem com uma carta, que alguém, sem dúvida, fizera à seu pedido. Quem o trazer á sua senhora será gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 382, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 25 de janeiro de 1868.

*Escravos*

*Compra-se em casa J.J.Texh, rua do Porto dos Padres, n.12.*

Quarta Feira, 12 de fevereiro de 1868.

*Vende-se um escravo pardo, bem truncado de corpo, e com 18 annos de idade mais ou menos; é sadio e próprio para qualquer trabalho. Quem o pretender, dirija-se á rua do Ouvidor nº28.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 397, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 18 de março de 1868.

*Precisa-se alugar uma escrava para serviço de uma caza de rapaz solteiro: prefere-se uma negrinha. Nesta tipographia se dirá o pretendente. Victoria, 16 de março de 1868.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 428, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado, 11 de julho de 1868.

*Fugio do abaixo assignado no dia 8 do corrente os escravos seguintes: Felisberto, cor parda, desdentado, magro, e estatura regular – Alfaiate Candido, cor preta, falta de um olho, e gordo – Victoria, cor preta, bastante magra e baixa; quem delle der noticia ou trazer ao seu senhor, será gratificado. Martinho Simplício Jorge dos Santos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 433, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira, 29 de julho de 1868.

*Preciza-se alugar huma escrava para caza de uma pequena família: nesta typographia de dirá quem precisa.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 446, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Quarta Feira 16, de setembro de 1868.

*Vende-se por muito commodo preço uma escrava de meia idade, preta de nação angolla: nesta typografia se dirá qual a escrava, e quem a pessoa autorizada para effectuar a venda.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Jornal da Victoria, 1868, Anno V, nº 449, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

Sabbado 26, de setembro de 1868.

*Fugiu da villa da Serra, no dia 7 de setembro, o preto de nome João, angola, falla mal o portuguez, baixo, grosso, de andar vagaroso, e mostrando ter sido bixoso, escravo de D. Maria José da Conceição, comprado a Alexandre Lehman, procurador do Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra. Quem o prender e levar à sua senhora na fazenda Pandello no município da Serra, será gratificado, assim como protesta-se com o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.*

**ANEXO H – Transcrição do jornal O ESPÍRITO SANTENSE (1871-1888)**

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno I, nº 41, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

10 de março de 1871.

*Acha-se fugido a mais de vinte dias o escravo de nome Sebastião, e consta andar no districto de Vianna e Cariacica trabalhando pelo officio de pedreiro de sua profissão, ter sido encontrado em Porto Velho, cujo escravo foi do Ilm. Sr. Dionysio Álvaro Resendo, levou roupa grossa e costuma andar de japona, sua altura é baixa, cara larga é meio arqueado por sofrer de asthma, a pessoa que delle der noticia certa será gratificado; protesta-se com toda força da lei contra quem der couto. Victoria 7 de março de 1871 – A. Alves d’Azevedo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno I, nº 50, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

11 de maio de 1871.

*Fugio do Sr. Alexandre Francisco da Silva Calmon, da villa de Linhares, no dia 14 de abril p.p. o seu escravo de nome Julião, crioulo, de 30 annos de idade pouco mais ou menos, o qual foi comprado ao Sr. João Pinto dos Santos Rangel; suppõe-se fosse para o Tanque, destricto de Vianna, aonde tem parentes; quem o apprehender, e o levar á rua do Commercio desta cidade, a Rodrigues Pereira & Tagarro, será gratificado; protesta-se contra quem o tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno I, nº 60, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

20 de Julho de 1871.

*Escravos fugidos da fazenda dalli, termo do sertão da fazenda do Rio Pardo pertencentes a José João de Freitas Drumond. Desapparecerão a 5 de outubro de 1870; são os seguintes com seos signaes: Ciriaco, pardo fusco do norte, filho da província do Pará, idade de 45 annos, principia a pintar cabelos brancos, tem cabellos grenhos, pouca barba, não tem dentes na frente, quando olha mete os olhos um pouco a estrabismo, olhos pequenos, corpo regular, estatura baixa, tem as mãos grossas do trabalho, pés chatos e um pouco joaneta, trabalha de foice e machado, toca viola, e é bom canceiro e trabalha embarcação do mar, nada muito bem, e tem um pouco de idiotismo no fallar. Pedro pardo claro, idade de 28 annos, é filho da província de Minas, cabellos pretos anellados e soltos, tem argolão de barba, dentes uns por cima dos outros na boca acavalgados, estatura muito pequena, pés e mãos pequenas, quando falla faz cara de riso, é muito ladino, sabe pagar bem casa de alfaiate e trabalha no trigo, faz pão, e roscas, anda bem a cavallo, e é meio pião. José, crioulo de Minas um pouco fula na côr, idade 18 a 20 annos, estatura baixa, não tem barba, corpo cheio, meio barrigudo, nariz chato, beiços grossos, pés*

*regulares e mãos, olhos grossos um pouco empapuçados, quando falla faz um sutaque pouco na língua, é ladino, escravo de roça.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno I, nº 62, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

02 de Agosto de 1871.

*Tendo fugido do abaixo assignado á oito mezes, sua escrava de nome Victoria, criôla, a qual consta que anda nos sertões deste município, com um filho que tivera depois de ausente, o mesmo abaixo assignado gratifica com a quantia de mil réis (100\$000) á quem a capturar, e lha entregar nesta villa, ou na cidade da Victoria ao Sr. José Francisco Ribeiro. Também protesta proceder com rigor da lei, contra quem a tiver homiziada. Villa da Serra, 24 de Julho de 1871. Berlamina da Silva Borges.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno I, nº 66, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

30 de Agosto de 1871.

*Na casa nº09 da Praça Municipal há duas escravas, que se alugam por 14\$ rs. mensaes, para serviço de casa e rua. Há também duas mulatinhas, bonitas peças! que se vendem por preço commodo. O dono do prédio esta autorisado a alugar aquellas e vender estas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno II, nº 68, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

14 de Setembro de 1871.

*Cincoenta mil reis*

*Gratifica-se com a quantia acima aquem apprehender e levar ao abaixo assignado, o escravo Clementino de 21 para 22 annos pouco mais ou menos, tendo os seguintes signaes. Côm fulla, olhos grandes, imberbe, estatura baixa, mas reforçado; pernas arcadas, tendo curvado o dedo médio da mão direita. E' expedito no fallar e ágil para qualquer serviço. Victoria, 9 de Setembro de 1871. F. Tagarro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno II, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

20 de Setembro de 1871.

*Anda fugida a duas semanas a escrava Gertrudes da viúva do tenente Passos, de 50 annos pouco mais ou menos, baixa, grossa de corpo, é preta muito atilada, desconfia-se que anda pela villa da Serra, onde já esteve em poder do francez Hemon para ser vendida.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno II, nº 84, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

22 de Novembro de 1871.

*Precisa-se alugar uma escrava de idade, que sirva só para lavar e cosinhar para informação na rua de S. Luzia, n.60, Loja.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1872, Anno II, nº 105, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

19 de Junho de 1872.

*Precisa-se alugar uma escrava que seja sadia, prendada e de bons costumes a rua Duque de Caxias nº58. Hotel Goulart.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1871, Anno III, nº 122, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

13 de Setembro de 1872.

*Escravos*

*Quem tiver para vender dirija-se a casa de José da Silva Cabral para informar-se.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1872, Anno III, nº 154, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

21 de Dezembro de 1872.

*Preciza-se alugar uma cozinheira, referindo-se que seja captiva e se alugue por conta de seu senhor: trata-se no colégio de N.S. da Penha.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1872, Anno III, nº 156, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

26 de Dezembro de 1872.

*Fugio no dia vinte do corrente mez de Dezembro da fazenda do Capitão Sabino José Coelho, morador na Villa do Cachoeiro de Itapemirim um de seos escravos de nome Nicoláo de idade de 23 annos pouco mais ou menos, estatura regular, cheio de corpo, cor preta, ainda não tem barbas, tem bons dentes, rosto redondo, nariz chato, é bem ladino, não tem signal particular algum, seguio a direcção para o Norte do Itapemirim quem o prender e levar a fazenda do abaixo assignado, ou na Villa do Itapemirim a entregar ao Sr. Narcizo da Costa Pinto receberá a gratificação da quantia de 50\$000 assim como protesta-se contra quem o tiver acoutado. Dezembro, 26 de 1872. Sabino José Coelho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno III, nº 159, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

4 de Janeiro de 1873.

*Aluga-se uma escrava para o serviço de pouca família na rua de S. Luzia n.48. Na mesma casa compra-se uma escrava até a idade de 36 annos. [fls.4f]*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno III, nº 160, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

7 de Janeiro de 1873.

*Quer-se alugar uma escrava para o serviço de pouca família na rua de Santa Luzia n.48. Na mesma casa compra-se uma escrava até a idade de 36 annos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno III, nº 163, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Janeiro de 1873.

*100:000 de Gratificação*

*Fugio no mês de Dezembro do anno findo, do capitão Sabino José Coelho um escravo de nome Nicoláo crioulo, com 26 annos de idade, cor preta, rosto redondo, e grande, nariz achatado, bocca regular, cheio de corpo, peito um pouco largo, falla desembaraçada, não tendo barba e nem signal algum particular. O vestuário com que fugia troucou-o por outro em caminho de Benevente ao sul da passagem. Quem o aprehender e trazer à fazenda de seu senhor na Villa do Cachoeiro de Itapemirim, ou o entregar na Villa de Itapemirim ao Sr. Narcizo da Costa Pinto receberá a gratificação acima, protestando-se contra quem o tiver acoutado.*

*Fugio do abaixo assignado no dia sete de setembro próximo passado o seu escravo de nome Ignácio de nação áfrica, de 60 annos de idade pouco mais ou menos, corpolento, cor prêta, altura regular, desdentado na frente, e calvo, cujo escravo pertenceu ao finado Joaquim Cardoso Rangel , e por morte d'este aos seos nettos; foi arrematado em praça publica do juiz de orphãos. Consta anda na Roda d'agua districto de Itapoca (em Cariacica) quem o aprehender, e entregar nesta cidade ao capitão Pedro de Sant'anna, receberá a gratificação de 40\$000 e protesta-se desde já contra quem o tiver acoutado, Victoria 15 de janeiro de 1873. Antonio Gonçalves Laranja.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno III, nº 168, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

28 de Janeiro de 1873.

*Precisa-se comprar um escravo preto de 18 a 20 annos de idade, e nas condições de servir numa casa de família: trata-se na rua do General Ozório, nº09.*



**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno IV, nº 173, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

8 de Fevereiro de 1873.

*Precisa-se alugar uma ama de leite que seja sadia forra ou captiva à rua do Conde d'EU. N.18.*

*Precisa-se comprar escravos, de 16 a 25 annos de idade, para serviço de padaria; trata-se na casa nº.10 á rua da imprensa.*

*Achão-se fugidos da fazenda de Monte Alegre os três escravos cujo nome e signaes são os seguintes. Venceslao; alto, bem barbado, mulato, desdentado e de 30 annos de idade; Agostinho, altura regular, sem barba, preto, desdentado, muito marcado de signaes de bexiga de 28 annos de idade: e Romana baixa, mulata e de 23 annos de idade, todos robustos. – Quem os aprehender e entregar na mesma fazenda ou na Victoria ao Sr. Manoel Lopes de Almeida será gratificado. – fazenda de Monte Alegre, na Freguezia de Mangarahy, 13 de julho de 1873.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno IV, nº 280, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

21 de Outubro de 1873.

30U000

*O abaixo assignado gratifica com 30U000 rs. a quem aprisionar e entregar-lhe, ou depositar na cadeia desta cidade, a sua escrava de nome Lodovina, de cor preta, cabellos carainha, nariz chato, com falta de dentes na frente, de estatura regular e corpolenta, a qual se acha fugida. Victoria, 18 de Outubro de 1873. Dr. Deolindo José Vieira Maciel.*

*Precisa-se de uma boa escrava para todo o serviço de família, não se duvida pagar 16\$a 20 \$rs. mensaes. Rua Duque de Caxias. N.53.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1873, Anno IV, nº 305, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

18 de Dezembro de 1873.

*Fugio do abaixo assignado um escravo de nome Francisco, de 19 para 20 annos de idade, cor fula, delgado de corpo, cabellos castanhos que acompanhão até o pescoço; consta achar-se homisiado em Jacarahype ou Capivary do distrito de Nova Almeida, e apesar dos esforços que o abaixo assignado tem feito, não tem sido possível encontral-o; pelo que protesta-se com todo o rigor da lei contra a pessoa que o tiver acoutado, e gratifica-se com a quantia de 50\$000 rs. a pessoa que o prender e apresental-o ao abaixo assignado. Santa Cruz 13 de Dezembro de 1873. Marcilio Antonio d'Oliveira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 331, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*17 de Fevereiro de 1874.*

*Francisco José de Mattos Lima declara que se acha fugido da cidade de Campos, desde o dia 2 de novembro de 1873, o seu escravo de nome Antonio, preto crioulo, com 26 annos de idade pouco mais ou menos, estatura regular, ou para mais alto do que baixo, cara redonda, e testa larga; consta que tem a barba e cavanhaque, é bastante cheio de corpo, pés grandes, e com os dedos dos pés tortos para fora, é bom remeiro, falquejador e serrador, é bom official de pedreiro, é muito humilde, sempre com ar risonho quando falla com qualquer pessoa, mas muito tratante, com habilidade para enganar a qualquer pessoa; tendo no dia 25 do corrente estado em Itapemirim, e seguido para a Cachoeira de lá para Piúma, lugar este onde foi pegado em 27 de Dezembro, invadindo-se em caminho. Quem o pegar e meter na cadêa ou trazel-o á seo senhor, a rua do Ouvidor, será gratificado com a quantia acima, protestando-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 343, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*17 de Março de 1874.*

*Fugio do abaixo assignado uma escrava de nome Serafina, que foi de João Baptista Mendes, do Batatal, de 26 annos de idade, cor parda escura, alta cabellos carapinhos, dentes claros, e olhos grandes, consta que Ella procurara refugiar-se na colônia de Santa Izabel, onde conta com proteiçãõ de alguêm que segundo Ella dizia a aconselhava a fugir, pelo que protesta-se com todo o rigor da lei contra a pessoa que a tiver acoutada, e gratifica-se com 50\$000, a quem a prender e apresental-a ao abaixo assignado. Benevente, 14 de Fevereiro de 1874. Manoel dos Passos Martins.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 359, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*23 de Abril de 1874.*

*Antonio de Freitas Lyra, declara que fugirão desde 13 de abril do corrente as suas escravas de nome Simôa, parda, crioula com 36 annos de idade mais ou menos, estatura alta, cara comprida, beiço roxo, pés e dedos compridos, cabellos curtos, e Francelina parda, crioula com 15 annos mais ou menos, estatura baixa, cara redonda pés e dedos compridos e bem feitos, cabelos compridos e crespos. Quem os aprender e entregar ao abaixo assignado ou puzer na cadêa desta cidade, será gratificado com a quantia acima e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Villa de Vianna, 14 de abril de 1874.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 366, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

9 de Maio de 1874.

*Vende-se uma escrava, robusta e sem vícios, por preço commodo. Nesta typographia se dirá com quem se deverá tratar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 367, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

12 de Maio de 1874.

*Fugio no dia 10 do corrente mez de maio, da caza de D. Jesuína Pinto de Jesus, moradora na Villa da Serra, o seu escravo de nome Ildefonso, pardo bem alvo com 16 annos de idade, estatura regular, cheio de corpo, ainda não tem barbas, tem bons tempos, rosto redondo, nariz chato, muito ladino, olhos azus e cabellos crespos; constante que seguio para a colônia da Santa Leopoldina, ou para a cidade. Protesta-se contra qualquer pessoa que com elle fizer transações alguma e mesmo contra quem o acoutar. Quem o capturar será remunerado com 50\$000 que receberá em caza de sua senhora acima mencionada. Villa da Serra, 11 de Maio de 1874.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 369, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Maio de 1874.

*Fugirão da fazenda União, em Santa Thereza de Valença, no dia 17 de novembro, os seguintes escravos pertencentes ao Dr. Camillo Bernadino da Fraga: Cyriaco, pardo, cabellos corridos, reforçado, estatura regular, physionomia agradável e bem fallante: Simeão, pardo avermelhado, de aspecto tristonho, estatura regular, cabellos encarapinhados curtos, olhos pardos um pouco fundos e ligeiramente vesgo; Luiz, côr preta retinta, olhos vivos, pés pequenos, cujos dedos são um pouco levantados. São todos filhos do norte, de idade de 18 a 22 annos e boas peças. Quem os apprehender e levar ao seu dono na referida fazenda, ou na côrte a Cunha e Maia, rua Municipal nº17 receberá 300\$000 de gratificação. Presume-se que elles se tenham dirigido á provincia de Minas a procura do Rio S. Francisco. Cyriaco apresenta além dos signaes acima, uma cicatriz em uma perna, ou em um pé, e quando anda curva salientemente as pernas para traz. Simeão falta de alguns dentes na frente, e parece algumas vezes manquejador de uma perna; sabe cozinhar e intitula-se livres. Nesta capital dirijão-se a José Francisco Ribeiro. Victoria, 12 de maio de 1874.*

*Anda fugido o escravo pardo de nome Delfino, de 20 annos de idade mais ou menos, estatura regular, pertencente a João Fernandes Dias, morador em Guaraparim, o qual escravo andando embarcado em humor lancha de pesca, desembarcou no dia primeiro dia de abril na Villa do Itapemirim e tomou a casa de Joaquim Gomes Leão, commerciante na barra daquela Villa, o qual tendo tomado destino que se ignora por se ter o referido Sr. Leão recusado-se a prestar informações ao abaixo assignado, como procurador bastante de seu senhor, vem elle desde já protestar por todos os meios legares da lei, contra quem o mesmo escravo acoutar ou seduzir; e quem delle der noticias ao abaixo asignado nesta Villa, e na de Itapemirim ao Sr. Ignácio Pereira de*

*Almeida será gratificado. ( Manoel da Silva Simões) Villa de Guaraparim, 16 de maio de 1872.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 373, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 03.**

*26 de Maio de 1874.*

*Vende-se uma escrava, robusta e sem vícios, por preço commodo. Nesta typographia se dirá com quem se deverá tratar.*

*Fugio do abaixo assignado, residente na Villa da Serra, no dia 10 do mez passado, seu escravo de nome Archanjo, crioulo, alto, sem defeito conhecido, de 50 annos de idade pouco mais ou menos. Desconfia-se andar pelo districto de Cariacica, fazenda de S. Burumbú. Gratifica-se com a quantia de cem mil réis (100\$000) a quem o aprehender e o entregar a seu senhor em sua residênciã; e protesta-se com todo o rigor da lei a quem o tiver acoutado. Victoria, 15 de Maio de 1874. Manoel do Nascimento e Silva.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 378, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*06 de Junho de 1874.*

*50U000*

*O abaixo assignado, residente no sitio denominado Tanque, do districto de Cariacica, gratifica com a quantia acima a pessoa que aprehender ou der noticia exacta de sua escrava Helena, de cor parda, que se acha fugida desde o dia 29 de abril próximo passado. Victoria, 3 de Junho de 1874.*

*Antonio Pinto dos Santos Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 411, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*22 de Agosto de 1874.*

*50U000*

*Gratifica-se com a quantia acima a quem apprehender ou levar á casa de seu senhor na fazenda Gemuhuna, districto do Riacho, uma sua escrava, que d'ahi evadio-se ha dois ou trez mezes. Consta, que pelos lugares por onde tem passado, muda sempre de nome. Levou toda roupa que tinha. Os signaes mais conhecidos são: côr preta, linguagem um pouco atrapalhada, idade entre 35 a 45 annos. O abaixo assignado protesta com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Riacho, 13 de Agosto de 1874.*

*Capitão Luiz da Costa Loureiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 415, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*01 de Setembro de 1874.*

*Fugiu de José Joaquim da Silva Castello, o seu escravo de nome Francisco, o qual tem os signaes seguintes: idade 22 pouco mais ou menos, altura regular, côr parda, e tem falta de alguns dentes na frente; quem o aprehender e levar a seu senhor será gratificado com a quantia de 50\$000. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem lhe der couto. Victoria, 1 de Setembro de 1874.*

Antonio Rodrigues de Campos.

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 437, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*22 de Outubro de 1874.*

*Fugio em agosto de 1873 o escravo Raimundo, crioulo, de idade presumível de 40 annos, estatura regular, cheio de corpo, côr fula, falta de dentes na frente, e falta de cabelos no alto da cabeça, pouca barba, és e mãos regulares, bem fallante, andar bolleado, violento, e é carpinteiro; quem o prender e levar á fazenda do Mimoso pertencente ao Capitão Pedro Ferreira da Silva sita na província do Espírito Santo, termo do Cachoeiro de Itapemirim receberá a gratificação acima.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 443, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*5 de Novembro de 1874.*

*Na ultima viagem do vapor Ceara evadio-se de bordo o escravo Domingos, de côr preta, de 30 annos de idade pouco mais ou menos. Gratifica-se a quem o prender e levar á rua do Commercio nº20, nesta cidade. Victoria, 2 de Novembro de 1874.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 452, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 03.**

*26 de Novembro de 1874.*

*Precisa-se de uma boa ama de leite. Para informações nesta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 458, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 06.**

*10 de Dezembro de 1874.*

*Precisa-se comprar uma preta de meia idade, que saiba lavar, engomar e cosinhar. Quem tiver dirija-se a esta typographia, que se dirá quem della tem necessidade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 460, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 06.**

15 de Dezembro de 1874.

*Preciza-se comprar uma preta de ½ idade, que saiba lavar, engomar o cosinhar. Quem tiver dirija-se a esta typographia, que se dirá quem della tem necessidade.*

*Fugio do abaixo assignado em março do corrente anno a sua escrava Maria; de côr preta, crioula que foi escrava do Coronel Dionysio Álvaro Resendo; gratifica-se com a quantia de cincoenta mil réis a quem prender e leval-o ao abaixo assignado, assim como protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutado. Victoria, 14 de dezembro de 1874. José Rodrigues dos Santos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1874, Anno IV, nº 461, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 06.**

17 de Dezembro de 1874.

*Quem tiver um moleque de 8 a 10 annos, de bons costumes, e o quizer allugar, dirija-se a esta typographia para saber quem delle necessita. [fls.6f]*

*Precisa-se comprar uma preta de ½ idade que saiba lavar, engomar e cosinhar. Quem tiver dirija-se a esta typographia que se dirá quem della tem necessidade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 11, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

26 de Janeiro de 1875.

*José Custódio Alves da Motta, negociante nesta cidade, faz publico, que no dia 27 de setembro do anno passado lhe fugiu sua escrava de nome Galdina, crioula, preta, de estatura baixa e gorda, julga andar pela freguezia da Vila de Vianna, quem a trazer preza será gratificado; e protesta pelos dias de serviço e pelo mais que a lei determinar. Victoria, 26 de janeiro de 1875.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 23, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

23 de Fevereiro de 1875.

*Claudina Eutherpe Alfavaca, faz publico, que no dia 14 do corrente fugio a sua escrava de nome Lucia, de côr preta, de idade de 40 annos; julga-se andar nesta cidade; gratifica-se a quem a trazer presa, e protesta-se com todo o rigor da lei pelos dias de serviço e pelo mais que a mesma determine contra quem lhe der couto. Victoria, 23 de Fevereiro de 1875.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 34, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*20 de Março de 1875.*

*100U000 Réis*

*Fugio do abaixo assignado, o seu escravo Geraldo, crioulo, côr fula, altura regular, magro, bastante desdentado, muito prosa, gagueja um pouco, diz que é forro, tem n'uma das mãos um dêdo curvo, por causa de um calombo que tem no mesmo dêdo, tem pouca barba, e tem o umbigo rôto, gosta muito do bello sexo. É forneiro de padaria, fugio em 30 de abril do passado anno. Quem o pegar e entregar á polícia do lugar será gratificado com a quantia de 100U000. Campos – 1875- Guilherme Spilborghs.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 59, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*18 de Maio de 1875.*

*Fugio do abaixo assignado desde o dia 18 do mez próximo passado, seu escravo de nome Adão, pardo, de 50 annos de idade mais ou menos, altura regular tendo em uma das mãos um defeito occasionado por uma roda de ralar mandioca, que foi outr'ora que João Vieira Porto Sampaio. Consta andar nesta cidade á ilha das Calleiras. Gratifica-se a quem o aprender e levar a seu senhor, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar. Victoria, 17 de Maio de 1875. Henrique Gonçalves Laranja.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*10 de Junho de 1875.*

*Fugiu de Claudino Pinto Alfavaca o seu escravo Ludgero, bem conhecido nesta cidade: côr preta, pouca barba, estatura regular, tem uma pequena cicatriz no nariz: o qual é marinho; idade 30 annos. Gratifica-se a quem o agarrar ou metel-o na cadêa com a quantia acima, ou entregal-o em sua casa rua do Rosário.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 73, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*19 de Junho de 1875.*

*O abaixo assignado, protesta com todo o rigor da lei contra quem acoitar, assim como gratifica á pessoa que der noticias certas, ou prender, o seu escravo Sergio, com idade de 45 annos, mais ou menos, crioulo, envesgado de um olho que fugiu a sete do corrente.S. Miguel, 17 de Junho de 1875. Francisco Ladislao Pereira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 77, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

29 de Junho de 1875.

*Fugio do abaixo assignado o seu escravo de nome Lucio, idade 18 annos, estatura regular, côr cariboca cabellos crespos, olhos castanhos, é robusto; foi vestido com roupa do serviço. Quem o apprehender, póde entregál-o a qualquer authoridade, ou recolhê-lo á cadêa da localidade; dando disso sciencia ao abaixo assignado; o qual protesta com todo o rigor da lei contra aquelle que der couto ao dito seu escravo. Santa Cruz, 23 de Junho de 1875. Manoel Pereira da Silva Paixão.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 79, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

03 de Julho de 1875.

*Fugio na noite de 28 do passado mez o escravo José, que foi escravo do Sr. João Moraes, de Jacarahype, e que consta ter ido para aquelles lados por ter sido encontrado. É de cor cabra, estatura regular, idade 30 annos pouco mais ou menos, é bexiguento. Quem o entregar ao abaixo assignado será bem gratificado protestando-se contra quem o tiver acoitado. Manoel Gomes das Neves Pereira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 81, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

08 de Julho de 1875.

*200U000 de Gratificação por cada um.*

*Fugirão a Francisco Ourique d'Aguiar de sua fazenda S. Miguel , no rio Viado, os escravos abaixo declarados. Gratifica-se com duzentos mil réis por cada um, a quem os apprehender e levar a seu senhor na dita fazenda. Rouberto preto de cerca de 50 annos, altura regular, tem cabellos brancos, este escravo foi comprado a Joaquim Gomes Leão na Barra de Itapemirim. Miguel, de 16 annos, fino de corpo, testa larga onde tem uma cicatriz proveniente de couce de animal, falla bem e é esperto; foi comprado ao Dr. João Carlos de Araújo Moreira, da cidade de Grão – Mogol, em Minas Gerais. O primeiro anda nos lados de Itapemirim nas Paineiras e Benevente; o segundo anda nos lados de Santa Lusía Divino, procurando a estrada de Itabira e Grão-Mogol. Estão fugidos desde o anno passado. Viado, 15 de Maio de 1875.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 91, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

31 de Julho de 1875.

*100U000*



*Fugio no dia 29 do corrente, de bordo da Sumaca aurêa, o escravo Francisco de João Rodrigues Pereira Sarmiento, com os signaes seguintes: côr preta, idade 24 annos, baixo e robusta, falla grossa; levava vestido camiza branca nova e calça de brim de algodão de côr listado. Este escravo foi de Miguel Ignácio Rodrigues, da villa da Serra. O abaixo assignado de 100U000a quem o apprehender, e protesta contra quem o acoutar. Victoria, 31 de Julho de 1875. Manoel Lopes de Almeida.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 102, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*26 de Agosto de 1875*

*50U000*

*Fugio no dia 28 de abril do corrente anno, do abaixo assignado, residente em Itapóca, o seu escravo de nome Demétrio, com os signaes seguintes: côr fula, com idade 40 annos, mais ou menos baixo; é muito conhecido na freguezia de Cariacica. O mesmo abaixo assignado gratifica com a quantia de 50\$000 a quem o prender e o levar a Itapóca, ou a seu filho Candido Santa- Anna nesta capital, e protesta contra quem o acoutar. Victoria, 21 de Agosto de 1875. Antonio Joaquim de Sant'anna.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 104, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*31 de Agosto de 1875.*

*Fugio do abaixo assignado, no dia 3 de fevereiro do corrente anno, o seu escravo de nome Antonio, com os signaes seguintes : côr parda, pouca barba, dentes podres, bocca pequena, olhos pretos, cabellos carapinhos, estatura regular e idade pouco mais ou menos de 25 annos: cujo escravo consta andar pelo município de Guarapary d'onde é filho. Gratifica-se com a quantia de 200\$000, a quem o prender ou leval-o ao seu senhor, e protesta-se com todo o rigor da lei, contra quem o acoutar. Cariacica, 30 de Agosto de 1875.*

*Emygdio de Siqueira Pinto Araújo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 122, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*12 de Outubro de 1875.*

*De bordo do vapôr Bahia chegado de Pernambuco a este porto em oito de julho próximo passado, fugio aqui, como se presume o escravo de nome Romualdo propriedade do Comendador Luiz José da Silva Guimarães, negociante em Pernambuco, que a destinava ao Rio de Janeiro; cujo escravo tem os seguintes signaes característicos: côr preta fula, estactura 5 pés, um polegar e 5 pontos, cabelo preto e carapinho, rosto comprido, olhos pretos e com olhar amortecido, nariz afilado, bocca grande, barba pouca, todos os dentes, corpo grosso, pronuncia compassado, conservando-se quando falla em*

*atitude humilhativa; tem d'idade 30 a 32 annos pouco mais ou menos; é filho de José e Antônia, escravos de Manoel Salvador do lugar de Pagéu das Flores, d'onde o referido escravo é natural. Roga-se por tanto, ás authoridades policiaes e aos Srs. Capitães do campo ou a qualquer outras pessoas que d'elle tiverem conhecimento de o apprehender, participando nesta cidade ao Sr. Miguel Batalha Ribeiro ou para o Rio de Janeiro a Bastos Souza & Comp. ou para Pernambuco ao seu respectivo senhor, que será generosamente recompensado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 124, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*No dia 26 de Setembro do presente anno, fugio da casa do abaixo assignado, a escrava de sua propriedade de nome Minervina, côr preta, beijos grossos, estatura regular, de idade de 25 a 30 annos. Protesta-se com todo rigôr da lei contra quem lhe der couto. Gratifica-se a quem a trazer á casa do seu proprietário na villa da Serra. Claudino Pinto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 131, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

02 de Novembro de 1875.

50U000

*Fugio do abaixo assignado, morador do Cachoeiro de Itapemirim, o seu escravo Lucio, crioulo, côr fula, estatura regular, bastante dezembaraçado e para todo o serviço: consta que á 20 dias mais ou menos foi visto em Piúma ou Benevente; quem o prender será gratificado com a quantia assima, o protesta contra quem o tiver acoutado. Gabriel Ferreira Penna.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 139, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 06.**

20 de Novembro de 1875.

*Precisa-se comprar uma escrava, moça e sadia, que saiba lavar engommar, etc. Quem a tiver para vender, dirija-se nesta cidade ao abaixo assignado, e na cidade da Serra ao Sr. Luiz Barbosa Leão. Victoria 19 de Novembro de 1875.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1875, Anno V, nº 149, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

14 de Dezembro de 1875.

200U000

*De gratificação a quem apprehender e aqui trazer o escravo Roberto, preto, de cerca de 50 annos, altura regular, tem alguns cabellos brancos; este escravo foi comprado a Joaquim Gomes Leão, da Barra de Itapemirim, cujo escravo anda nos lados de Itapemirim, nas Paineiras e Benevente, anda fugido à mais*

*de anno. Fazenda de S. Michel, na freguezia do Viado, 13 de Novembro de 1875. Francisco Ourique de Aguiar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 05, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*11 de Janeiro de 1876.*

*Tendo fugido do abaixo assignado o seu escravo de nome Gonçalo, casado, de idade 38 para 40 annos, pouco mais ou menos, de estatura regular, côr fula, tendo já na barba e cabeça alguns cabellos brancos: protesta-se contra quem lhe der couto, e gratifica-se a quem o trazer ou der noticias exactas. Victoria, 10 de Janeiro de 1876. Ignácio Vieira Machado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 55, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*06 de Maio de 1876.*

*Fugiu do abaixo assignado em 13 de Fevereiro, a sua escrava de nome Avelina, de 50 annos de idade mais ou menos, côr parda, estatura baixa, cheia de corpo e com signaes bem salientes de dois caranguejos, no hombro esquerdo, á pouco estrahídos. Gratifica-se com 50\$000 a quem a pegar, protestando-se com todo o rigor da lei contra quem a acoutar. Vista – Alegre, 5 de Abril de 1876. Gonçalo Pinto de Amorin Machado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 56, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*100U000*

*De gratificação a quem apprehender, e entregar nesta villa ao Sr. Narciso da Costa Pinto, ou na fazenda Paraizo, pertencente á annunciante, ou ao Major Gomes Netto na cidade de Victoria, o escravo pardo de nome Sebastião tendo idade de 21 annos pouco mais ou menos, estatura regular, cabellos meio crespos, principio de buço, cheio de corpo; muito ágil, fallando desembaraçadamente e sendo bom cavalleiro; finalmente tendo por signal particular a falta de um ou de dois dentes encesivos. Fugiu da dita fazenda no dia 26 do mez próximo passado. Desconfia-se ter seguido para o norte ou para Campos. A abaixo assignada, como senhora do referido escravo, protesta contra quem acoutar o mesmo. Itapemirim, 3 de maio de 1876. Maria dos Anjos da Silva Alves.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 83, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*Precisa-se de uma criada livre ou escrava: á rua de Santa Luzia n.16.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº ? Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

22 de Julho de 1876.

*Quem tiver para vender um preto de serviço de lavoura, pode dirigir-se para tratar sobre a compra a José Barbosa Pereira Espíndula, nesta capital.*

*Precisa-se comprar uma preta de bons costumes; para tratar com José Barbosa Pereira Espíndula, nesta capital.*

*Quem tiver para vender um preto de serviço de lavoura, pode dirigir para tratar sobre a compra a Jose Barbosa Pereira Espíndula, nesta capital.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 99 Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

17 de Agosto de 1876.

200U000

*A quem aprehender o escravo André que andou na linha telegraphica, na turma de Cunha Lima, o cujo escravo suppõe-se andar em S.Matheus, Linhares ou Serra, onde tem parentes. Victoria, 17 de Agosto de 1866. Manoel Francisco de Freitas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 110, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 03**

12 de Setembro de 1876.

100U000

*Gratifica-se com a quantia acima a quem aprehender e levar a fazenda do Timbuhy, propriedade do abaixo assignado, o seu escravo de nome Silvestre, fugido desde setembro de 1873. Os signaes são os seguintes: côr muito preta, pouca barba, alto e magro, orelhas muito pequenas. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tem acoitado. Victoria, 11 de Setembro de 1876. Firmino Pinto Loureiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 114, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

21 de Setembro de 1876.

50U000

*Fugiu ao abaixo assignado, no dia 27 do passado, da fazenda Calugimirim pretencente á cidade da Serra, o seu escravo de nome Manoel : indiático, corpo regular, olhos pequenos, desdentado, cabelos crespos, pouca barba, muito ágil para todo o serviço de roça, bom boieiro e idade 48 annos; quem o prender e entregar a seu senhor ou na cadêa da Victoria, fazendo-lhe sciencia, será gratificado com a quantia acima mencionada, assim como protesta com*

*todo o rigôr da lei contra quem o acoutar. Serra, 17 de Setembro de 1876. Joaquim Pereira Franco Pissara.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 122, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

10 de Outubro de 1876.

60U000

*O abaixo assignado gratifica á pessoa que prender e entregar na cidade da Victoria, ao Sr. Manoel Ferreira dos Passos Costa Junior, o seu escravo de nome Gregório, de côr fula, alto e espigado de corpo, que acha-se fugido, e consta-lhe estar na freguesia de Santa Leopoldina ou no porto do Cachoeiro do mesmo nome; protestando com todo o rigôr da lei contra quem acoutar o referido escravo. Freguesia de Carapina, em 7 de Outubro de 1876.*

*Manuel Pinto Ribeiro Junior.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 126, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

19 de Outubro de 1876.

*Fugio do abaixo assignado, no mez de maior; o seu escravo de nome Fidellis cor fula, estatura regular, cabellos ruivos pouca barba da mesma côr: desconfia-se que vaga pelas immediações de Camboapina. Gratifica-se com a quantia de 50\$000 a quem o prender e recolher á cadeia , ou mesmo entregar a seu senhor; e protesta-se desde já, contra quem o tiver acoutado. Cirilo Freire de Andrade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1876, Anno VI, nº 138, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Novembro de 1876.

*Fugio do abaixo assignado no dia sete do corrente mez, o seu escravo de nome Clemente, bem conhecido nesta cidade; já tem sido visto a rua de Cristóvão Colombo, protesta-se contra quem lhe der couto. Sebastião Fernandes de Oliveira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 49, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

24 de Abril de 1877.

*Gratifica-se com a quantia de cem mil réis á quem aprehender e recolher á cadêa de Santa Cruz, o escravo Sabino, côr parda, idade 18 para 20 annos, pertencente a D. Joanna Pinto de Jesus moradora do mesmo districto, cujo escravo se acha fugido a quasi um anno. Protesta-se com todo o rigôr da lei*

*contra a pessoa que o acoutar. Victoria, 23 de Abril de 1877. Domingos Pinto de Jesus.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 54, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

05 de Abril de 1877.

*Fugiu do abaixo assignado o seu escravo de nome Antonio, crioulo, com mais de 40 annos de idade, tendo os pés grossos de erysipela, bonita dentadura, e barba ja pintando de branco. Gratifica-se a quem o aprehender com a quantia de 40\$000, entregando-o ao mesmo abaixo assignado, em Bragança, colônia de Santa Leopoldina, bem como protesta-se com todo o rigôr da lei contra quem lhe der couto. Consta que este escravo anda no lugar denominado Ribeiro. Fundo. Victoria, 3 de Maio de 1877. Hermenegildo José Borges.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 59, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

17 de Maio de 1877.

*Fugiu do abaixo assignado no dia 16 de abril do corrente anno, a sua escrava de nome Laurianna, bem conhecida nesta capital, onde suppõe-se estar acoutada. Quem o aprehender ou denuncial-a será bem gratificado. Victoria, 16 de Maio de 1877. Venceslau da Costa Vidigal.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 67, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

05 de Junho de 1877.

*Fugirão do abaixo assignado, seus escravos de nome Serafim, pardo, estatura regular, desdentado, com 50 annos de idade, barba serrada, levando em companhia sua mulher de nome Theodósia com 40 annos de idade e seus filhos Simpliciano, Laurinda, Maria e Herculio. Geraldo, pardo com 25 annos, baixo, bastante desembaraçado, estatura regular e imberbe. Romão, côr preta, com 18 annos, baixo, cabellos carapinhos e bem reforçado. Quem os prender e entregar ao mesmo abaixo assignado, ou despistal-os na cadêa desta capital, será generosamente gratificado; protestando se desde já, com todo o rigôr da lei, contra quem lhe der couto. Camboapina, 5 de Junho de 1877. José Pinto Coitinho Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº81, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

07 de Julho de 1877.

*Fugiu do abaixo assignado sua escrava de nome Rosária côr parda estatura regular, cabellos carapinhos, idade 18 annos, é de supor estar na pedra da Mulata; quem aprender e entregar a seu senhor será generosamente*

*gratificado e protestando contra quem lhe der couto. Camboapina, 7 de Julho de 1877. José Pinto Coutinho Rangel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 106, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

04 de Setembro de 1877.

*Precisa-se comprar uma escrava de 12 a 20 annos, para servir de mucama a meninas e serviços internos da casa. Victoria, 3 de Setembro de 1877. João Jacob Tesch.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 121, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

9 de Outubro de 1877.

*O abaixo assignado, protesta contra quem acoitar, e gratifica a quem prender e puzer em quaisquer cadêa, ou entregar aos Srs. Netto, Couto & Comp. o seu escravo Honório, que fugiu a 31 de junho de 1877, de sua situação S. Paulo da Villa de Vianna, o qual terá 25 annos de idade, alto, encorpado, cabellos crespos muidos e pés grandes, escravo que foi do tenente Dutra, de S. Miguel. Consta que se enculca forro e se acha nas imediações do Timbuhy e Santa Joana, do município da Serra, em companhia de um cabloco por nome José.*

*Francisco Ladislao Pereira.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 129, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

27 de Outubro de 1877.

50U000

*Fugio de José Maria Ferraz residente no distrito de São João de Cariacica, o seu escravo de nome Francisco, de côr parda, 18 para 19 annos de idade, cabellos crespos, estatura regular; quem o aprehender e levar ao seu senhor ou entregar na capital ao Sr. Manoel do Couto Teixeira será gratificado com a quantia de 50\$000. Protesta-se contra quem o acoutar. S. João de Cariacica, 24 de Outubro de 1877.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1877, Anno VII, nº 145, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

4 de Dezembro de 1877.

*Precisa-se comprar uma escrava sadia e de bons costumes, para uma casa de família; informações n'esta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 11, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 03.**

24 de Janeiro de 1878.

100U000

*Fugiu do abaixo assignado o seu escravo de nome Sabino, côr parda, estatura regular, bastante reforçado, estatura regular, bastante reforçado, pouca barba com signaes de bexiga, cabelos carapinhos, e é natural da cidade de Serra, onde consta que anda, por ter sido escravo do Sr. Luiz da Fraga Loureiro Araújo. Quem dele noticia exacta der ou leval-o ao mesmo abaixo assignado em Carapina ou deposital-o na cadêa será gratificado com a quantia acima; e protesta com todo o rigôr da lei contra quem lhe der couto. Carapina, 23 de Janeiro de 1878.*

*José Pinto Ribeiro de Barcelos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 19, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Fevereiro de 1878.

*Fugiu no dia 11 do corrente, do seu senhor Antonio João Dias, morador do município do Cachoeiro do Itapemirim o escravo de nome Gustavo, de côr parda, muito fallador, lê e escreve desembaraçado e prosa, fransino de corpo, rôste comprido, tem os dentes da frente cariados, tendo sido escravo do Dr. Rizzo. Quem o aprender poderá entregar ou avisar, no Cachoeiro ao Sr. João Marques de Carvalho, no Itapimirim ao Sr. Manoel Ferreira Braga, nesta cidade a B.C Daemon. Gratifica-se generosamente e protesta-se contra quem o tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 22, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

27 de Fevereiro de 1878.

*Fugio da fazenda da Abbadia em Campos, em novembro de 1876. o escravo de nome Américo, de 35 annos de idade, pouco mais ou menos, de pequena estatura, magro, pouca barba, tendo um defeito n'um dos joelhos que o faz ligeiramente arrastar a perna. Foi escravo do falecido Joaquim d'Almeida Guimarães. Desconfia-se que elle tenha seguido, o se ache acoutado para os lados da barra do Itabapoana, ou que seguisse rio acima. Quem o apprehender e levalo á fazenda da Conceição ou d'a Abadia receberá a quantia de 200U000. E mesmo se der noticias certas onde elle se acha.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 23, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

02 de Março de 1878.



50U000

*Fugiu o escravo de nome Manoel de 45 a 50 annos de idade, consta que anda pelos sertões de Guaraparim. Inculcando-se liberto. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado e gratifica-se com a quantia acima quem levar ao abaixo assignado. 22 de fevereiro de 1878. Joaquim Francisco Pereira Ramos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

20 de Abril de 1878.

*100U000 de Gratificação*

*Fugiu em novembro de 1877, do Cachoeiro de Itapemirim, de caza dos negociantes Carvalho, Goma & Machado, o escravo Zeferino, 32 annos mais ou menos, côr parda, alto, magro, rosto comprido, picado de bexigas, pouca barba, falla bem mas com sotaque aproximado de Meribeca. Foi do Sr. Sebastião de Freitas Lyra, da Villa de Vianna na Victoria; é natural de Guarapary onde tem parentes livres, e apresenta-se como forro. Quem o apprehender e levar aos annunciantes no Cachoeiro de Itapemirim aos Srs. Narcizo de Costa Pinto & Comp. receberá a gratificação de cem mil reis. Cachoeiro de Itapemirim, 27 de março de 1878.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

19 de Agosto de 1878.

*Diz-se n'esta typographia quem tem para alugar uma escrava de côr preta de 12 a 13 annos de idade.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 74, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

28 de Agosto de 1878.

200U000

*Continua fugido desde maio do corrente anno o escravo do nome Heleodoro, pertencente ao coronel José Guedes Pinto, pardo escuro, de 35 annos mais ou menos, grosso de corpo, hombros largos, pescoço curto, cabellos encarapinhados, cabeça regular, rosto redondo, testa regular, bons dentes, olhos um pouco fundos, nariz regular, pouca barba, presença agradável e de poucas fallas. É marinheiro e tem entre os hombros e o peito de ambos os lados um callo, produzido pela vara no trabalho da prancha; foi vestido com calça de brim, camisa branca, fraque e chapéo preto, já muito usado: levou mais alguma roupa acondicionada em um lenço de chita, podendo assim operar fácil mudança no trajar. Houve este escravos com outros comprados ao Sr. João Paulo dos Santos, em 1871, morador para os lados do Mar de*

*Hespanha. Fugiu, da cidade de Campos, ao sahir da Casa de Saúde, onde foi tratar-se de uma febre; desconfia-se que ele seguisse para os lados do norte, província do Espírito Santo, passando por limeira do Itabapoana, pois é natural do Maranhão quem o apprehender e entregar no Porto do Cardoso a seu senhor, ou em Campos a Generoso Furtado Leite, será gratificado com a quantia acima; protestando-se contra quem por qualquer forma o occultar ou estorvar sua captura.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1878, Anno VIII, nº 97, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Novembro de 1878.

150U000

*Fugio do abaixo assignado seu escravo Fellipe, pardo, de regular estatutra, corpolento, mal encarado, com leves signaes de bexiga; cabelo carapinha que usa crescido. Desconfia-se que esteja homiziado na barra de Jucú ou suas immediações, onde tem parentes. Quem o apprehender e entregar ao annunciante em Duas Boccas, da freguezia de Cariacica, ou a seu cunhado, na Victoria, José Antonio Vieira de Faria Junior, será gratificado com a quantia acima. Protesta-se com todo o rigôr da lei contra quem lhe der coito. Cariacica, 16 de Novembro de 1878. Anthero da Silva Coutinho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 22, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

15 de Março de 1879.

*Fugio da fazenda Monte Alegre, propriedade do Henrique da Silva Coutinho o seu escravo de nome Antonio, de cor preta, altura regular, bastante pernóstico, bons dentes e que está principiando a barbar: gratifica-se a quem o aprender e entregar na mesma fazenda ou recolhel-o á cadêa desta capital. É de supor que ande pelos sertões da Serra ou immediações do Ribeiro-fundo onde tem parentes. Victoria, 13 de Março de 1879.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 23, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

19 de Março de 1879.

*Fugirão da fazenda de Laranjeiras, em Piúma, os escravos Laurindo e Innozenzio: O primeiro tem os seguintes signaes característicos: é de estatura baixo, mas reforçado, de cor parda, tendo no rosto muitos cravos, pernas um pouco arqueadas, tem falta de dentes na frente, não tendo barba alguma, monta bem e é pião: o segundo é alto e também robusto, cabelo carapinhado, e sempre penteado, usa pêra e bigode, tendo falta de dentes na frente, monta bem e é igualmente pião, e melhor cavalleiro do que o outro. Ambos fugirão montados: o primeiro, Laurindo em uma besta, com signaes de cangalha, de côr castanha clara, tendo uma ferida no lombo, do lado esquerdo, levando um basto em bom uso com estribos de ferro; o segundo Innocencio, foi montado*

*n'um cavallo pequeno, de côr castanho claro, brincador, ferrado dos pés, fino de corpo, e levando um lombinho usado, tendo estribos de metal amarelo muito pequenos. Gratifica-se com a quantia acima quem os prender e entregar n'aquella fazenda ou nesta cidade ao Sr. Capitão João Antonio Pessoa Junior: protestando-se com o rigor da lei a quem os acoitar.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 32, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*16 de Abril de 1879.*

*Esta fugido desde o dia sete do corrente mez, o escravo Severiano, outrora pertencente a João Ferreira de Souza. Tem os seguintes signaes: côr preta, idade 22 anos, pouco mais ou menos, estatura baixa, sem barba, quando falla é muito moroso, pernas um pouco arqueadas. Quem o aprehender e levar á rua Duque de Caxias, nº41, será gratificado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 52, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*28 de Junho de 1879.*

100U000

*Fugiu no dia 26 de abril do anno passado, o escravo Gonçalo, côr preta não retinta, barba e cabeça branqueando, altura regular, falla mansa, e meia descansada, foi escravo da fazenda do Samburumbú; quem o prender o recolher á Cadea desta cidade, ou entregar ao abaixo assignado no sitio de sua residência no lugar denominado Guaiamum, receberá a gratificação acima. Protesta-se com todo rigôr da lei a quem lhe tem dado coito, e lhe continuar a dar- Victoria, 22 de Junho de 1879 – João Manoel de Siqueira e Sá.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº ?), Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*30 de Julho de 1879.*

100U000 de Gratificação

*Ainda se acha fugido o escravo, Antonio côr, preta, principiando a barbar, muito pernóstico, idade 24 annos mais ou menos e cuja fuga foi annunciada á 3 mezes passados; quem o prender e levar ao seu senhor em sua fazenda do Monte – Alegre, ou recolhel-o á cadêa d'esta capital será gratificado com a quantia ácima. Anda pelos sertões da Serra e comunica-se com parentes que tem em a fazenda do Ribeiro – Fundo. Victoria, 25 de Julho de 1879.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 92, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*15 de Novembro de 1879.*

*Vende-se uma escrava com 23 annos de idade, bonita figura, preta, sem vicios, muito humilde, sabe cosinhar, lavar o engommar regularmente. Quem pretender deixe carta n'esta typographia a – L.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*19 de Novembro de 1879.*

*Eu abaixo assignada declaro que no dia 13 de setembro deste anno fugiu minha escrava de nome Benedicta, levando consigo um filho de nome Sebastião, com idade de dois annos e meio; a dita escrava tem os signaes seguintes: côr preta, altura regular, corpo regular, um pequeno signal na sobramcelha, idade 32 annos. Quem pegal-a e remeter a cadeia desta capital terá a gratificação de cincoenta mil réis. Villa de Vianna, 19 de novembro de 1879. Alexandra Maria da Conceição.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 94, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*22 de Novembro de 1879.*

*Aluga-se nesta typographia se dirá quem tem uma escrava de serviço doméstico para alugar.*

*Escrava*

*Vende-se uma escrava com 23 annos de idade, bonita figura, preta, sem vicios, muito humilde, sabe cosinhar, lavar e engomar regularmente. Quem pretender deixe carta n'esta tyografia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 98, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*06 de Dezembro de 1879.*

*Fugiu, no dia 4 do corrente, da fazenda denominada Piranema, da qual é arrendatário o abaixo assignado, o moleque de nome Solídonio, comunidade de 14 annos pouco mais ou menos, côr preta, olhos grandes, falla com desembaraço e levou vestido calça de brim de angola e camisa de algodão americano e consta que anda nesta cidade e patrocinado por alguém: quem do mesmo moleque der notícias certas ou o levar a referida fazenda Piranema, será bem gratificado, e cuja despeza será levada á conta da Santa Casa de Misericórdia desta capital, visto como é de domínio desta respeitável corporação a fazenda acima referida; o mesmo abaixo assignado protesta com todo o rigor da lei, contra todo o rigor da lei, contra toda e qualquer pessoa que o acoutar. \_Victoria, 6 de Dezembro de 1879. Eduardo Augusto de Figueiredo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1879, Anno IX, nº 103, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

24 de Dezembro de 1879.

*Precisa-se de uma ama de leite com urgência, livre ou escrava, moça e sadia: prefere-se da roça e que seja da côr parda ou branca: trata-se na Rua do General Ozório ( antiga do Porto dos padres). N°09. Collegio Menezes.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

12 de Junho de 1880.

*Fugiu da abaixo assignada a escrava de nome Felicidade, côr fula, idade de 50 annos mais ou menos, baixa, a qual tem andado pela cidade da Victoria; quem a prender e entregar na Cadêa da mesma cidade, ou ao Sr. Capitão Pedro de Sant'Anna Lopes em Vila Velha será gratificado. Barra do Jucú, 8 de maio de 1880. A rogo da minha mãe Anna Maria da Conceição. Laurindo Pereira Duarte.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº ?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

24 de Julho de 1880.

*Gratifica-se com a quantia acima a quem pegar e levar no Itapemirim aos Srs. Narciso da Costa Pinto & Comp. o escravo Felipe, preto, 30 annos, alto, falla descançada, tem o dedo polegar da mão esquerda cortado: é pertencente aos Srs. Cornelio & Comp. do RJ de sua fazenda Jerusalém no Alegre.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº 18, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

31 de Julho de 1880.

50U000

*Fugiu do Capitão Bernadino Ramalho de Araujo Malta, sem motivo algum, o seu escravo Amaro, de nação, com 60 annos de idade para mais. Cor retinta, pouca barba, estatura regular, já pintando de branco com um signal na testa em forma de meia lua tendo os dentes limados. Quem o apprehender e levar ao seu senhor ou recolhel-o á cadêa terá a gratificação acima.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº 42, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

23 de Outubro de 1880.

*Fugio*

*De D. Maria Pinto Ribeiro da Conceição, no dia 10 do corrente mez seu escravo de nome Antonio de 40 annos pouco mais ou menos, estatura regular, cujo escravo é bem conhecido, e foi do Sr. José da Silva Cabral, e ultimamente*

*de Sr. Francisco Vieira dos Passos e Silva, desconfiando-se que ande por esta cidade onde tem parentes; quem delle der noticias ou prender e entregar a sua senhora na sua fazenda em Carapina, ou nesta cidade ao abaixo assignado será gratificado, assim como protesta-se com todo o rigor da lei a quem lhe der couto. Victoria, 18 de Outubro de 1880. Urbano Batalha Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº ?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

06 de Novembro de 1880.

*Precisa-se de alugar uma negra, para casa de família, á rua Duque de Caxias, nº55.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1880, Anno X, nº 59, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

29 de Novembro de 1880.

200U000

*Fugiu do Capitão José Pinto Ribeiro de Barcellos desde o dia 9 de Dezembro de 1878 seu escravo pardo de nome Luiz, de 40 annos de idade pouco mais ou menos, o qual tem os signaes seguintes: espigado de corpo, uza a barba cavagnaque, pera e bigode, elle é carpinteiro, tropeiro e bem carreiro; desconfia-se que ande pelo Cachoeiro de Santa Leopoldina, ou Calhoaba; gratifica-se com a quantia acima a pessoa que pegar e levar a seu senhor em sua fazenda em Carapina, ou nesta cidade ao abaixo assignado. Victoria, 17 de Novembro de 1880. Urbano Batalha Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1881, Anno XI, nº 0?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

13 de Julho de 1881.

100U OU 200U000 de Gratificação

*Fugio da fazenda Jerusalém, na freguesia do Alegre, município de Cachoeiro, o escravo Phellipe, preto, alto, pouca barba, fulla muito descansado, tem o dedo polegar da mão esquerda cortado, quem o pegar e levar ao Cachoeiro aos Srs. Carvalho Gama & Machado receberá de gratificação 200\$000 e pondo o na cadêa desta cidade de Victoria receberá 100\$000, elle tem sido visto nos arrededores dessa cidade, mas consta que retirou-se para a cidade da serra: quem o prender tenha muito cuidado, por que elle é muito velhaco e tem as mãos tão moles que tira as pelos algumas justas nas orações. Fazenda Jerusalém, 15 de Junho de 1881.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1881, Anno X, nº ? Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

24 de Agosto de 1881.

*Fugiu em vida de D. Eduviges Carolina Ribeiro Mascaranhas o escravo Pantaleão, hoje pertencente a Bernadino Ramalho de Araujo Malta, tendo os signaes seguintes: altura regular, côr preta, nariz grande e chato, dentes grandes e largos, pés grandes e grossos tendo uma ferida na canella ou signaes d'ella: sendo official de pedreiro, consta andar no Iguape do município de Guarapary, em serviços de A. de CB. Quem della der noticia certa, ou captural-o a cadêa será gratificado com a quantia de 50 mil réis, ou cem, conforme a deligencia da captura e lugar a que trouxel-o. O mesmo senhor protesta com o rigôr da lei contra quem o tiver acoutado. Victoria, 16 de agosto de 1881.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº 6, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

23 de Janeiro de 1882.

*Fugiu do abaixo assignado residente no termo desta cidade sua escrava Justina de côr, parda, solteira, e de todo o serviço, no dia 23 do mez próximo passado; a qual tem parentes e conhecidos na cidade da Victoria, e consta está ahi acoutada, ou que passeia e negocia ahi constantemente. O abaixo assignado gratifica a quem arehendel-a, e protesta com todo o rigor da lei contra quem acoutal-a. Cidade da Serra, em 18 de Janeiro de 1882.  
Emigdio Pereira da Silva.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº 8, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

29 de Janeiro de 1882.

*Fugiu de Bernadino Ramalho de Araujo Malta o seu escravo Tobias, e continua fugido o seu escravo Pantaleão quem os capturar e leval-os ao seu senhor ou recolhel-os á cadeia, será gratificado com a quantia acima. Situação do Ramalho, 25 de Janeiro de 1882.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº 18, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

05 de Março de 1882.

*Fugio do abaixo assignado um escravo de nome Capitulino, de 20 annos de idade, cor parda, estatura baixo, cabellos carapinhos, estatura baixa, dentes claros, olhos grandes e costuma olhar para baixo, é marinheiro e fugio com os mesmos trages : gratifica-se a quem o aprehender e trazer a Benevente. Benevente, 02 de Março de 1882.*

*Antonio Luiz Pereira Valente.*

*Fugio a Camillo Homem d'Azevedo no dia oito de agosto de 1881, um escravo de nome Firmino, com os signaes seguintes: preto um pouco fula, idade 40 mais ou menos, baixo, cheio de corpo, barba falhada, dentes perfeitos principiando a ter alguns cabellos brancos, tendo em uma das pernas uma cicatriz produzida por um tiro que em tempo levou, falla um pouco fino e bem*

*fallante. Esse escravo veio do município da Serra e foi algum tempo de uns ciganos. Gratifica com a quantia de 200U000 a quem entregar o referido no Cachoeiro de Itapemirim a João Marques & Carneiro, ou ao Ilm. Sr. Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra na fazenda do Morro Grande. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar. Cachoeiro de Itapemirim, 5 de Fevereiro de 1882.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº ?, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*1 de Junho de 1882.*

*O abaixo assignado declara ao publico que fugio no dia 16 do corrente, o seu escravo de nome Ambrósio, com os signaes seguintes: côr preta, idade 19 annos, pouca barba, a altura regular, corpo grosso, nariz chato, dentes perfeitos, cabellos pegados, beiços grandes, andar cambaio, cara larga, pés grandes, dedos compridos e muito poeta, desconfia-se andar n'esta cidade ou em Água Fria ; gratifica-se com a quantia de 30 mil réis a quem o prender e recolher á cadea desta capital ou levar a seu senhor no Rio Grande districto d'Agia Fria. Emílio Ferraz Coutinho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº 50, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*25 de Junho de 1882.*

*Fugio do abaixo assignado morador no Cachoeiro do Alto Benevente seus escravos: de nome Lucas de 40 annos de idade, côr preta, barba cerrada, falla grossa, entende de carreiro, serrador e serviço de roça João de 25 annos de idade trabalhador de roça, côr preta, altura regular e fallante, meio vergado para diante, quem os pegar gratifica-se com a quantia de 100\$000 cada um, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem os tiver acoutado. Benevente, 16 de Junho de 1882. José Tanquez.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº51, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*29 de Junho de 1882.*

*100U000*

*Gratifica-se com a quantia acima a quem capturar a escrava parda de D. Francisca Maria da Trindade Rangel (parte ilegível) levando-a este lugar ou recolhendo á cadêa, protestando contra quem a tiver acoutado.*

*200U000 De Gratificação*

*Fugio d. D. (parte ilegível) M.Trindade Rangel, moradora em Camboapina, uma escrava de côr preta. Quem o apprehender e leval-o a sua senhora ou recolhel-a*



*á cadeia será gratificado com a quantia acima, protestando contra quem lhe tiver daco couto.*

### *300U000 de Gratificação*

*Fugirão de Manoel Pinto da Rocha Coutinho seus escravos de nome Sebastião, 25 annos pouco mais ou menos, cor parda, olhos grandes, estatura baixa, e grosso de corpo; - Domingos, 18 annos, pouco mais ou menos, côr preta, estatura regular, magro de corpo, cabellos carapinho, bem desembaçado, falla bem, e são naturaes da Fazenda de Santa Maria. Desapparecerão no dia 2 de Agosto do presente anno e consta que se achão pelas immediações da cidade da Serra. Quem os aprehender receberá 150\$000 por cada um, protestando-se com todo o rigôr da lei contra quem os tiver acoitado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1882, Anno XII, nº 95, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

3 de Dezembro de 1882.

### *Escravo Fugido em 27 de Agosto de 1882.*

*Manoel, preto, natural de S. Francisco de Gloria (Muriahé) 35 annos de idade, alto, corpulento, boa presença, manifesta respeito e humildade perante superiores, conservador, insinuante, quase nenhuma barba, pelle luzidia, nariz achatado, olhos avermelhados, bons dentes, beiços grossos, tem um signal de arranhadura abaixo do olho esquerdo e em linha com o nariz, pés e mãos grandes e proporcionais ao corpo, rachas nos pés, e nenhum signal de castigo. Levou ao rotudo cinzento claro, dois cobertores, paletões brancos, camizas de algodão de chita e de morim, calças de algodão de riscado e de brim e chapéo do Chile grande. Lavra serra e madeira, faz (parte ilegível) , é carreiro, é pratico e desembaraçado para qualquer serviço de lavoura e sabe lidar com animaes. Usa cigarrar, beber cachaça, tocar viola e frequentar cateretês. Fugiu em companhia de Eduardo (talvez escravo) pardo escuro, barbas compridas, boa estatura, corpulento, dado a embreagues (parte ilegível) e natural de Montes Claros. Será gratificado com 500\$ quem a prender e levar a seu senhor Dr. João Chrysostomo Leopoldino de Magalhães, residente em S.P de Muriahé. Levou também chapéo de sol de fazenda escura de lã, tendo no cabo uma argola de metal; cothurno branco e faca ordinária de cabo branco. Conduz grande mala às costas, talvez já se tenha separado de Eduardo.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 1, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

4 de Janeiro de 1883.

### *Escravo Fugido*

*Fugio do abaixo assignado o escravo de nome Abraham, com 30 annos de idade, pouco mais ou menos, de côr preta, pouca barba, e sobre tudo não é*

vicioso. Gratifica-se com a quantia de 50\$000 á quem o pegar e levar a seu senhor ou á cadêa desta cidade. Victoria, 1º de Janeiro de 1883. Joaquim José Azevedo.

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 13, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

22 de Fevereiro de 1883.

*100U000 de Gratificação*

*Desappareceu em dias do mez de janeiro do presente anno, da fazenda de Santa Rita, pertencente a Gabriel Ferreira da Silva, e nas divisas da freguesia do Cachoeiro de Itapemirim com a de Itabapoana, o escravo de nome Antonio côr parda, estatura regular, idade de 40 a 50 annos, já pintando cabellos brancos, pés e mãos regulares, olhos um pouco encovados, rosto um pouco encarnado, cabellos um tanto carapinhados, nariz afilado, fala descançada, mas muito esperto e ladino. É o mesmo natural da Bahia, tem o officio de sapateiro e é pagem. Antes de o possuir pertenceu aos credores da massa de D. Maria Angélica de Abren Lima. Quem o apprehender e levar áquella fazenda ou o recolher á qualquer cadêa participando a seu senhor terá a gratificação acima, protestando-se com o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº23, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

29 de Março de 1883

*100U de Gratificação*

*Continua fugido desde Janeiro de 1882 o escravo Tobias, pertencente ao Capitão Bernadino R. de Araujo Malta. Quem o apprehender e levar ao seu senhor ou recolher a qualquer cadÊa, terá a gratificação acima, protestando-se com o rigor da lei a quem o tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº33, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

26 de Abril de 1883.

*250U000*

*Achão-se fugidos da fazenda Monte Alegre, os três escravos seguintes: Wenceslao muito conhecido aqui, alto, mulato, desdentado na frente, bonita figura; Herculano, alto, magro escuro, desdentado; e Elesbão africano, encorpado, preto, estatura regular. Os dois últimos forão da Pedra d'Agua e achão-se occultos pertos desta cidade. Gratifica-se com 100U000a quem apprehender e recorrer á cadêa desta cidade qualquer um dos dois primeiros e 50\$000 o ultimo, São pertencentes a Henrique Coutinho, com quem se entenderá quem os apprehender, ou com Antéro Coutinho n'esta capital. Victoria, 18 de abril de 1883.*

*No dia 8 fugiu da fazenda de Alexandre Augusto Ferreira de Carvalho, o escravo Isac, de idade de 18 a 20 annos, de côr preta, estatura pequena, falta de dentes na frente; levou vestido calça de algodão riscado, camisa de algodão branco; um sacco com mais roupa sendo um paletot e calça de brim Angolla de côr escura chapéo de lebre preto; quem oprehender e levar a seu senhor ou entregar os Srs. João Marques & Carneiro será gratificado.*

#### *200U000 de Gratificação*

*Fugirão da situação denominada Jatita, pretencentes ao abaixo assignado os escravos: Felisberto, alto, côr preta, nariz chato, pouca barba, pés pequenos, uzão fazerem cestos e cerrarem madeira, o primeiro consta vagar nos lugares povoação, Mangaba e Perobas. O segundo tem sido visto no Bonito, Pedra da Mulata desta villa e em Camboapina da villa do Espírito Santo. Quem delles der noticia certa ou captura-los e trazel-os a seu senhor ou recolhel-os á cadea será gratificado com a quantia acima de duzentos mil réis, o mesmo senhor protesta com o rigor da lei contra quem os tiver acoutado. Villa de Vianna, 24 de abril de 1883.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº37, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*10 de Maio de 1883.*

*Acha-se fugido ao abaixo assignado, seu escravo Herculano, desde 15 de março do corrente anno, estatura regular, côr clara, idade 27 annos; protesta-se com o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Quem o prender e levar a seu senhor será gratificado. Victoria, 7 de Maio de 1883. José Francisco Ribeiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 52, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*01 de Julho de 1883.*

*Do abaixo assignado fugio em principio de maio ultimo, o seu escravo de nome Julio, côr parda, com falta de dentes na frente, estatura regular, pedreiro, nascido em Mamoeiro, onde suppõe-se esta refugiado. Quem o aprehender será gratificado. Victoria, 27 de Junho de 1883. José Francisco Jacome.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 66, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*19 de Agosto de 1883.*

#### *Escravo Fugido*

*Do abaixo assignado fugirão em principio de Agosto corrente os escravos de nome Antonio e Martinho sendo este: côr preta, com falta de dentes na frente,*

*pouca altura, corpo regular, pé curto e largo, e pouca barba na ponta do queixo: aquelle: cor fula, dentadura perfeita, alto e espigado de corpo, pé comprido e largo, e principiando a buçar, idade 23 ou 21 annos pouco mais ou menos cada um, e nascido ambos neste município de Nova Almeida. Quem os apprehender será gratificado com a quantia de 100\$000. Nova Almeida, 7 de Agosto de 1883. João Pereira de Jesus.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 82, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*11 de Outubro de 1883.*

*O abaixo assignado declara, que no dia 13 de setembro próximo passado, fugio o seu escravo de nome Luiz, com idade de 22 a 23 annos, côr preta, estatura regular, cheio de corpo e com dois dentes na frente arruinados; quem o prender e o levar a casa de seu senhor ou deposital-o na cadêa desta cidade será bem gratificado. Serra, 11 de Outubro de 1883. Claudino Pinto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1883, Anno XIII, nº 97, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*06 de Dezembro de 1883.*

*No dia 11 do corrente evadiu-se sem motivo algum o escravo Firmino de propriedade de D. Maria Leopoldina Ribeiro. Gratifica-se a quem o trazer, servindo-lhe mesmo de padrinho e entregal-o n'esta cidade ao Sr. José da Silva Cabral á rua do Commercio nº23.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 3, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*10 de Janeiro de 1884.*

*Fugio do abaixo assignado a sua escrava de nome Seraphina, côr preta e estatura regular: consta andar por esta cidade. A quem a prender e deposital-a na cadeia gratificar-se-ha com a quantia de 50 mil réis. Protestando com os rigores da lei , contra quem lhe der couto. Victoria, 8 de Janeiro de 1884. Manoel Pinto Netto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 21, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*Comprão-se escravos sadios e de bons costumes, preferindo-se mulheres. Para informações da pessoa que deseja realisar essa compra dirigir-se aos srs. Cabral & C. Nesta capital.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 29, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*10 de Abril de 1884*

50U000

*Fugio da fazenda da Tauçar- Açu o meu escravo de nome Manoel, preto, de 22 annos de idade, baixo principiando a barbear. Gratifica-se com a quantia acima, a quem o prender, podendo serme entregue na mesma fazenda, ou na cadeia da capital a minha disposio. Protesta-se contra quem o acoutar. Sendo depositado na cadeia, o depositante receberá a gratificao do meu amigo, Couto Teixeira. Freguezia de Cariacica, em 7 de abril de 1884. José Vieira dos Passos.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, n 39, Vitória, suporte: microfilme. Seo: Anúncios. Página, 04.**

*18 de Maio de 1884.*

*Tendo fugido no dia 18 de Abril ultimo o meu escravo de nome José, de 32 annos de idade mais ou menos que pertenceu ao Sr. Antonio Alvarenga, pelo presente annuncio declaro que gratifico com a quantia de 200U000 a pessoa que o capturar e trazer a minha presença. Esse escravo tem sido visto na fazenda do mesmo senhor Alvarenga em Santa Maria, e passeia até a de Jacuhy pertencente ao Sr. Pinna; os signaes são os seguintes: pardo, acaboclado, nariz afilado, cabellos pretos e corridos, pouca barba, baixo, grosso de corpo, falta de alguns dentes na frente e falla descançada. Victoria, 17 de maio de 1884.*

Antonio Ignácio Rodrigues

*Fugio em principio do corrente mez, um casal de escravos, João e Elisa, casados, levando em sua companhia 3 filhos ingnuos, cujos escravos são de propriedade de Antonio Coutinho de Almeida, de quem o abaixo assignado  procurador: Gratifica-se a quem os aprehender e entregal-os a mim ou a seu senhor, no lugar denominado "Matheos Pinto" deste município. Villa do Espírito Santo, 15 de maio de 1884. Firmino d'Almeida e Silva.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, n 47, Vitória, suporte: microfilme. Seo: Anúncios. Página, 04.**

*13 de Junho de 1884.*

*Fugiu do abaixo assignado o seu escravo de nome Balthazar, de cr cabra, cabellos encarapinhados, testa pequena, nariz achatado, beiços finos, bons dentes, quasi nenhuma barba, falla mansa, estatura alta, reforçada, ps e mãos grandes. Conta vinte e trez annos de idade, levou vestido calça d'algodão azul trançado e camisa d'algodão riscado nacional. Esta auzente desde o dia 20 de janeiro d'este anno. Quem o aprehender e leval-o a seu senhor será gratificado. Protesta-se contra quem o tiver acoutado. Mangarahy, 28 de Maio de 1884. Manoel Caetano Simões.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, n 50, Vitória, suporte: microfilme. Seo: Anúncios. Página, 04.**

26 de Junho de 1884.

50U000

*A quem entregar a Antonio Alves de Asevedo, seu escravo Benedicto, fugido n'este mez, côr preta, calvo e protoso, é muito conhecido deu logar invadir-se por faltar ao faltar ao respeito e negar-se no trabalho dizendo que era foro por uma sociedade. Va com vista no abolicionisma?*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 80, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

09 de Outubro de 1884.

*Fugio do abaixo assignado, no dia nove de novembro ultimo, o seu escravo Luiz, que houve por compra a Sebastião Vieira dos Passos, o qual tem os signaes seguintes: - côr fula, 20 annos mais ou menos de idade, sem barba, apenas pouco cabellos em baixo do queixo, um pouco dentuço, rosto comprido, pés compridos e sem unhas nos dedos, delgado de corpo, altura regular e cabellos carapinhos. Gratifica-se com 50U000 à quem o apprehender e levar ao seu senhor, ou recolhel-o á cadeia, gratificando-se ainda a quem der noticias certas. Cariacica, 7 de Outubro de 1884. José Rodrigues de Freitas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 93, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

30 de Novembro de 1884.

*Fugiu da fazenda de São Torquato dois escravos, um no dia 31 de julho e o outro no dia 17 do corrente mez. O primeiro chama-se Braulio, é de côr fula, imberbe, de 22 anos de idade, parecendo ter 18 , é baixo, magro, pernas muito finas, olhar vivo, muito esperto. O segundo chama-se Julião, preto retincto, de 19 annos, imberbe, pernas um pouco tortas, magro, altura regular, pés grossos, olhos pequenos, um pouco moleirão. Quem os levar a seu senhor na fazenda acima declarada, será bem gratificado: protestando-se contra quem os tiver acoitado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1884, Anno XIV, nº 102, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

23 de Dezembro de 1884.

50U000

*Com esta quantia gratifica-se á pessoa que capturar o escravo Luiz, de propriedade do abaixo assignado, e que houve por compra feita a Sebastião Vieira dos Passos. Os signaes são os seguintes: côr fula, 20 annos de idade, pouco mais ou menos, imberbe quase, pois tem pouca barba em baixo do queixo, um pouco dentuço, rosto comprido, pés grandes e quase sem unhas nos dedos, delgado de corpo, altura regular e cabellos carapinhos. Já veio à*

*casa apadrinhado e no mesmo dia, sem razão alguma fugio novamente. Desconfia-se que anda para os lados do Porto das Pedras e Tambatahy. Quem o capturar e levar a seu senhor será gratificado com a quantia acima, protestando-se contra quem a acoitar. José Rodrigues de Freitas.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1885, Anno XV, nº 05, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

13 de Janeiro de 1885

*Fugio da fazenda Destacada, de propriedade do abaixo assignado, no dia 18 de Novembro o escravo de nome Justiniano, côr parda, de corpo espigado, de 19 annos de idade, pouco mais ou menos, olhos grandes e vivos e dentadura perfeita: desconfia-se que anda pelas immediações da cidade da Serra onde tem mai e irmãos, quem o aprehender e entregal-o ao abaixo assignado, ou na cidade da Victoria ao Sr. Aniceto Joaquim Barbosa será gratificado com a quantia acima. Destacada, Nova Almeida, em 26 de Dezembro de 1884. João Augusto Ferreira Freire.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1885, Anno XV, nº 21, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

11 de Março de 1885.

*Fugio do abaixo assignado de sua fazenda denominada Mucury- do município de Vianna a sua escrava de nome Ernestina – côr parda, idade 20 annos, pouco mais ou menos. Quem a prender, e entregal-a a seu senhor, ou n'esta cidade aos Srs. Cabral e Companhia, será gratificado com a quantia de 40\$000 rs. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tenha acoutado. Victoria, 11 de março de 1885. Sebastião de Freitas Lyra.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1885, Anno XV, nº 22, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

18 de Março de 1885.

*Fugio do abaixo assignado, d'esde o dia 17 de fevereiro do corrente anno, o seu escravo de nome Fabiano de 20 annos de idade mais ou menos, estatura baixa, cor preta, corpulenta, beiços grossos, pés curtos e largos, principiando a barbar e sendo esta no queixo; gagueija um pouco e muito principalmente quando amedronta-se, ou assusta-se. Gratifica-se á pessoa que o apprehender e leval-o a seu senhor, em sua situação denominada Taboado do município da cidade da Serra e districto de Jacarahype. Taboado, 16 de Março de 1885. Manoel Francisco de Moraes.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1885, Anno XV, nº 27, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

8 de Abril de 1855.

*Fugio do abaixo assignado de sua Fazenda denominada – Independência do município da Cidade de Serra, a sua escrava de nome – Roza- côr parda, idade de 24 annos. Quem a aprehender e leval-a a seu senhor será gratificado. Independência, 4 de abril de 1885. Manoel P. Pimentel.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1885, Anno XV, nº 37, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*13 de Maio de 1885.*

*Fugio no dia 17 de abril da fazenda Destacada, município de Nova Almeida, a minha escrava de nome Angélica, com os signaes seguintes: cor preta, falta de dentes na frente, idade 30 annos mais ou menos. Desconfia-se que ande pelos subúrbios da referida fazenda, ou pela cidade da serra. Gratifica-se com a quantia de 50\$000 a que a prender e leval-a ao abaixo assignado. Destacada, 7 de maio de 1885. João Augusto Ferreira Freyre.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1886, Anno XVI, nº 05, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*08 de Maio de 1886.*

*Vende-se uma escrava de nome Maximina, de 30 annos de idade, pouco mais ou menos, que se acha depositada na cadeia desta capital: a pessoa que quiser comprar-a pôde virá esta typographia que se dirá quem a vende.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1886, Anno XVI, nº 47, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*Fugio da caza de sua senhora D. Guilhermina M<sup>o</sup> Johnston o pardo Conrado, muito conhecido n'esta cidade; protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acatado. Victoria, 11 de Julho de 1886. A rogo da declarante. Marcollino, José da Fonseca.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1886, Anno XVI, nº 82, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*Compra-se uma escrava maior de 40 annos de idade. Para informações n'esta typographia.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 59, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*23 de Julho de 1887.*

*Do Capitão Lucio José da Fonseca ausentou-se seu escravo de nome Venancio, de côr parda, rosto redondo, nariz achatado, com boa dentadura, barba em baixo do queixo, cabello um pouco carapinhado. Tendo de idade 28 annos. Foi e é matriculado na Collectora do Cachoeiro de Itapemirim. Quem o aprehender e deposital-o na cadeia, ou levar a seu senhor será gratificado.*



**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 62, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

03 de Agosto de 1887.

*De D. Maria Pereira das Neves, auzentou-se o seu escravo de nome Zeferino, de côr preta, outro'ra pertencente a sua finada mãe D. Severiana Maria de Albuquerque, o qual lhe tocou pelo fallecimento da mesma; consta andar para os lados de Mangarahy quem o capturar e trazer a sua senhora será gratificado: protestando-se com todo o rigôr da lei contra quem tiver acoutado.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 69, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

27 de Agosto de 1887.

*Gratifica-se*

*Raphael Pereira de Carvalho, tutor de seu filho Rufino Raphael de Carvalho, declara que, tendo o escravo Luiz, de côr preta, altura regular, cabelo carapinhado, rosto comprido, bons dentes, magro, de 34 annos de idade, muito pernóstico, excedido o praso que lhe fora concedido, para apresentar-se ou dar a quantia marcada para a sua liberdade, como pedira, considera-o fugido, e assim protesta com todo o rigor da lei contra quem o tenha acoutado, prevenindo ainda que esse escravo, segundo consta, intitula-se forro, acha-se no município de Vianna no logar da residência de alguns filhos do seu primitive Sr. o finado Manoel Martins de Souza. Gratifica-se a quem o trazer ao annunciante n'esta villa ou recolhel-o a cadêa de Vianna. Linhares, 9 de agosto de 1887. Raphael Pereira de Carvalho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 80, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

05 de Outubro de 1887.

*Fugio ao abaixo assignado, de sua fazenda << Baca do Matto >> d'esde o dia 16 de setembro próximo passado, o escravo Estevão, de côr preta, 55 anos de idade e que coxÊa um pouco da perna direita, proveniente d'um golpe de machado no pé correspondente; gratifica-se a quem o apprehender e entregar a seu senhor na referida fazenda ou na cadea da capital. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Cariacica, 3 de Outubro de 1887. Manoel Ferreira de Paiva.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 85, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

22 de Outubro de 1887.

*D'azevedo Sarmiento, declara que achão-se fugidos seus escravos Honorato, preto solteiro, Adriano, preto solteiro, Gustavo preto solteiro, Hermenegildo, preto solteiro, Maximino, preto cazado; Luzia preta, solteira; Julia, parda, solteira; Cândida, preta, cazada; protesta-se com todo o rigôr da lei contra quem lhes der couto, e garante á pessoa que os capturar e leval-os á casa de seu senhor ou recolhel-os à cadêa da capital. Declara ainda que nada deve a pessôa alguma. D. d.'Azevedo Sarmiento.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1887, Anno XVII, nº 96 Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

30 de Novembro de 1887

*Fugio da fazenda do abaixo, assignado o escravo de nome Misael, o qual tem os signaes seguintes: côr preta, estatura regular, barba quase nenhuma, com falta de dentes na frente, cicatrizes de vesicatorio no estomago e na barriga das pernas; idade 31 annos: cujo escravo fugiu no dia dois do corrente , e quem o prender e entregal-o na fazenda do Alto Guandu, será gratificado com a quantia de 100\$000. Boa Vista do Lagoa, 16 de novembro de 1887.*

*Manoel Basílio de Souza.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1888 Anno XVIII, nº 04, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

11 de Janeiro de 1888.

*O abaixo assignado declara que desde o dia 14 de Dezembro findo, acha-se fugido o seu escravo de nome Sérgio. Victoria, 7 de Janeiro de 1888. Viriato Espiridião Pinto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1888 Anno XVIII, nº 10, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

4 de Fevereiro de 1888.

*Desappareceu no dia 12 de Dezembro próximo passado, do sitio de Rodrigo Augusto d'Oliveira: o escravo de nome Francisco, de propriedade de D.Mº Luzia Luiza da Conceição; com os seguintes signaes: pardo, estatura regular, 26 annos mais ou menos, meio zarolho, falta de dentes na frente, uza por vezes barba a cavenhac: desconfia-se andar por Vianna, aonde tem irmãos e parentes: quem o prender e levar ao mesmo sitio será gratificado, protestando-se com o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. Guarapary, 1º de Fevereiro de 1888.*

*Raphael Pereira de Carvalho declara que continua fugido o escravo Luiz, pertencente ao seu filho e tutelado Rufino Raphael de Carvalho.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1888 Anno XVIII, nº 18, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

07 de Março de 1888.

*Fugio desde o dia 1º do corrente o escravo de nome Heliodoro, pretencente ao abaixo assignado. Gratifica-se com a quantia de 50U000 a quem o apprehender, e protesta-se contra quem o tiver acoutado. Victoria, 4 de Março de 1888. Senhorinha de Cos- ia Pinto.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1888 Anno XVIII, nº31, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

18 de Abril de 1888.

*O abaixo assignado declara ter fugido do seu estabelecimento rural < Ramalho > a sua escrava de nome Lina, de 20 a 21 annos, solteira e cosinheira: e presume, com bons fundamentos, acha-se ella homisiada alli pelas mattas da Capichaba ou na cosinha de alguns dos abolicionistas da terra, que, com raras excepções, visão mais o seu interesse na fruição de serviços do que pelos escravos; gratifica a quem a apprehender e apresental-a n'aquelle estabelecimento, protestando contra quem a acoitar. Victoria, 15 de abril de 1888. Bernadino Ramalho de A. Malta.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Espírito Santense, 1888 Anno XVIII, nº 37, Vitória, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

09 de Maio de 1888.

*D. Anna Maria do Espírito Santo declara estar fugida, levando consigo os ingênuos – Odorico e Margarida, a sua escrava Serafina, de côr parda, solteira, de 45 annos de idade, á qual dera licença por trinta dias para agenciar dinheiro para sua liberdade, por cujo motivo anda vagando a titulo de liberdade. Protesta-se contra quem a tiver acoutado. Carapina, 02 de maio de 1888. Por minha mãe D. Anna Mº do Espírito Santo. Fernando Pinto Ribeiro.*

**ANEXO I – Transcrição do Jornal O CONSTITUCIONAL (1885-1888)**

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1885 Anno I, nº 2, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

16 de Abril de 1885.

*Fugiu na noite de 28 para 29 de março próximo passado o escravo de nome José, de 50 annos mais ou menos, preto, alto, falta de um dente na frente, pernas arqueadas, pés grandes, dedos grossos e curtos, barba pouca a cavaignac e por natureza, cabellos carapinhos e já branqueando, falla arrogantemente, dá-se ao vicio de embriagues e jogo. Quando ausentou-se vestia roupa de riscado de algodão azul e chapeo preto. É mestre de fazer jacazes roceiros e de tropa e gosta de pescar e vender peixe. Toca mal viola, porém é apaixonado por isso e de fumar. Finalmente é gatuno de força. Este escravo foi pertencente a D. Julia Carolina de Jesus Paulo Moreira, residente no município de Marianna, província de Minas, onde foi matriculada no Livro I a fls. 233, em 25 de julho de 1873; Hoje acha-se matriculado no município de Campos, província do Rio de Janeiro, sob o nº da matricula geral 22, em 16 de agosto de 1876. Quem o aprehender e levar a seu senhor o abaixo assignado em sua residência, será generosamente gratificado. Bom Jesus, de Itabapoana. 8 de Abril de 1885. João Vieira de Resende.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1886 Anno II, nº 49, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 03.**

28 de Março de 1886.

*Escravo fugido*

*Fugio da fazenda – Serra – na freguesia do Alegre do termo de Cachoeiro de Itapemirim o escravo João, crioulo com os signaes seguintes: idade 34 annos, estatura regular, barba na ponta do queixo, bigode, pés e mãos regulares, rosto redondo, tem uma cicatriz em uma das mãos provenientes de um golpe ao pé da munheca, cabellos carapinhos. É trabalhador da lavoura e apto para qualquer serviço. Foi uma vez preso em Santo Eduardo, porém evadiu-se. Pensa-se que possa andar no Muqui do Norte, morro do Coco, Campos, Carangola, Rio Preto de Itabapoana, Varre Saia, ou Calçado. Quem o aprehender e levar a dita fazenda da viúva e herdeira do Major Misael, a seu senhor Irineu Ribeira de Paiva será recompensado com 80\$000 e se pagará as despesas bem como se gratifica a quem também der exatas informações do lugar onde se homiziar. Fazenda da Serra, 23 de fevereiro de 1880.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1886 Anno II, nº 7, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

100U000

*O abaixo assignado gratifica com a quantia acima a quem prender e lhe entregar na Fazenda do Monte Líbano - o seu escravo Benedicto de 22 anos de idade, mais ou menos, estatura regular, cor cabra, com falta de dentes na frente, no queixo superior; tem uma ferida antiga em uma das pernas logo acima do tornozelo, manca pouco quando anda. Monte Líbano, 28 de Agosto de 1886. Francisco de Souza Monteiro.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1887 Anno III, nº 24, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

50\$000

*Fugio da Fazenda do café da Boa Esperança na freguezia do Alegre, o escravo Thomas, cor fula, falla fino e tem pouca barba ao queixo, é pertencente a José Pinto Nogueira; quem o apreender e levar a dita fazendo ou entregar nesta villa ao Sr. Marques, Gardia & C. será gratificado com a quantia de 50\$000.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1887 Anno III, nº 27, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

*Escravo fugido*

*Fugio no dia 18 de fevereiro do corrente anno, o escravo Severino, de vinte annos de idade, sem barba, altura regular, tem falta de um dente na frente e é muito canhoto. Quem o prender e levar ao Cachoeiro de Itapemirim a sua senhora D. Luduina Joaquina de Amorim Cunha, será gratificado. Cachoeiro de Itapemirim, 03 de março de 1887. Luduina Joapuina de Amorim Cunha.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1887 Anno III, nº 34, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

17 de Maio de 1887.

*Da fazenda Jerusalém no Alegre, fugiu o escravo Antonio, cabra, de trinta annos de idade mais ou menos, cego de um olho, tendo o mesmo furado e não tem barba. Gratifica-se bem à quem o pegar e levar À dita fazenda ou d'elle der noticia certa. Alegre, Maio de 1887. José Ignácio Valentim.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1887 Anno III, nº 38, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página, 04.**

15 de Junho de 1887.

*Vende-se*

*Por um preço razoável um escravo moço de serviço de roça. Quem o pretender dirija-se a Antonio Chim verbalmente ou por escripto . Itapemirim, 8 de junho de 1887.*

**Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, O Constitucional, 1887  
Anno III, nº 43, Itapemirim, suporte: microfilme. Seção: Anúncios. Página,  
03.**

*Vende-se um casal de escravos de dezoito e desenove annos de idade, para ver e tratar na fazenda do Paraíso antiga do gato, com José Luis Alves & Irmão. Rio Novo, 23 de Julho de 1887.*